#1 NEW YORK TIMES

SANDRA BROWN

CALAFRIO

«Se procura suspense e romance compulsivo, Sandra Brown é a autora certa.»
Stephen King

Quinta Essência

Cabelo e maquiagem: Donald Mikula / Figurino: Laura Ferrara
CALAFRIO
Sandra Brown
Tradução de Alyda Christina Sauer
Título original CHILL FACTOR
Copyright© 2005 by Sandra Brown Management, Ltd. Primeira publicação nos EUA pela Simon & Schuster, Nova York.
Tradução da edição brasileira publicada mediante acordo com Maria Carvainis Agency, Inc.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, localidades e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, locais, pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.
Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA. Avenida Presidente Wilson, 231 - 8a andar
20030-021 - Rio de Janeiro, R]
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br
Printed in Brazil - Impressa no Brasil
preparação de originais
MÕNICA MARTINS FIGUEIREDO
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
B897c Brown, Sandra
Calafrio / Sandra Brown; tradução de Alyda Chrisrina Sauer. - Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
Tradução de: Clilll Factor. ISBN 978-85-325-2141-5
1. Ficção norte-americana. I. Sauer, Alyda Christina. II. Título.
06-4356 CDD-813
- 821.111 (73)-3.
Título original CHILL FACTOR
EDITORA ROCCO LTDA – 2007

Formatação: ϵʒɔ NÏϵTΔ ɔɬϵ
Digitalizado por Virgínia Vendramini (Rio de Janeiro, setembro de 2008)

Clearly é uma cidade sonolenta nas montanhas, o tipo de lugar em que a atividade criminosa se limita a infrações de trânsito. Agora, porém, as coisas mudaram.

O delegado Dutch Burton e sua pequena força policial andam numa busca frenética por Azul, assim chamado por deixar uma fita desta cor perto do local em que cada uma das quatro mulheres recentemente assassinadas foi vista pela última vez. Não há corpos, qualquer pista, tampouco suspeitos. Não bastasse isso, mais uma jovem desaparece sem deixar qualquer vestígio.

Lilly Martin, ex-mulher de Dutch, volta a Clearly para fechar a venda do chalé deles na montanha, marca do fim do seu turbulento casamento de oito anos. A relutância de Dutch em deixar que ela encerrasse tudo, definitivamente, não foi o único obstáculo que ela encontrou para sair da cidade. Ao tentar se adiantar a uma tempestade de neve, seu carro derrapa na estrada e atropela um homem que surge a pé, saído da floresta. Lilly reconhece o homem ferido como Ben Tierney, um sujeito que ela conheceu no último verão. Sem outra escolha, eles precisam esperar no chalé a tempestade passar. À medida que o confinamento se prolonga, porém, Lilly começa a imaginar que a maior ameaça à sua segurança não é o clima mas o homem misterioso que está a seu lado.

01

ERA UMA COVA RASA. Estavam prevendo que a tempestade fosse quebrar todos os recordes. Pouco mais do que um palmo escavado na terra dura, a cova destinava-se a Millicent Gunn, dezoito anos de idade, cabelo castanho curto, constituição delicada, um metro e sessenta e dois de altura, dada como desaparecida havia uma semana. Era suficientemente comprida para acomodar sua altura. A profundidade, ou a falta dela, podia ser remediada na primavera, quando a terra começasse a amolecer. Se os animais de rapina não dispusessem do corpo antes disso.

Ben Tierney desviou o olhar para as outras covas ali perto. Havia quatro. Restos da floresta e vegetação morta formavam uma camuflagem natural, mas cada túmulo apresentava variações sutis na topografia acidentada quando se sabia o que procurar. Uma árvore morta tinha caído em cima de um deles, e o escondia completamente a não ser para alguém com olhar mais atento.

Como Tierney.

Deu uma última olhada para a cova rasa e vazia, pegou a pá, a seus pés, e se afastou. Então notou as pegadas escuras deixadas por suas botas no tapete branco de chuva com neve. Não se preocupou muito com elas. Se os meteorologistas estivessem certos, aquelas pegadas logo estariam cobertas por alguns centímetros de neve.

Quando derretesse, as marcas seriam absorvidas pela lama.

Em todo caso, ele nem parou para pensar nisso. Precisava sair da montanha. Imediatamente.

Tinha deixado o carro na estrada, a uns duzentos metros do cume e do arremedo de cemitério. Apesar de já estar descendo o morro, não havia caminho para seguir através da mata fechada. A espessa cobertura vegetal do solo limitava a tração dos pés, mas o terreno era irregular e traiçoeiro, mais ainda com a nevasca que dificultava a visão. Estava com pressa, mas era forçado a tatear o caminho com muito cuidado para evitar um passo em falso.

Os meteorologistas já previam essa tempestade havia dias. Uma confluência de algumas massas tinha o potencial de criar uma das piores tempestades de inverno da memória recente. Pessoas que moravam no rastro projetado da nevasca eram aconselhadas a se precaver, estocar provisões e reformular planos de viagens. Só um idiota iria se aventurar naquela montanha aquele dia. Ou alguém com assuntos prementes a tratar. Como Tierney.

O chuvisco frio que caía desde o início da tarde se transformara em chuva gélida misturada com neve. Pedrinhas de granizo açoitavam-lhe o rosto como alfinetes, enquanto abria caminho pela floresta. Encolheu os ombros de modo que a gola do casaco encostasse nas orelhas, já insensíveis pelo frio.

A velocidade do vento aumentara perceptivelmente. As árvores se debatiam, seus galhos nus estalavam uns nos outros como baquetas ritmadas ao sabor da violência do vento. Agulhas dos pinheiros sempre verdes eram arrancadas e voavam por toda parte. Uma acertou o rosto de Tierney como dardo de zarabatana.

Quarenta quilômetros por hora, de noroeste, ele pensou com aquela parte do cérebro que automaticamente registrava o status atual do ambiente em que estava. Ele sabia essas coisas - velocidade do vento, hora, temperatura, direção - por instinto, como se tivesse uma biruta, um relógio, um termômetro e um GPS embutidos, alimentando constantemente seu subconsciente com informações relevantes.

Era um talento inato que desenvolvera até transformar numa habilidade, muito bem sintonizada pelo fato de ele ter passado grande parte de sua vida adulta ao ar livre. Não precisava pensar conscientemente nesses dados ambientais sempre mutantes, e costumava contar com sua imediata capacidade de percepção, quando era necessário.

E contava com isso agora, porque não ia ser nada bom ser apanhado no topo do pico Cleary, o segundo mais alto da Carolina do Norte, depois do monte Mitchell, carregando uma pá e fugindo de quatro covas antigas e uma recém-escavada.

A polícia do lugar não era exatamente famosa por suas investigações minuciosas e sucesso na resolução de crimes. De fato, a delegacia era uma piada local. O chefe de polícia era um ex-detetive de cidade grande que fora afastado do departamento onde servia o chefe de polícia Dutch Burton agora liderava um bando de policiais incompetentes de cidade pequena, caipiras fantasiados com uniformes vistosos e distintivos brilhantes, que andavam pressionados para pegar o culpado de grafitar obscenidades nos recipientes de lixo nos fundos do posto Texaco.

Agora estavam concentrados nos casos não solucionados das cinco pessoas desaparecidas. Apesar das suas deficiências, a elite policial de Cleary tinha deduzido que o desaparecimento de cinco mulheres em uma comunidade pequena, no

período de dois anos e meio, era, muito provavelmente, mais do que mera coincidência.

Numa metrópole, essa estatística seria atropelada por outras ainda mais assustadoras. Mas ali, naquela região montanhosa e pouco habitada, o desaparecimento de cinco mulheres era desconcertante.

Além disso, era opinião geral que as mulheres desaparecidas tinham sido vítimas de crime, por isso encontrar restos humanos, e não as próprias mulheres, era a tarefa que as autoridades tinham de encarar. Um homem atravessando a floresta com uma pá na mão seria muito suspeito.

Como Tierney.

Até o momento, ele havia conseguido voar abaixo do radar da curiosidade do chefe de polícia Burton. Era crucial manter a situação daquela forma.

No ritmo de suas passadas, ele foi ticando as estatísticas vitais das mulheres enterradas nas covas do topo da montanha. Carolyn Maddox, vinte e seis anos, seios fartos, cabelo preto lindo e grandes olhos castanhos. Dada como desaparecida em outubro. Mãe solteira e única provedora de uma criança diabética, era faxineira de uma das pousadas na cidade. Sua vida tinha sido um ciclo triste e ininterrupto de faina e exaustão.

Carolyn Maddox agora tinha muita paz e descanso. Como Laureen Elliott. Solteira, loura e gorda, trabalhava como enfermeira numa clínica médica.

Betsy Calhoun, viúva e dona de casa, era mais velha do que as outras.

Torrie Lambert, a mais jovem de todas, tinha sido a primeira, a mais bonita, e a única que não morava em Cleary.

Tierney apressou o passo, procurando correr mais do que os pensamentos que o perseguiam e do que a nevasca também. A neve começava a cobrir os galhos das árvores como mangas de camisa. As rochas já pareciam vitrificadas de gelo. A estrada íngreme e cheia de curvas até Cleary logo ficaria intransitável, e era imperativo que ele desse o fora daquela maldita montanha.

Felizmente sua bússola natural não o decepcionou, e ele saiu da mata a pouco mais de vinte metros do ponto em que tinha entrado. Não se surpreendeu ao ver seu carro já coberto por uma fina capa de gelo e neve molhada.

Ao se aproximar do carro, estava ofegante, soltando nuvens de vapor no ar gelado. A descida do cume fora árdua. Ou talvez a respiração difícil e o coração disparado tivessem sido provocados pela ansiedade. Ou pela frustração. Ou pelo remorso.

Guardou a pá na mala do carro. Tirou as luvas de látex que usava, jogou-as lá dentro e depois fechou o porta-malas. Entrou no carro e fechou a porta depressa, curtindo o abrigo do vento cortante.

Tremendo de frio, soprou as mãos e as esfregou com força uma na outra, esperando recuperar a circulação nas pontas dos dedos. As luvas de látex tinham sido necessárias, mas não davam nenhuma proteção contra o frio. Tirou um par de luvas forradas de lã cashmere do bolso do casaco e calçou.

Girou a chave na ignição.

Nada aconteceu.

Bombeou o acelerador e tentou de novo. O motor nem rosnou. Depois de mais algumas tentativas frustradas, ele recostou no banco e ficou olhando fixo para os mostradores do painel do carro, como se esperasse que eles informassem o que estava fazendo de errado.

Girou a chave mais uma vez, mas o motor continuou morto e silencioso, como as mulheres enterradas de qualquer maneira não muito longe dali.

- Merda! - Ele socou a direção com os dois punhos enluvados e olhou fixo para a frente, embora não tivesse nada para ver. Uma camada de gelo havia coberto o pára-brisa por completo.

-Tierney - ele resmungou - você está fodido.

02

- O vento está mais forte e tem gelo caindo lá fora - observou Dutch Burton, deixando a cortina cobrir a janela de novo. E melhor descer logo.

- Eu só preciso esvaziar essas estantes primeiro. - Lilly pegou alguns livros de capa dura da estante embutida e guardou numa caixa de papelão.

- Você sempre gostou de ler quando estamos aqui.

- E quando tenho tempo para pôr em dia a leitura dos últimos best-sellers. Não tem nada para me distrair aqui.

- Só eu, eu acho - ele disse. - Lembro que eu ficava implicando até você largar o livro e prestar atenção em mim.

Sentada no chão, ela olhou para Dutch e sorriu. Mas não comentou aquela lembrança carinhosa de quando os dois passavam os feriados na casa da montanha. No começo, só iam para lá nos fins de semana e feriados para escapar dos horários caóticos em Atlanta.

Depois passaram a ir só para fugir.

Ela estava empacotando o que restava dos seus pertences pessoais, para levar embora. Não ia mais voltar. E Dutch também não. Aquela seria a última página - na verdade um epílogo - da vida deles juntos. Lilly esperava que a despedida fosse o menos sentimental possível. E ele parecia determinado a seguir o caminho das reminiscências.

Não queria falar das recordações, se serviam para fazer com que ele se sentisse melhor ou ela pior. Os bons tempos que tiveram juntos haviam sido tão apagados pelos maus que qualquer lembrança reabriria as feridas.

Lilly orientou o assunto de volta para questões práticas.

- Fiz cópias de todos os documentos. Estão naquele envelope, junto com o cheque da sua metade da venda.

Ele olhou para o envelope pardo, mas o deixou intacto em cima da mesa de centro onde a mulher havia posto.

- Não é certo. Eu receber metade.

- Dutch, nós já discutimos isso.

Ela dobrou as quatro abas de cima da caixa para fechá-la, desejando poder encerrar a conversa com a mesma facilidade.

- Foi você quem pagou essa cabana - ele disse.

- Nós a compramos juntos.

- Mas foi o seu salário que tornou isso possível. Não poderíamos ter comprado só com o meu.

Ela empurrou a caixa até a porta, levantou e encarou Dutch.

- Estávamos casados quando a compramos, casados quando a compartilhamos.

- Casados quando fizemos amor nela.

- Dutch...

- Casados quando você serviu meu café da manhã vestindo apenas um sorriso e aquele cobertor - ele disse, apontando vagamente na direção da manta afegã jogada nas costas de uma poltrona.

- Por favor, não faça isso.

- Essa fala é minha, Lilly. - Ele deu um passo para a frente. Não faça isso.

- Já está feito. Foi feito há seis meses.

- Você pode desfazer.

- E você pode aceitar.

- Não vou aceitar nunca.

- A escolha é sua. - Ela fez uma pausa, respirou fundo e abaixou o tom. - E sua escolha é sempre essa, Dutch. Você se recusa a aceitar as mudanças. E como não consegue aceitá-las, jamais se recupera de coisa alguma.

- Eu não quero me recuperar de você.

- Mas vai ter de fazer isso.

Ela virou para o outro lado, puxou uma caixa vazia para perto da estante e começou a enchê-la com livros, só que com menos cuidado do que antes. Agora estava com pressa de sair dali, para não ser obrigada a dizer mais coisas que o magoariam, para convencê-lo de que o casamento tinha acabado, definitivamente, para sempre.

Alguns minutos de silêncio tenso só foram quebrados pelos suspiros do vento nas árvores que cercavam a cabana. Os galhos batiam nos beirais com freqüência e força cada vez maiores.

Lilly desejou que Dutch fosse embora antes dela, preferia que ele não estivesse lá quando saísse da cabana. Sabendo que seria a última vez, ele poderia ter uma recaída emocional. Tinha passado por cenas assim antes, e não queria enfrentar outra. A separação deles não precisava ser amarga e pesada, mas Dutch estava fazendo exatamente isso ao reviver antigas disputas.

Estava claro que essa não era a intenção dele, mas lançar de novo esses argumentos só enfatizava quão certa ela estava de pôr um fim no casamento.

- Acho que esse Louis LAmour é seu. - Ela mostrou um livro para Dutch. - Vai querer ou deixo aqui para os novos donos?

- Eles já vão ficar com tudo mesmo - ele disse mal-humorado.

- Podem muito bem ficar com uma brochura.

- Foi mais fácil vender a mobília junto com a casa - ela disse.

- Tudo foi comprado especialmente para cá, e não combinaria com nenhuma outra casa. Além do mais, nenhum de nós tem espaço sobrando, por isso o que eu poderia fazer com os móveis? Tirar tudo daqui só para vender para outra pessoa? E enquanto não vendesse, onde é que ia guardar? Pareceu mais sensato incluir tudo no preço de venda.

- O problema não é esse, Lilly.

Ela sabia qual era o problema. Ele não queria pensar que pessoas estranhas iam morar na cabana, usar as coisas deles. Deixar tudo intacto para outra pessoa aproveitar parecia um sacrilégio para ele, uma violação da privacidade e da intimidade que os dois tiveram naqueles cômodos.

Não me importa se é sensato ou não vender o pacote completo, Lilly. Que se foda a sensatez! Como você pode suportar a idéia de outras pessoas dormindo na nossa cama, nos nossos lençóis?

Essa tinha sido a reação dele quando Lilly explicou seus planos para a mobília e os utensílios da casa. Era óbvio que essa decisão ainda irritava Dutch, mas era tarde demais para ela mudar de idéia se estivesse inclinada a fazer isso. Só que não estava.

Quando terminou de esvaziar todas as prateleiras da estante, salvo o solitário romance do Velho Oeste, Lilly olhou em volta para ver se tinha esquecido alguma coisa.

- Aqueles enlatados - ela disse, apontando para os suprimentos que tinha posto sobre o bar que separava a cozinha da sala. - Quer levar para você?

Ele balançou a cabeça.

Lilly pôs as latas na última caixa de livros que estava só até a metade.

- Providenciei para que tudo fosse desligado, já que os novos proprietários só vêm ocupar a cabana na primavera.

Sem dúvida, ele já sabia de tudo isso. Ela falava para preencher o silêncio, que parecia ficar incoerentemente mais pesado à medida que tirava mais coisas suas da cabana.

- Tenho de recolher alguns itens de último minuto no banheiro e depois vou embora. vou fechar tudo, trancar e deixar a chave no escritório do corretor de imóveis, como combinado, quando estiver saindo da cidade.

O sofrimento de Dutch estava estampado na sua fisionomia, na postura dele. Concordou com a cabeça, mas não disse nada.

- Não precisa me esperar, Dutch. Sei que deve ter compromissos na cidade.

- Eles não vão desaparecer.

- Com a previsão de uma tempestade de gelo e neve? Provavelmente vão precisar de você para orientar o trânsito no supermercado - ela disse, brincando. - Você sabe como todo mundo estoca de tudo para o período sitiado. Vamos nos despedir agora, e assim você pode descer a montanha primeiro.

- Vou esperar você. Vamos sair daqui juntos. Faça o que tem de fazer aí dentro - ele disse, indicando o quarto. - vou pôr essas caixas no seu porta-malas.

Ele levantou a primeira caixa e carregou lá para fora. Lilly foi para o quarto ao lado. A cama, com uma mesa-de-cabeceira de cada lado, cabia apertada contra uma parede sob o teto inclinado. Só havia mais dois móveis, uma cadeira de balanço e uma escrivaninha. As janelas ficavam na parede do fundo. Um closet e um pequeno banheiro ficavam na parede oposta à das janelas.

Lilly fechara as cortinas mais cedo, por isso o quarto estava sombrio. Ela verificou o closet. Os cabides vazios pareciam desamparados. Nada fora esquecido nas gavetas da escrivaninha. Foi até o banheiro e recolheu as coisas que tinha usado aquela manhã, guardou numa frasqueira de plástico e, depois de verificar se não havia nada no armário de remédios, voltou para o quarto.

Pôs a frasqueira com as coisas do banheiro na mala que estava aberta sobre a cama e fechou-a exatamente na hora em que Dutch entrou no quarto.

Sem preâmbulo nenhum, ele disse:

- Se não fosse a Amy, nós ainda estaríamos casados. Lilly olhou para baixo e balançou a cabeça.

- Dutch, por favor, não vamos...

- Se não fosse isso, teríamos ficado juntos para sempre.

- Não podemos ter certeza disso.

- Eu tenho. - Ele segurou as mãos dela que pareciam frias ao seu toque quente. - Eu assumo toda a responsabilidade, por tudo. O nosso fracasso foi culpa minha. Se eu tivesse reagido de forma diferente, você não teria me deixado. Vejo isso agora, Lilly. Reconheço os erros que cometi, e eles foram imensos. Idiotas. Admito isso.

Mas, por favor, dê-me mais uma chance. Por favor.

- Não poderíamos voltar a ser como éramos antes, Dutch. Não somos as mesmas pessoas de quando nos conhecemos. Não entende isso? Ninguém pode mudar o que aconteceu.

Mas o que aconteceu nos fez mudar.

Ele se pegou nisso.

- Você está certa. As pessoas mudam. Eu mudei desde o divórcio. Mudei para cá. Assumi esse emprego. Tudo tem sido bom para mim, Lilly. Eu sei que Cleary não é nada parecido com Atlanta, mas aqui tenho uma base para crescer. Um alicerce sólido. E o meu lar, e as pessoas aqui me conhecem, e. conhecem toda a minha família. Elas gostam de mim. E me respeitam.

- Isso é maravilhoso, Dutch. Quero que você tenha sucesso aqui. Desejo isso de todo o coração.

Ela realmente queria que ele tivesse sucesso, não só para o bem dele mesmo, mas pelo dela também. Enquanto Dutch não se afirmasse como um bom policial, especialmente para si mesmo, ela jamais se livraria dele de verdade. Ele continuaria dependente dela quanto à auto-estima, até recobrar a segurança em relação ao trabalho e a si mesmo. A pequena comunidade de Cleary oferecia essa oportunidade para ele. Ela esperava em Deus que tudo desse certo.

- A minha carreira, a minha vida - ele disse apressado - mereceram novos começos. Que não significam nada se você não fizer parte disso comigo.

Antes que Lilly pudesse impedi-lo, Dutch a abraçou e puxou-a com força para perto de si. Ele falou aflito, bem perto da orelha dela:

- Diga que vai nos dar mais uma chance. Ele tentou beijá-la, mas Lilly virou a cabeça.

- Dutch, me solta.

- Lembra como éramos bons juntos? Se você um dia resolver baixar a guarda, voltaremos direto para onde começamos. Poderíamos esquecer tudo que houve de ruim e voltar a ser como éramos antes. Nós não conseguíamos parar de tocar um no outro, lembra?

Ele tentou mais uma vez beijá-la, e dessa vez colou os lábios insistentemente nos dela.

- Pare com isso!

Lilly empurrou Dutch para longe. Ele recuou um passo. A respiração dele ecoava no quarto.

- Então continua não deixando que eu encoste em você.

Lilly cruzou os braços sobre a barriga, se protegendo.

- Você não é mais meu marido.

- Você nunca vai me perdoar, não é? - ele gritou com raiva. Você usou o que aconteceu com a Amy como desculpa para se divorciar de mim, mas não era nada disso, era?

- Vai embora, Dutch. Saia daqui antes que...

- Antes que eu perca o controle? - ele debochou.

- Antes de você se desgraçar.

Ela enfrentou o olhar furioso do ex-marido pelo que pareceu uma eternidade. Então Dutch deu meia-volta bem rápido e saiu do quarto, batendo os pés com força no chão. Ele pegou o envelope que estava na mesa de centro e tirou o casaco e o chapéu do cabideiro perto da porta. Sem parar para vestir o casaco e pôr o chapéu, saiu e bateu a porta com tanta força que fez chacoalhar os caixilhos das janelas. Segundos depois, ela ouviu o motor do Bronco ligado e o cascalho embaixo dos pneus enormes, quando ele foi embora.

Lilly afundou na beira da cama e cobriu o rosto com as mãos. Estavam geladas e trêmulas. Agora que tudo terminara, ela se deu conta de que, além de raiva e asco, também estava com medo.

Esse Dutch de pavio curto não era o homem sedutor com quem havia se casado. Apesar de todas as afirmações - de ter recomeçado tudo -, ele parecia desesperado. E esse desespero se traduzia em mudanças de humor mercuriais e assustadoras.

Lilly quase sentia vergonha do alívio que se apoderou dela por saber que jamais teria de vê-lo de novo. Tudo acabado, finalmente. Dutch Burton estava fora de sua vida.

Exausta com aquele encontro, ela deitou na cama e pôs o braço sobre os olhos.

Lilly despertou com o barulho de pedras de granizo batendo no telhado de latão.

Discussões com Dutch a deixavam sempre exausta. Os encontros tensos que tiveram naquela última semana, enquanto ela estava em Cleary para finalizar a venda da cabana, deviam ter sido mais extenuantes do que ela imaginara. Depois daquele último entrevero, seu corpo tinha bondosamente desligado sua mente por um tempo para ela poder dormir.

Sentou na cama e esfregou os braços por causa do frio. O quarto na cabana tinha ficado escuro, escuro demais até para enxergar as horas no relógio de pulso. Lilly levantou, foi até a janela e puxou a ponta da cortina. Entrou pouca luz, mas deu para ver o relógio.

E ficou espantada com a hora. Tinha dormido profundamente e sem sonhos mas, afinal, não muito tempo. Escuro como estava, ela supôs que fosse mais tarde. As nuvens baixas que envolviam o topo da montanha tinham criado uma escuridão prematura e fantasmagórica.

O solo agora estava coberto por uma opaca camada de neve e chuva. O gelo continuava a cair, entremeado com chuva gélida e o que agora os meteorologistas chamavam de grãos, lascas minúsculas que pareciam mais ameaçadoras do que seus primos flocos rendados. Os galhos das árvores já estavam presos em tubos de gelo, que ficavam visivelmente mais espessos. Um vento forte socava os vidros das janelas.

Tinha sido imprudência adormecer. Esse erro ia lhe custar uma viagem angustiante montanha abaixo por aquela estrada. Mesmo depois de chegar a Cleary, o tempo ruim provavelmente seria um complicador no longo percurso até Atlanta. Terminado o que tinha de fazer ali, ela estava ansiosa para voltar para casa, retomar sua rotina, seguir em frente com sua vida. Seu escritório ia estar um verdadeiro pântano de papelada atrasada, e-mails e projetos, tudo exigindo sua atenção imediata. Porém, em vez de temer a volta, ela queria muito chegar lá e cuidar das tarefas que a aguardavam.

Além da saudade que sentia do trabalho, Lilly estava pronta para abandonar a cidade natal de Dutch. Adorava o clima de Cleary e a paisagem montanhosa e linda que a cercava. Mas o povo dali conhecia Dutch e sua família havia muitas gerações. Enquanto era mulher dele, sempre foi recebida e aceita com carinho. Agora, que estavam divorciados, o pessoal da cidade passara a tratá-la com indisfarçável frieza.

Levando em conta toda a hostilidade dele quando deixou a cabana, já passava da hora de Lilly abandonar o território de Dutch.

Toda apressada, carregou a mala até a sala da frente e deixou ao lado da porta. Depois fez uma última e rápida inspeção na casa, para verificar se tudo estava desligado e se não tinha esquecido nada dela ou de Dutch.

Satisfeita por constatar que estava tudo em ordem, vestiu o casaco, calçou as luvas e abriu a porta da frente. O vento a atingiu com tanta força que Lilly ficou sem ar. Assim que pisou na entrada da casa, pedrinhas de gelo açoitaram-lhe o rosto. Precisava proteger os olhos contra elas, mas a escuridão a impedia de colocar óculos escuros. Semicerrou os olhos, carregou a mala até o carro e a pôs no banco detrás.

Voltou para a cabana e aplicou rapidamente seu inalador. Respirar aquele vento gelado podia provocar um ataque de asma. O inalador ia ajudar a evitar isso. Então, sem parar para dar uma última olhada nostálgica em volta, fechou a porta e trancou o cadeado com sua chave.

O interior do carro estava frio como uma geladeira. Lilly deu partida no motor, mas teve de esperar o descongelador aquecer antes de poder ir para qualquer lugar.

O pára-brisa estava completamente congelado. Fechou melhor o casaco, enfiou o nariz e a boca dentro da gola e se concentrou em respirar com mais calma. Batia os dentes e não conseguia controlar os calafrios.

Finalmente o ar do descongelador do carro ficou suficientemente quente para derreter o gelo no pára-brisa que virará lama, e os limpadores puderam varrer para longe.

Porém não conseguiam acompanhar o volume da neve. A visibilidade era muito limitada e não ia melhorar até chegar a um lugar mais baixo. Não tinha escolha, senão começar a descer a sinuosa estrada Mountain Laurel.

Conhecia bem aquela serra, mas nunca havia dirigido nela nessas condições, com neve e gelo. Inclinou o corpo para a frente sobre a direção e espiava pelo pára-brisa congelado, esforçando-se para enxergar alguma coisa além do enfeite da ponta do capo do carro.

Nas curvas do caminho íngreme, Lilly chegava até o acostamento pedregoso da direita, pois sabia que do outro lado da estrada havia precipícios. Pegou-se prendendo a respiração nas curvas de 180 graus.

Dentro das luvas, as pontas dos dedos estavam muito geladas e tinham ficado insensíveis, mas as palmas das mãos estavam suadas, apertadas contra a direção. A tensão deixava em fogo os músculos do pescoço e dos ombros. A respiração ansiosa ficou mais desigual.

Com a esperança de melhorar a visibilidade, ela passou a manga do casaco no pára-brisa, mas tudo que conseguiu foi ter uma visão melhor do louco turbilhão de neve e chuva de gelo.

Então uma figura humana pulou, de repente, do meio das árvores ao lado da estrada, bem no seu caminho.

Ato reflexo, Lilly pisou no freio e lembrou tarde demais que frear subitamente era péssimo numa estrada congelada. O carro começou a derrapar. A pessoa iluminada pelos faróis saltou para trás, tentando sair da frente. As rodas travaram, o carro deslizou e passou por ela, com a traseira derrapando sem controle. Lilly sentiu uma pancada no pára-choque traseiro. Com um aperto no estômago, compreendeu que havia atropelado alguém.

E essa foi a última coisa angustiante que pensou antes do carro bater numa árvore.

03

O airbag inflou, bateu no rosto dela e soltou uma nuvem sufocante de poeira que ocupou todo o interior do carro. Instintivamente, Lilly prendeu a respiração para evitar respirar aquilo. O cinto de segurança deu um tranco forte no seu peito.

Numa parte distante da sua mente, a violência do impacto foi espantosa. A colisão tinha sido relativamente fraca, mas Lilly ficou atordoada. Fez um inventário mental de todas as partes do corpo e determinou que não sentia dor alguma, que estava apenas abalada. Mas a pessoa que havia atropelado...

- Meu Deus!

Socou o airbag murcho para longe, soltou o cinto de segurança e abriu a porta do carro. Desceu com dificuldade, perdeu o equilíbrio e foi arremessada para a frente com o impulso. Bateu forte com a base da palma das mãos no asfalto gelado e com o joelho direito também. Uma dor e tanto.

Apoiou-se na lateral do carro e foi mancando até a parte de trás. Protegeu os olhos contra o vento com a mão e avistou a figura imóvel caída de barriga para cima, cabeça e tronco no estreito acostamento, pernas estendidas na estrada. Dava para ver, pelo tamanho das botas de caminhante, que a vítima era um homem.

Aos escorregões pelo asfalto coberto de gelo, Lilly chegou perto dele e se abaixou. Usava um chapéu que cobria-lhe as orelhas e sobrancelhas. Estava de olhos fechados.

Lilly não viu nenhum movimento do peito dele que indicasse que estava respirando. Enfiou a mão por baixo do cachecol de lã em volta do pescoço, por dentro da gola do casaco, e tateou à procura de pulsação.

Sentiu os batimentos e sussurrou:

- Graças a Deus, graças a Deus.

Mas então notou a mancha escura que se espalhava na brita embaixo da cabeça dele. Já ia erguer a cabeça do homem para descobrir a origem do sangramento

quando lembrou que um indivíduo com ferimento na cabeça não deve ser movido. Aquela não era uma lei rígida de primeiros socorros? Podia ter uma lesão na coluna, e movê-lo podia complicar tudo, podia ser até fatal.

Lilly não tinha como determinar a extensão do ferimento na cabeça do homem. E aquele ferimento era *visível*. Que outros ele podia ter que não estavam visíveis? Hemorragia interna, um pulmão perfurado por uma costela quebrada, um órgão rompido, fraturas. E ela não gostou do ângulo esquisito do corpo lá caído, como se as costas estivessem arqueadas para cima.

Precisava pedir socorro. Imediatamente. Levantou-se e voltou para o carro. Podia usar o celular; o serviço de telefonia celular nem sempre funcionava nas montanhas, mas talvez...

O som de um gemido fez Lilly parar. Ela virou tão rápido que quase escorregou. Abaixou-se ao lado do homem de novo. Ele abriu os olhos e olhou para ela. Lilly só tinha visto olhos iguais àqueles uma vez.

- *Tierney?*

Ele abriu a boca para falar, e então pareceu que ia vomitar. Fechou a boca e engoliu algumas vezes, para controlar a ânsia. Fechou os olhos novamente e reabriu depois de alguns segundos.

- Fui atropelado?

Ela assentiu com a cabeça.

- Pelo pára-lama traseiro, eu acho. Está sentindo alguma dor? Depois de pensar alguns segundos, ele respondeu:

- Em todo o corpo.

- A parte de trás da sua cabeça está sangrando. Não sei dizer se é grave ou não. Você caiu em cima de uma pedra. Estou com medo de movê-lo.

Ele começou a bater os dentes. Estava com frio ou, então, entrando em choque. E nenhuma das duas hipóteses era boa.

- Tenho um cobertor no carro. Volto logo.

Ela se levantou, abaixou a cabeça para se proteger do vento e caminhou com dificuldade até o carro, imaginando o que ele devia estar pensando para sair correndo da floresta daquele jeito, bem para o meio da estrada. O que ele estaria fazendo lá em cima a pé, numa tempestade de inverno, para começo de conversa?

O botão do painel que abria a mala não funcionou, possivelmente por algum dano ao sistema elétrico. Ou talvez porque a tampa da mala estivesse congelada e grudada.

Lilly tirou a chave da ignição e encaminhou-se até a parte de trás do carro. Como temia, a fechadura da mala estava entupida de gelo.

Foi até a beira da estrada, pegou a maior pedra e usou-a para quebrar o gelo. Em emergências como aquela, as pessoas costumam sentir um jorro de adrenalina que lhes propicia força sobrehumana. Lilly não sentiu nada. Estava exausta quando finalmente levantou a tampa da mala.

Afastou as caixas de papelão e encontrou o cobertor do estádio guardado na embalagem de plástico com alça e zíper. Dutch e ela o levavam para as partidas de futebol americano. Servia para afastar o frio do outono, não para sobreviver a uma tempestade de gelo, mas ela imaginou que seria melhor do que nada.

Voltou para perto do homem caído. Ele estava imóvel como a morte. Ela o chamou em voz alta, já em pânico.

- Tierney?

Ele abriu os olhos.

- Ainda estou vivo.

- Tive problemas para abrir a mala do carro. Desculpe ter demorado tanto. - Lilly estendeu o cobertor em cima dele. Temo que isso não vá ajudar muito. vou tentar...

- Não se desculpe. Tem aí um celular?

Ela se lembrou do dia em que tinham se conhecido, que ele era aquele tipo de homem que assume o controle de tudo. Muito bem. Não era hora de jogar a carta do feminismo.

Pescou seu celular do bolso do casaco. Estava ligado, o painel iluminado. Virou o celular de frente para ele poder ler a mensagem.

- Está fora do ar.

- Era disso que eu tinha medo.

Ele tentou virar a cabeça, fez uma careta e sufocou um grito. Então cerrou os maxilares para evitar que os dentes batessem de frio. Depois de algum tempo perguntou:

- O seu carro está andando?

Ela sacudiu a cabeça, indicando que não. O que Lilly sabia sobre automóveis era o mínimo, mas, quando o capo ficava parecendo uma lata de refrigerante amassada, era sensato supor que o carro não funcionava mais.

- bom, não podemos ficar aqui.

Ele fez um esforço para se levantar, mas Lilly pôs a mão no ombro dele e impediu.

- Você pode ter uma fratura de coluna, alguma lesão nas vértebras. Acho que não devia se mexer.

- É arriscado sim. Mas é isso ou congelar até a morte. Prefiro pagar para ver. Ajude-me a levantar.

Ele estendeu a mão direita, ela segurou com força enquanto Tierney lutava para se sentar. Só que não conseguia ficar de pé sozinho. com a parte de cima do corpo dobrada para a frente, ele caiu pesadamente sobre ela. Lilly o apoiou no ombro e ficou segurando enquanto arrumava o cobertor sobre as costas dele.

Depois foi abaixando até ele sentar de novo. A cabeça continuava caída para a frente, encostada no peito. Sangue escorreu debaixo do boné, desceu pela orelha e maxilar.

- Tierney? - Ela deu um tapinha no rosto dele. - Tierney! Ele levantou a cabeça, mas continuou de olhos fechados.

- Acho que eu desmaiei. Só um minuto. Estou completamente tonto.

Ele respirou fundo pelo nariz e soltou o ar pela boca. Depois de um tempo, abriu os olhos e balançou a cabeça.

- Melhor. Acha que juntos conseguimos me pôr de pé?

- Não precisa se apressar, vá com calma.

- Mas tempo é o que nós não temos. Venha por trás de mim e ponha as mãos embaixo dos meus braços.

Lilly levantou-o com cuidado e, quando teve certeza de que ele conseguia ficar de pé, disse:

- Uma mochila.

-É. E daí?

- Era o jeito estranho que estava caído, pensei que tinha fraturado a coluna.

- Eu aterrissei na mochila. Deve ter me poupado de uma fratura séria na cabeça.

Lilly soltou as alças da mochila dos ombros dele para poder ampará-lo melhor.

- Quando estiver pronto, pode tentar.

- Eu acho que consigo me levantar. Fique aí para impedir que eu caia, caso despenque para trás. Está bem?

- Está bem.

Ele pôs as mãos no chão ao lado do quadril e empurrou o corpo para cima. Lilly fez mais do que apenas apoiá-lo, caso caísse. Fez tanto esforço quanto ele. Ergueu

Tierney até ele ficar de pé e continuou escorando até ele se manifestar.

- Obrigado. Acho que estou bem.

Tierney enfiou a mão por baixo do casaco e tirou de lá um telefone celular, que evidentemente devia estar preso no cinto. Examinou o painel e franziu o cenho. Lilly traduziu o palavrão nos lábios dele. Também não funcionava. Ele apontou para o carro batido.

- Tem alguma coisa no carro que devemos levar de volta para a sua cabana?

Lilly respondeu surpresa.

- Você sabe da minha cabana?

Scott Hamer cerrou os dentes de tanto esforço.

- Quase lá, filho. Vamos. Você consegue. Mais uma vez.

Os braços de Scott tremiam da força que fazia. As veias saltavam de forma grotesca. O suor brotava e escorria da tábua de halterofilismo, pingava no tatame do ginásio, espirrando na borracha.

- Não consigo mais uma - ele gemeu.

- Consegue sim. Quero ver cento e dez por cento.

A voz de Wes Hamer ecoou no ginásio da escola. Fora os dois, o prédio estava deserto. Todos tinham ido embora havia mais de uma hora. Scott teve de ficar até bem depois que as turmas foram dispensadas, até bem depois que os outros atletas terminaram seus exercícios depois das aulas, por determinação do treinador deles, pai de Scott, Wes.

- Eu quero o esforço máximo.

Scott tinha a sensação de que suas veias estavam a ponto de explodir. Piscou para afastar o suor dos olhos e soltou várias baforadas de ar pela boca, cuspindo saliva.

Seus bíceps e tríceps começaram a tremer de exaustão. O peito parecia que ia estourar.

Mas seu pai não ia deixar que ele parasse até levantar duzentos quilos, mais que o dobro do peso de Scott. Cinco séries tinha sido o objetivo indicado para ele aquele dia. O pai era bom em estabelecer metas. E ainda melhor em fazer cumpri-las.

- Pare de fazer corpo mole, Scott -Wes disse com impaciência.

- Não estou fazendo corpo mole.

- Respire. Mande oxigênio para esses músculos. Você pode fazer isso.

Scott inspirou profundamente, depois soltou o ar em suspiros curtos, ofegante, exigindo o impossível do braço e dos peitorais.

- É isso aí! - disse o pai. - Você levantou mais dois centímetros. Talvez quatro.

Deus, permita que sejam quatro.

- Só mais uma forcinha. Só mais uma vez, Scott.

Sem querer, Scott soltou um gemido quando canalizou toda a sua força para os braços trêmulos. Mas conseguiu levantar a barra dos halteres mais dois centímetros, o suficiente para encaixar os cotovelos por um milésimo de segundo, e então o pai segurou o peso e o pôs de volta no apoio.

Os braços de Scott caíram sem vida ao lado do corpo. Os ombros desmoronaram no banco. O peito arfava, procurando recuperar o fôlego. O corpo inteiro tremia fatigado.

- Bom trabalho. Amanhã vamos tentar o seis.

Wes deu uma toalha para o filho, virou as costas e foi para o seu escritório, onde o telefone tinha começado a tocar.

- Vá para o chuveiro. Eu vou atender o telefone e depois fechar tudo aqui.

Scott ouviu o pai atender o telefone de maneira brusca.

- Hamer.

Depois ele perguntou:

- O que você quer, Dora? - com o tom depreciativo que sempre usava quando falava com a mãe de Scott.

Scott sentou no banco e passou a toalha no rosto e na cabeça. Estava morto, absolutamente esgotado. Tinha medo até de levantar e andar até o vestiário. Só a promessa de uma chuveirada quente foi capaz de tirá-lo daquele banco.

- Era a sua mãe - Wes gritou do escritório para ele. Aquela sala era uma bagunça onde só os corajosos ousavam entrar. Sobre a mesa, havia pilhas de papéis que Wes considerava perda de tempo e, por isso, evitava pôr em dia até o limite máximo de prazo. As paredes eram cobertas de tabelas de horários das temporadas de diversas equipes esportivas. Um calendário de dois meses, cheio de hieroglifos escritos a mão por Wes, que só ele conseguia ler.

Havia também um mapa topográfico de Cleary e da região em volta. Seus locais preferidos para caça e pesca tinham sido marcados com hidrográfica vermelha. Em fotografias emolduradas, apareciam os times de futebol americano dos últimos três anos e o treinador Wes Hamer de pé, no meio da primeira fila.

- Ela disse que a chuva de granizo está começando - disse para Scott. - Apresse-se.

O odor pungente do vestiário do colégio era tão familiar para Scott que ele já nem notava. Era o próprio fedor, misturado com a catinga do suor de adolescentes, meias, camisas de malha e sungas sujas. O cheiro era tão dominante que parecia ter se entranhado nas linhas entre os ladrilhos do banheiro.

Scott abriu as torneiras de um dos chuveiros. Enquanto tirava a camiseta, olhou para o espelho atrás dele e fez uma careta de nojo diante da visão da acne que despontava nas costas. Entrou no chuveiro e deixou a água cair bem naquele ponto. Depois esfregou tudo que alcançava com um sabonete bactericida.

Estava lavando o saco quando o pai apareceu, com uma toalha na mão.

- Caso você tenha se esquecido de pegar uma.

- Valeu.

Constrangido, Scott tirou a mão das partes pudendas e atacou as axilas.

Wes pendurou a toalha num porta-toalhas do lado de fora do boxe e apontou para o pênis de Scott.

- Você puxou ao seu velho - ele disse, dando uma risadinha de prazer. - Não tem do que se envergonhar nesse departamento.

Scott detestava quando o pai tentava ser "amiguinho" dele com aquela conversa sobre sexo. Como se fosse um assunto que Scott estivesse morrendo de vontade de discutir com ele. Como se gostasse das indiretas e piscadelas sugestivas.

- Você tem aí mais do que suficiente para manter suas namoradas felizes.

-Pai.

- Só não faça uma delas feliz demais - disse Wes, invertendo o sorriso. - Você seria um bom partido para uma dessas meninas daqui que buscam ascensão social. Elas não pensam duas vezes antes de enganar um homem. E isso se aplica a todas as mulheres que já conheci. Nunca confie apenas nelas para evitar filhos disse Wes, balançando o indicador como se aquele fosse um sermão novo e não o que Scott escutava sempre, desde a puberdade.

Scott fechou as torneiras, pegou a toalha e rapidamente enrolou na cintura. Foi indo para o seu armário, mas o pai ainda não tinha acabado. Wes pôs a mão no ombro molhado de Scott e fez o filho virar de frente para ele.

- Você tem anos de trabalho duro pela frente para chegar ao seu destino. Não quero que apareça alguma garota grávida e estrague seus planos.

- Isso não vai acontecer.

- Trate de garantir que não. - Então Wes deu um empurrão carinhoso no filho, na direção dos armários. - Vista-se.

Cinco minutos depois, Wes trancou a porta do ginásio.

- Aposto qualquer coisa que amanhã não haverá aula - ele observou.

Caía um granizo intermitente, junto com uma chuva lúgubre que congelava imediatamente sobre qualquer superfície.

- Cuidado onde pisa. Já está ficando tudo escorregadio.

Foram andando com cuidado até o estacionamento da faculdade, onde Wes tinha uma vaga especial, reservada para o diretor de atletismo do Colégio Cleary, lar dos Fighting Cougars.

Os limpadores do pára-brisa batalhavam contra a chuva gelada no vidro temperado. Scott tremia de frio dentro do casaco, e enfiou as mãos mais fundo ainda nos bolsos forrados de flanela. Seu estômago roncou.

- Espero que a mamãe já tenha preparado o jantar.

- Você pode comer alguma coisa na lanchonete. Scott virou a cabeça de estalo e olhou para Wes.

Wes continuou olhando para a rua.

- Vamos dar uma parada lá antes de ir para casa.

Scott afundou mais no banco do carro, puxou o casaco mais apertado e ficou olhando pensativo pelo pára-brisa enquanto seguiam pela rua Principal. Em quase todas as vitrines havia cartazes com a legenda "Fechado". Proprietários e vendedores saíram mais cedo, antes de a tempestade piorar. Porém parecia que ninguém tinha ido para casa. O trânsito estava pesado, especialmente perto do supermercado, ainda aberto e vendendo muito.

Scott registrou tudo isso, mas num nível subliminar, até o pai parar num dos dois sinais de trânsito da rua Principal. Ele espiava distraído pela janela molhada de chuva quando seus olhos focalizaram o panfleto pregado no poste de avisos.

DESAPARECIDA!

Embaixo desse título garrafal, havia uma fotografia em preto e branco de Millicent Gunn e uma descrição física básica, a data do desaparecimento e uma lista de números de telefone para receber informação sobre o paradeiro da jovem.

Scott fechou os olhos e ficou pensando na imagem de Millicent da última vez que a vira.

Quando reabriu os olhos, o carro estava se deslocando de novo e o cartaz não estava mais à vista.

04

- Tem certeza que temos tudo de que podemos precisar? Água mineral e alimentos não perecíveis?

Marilee Ritt procurou controlar a irritação.

- Temos, William. Verifiquei duas vezes a lista de compras que você me deu antes de sair do supermercado. Até parei no bazar para comprar mais pilhas de lanterna porque as do supermercado tinham acabado.

O irmão dela espiou pelo vidro da vitrine grande da drogaria e lanchonete que tinha o nome dele. Na rua Principal, os carros andavam devagar demais, não por causa das condições da rua, que ficavam cada vez mais escorregadias, mas devido ao trânsito. As pessoas estavam aflitas para chegar ao seu destino e esperar a tempestade passar.

- Os meteorologistas estão dizendo que essa pode ser uma das grandes, que vai durar dias.

- Eu também ouço o rádio e assisto à TV, William. Os olhos dele voaram logo para a irmã.

- Eu não quis insinuar que você é ineficiente. Apenas um pouco distraída, às vezes. Que tal uma xícara de chocolate quente? Por conta da casa.

Marilee deu uma espiada no mar de carros lentos lá fora.

- Acho que não vou chegar em casa mais depressa se sair agora, então tudo bem. Adoraria o chocolate quente.

Ele a levou para a lanchonete na frente da loja e indicou para ela um dos banquinhos cremados do balcão.

- Linda, a Marilee quer uma xícara de chocolate quente.

- Com creme, por favor - disse Marilee, sorrindo para a mulher atrás do balcão.

- Já está saindo, srta. Marilee.

Linda Wexler já administrava a lanchonete bem antes de William Ritt comprar a loja do antigo proprietário. Quando ele assumiu o negócio, foi suficientemente inteligente para manter Linda por lá. Ela era uma instituição local, conhecia todo mundo na cidade, sabia quem bebia café com creme e quem preferia puro.

Encarregava-se pessoalmente do preparo da salada de atum todas as manhãs, e não passava sequer pela sua cabeça usar hambúrgueres congelados para fazer os sanduíches com a carne que fritava na chapa.

- Dá para acreditar nessa confusão toda aí fora? - Linda perguntou enquanto derramava leite numa panela para esquentar. Lembro que quando éramos criança, ficávamos animadíssimos toda vez que havia previsão de neve, imaginando se teríamos ou não aula no dia seguinte. Você deve gostar de um feriado também, tanto quanto seus alunos.

Marilee sorriu para ela.

- Se tivermos um feriado por causa da neve, devo aproveitar para corrigir trabalhos.

Linda fungou, em tom de desaprovação.

- Desperdiçando sua folga.

A porta de entrada se abriu e o sininho em cima tilintou. Marilee girou no banquinho para ver quem tinha entrado. Duas meninas adolescentes entraram correndo, rindo e sacudindo água gelada dos cabelos. Eram da turma de Marilee do terceiro período de gramática e literatura americana.

- Vocês duas deviam estar usando gorros - disse para elas.

- Oi, srta. Ritt - as duas disseram, praticamente em uníssono.

- O que estão fazendo na rua com esse tempo? Não deviam estar a caminho de casa?

- Viemos alugar uns vídeos - disse uma delas. - Para o caso de, a senhorita sabe, não ter aula amanhã.

- Espero que tenha sobrado algum lançamento - observou a outra menina.

- Obrigada por me lembrar - disse Marilee. - Eu acho que também vou levar um ou dois filmes para casa hoje.

As meninas olharam para ela desconfiadas, como se nunca lhes tivesse ocorrido que a srta. Marilee Ritt pudesse realmente assistir a um filme. Ou que fizesse qualquer outra coisa que não fosse dar provas e trabalhos, monitorar os corredores durante as trocas de salas, sempre de olho nas brincadeiras agressivas desnecessárias.

As duas não deviam ser capazes de imaginar qualquer tipo de vida para ela fora do Colégio Cleary.

E até recentemente poderiam ter razão.

Marilee sentiu o rosto esquentar com a lembrança do seu novo passatempo, e rapidamente mudou de assunto.

- Vão para casa antes que as estradas fiquem cobertas de gelo

- acautelou as alunas.

- Já vamos. De qualquer modo, tenho de estar em casa antes de escurecer. Por causa da Millicent. Meus pais estão em pânico.

- Os meus também - disse a outra menina. - Completamente. Precisam saber onde estou vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. - Ela rolou os olhos nas órbitas. - Como se eu fosse chegar tão perto de algum doido a ponto de ele poder me agarrar e levar embora.

- Tenho certeza que eles devem estar muito preocupados disse Marilee. - E têm de estar mesmo.

- Meu pai me deu uma pistola para guardar no carro - disse a outra menina. - Disse que é para eu não hesitar e atirar em qualquer um que mexer comigo.

Marilee murmurou:

- A situação ficou assustadora.

Avaliando a impaciência das meninas para irem logo embora, Marilee desejou que aproveitassem o dia de folga da escola, se é que teriam mesmo o dia livre, e virou de frente para o balcão bem na hora em que Linda servia o chocolate quente.

- Cuidado, querida, está quente. - Olhando para as meninas, Linda disse: - As pessoas endoideceram de vez.

- Humm. - Marilee experimentou tomar um gole do chocolate. - Nem sei o que é mais desconcertante. Cinco mulheres desaparecidas ou pais que dão armas para filhas adolescentes.

Todos em Cleary estavam nervosos com os desaparecimentos. As pessoas passaram a trancar portas que antes ficavam abertas. Mulheres de todas as idades eram avisadas para prestar atenção em volta quando saíam sozinhas e para evitar lugares escuros e isolados. Diziam para não confiar em ninguém que não conhecessem bem. Desde o desaparecimento de Millicent, sugeriram que maridos e namorados encontrassem suas mulheres no local de trabalho no fim do dia para acompanhá-las até em casa.

- Mas não posso culpá-los - disse Linda, abaixando a voz. Preste atenção no que vou dizer, Marilee. Aquela menina Gunn pode ser dada como morta, se é que ainda não está mesmo.

Era pessimismo pensar daquele jeito, mas, de certa forma, Marilee concordava.

- Quando é que você vai para casa, Linda?

- Na hora em que aquele seu irmão escravagista disser que posso ir.

- Quem sabe posso convencê-lo a deixar que você saia mais cedo?

- Acho que não. Estamos vendendo como nunca a tarde toda. As pessoas estão pensando que vai levar dias para poderem sair de casa de novo.

Aquele tipo de loja ocupava a esquina da rua Principal com a Hemlock desde quando Marilee era capaz de lembrar. Quando era bem pequena e a família se mudou para a cidade, ela adorava parar ali.

Também William devia ter boas lembranças do lugar, porque, assim que se formou na faculdade de farmácia, voltou para Cleary e começou a trabalhar ali. Quando seu patrão resolveu se aposentar, William comprou o negócio e imediatamente pegou um empréstimo no banco para expandir a loja.

Comprou o prédio vizinho que estava desocupado e incorporou à drogaria que já existia, ampliando o espaço de trabalho de Linda e acrescentando mesas para aumentar a capacidade da lanchonete. Também teve a boa idéia de separar um espaço para aluguel de vídeos. Além da farmácia, tinha o mais extenso estoque de livros e revistas da cidade. As mulheres compravam ali seus cosméticos e cartões. Os homens compravam produtos de tabacaria. Todos iam lá para atualizar as fofocas da cidade. Se Cleary tinha um epicentro, era a Ritt's Drogaria.

Junto com as receitas, William dava conselhos, cumprimentos, congratulações ou condolências, o que quer que a situação do cliente exigisse. Marilee achava que o jaleco que ele usava na loja era um pouco pretensioso, mas os fregueses pareciam não se importar.

Claro que havia aqueles que especulavam sobre o motivo de William e a irmã permanecerem solteiros e de continuarem a morar na mesma casa. As pessoas achavam que aquela convivência demasiada de irmão com irmã era estranha. Ou coisa pior. Marilee procurava não permitir que pessoas que alimentavam pensamentos sujos como aquele a perturbassem.

O sino em cima da porta tilintou novamente. Dessa vez, Marilee não virou para trás mas olhou para a parede espelhada atrás da área de trabalho de Linda e viu Wes

Hamer entrar com o filho, Scott.

Linda cumprimentou os dois.

- Ei, Wes, Scott, como vão vocês?

Wes saudou Linda também mas era com Marilee que fazia contato com os olhos no espelho. Aproximou-se com ar despreocupado, inclinou-se por cima do ombro dela e deu uma cheirada no chocolate quente.

- Maldição, que cheiro bom. Também quero um desse, Linda. Está um ótimo dia para chocolate quente.

- Oi Wes, Scott - disse Marilee. Scott retribuiu com um resmungo.

- Srta. Ritt.

Wes sentou no banco ao lado de Marilee. Encostou o joelho no dela quando enfiou as pernas embaixo do balcão.

- Importa-se se eu me juntar a você?

- De jeito nenhum.

- Você não devia praguejar, Wes Hamer - disse Linda. - Ainda mais que é exemplo para os garotos.

- O que foi que eu disse?

- Você disse maldição.

- E desde quando você é tão fresca? Lembro uma ou duas vezes em que você lançou suas pragas também.

Ela bufou fazendo pouco, mas com um sorriso de orelha a orelha. Wes tinha esse efeito nas mulheres.

- Quer chocolate quente também, querido? - Linda perguntou para Scott, de pé atrás do pai, encolhido dentro do casaco, com as mãos nos bolsos, passando o peso do corpo de um pé para o outro.

- Quero. Obrigado. Seria ótimo.

- Sem creme no dele - disse Wes. - Ele não vai ganhar nenhum ponto com os olheiros do futebol se ficar barrigudo.

- Acho que ele não corre o risco de ter barriga nenhuma no futuro próximo - observou Linda.

Mas preparou o chocolate sem creme. Wes tinha esse efeito nas pessoas também.

Ele rodou o banco para ficar de frente para Marilee.

- Como vai o Scott em literatura americana?

- Muito bem. Tirou oitenta e dois numa prova sobre Hawthorne.

- Oitenta e dois, hein? Nada mau. Não é excelente. Mas não é nada mau - ele disse para Scott por cima do ombro. - Vá lá atrás e converse com aquelas jovens. Elas ficaram muito agitadas desde que você entrou aqui. E avise ao William que você está aqui.

Scott se afastou devagar e levou seu chocolate quente com ele.

- As meninas não desgrudam desse menino - disse Wes, observando Scott seguindo pelo corredor para a seção de vídeos.

- Não é nenhuma surpresa - disse Linda. - Ele é um gatinho.

- Todas elas parecem achar isso. Telefonam lá para casa toda hora e desligam quando não é ele que atende. Dora fica louca.

- O que você acha dessa popularidade toda com as mulheres? - perguntou Marilee.

Wes olhou de novo para ela e piscou.

- O fruto nunca cai muito longe da árvore.

Ela olhou para a xícara e procurou, nervosa, alguma coisa para dizer.

- Scott está indo bem nos trabalhos também. A escrita dele melhorou demais.

- Tendo você como explicadora, como é que ele podia deixar de aprender alguma coisa?

Algumas semanas depois do início das aulas em setembro, Wes havia consultado Marilee sobre a possibilidade de dar aulas particulares para Scott nas manhãs de sábado e noites de domingo. Pelos serviços dela, ele oferecia um pagamento modesto, que ela tentou recusar. Ele insistiu. Marilee acabou aceitando o que ele oferecia, e concordou em ajudar Scott com seus estudos, não só porque sabia da importância de notas altas nos exames para ingresso na faculdade, mas também porque pouca gente conseguia dizer não para Wes Hamer e persistir na negativa.

- Espero que você ache que está fazendo valer seu dinheiro ela disse para ele na lanchonete.

- Se algum dia eu não tiver certeza disso, você será a primeira a saber, Marilee - ele disse e deu um sorriso largo para ela, com os olhos brilhando.

- Ei, Wes? - William chamou do fim do corredor de produtos para bebês. - Estou com um tempinho livre. Quer vir até aqui atrás?

Wes continuou olhando bem nos olhos de Marilee mais um pouco, depois pediu para Linda pôr as duas xícaras de chocolate quente na sua conta e as deixou para juntar-se a William e Scott na seção da farmácia.

- Isso é curioso - disse Marilee, imaginando que assunto os Hamer teriam com seu irmão.

Linda, porém, estava distraída anotando o pedido de outro freguês e não escutou o que ela disse.

Lilly ainda se perguntava como Ben Tierney sabia que ela possuía uma cabana no pico Cleary, quando ele disse, irritado:

- Você tem alguma idéia melhor?

Atacada pelo vento forte, ela só precisou pensar um segundo.

- Não. Temos de ir para a cabana.

- Primeiro, vamos dar uma olhada no seu carro.

Chegaram ao carro sem nenhum problema maior, apesar de Tierney não se firmar muito bem nos pés. Ela sentou no banco do motorista. Ele empurrou a mala dela e sentou no banco de trás porque a parte direita do painel tinha sido projetada até o encosto do banco do carona. Tierney fechou a porta, tirou as luvas e apoiou a testa na palma da mão direita.

- Você vai desmaiar de novo? - perguntou Lilly.

- Não. Não temos tempo para isso. - Ele abaixou a mão e olhou para ela por cima do encosto do banco, como se a avaliasse. - Você está pouco agasalhada.

- Como se eu não soubesse - ela disse, batendo os dentes.

- O que tem na mala? Alguma coisa útil?

- Nada mais quente do que eu estou usando.

Querendo aparentemente julgar por si mesmo, Tierney abriu a mala no banco ao seu lado. Remexeu nas roupas de Lilly, examinando, sem cuidado, roupa íntima, camisolas, meias, calças, camisetas.

- Tem roupa de baixo térmica?

- Não.

Ele jogou um suéter de lã para ela.

- Vista isso por cima do que está usando.

Lilly tirou o casaco só o tempo necessário para vestir o suéter.

- Deixe-me ver suas botas.

- Minhas...

- Botas - ele repetiu com impaciência.

Lilly puxou a perna da calça para cima e estendeu o pé para a frente, para que ele pudesse ver. Tierney tirou alguns pares de meias da mala e jogou para ela por cima do banco.

- Ponha essas meias no bolso. E pegue isso também. Pode vestir assim que chegarmos à cabana.

Ele deu para ela uma blusa de seda fina e gola rolê que Lilly tinha comprado pensando em usar por baixo da roupa de esqui.

Depois ele a assustou quando se debruçou sobre o banco e segurou uma mecha do cabelo dela.

- Molhado.

Tierney largou rapidamente a mecha de cabelo, mas não o punhado de calcinhas que segurava com a outra mão.

- Você tem um gorro? Qualquer tipo de chapéu?

- Eu não planejava passar muito tempo ao ar livre nessa viagem.

- Você precisa de alguma coisa para proteger a cabeça.

Ele jogou as calcinhas de volta na mala e tirou o cobertor das costas.

- Vire para cá.

Lilly ficou de joelhos, de frente para o banco detrás. Ele fez um capuz para ela com o cobertor, pondo sobre a cabeça e dobrando no peito. Abotoou o casaco dela por cima e arrumou o cobertor bem firme.

- Pronto. Antes de sair do carro, puxe essa parte solta sobre o nariz e a boca. Tem alguma coisa na mala do carro além do estepe?

O jeito natural com que Tierney tocou nela surpreendeu Lilly e tornou seu raciocínio lento. Sua mente se apressou a alcançar o que ele havia perguntado.

- Bem, é... eu acho que tem um estojo de primeiros socorros que veio com o carro.

- Ótimo.

- E alguma comida que eu tinha tirado da cabana.

- Melhor ainda. - Ele deu uma olhada rápida no interior do carro. - Lanterna, alguma coisa no porta-luvas?

- Só o manual de instruções do carro.

- Não importa. Duvido que conseguíssemos tirar qualquer coisa aí de dentro, do jeito que está amassado - ele comentou.

Passou a mão no sangue, que começava a escorrer de novo no queixo, e calçou as luvas.

- Vamos embora.

- Espere. A minha bolsa. vou precisar dela.

Procurou a bolsa e viu que tinha sido arremessada para o chão do carro, na frente do banco do carona, quando o carro bateu na árvore. Foi difícil, mas ela conseguiu enfiar a mão por baixo do painel e arrancar a bolsa de baixo do metal amassado.

- Passe a alça no pescoço para ficar com os braços livres. E melhor equilíbrio.

Ela fez o que ele sugeriu e pôs a mão na maçaneta da porta. Parou e olhou apreensiva para ele.

- Quem sabe não é melhor ficarmos aqui até podermos pedir socorro?

- É, poderíamos, mas ninguém vai subir por essa estrada esta noite e duvido que a gente sobreviva até amanhã de manhã.

- Então acho que não temos escolha, não é?

- É, não temos mesmo.

Lilly já ia abrir a porta, mas dessa vez foi ele que a fez parar, pondo a mão no ombro dela.

- Não tive a intenção de parecer tão grosseiro.

- Eu entendi a necessidade da pressa.

- Temos de chegar ao abrigo antes da coisa piorar aí fora. Ela concordou com a cabeça. Trocaram olhares por um ou dois segundos, depois ele tirou a mão do ombro dela, abriu a porta detrás e desceu do carro. Lilly juntou-se a ele na traseira do veículo, onde Tierney examinava o conteúdo da mala aberta. Ele encontrou o estojo de primeiros socorros, e disse para ela guardar no bolso.

- E algumas latas dessas também, e os biscoitos.

Ele também enchia os muitos bolsos do casaco com latas de alimentos, que deviam pesar muito, especialmente depois de ter recuperado a mochila do lugar onde a tinham deixado, na estrada.

- Pronta? - ele perguntou, olhando para ela com os olhos franzidos para se proteger da chuva de gelo.

- Prontíssima.

Com o queixo, ele fez sinal para Lilly ir na frente. Tinham andado apenas alguns metros com dificuldade, quando concluíram que tentar caminhar ladeira acima na superfície gelada da estrada era inútil. Para cada passo que davam para a frente, escorregavam três para trás. Tierney empurrou Lilly de leve para o acostamento da estrada. Era muito estreito, e em muitos pontos tinham de andar um atrás do outro, apoiados no barranco e desviando de pedras. No entanto o terreno irregular realmente lhes deu vantagem. Tinham mais aderência nas pedras e na vegetação que havia por baixo do gelo e da neve.

A subida era íngreme. Num dia bonito, com as condições ideais de tempo, a caminhada montanha acima teria sido um exercício extenuante até para os caminhantes mais em forma. A maior parte do tempo eles caminhavam de frente para o vento, que os forçava a manter a cabeça abaixada, e às vezes andavam às cegas através de uma tormenta de pedaços de gelo que pareciam estilhaços de vidro quando batiam na pele exposta de seus rostos.

Paravam muitas vezes para recuperar o fôlego. Uma vez Tierney parou de repente, virou de costas para ela e vomitou, fazendo Lilly acreditar que devia estar com uma concussão. No mínimo. Ela observou que ele começara a firmar-se mais na perna esquerda, e ficou imaginando se não tinha alguma fratura também.

Finalmente a caminhada se tornou um sacrifício tão grande para ele que ela insistiu para que apoiasse uma das mãos no seu ombro. Ele obedeceu com certa relutância, por extrema necessidade. A cada passo, ele se apoiava com mais força nela. E Lilly continuou se arrastando.

Chegaram a um estado de completa exaustão, e só continuaram porque era absolutamente necessário. A distância que ela havia percorrido em três minutos de carro demorou mais de uma hora para ser percorrida a pé. Eles já estavam tropeçando um no outro quando subiram os degraus da entrada da casa.

Lilly deixou Tierney encostado numa coluna da varanda enquanto destrancava a porta, e depois ajudou-o a entrar na casa. Parou o tempo suficiente para fechar a porta e largar a bolsa no chão antes de despencar em um dos sofás. Tierney tirou a mochila das costas e se estendeu no sofá na frente do dela, com a mesa de centro entre os dois.

Durante alguns minutos, ficaram imóveis onde caíram, respirando ruidosamente no escuro. Como Lilly havia desligado o aquecimento antes de sair, fazia frio na sala.

Comparado, no entanto, ao frio que fazia lá fora, era um bálsamo.

Lilly achava que nunca mais teria energia para se mover, mas depois de um tempo ela se sentou. Acendeu a luz do abajur na mesa de canto.

- Graças aos céus - ela disse, piscando com a luz repentina. Tive medo que a eletricidade já estivesse cortada.

Ela descarregou as latas dos bolsos e pôs em cima da mesa de centro, depois pescou seu celular e digitou um número.

Tierney ficou alerta de repente, deu um pulo e perguntou:

- Para quem você está ligando?

- Para o Dutch.

05

A previsão de Lilly sobre o caos na cidade estava correta.

Dutch tinha chegado havia apenas duas horas, e já sentia saudade da paz da sua cabana na montanha. Sua cabana, pensou com amargura.

A hora do rush no centro de Atlanta jamais foi tão congestionada como a rua Principal em Cleary, aquela noite. Era pára-choque com pára-choque nas duas pistas, uma fila de faroletes traseiros e luzes de freio vermelhas de um lado, e uma linha ininterrupta de faróis brancos do outro. Todos que estavam em um lado da cidade pareciam querer chegar ao outro lado, e vice-versa.

O pessoal do xerife estava cuidando das áreas distantes do município, e a cidade propriamente dita ficava a cargo de Dutch e do seu departamento. Agora seria uma ótima hora para um ladrão roubar, porque ninguém estava em casa onde devia estar, e todos os policiais estavam ocupados, tentando controlar o pandemônio gerado pela tempestade que se aproximava.

O sinal de trânsito da Moultrie com a Principal estava queimado de novo. Em qualquer outro dia não seria muito problema. Os motoristas se alternavam, dando a vez educadamente uns para os outros, no cruzamento, e fazendo piadas sobre a inconveniência. Mas hoje, quando a paciência já se esgotava, o sinal que não funcionava tinha provocado um nó tão grande que os motoristas estavam ficando irascíveis.

Os policiais que não estavam monitorando o tráfego nas ruas controlavam as multidões no supermercado, tentando evitar brigas pela mercadoria escassa que sobrava nas prateleiras. Já tinha havido uma altercação por causa da última lata de sardinhas.

Com as pedras de granizo maiores do que torrões de sal mineral, o rápido acúmulo logo se tornaria desastroso. À medida que a massa fria avançava sobre a montanha e varria a sua face oriental em direção ao vale, juntando mais água, as condições iam ficar ainda mais incontroláveis. Até a tempestade passar e todo o gelo e toda a neve derreterem, Dutch não poderia contar com nenhum descanso.

Olhou para o cume do pico Cleary e viu que estava completamente coberto pelas nuvens. Tinha descido bem na hora, e era um alívio saber que Lilly viera logo atrás dele, e que já devia estar a caminho de Atlanta naquele momento. Se não

tivesse atrasos na viagem, provavelmente manteria vantagem sobre a tormenta e chegaria em casa antes de a tempestade alcançá-la.

Ainda pensava sempre nela, onde estava, o que estava fazendo. Era um hábito que nenhum maldito papel de divórcio poderia desfazer. Relembrou o olhar dela para ele antes de sair da cabana, e sentiu um peso no peito, como uma bigorna. Ela estava com medo dele. E o único culpado era ele mesmo. Tinha dado motivo para Lilly sentir medo dele.

- Ei, chefe! - Wes Hamer gritou para ele da calçada, na frente da Ritt's Drogaria. - Venha até aqui. Sou um cidadão que paga impostos e tenho uma queixa a fazer.

Dutch desviou seu Bronco da fila de carros que se arrastavam pela rua Principal e entrou na vaga para deficientes físicos na frente da drogaria. Abaixou o vidro da janela, e uma lufada de ar gelado entrou por ela.

Wes foi andando na direção do carro com o balanço de ombros de um ex-jogador de futebol americano. Os dois joelhos e o quadril tinham osteoartrite, mas isso não era algo que Wes quisesse espalhar. Faria praticamente qualquer coisa para jamais ceder a fraquezas de qualquer tipo.

- Você tem uma queixa, treinador? - Dutch perguntou sem rodeios.

- Você é o policial número um por aqui. Será que não pode livrar as ruas desses retardados?

- Começaria por você.

Wes deu uma risada mas sentiu imediatamente o mau humor de Dutch, e chegou mais perto.

- Ei, companheiro, por que essa cara triste?

- Eu me despedi de vez da Lilly. Umas duas horas atrás. Lá na cabana. Ela foi embora para sempre, Wes.

Wes virou-se para trás.

- Scott, vai esquentar o motor do carro! Eu estou indo já. Scott, que estava parado embaixo do toldo, na frente da loja de Ritt, pegou o chaveiro que Wes jogou para ele, acenou com a outra mão para se despedir de Dutch e saiu andando calmamente pela calçada.

- Ele já recebeu alguma notícia de Clemson? - perguntou

Dutch.

- Podemos falar disso depois. Vamos falar da sua mulher.

- Ex-mulher. com ênfase no ex, que ela deixou perfeitamente claro esta tarde.

- Pensei que você ia conversar com ela.

- Eu conversei.

- Não deu em nada?

- Nada. Ela conseguiu o divórcio, e está feliz com isso. Não quer mais nada comigo. Acabou. - Ele esfregou a testa com a mão enluvada.

- Você vai chorar ou o quê? Caramba, Dutch, não me deixe envergonhado de chamá-lo de meu melhor amigo.

Dutch virou-se e olhou bem para Wes.

- Vá à merda.

Sem se abalar, Wes continuou:

- Do jeito que você está se lamentando... - Ele balançou a cabeça, condenando o comportamento patético de Dutch. - A Lilly não soube reconhecer como era bom o que tinha. Então ela que se dane. Eu sempre achei que ela...

- Não quero saber a sua opinião sobre ela.

- Ela acha que a merda dela não fede.

- Eu disse que não queria saber, está bem?

Wes levantou as duas mãos como se estivesse se rendendo.

- Está certo. Mas ela também não morre de amores por mim.

- Ela acha você um babaca.

- Como se eu fosse perder o meu sono pelo que a sra. Lilly Martin Burton pensa de mim. - com um sorriso enviesado, ele bateu com a mão no ombro de Dutch. - Você está levando essa separação a sério demais. Você perdeu a sua mulher e não sua virilidade. Olhe em volta - ele disse, fazendo um gesto largo com a mão. - Há mulheres por toda parte.

- Eu já tive mulheres - resmungou Dutch. Wes inclinou a cabeça para um lado.

- Ah, é? O tempo todo ou ultimamente?

As duas coisas, pensou Dutch. Tinha reunido muitas justificativas para seu primeiro caso. Estava sob pressão constante no trabalho. Lilly preocupada com a sua carreira.

O sexo dos dois tinha se tornado previsível e sem inspiração. E blablablá.

Lilly derrubara todas as desculpas dele como se alvejasse patos numa barraca de tiro ao alvo. Ele reconheceu sua fraqueza e jurou nunca mais pular a cerca.

Mas o primeiro caso foi seguido pelo segundo. E depois mais um, e logo ele gastou todas as desculpas, até as esfarrapadas. E agora compreendia que não tinha sido o último caso que determinara o começo do fim do seu casamento. Tinha sido o primeiro. Ele devia saber que uma mulher como Lilly não ia tolerar infidelidade.

Wes olhava para ele ansioso, esperando a resposta.

- Sabe, houve um tempo, depois da Amy, em que eu fiquei muito mal, procurava alívio em qualquer canto, com qualquer mulher que dissesse sim, e havia muitas. Só que nenhuma delas podia substituir a Lilly.

- Besteira. Você apenas não pesquisou bastante. Tem trepado regularmente?

-Wes...

- Está bem, está bem, não pergunte, não responda. Mas que mulher olharia duas vezes pra você hoje em dia? Se não se importa que eu diga, você está um lixo.

- E assim que eu me sinto.

- Certo, e está se vendo. Na sua cara, no seu jeito de andar. A sua bunda está arrastando no chão, meu amigo. Você está parecendo tão divertido quanto uma reincidência de herpes. Essa abordagem não vai atrair o tipo de mulher que está precisando neste momento.

- E que tipo é esse?

- Do tipo anti-Lilly. Fique longe de morenas de olhos castanhos.

- Castanho-claros. Os olhos dela na verdade são verdes com pintinhas castanhas. com um olhar, Wes fez pouco da correção detalhada.

- Trate de arrumar uma loura oxigenada. Baixa, não alta. com peitão e uma bunda que você possa agarrar. Uma garota não muito inteligente, sem opinião própria sobre nada, a não ser sobre o seu pau, que ela acha que é a própria vara de condão.

Wes ficou satisfeito com a sua descrição da fêmea perfeita, o sorriso ocupava-lhe o rosto inteiro.

- Vamos fazer uma coisa - ele disse. - Vá lá para casa mais tarde. Vamos matar uma garrafa de Jack e avaliar as suas opções. Tenho um ou dois vídeos pornô a que podemos assistir. Isso vai mudar sua visão do mundo, senão você não é humano. O que acha?

- Eu não posso beber, lembra?

- As regras não se aplicam numa tempestade de gelo e neve.

- Quem disse isso? -Eu.

Era praticamente impossível resistir ao Wes quando ele estava com sua afabilidade a toda, mas Dutch fez um esforço. Engatou a marcha a ré no seu Bronco.

- Vou estar ocupado demais esta noite, e mais um pouco.

- Passe lá em casa - disse Wes, balançando o indicador muito sério enquanto Dutch dava marcha a ré. -vou ficar esperando.

Dutch entrou na fila do tráfego e embicou o Bronco na direção do prédio de tijolos aparentes de um andar só, a um quarteirão da rua Principal, que abrigava a delegacia de polícia.

Antes de finalmente ter sido expulso da polícia de Atlanta, Dutch teve de consultar o psiquiatra do departamento duas vezes por semana. Em uma das sessões, ele disse a Dutch que ele estava na fronteira da paranóia. Mas qual era mesmo aquela antiga piada? Só porque você é paranóico, não significa que todo o mundo não está querendo te pegar.

Dutch estava começando a pensar que o mundo inteiro estava contra ele aquele dia.

Quando entrou na central e viu a sra. e o sr. Ernie Gunn sentados na área de espera, teve certeza. Devia estar com um alvo pregado nas costas. Lilly, os pais de

Millicent Gunn, o povo de Cleary, até o tempo tinha conspirado para tornar aquele o pior dia da sua vida.

Está bem. Um dos piores.

A sra. Gunn, uma mulher ossuda e com cara de passarinho nos melhores dias, parecia que não dormia ou comia desde o desaparecimento da filha, uma semana antes. Sua cabeça pequena despontava da gola do casaco de lã xadrez como a de uma tartaruga do casco. Quando Dutch chegou, ela olhou para ele com desespero patente.

Aquele sentimento não lhe era estranho. E claro que se solidarizava com ela, apenas não queria enfrentar o desespero da sra. Gunn aquela noite, quando já passava um sufoco na batalha contra o próprio desespero.

O sr. Gunn era um homem rotundo que parecia ainda maior com seu casaco de lã xadrez, vermelho e preto, do tipo que Dutch associava aos lenhadores. E Gunn, de fato, trabalhava com madeira. Suas mãos de carpinteiro, grossas, com décadas de trabalho manual e rachadas pelo frio, pareciam presunto curado com açúcar.

Ele amassava o chapéu com os dedos cheios de cicatrizes, olhando sem ver para o feltro marrom manchado. A mulher lhe deu uma cotovelada de leve, ele levantou a cabeça e seguiu o olhar dela até Dutch.

O homem se levantou.

-Dutch.

- Erriie. sra. Gunn. - Dutch meneou a cabeça para um e outro. - A coisa está ficando feia lá fora. Vocês deviam estar em casa.

- Só viemos perguntar se tem alguma novidade.

Dutch sabia o motivo daquela emboscada. Tinha recebido diversos recados telefônicos deles aquele dia, mas não respondera a nenhum. Queria que um dos seus homens tivesse avisado que o casal estava na sala dele, para poder retardar sua volta até eles desistirem e voltarem para casa. Mas já estava ali, e eles também. Podia muito bem encerrar logo a reunião.

- Venham até os fundos. Vamos conversar na minha sala. Alguém já ofereceu café para vocês? É grosso que nem piche, mas costuma ser quente.

- Não, obrigado - disse Ernie Gunn, falando pelos dois. Depois que os dois sentaram diante dele do outro lado da mesa, Dutch franziu a testa como se lamentasse alguma coisa.

- Infelizmente não tenho nenhuma notícia para dar a vocês. Hoje tive de interromper a busca, por motivos óbvios - ele disse, apontando para a janela.

- Antes da tempestade chegar, rebocamos o carro de Millicent para o depósito municipal. Estamos coletando todas as pistas que podemos nele, mas não há sinais aparentes de luta.

- Como o quê?

Dutch se remexeu na cadeira e olhou para a sra. Gunn antes de responder ao marido dela.

- Unhas quebradas, chumaços de cabelo, sangue.

A sra. Gunn balançou a cabeça sobre o pescoço fino.

- E isso pode ser uma boa notícia - disse Dutch. - Meus homens e eu ainda estamos tentando reconstruir os movimentos de Millicent na noite do último dia que foi trabalhar. Estamos falando com todas as pessoas que a viram entrando e saindo da loja, Mas tivemos de suspender a varredura esta tarde, também por causa da tempestade.

- E também não tive mais nenhuma notícia do agente especial Wise - ele disse, adiantando-se ao que imaginou que seria a próxima pergunta do casal.- Ele foi chamado de volta para Charlotte alguns dias atrás, vocês sabem. Um outro caso lá que exigiu sua atenção. Mas, antes de ir, ele me disse que ainda estava trabalhando ativamente no desaparecimento de Millicent e que queria usar os computadores lá no FBI para verificar algumas coisas.

- Ele disse o quê?

Dutch detestava ter de admitir para o casal que Wise - na verdade, todos aqueles filhos-da-mãe do FBI - era muito avarento com as informações. Fechavam a boca especialmente para policiais, que consideravam inferiores, fracassados e incompetentes. Como este que vos fala, por exemplo.

- Creio que deram permissão ao Wise para acessar o diário de Millicent - ele respondeu.

- Isso mesmo. - O sr. Gunn virou para a mulher e apertou a mão dela, para animá-la. - Talvez o sr. Wise possa descobrir alguma coisa que revele o paradeiro dela.

Dutch aproveitou o argumento.

- Essa é uma possibilidade bem concreta. Millicent pode ter ido para algum lugar por livre e espontânea vontade. - Ele levantou a mão para interromper os protestos dos dois. - Eu sei que essa foi a primeira coisa que perguntei quando registraram o desaparecimento dela. E vocês descartaram logo essa possibilidade. Mas ouçam o que vou dizer.

Dutch repartiu sua melhor expressão de policial sério entre os dois.

- É perfeitamente possível que Millicent estivesse precisando passar algum tempo longe. Talvez ela não tenha nenhuma ligação com as outras mulheres desaparecidas.

Ele sabia que as chances disso ser verdade eram muito remotas, mas era a coisa certa a dizer para dar-lhes esperança.

- Mas o carro dela - disse a sra. Gunn com uma voz tão fraca que Dutch mal conseguiu ouvir - ficou lá no estacionamento atrás da loja. Como podia ter ido embora sem o carro?

- Talvez uma amiga ou um amigo a tenha levado para algum lugar - disse Dutch. - E, por causa do pânico que a notícia do desaparecimento dela provocou, essa amiga ou amigo pode estar com medo de se apresentar e confessar, medo de se encrencar junto com a Millicent por nos deixar tão apavorados.

O sr. Gunn franziu o cenho com expressão de dúvida.

- Tivemos nossos problemas com a Millicent, os mesmos que todos os pais tiveram com filhos adolescentes, mas não acho que ela armaria uma coisa dessas para nos magoar.

- Ela sabe que a amamos - disse a sra. Gunn. - Sabe que ficaríamos preocupados demais se inventasse de sumir assim, sem mais nem menos.

A voz dela falhou nas últimas palavras, e ela amassou um lenço de papel junto aos lábios para sufocar um soluço.

Era doloroso assistir ao sofrimento dela. Dutch se concentrou no mata-borrão da mesa e deu um momento para a sra. Gunn se recompor.

- Sra. Gunn, tenho certeza que, lá no fundo, ela sabe quanto vocês a amam - ele disse com simpatia. - Mas soube que a Millicent não gostava muito daquele hospital para onde a enviaram no ano passado. Vocês a internaram contra a vontade dela, não foi?

- Ela não queria ir por conta própria - disse o sr. Gunn. Fomos obrigados a fazer isso, senão ela ia morrer.

- Eu compreendo - disse Dutch. - E provavelmente, de alguma forma, Millicent também deve ter compreendido. Mas ela não podia estar ressentida com isso?

Tinham diagnosticado que a menina sofria de anorexia, e que era bulímica. Para dar o merecido crédito aos pais, quando o estado dela passou a ameaçar sua vida, o casal hipotecou quase tudo que possuía para mandá-la para um hospital em Raleigh a fim de fazer tratamento e terapia com um psiquiatra.

Ela ficou lá três meses, depois foi declarada curada e a mandaram para casa. Os mexericos na cidade diziam que a menina tinha voltado aos hábitos de comer e provocar o vômito assim que recebeu alta do hospital, com medo de que quaisquer

cem gramas a mais a tirassem do esquadrão de animadoras de equipes de futebol do colégio.

Como tinha sido animadora desde a sexta série, não queria perder o último ano do ensino médio.

- Ela estava indo bem - disse o pai. - Estava melhorando, mais saudável a cada dia que passava. - Ele olhou muito sério para Dutch. - Além do mais, você sabe, tanto quanto eu, que ela não fugiu. Ela foi levada. Havia uma fita azul amarrada na bicicleta dela.

- Vocês não podem comentar isso - Dutch lembrou ao pai de Millicent.

Tinham deixado uma fita azul na cena do suposto seqüestro de cada mulher, mas esse fato não havia sido revelado para a mídia. Por causa da fita, o seqüestrador desconhecido tinha sido apelidado de Azul.

O telefone celular vibrou no cinto de Dutch, mas ele deixou vibrar e não atendeu. Estava tratando de um problema sério ali. Se a informação sobre a fita azul tivesse vazado, podia apostar que os federais iam achar que o vazamento tinha partido do grupo de Dutch. E talvez tivesse mesmo. É claro que foi. Mesmo assim, ia fazer todo o possível para conter aquilo e tentar evitar de levar a culpa.

- Praticamente todo mundo já sabe disso, Dutch - argumentou o sr. Gunn. - Não há como manter uma coisa dessas em segredo, principalmente porque o filho-da-mãe já deixou aquela fita cinco vezes.

- Se todo mundo já sabe, então é mais provável ainda que Millicent também saiba. Ela pode ter posto a fita lá para despistar e fazer todo mundo pensar que...

- Droga nenhuma - retrucou Ernie Gunn, furioso. - Ela não seria cruel a ponto de nos assustar desse jeito. Não, senhor, o Azul pegou a Millicent. Você sabe que foi isso. Vocês têm que sair e encontrá-la antes que ele... - A voz dele falhou e seus olhos se encheram de lágrimas.

A sra. Gunn engoliu mais um soluço. Mas foi ela que falou, e dessa vez com uma expressão amarga.

- Como veio da polícia de Atlanta e tudo o mais, achamos que poderia pegar esse homem antes dele ter a chance de seqüestrar a nossa Millicent ou qualquer outra menina.

- Eu trabalhava na Homicídios, não com pessoas desaparecidas - afirmou Dutch irritado.

Estava sendo simpático o tempo todo com aquela gente, fazendo todo o possível para encontrar a filha deles, mas, ainda assim, era subestimado. Esperavam dele um milagre por ter sido policial numa cidade grande.

Pelo que sentia naquele momento, já estava se perguntando por que diabos havia aceitado aquele emprego. Quando o conselho municipal, liderado pelo

presidente Wes Hamer, lhe ofereceu o cargo, ele devia ter dito que só seria o chefe de polícia em Cleary depois que capturassem o assassino em série deles.

Mas precisava do emprego. Mais importante ainda, tinha de sair de Atlanta, onde fora pessoalmente humilhado por Lilly e profissionalmente pela polícia. O divórcio se consolidou no mesmo mês em que foi demitido. E tinha de admitir que havia uma correlação.

Quando estava no fundo do poço, Wes apareceu em Atlanta para fazer a oferta. Fez inflar o ego murcho de Dutch, dizendo que sua cidade natal precisava urgentemente de um policial durão com a experiência dele.

Era o tipo de besteira na qual Wes era especialista. Era uma conversa de ânimo no vestiário, no intervalo do jogo, daquelas usadas para incentivar o time. Mesmo reconhecendo que era isso, Dutch gostou de ouvir e, antes mesmo de saber como chegara a isso, já estava selando o compromisso com Wes com um aperto de mão.

Lá ele era conhecido e respeitado. Conhecia as pessoas, conhecia a cidade e a região como a palma da mão. Mudar de volta para Cleary era como calçar um velho e confortável par de sapatos. Mas havia uma desvantagem bem definida. Tinha entrado na confusão deixada pelo seu predecessor, que não sabia nada a respeito de solução de crimes e que só tinha dado uma advertência para um parquímetro vencido.

No primeiro dia de trabalho, jogaram no colo de Dutch os quatro casos não resolvidos de pessoas desaparecidas. Agora ele já tinha a quinta mulher desaparecida. O orçamento era limitado, a equipe tinha apenas treinamento e experiência mínimos, e as interferências condescendentes do FBI, que se envolvera porque parecia que o crime era de seqüestro, portanto da esfera federal.

Agora, dois anos e meio depois da primeira menina ter desaparecido de uma trilha muito conhecida, continuavam sem nenhum suspeito. Não era culpa de Dutch, mas o filho era dele e estava virando um monstro.

Não estava nem um pouco disposto a escutar críticas, mesmo vindo de pessoas que enfrentavam aquele inferno pessoal.

- Ainda tenho uma lista de conhecidos da Míllicent para entrevistar - ele disse. - Assim que o tempo melhorar, juro que eu e todos os homens da força policial vamos lá para fora reiniciar a busca. - Ele se levantou e indicou que a conversa chegara ao fim. - Querem que eu peça a alguém para levá-los para casa numa viatura policial?

As ruas estão ficando traiçoeiras.

- Não, obrigado - com admirável dignidade, o sr. Gunn ajudou a mulher a levantar da cadeira e a levou para a frente do prédio.

- Por mais difícil que seja, procurem manter uma expectativa positiva - disse Dutch, acompanhando os dois pelo curto corredor.

O sr. Gunn mal meneou a cabeça, pôs o chapéu e escoltou a mulher porta afora, para o vento uivante.

- Chefe, temos uma...

- Um minuto - disse Dutch, levantando a mão para interromper o policial que atendia os telefonemas, e todos os aparelhos piscavam suas luzes vermelhas ao mesmo tempo.

Dutch tirou o celular do cinto para verificar quem tinha ligado.

Lilly. E deixou uma mensagem. Dutch rapidamente digitou os números para acessar seu correio de voz.

- Dutch, eu não sei se... chegar... ou não. Eu... acidente na descida da montanha... Ben Tierney... ferido. Estamos... cabana. Ele precisa de cui... médicos. Se...possível... ajuda. O mais depressa possível.

06

Lilly tinha enviado a mensagem mais breve e direta possível, para o caso de o celular perder o sinal, que já estava fraco. Quando parou de falar, o telefone ficou mudo de novo.

- Não sei quanto da mensagem consegui enviar - ela disse para Tierney. - Talvez Dutch receba o suficiente para entender o resto.

Lilly tinha tirado o cobertor da cabeça, mas continuava com ele embolado nos ombros. A lã estava molhada, e ainda tinha granizo que não derretera grudada nela.

Estava com frio, molhada e bem desconfortável.

É claro que não podia reclamar do desconforto. Era pequeno, comparado ao de Tierney. Ele estava sentado, com as costas retas, mas oscilando como se fosse cair a qualquer momento. Sangue novo tinha ensopado o chapéu preto. Havia gelo nas sobrancelhas e cílios, e ele parecia fantasmagórico.

Lilly apontou para os olhos dele.

-Você está com...

- Gelo? Você também. Vai derreter num minuto.

Ela espanou os cristais de gelo dos olhos e das narinas.

- Nunca me expus aos elementos dessa maneira antes. Nunca. Nada mais extremo do que ser pega na chuva sem guarda-chuva.

Lilly levantou-se e foi até o outro lado da sala verificar o termostato na parede. Determinou a temperatura e ouviu o reconfortante ronronado do ar se movimentando no duto de ventilação do teto.

- Vai ficar mais quente daqui a pouco. Na volta para o sofá, ela disse:

- Não estou sentindo meus dedos do pé e da mão. Tierney pôs o dedo médio entre os dentes e com eles tirou a luva, depois fez sinal para ela sentar no sofá em que ele estava.

- Sente aqui e tire suas botas.

Ela sentou ao lado dele, tirou as luvas e depois as botas molhadas.

- Você sabia que elas não iam manter meus pés secos.

- Foi só um palpite sensato.

As meias estavam molhadas, e também as pernas da calça, do joelho para baixo. A roupa tinha sido escolhida pela estética, não para protegê-la da nevasca.

Ele deu um tapinha na própria coxa.

- Apoie sua perna aqui.

Lilly hesitou mas acabou pondo as duas pernas sobre as coxas dele. Ele tirou as meias finas. Ela não reconheceu o próprio pé. Estava branco como a neve, completamente exangue. Tierney apertou com as duas mãos e começou a esfregar vigorosamente.

- Isso vai doer - ele avisou.

- Já está doendo.

- Tem de recuperar a circulação.

- Você algum dia já escreveu alguma coisa sobre como sobreviver numa nevasca?

- Não por experiência própria. E agora percebo como aquele artigo era presunçoso e mal informado. Está melhor?

- Meus dedos estão formigando.

- Isso é bom. É sinal de que o sangue está voltando para eles. Está vendo? Já estão ficando cor-de-rosa. Dê-me o outro pé.

- E os seus?

- Eles podem esperar. Minhas botas são à prova d'água. Lilly trocou de perna. Ele tirou a meia, segurou o pé dela com as duas mãos e começou a massagear para recuperar a sensibilidade. Mas não tão rápido como antes. Apertava só de leve cada dedo. com o polegar, ele seguia o arco do pé, até os dedos e de volta para o calcanhar.

Lilly observava suas mãos. Ele observava as próprias mãos. Nenhum dos dois disse nada.

Finalmente ele envolveu o pé dela carinhosamente entre as palmas das suas mãos e virou-se para ela, ficando cara a cara, tão próximos que ele conseguia ver cada cílio separado, molhado com a neve.

- Está melhor? - ele perguntou.

- Muito. Obrigada.

- De nada.

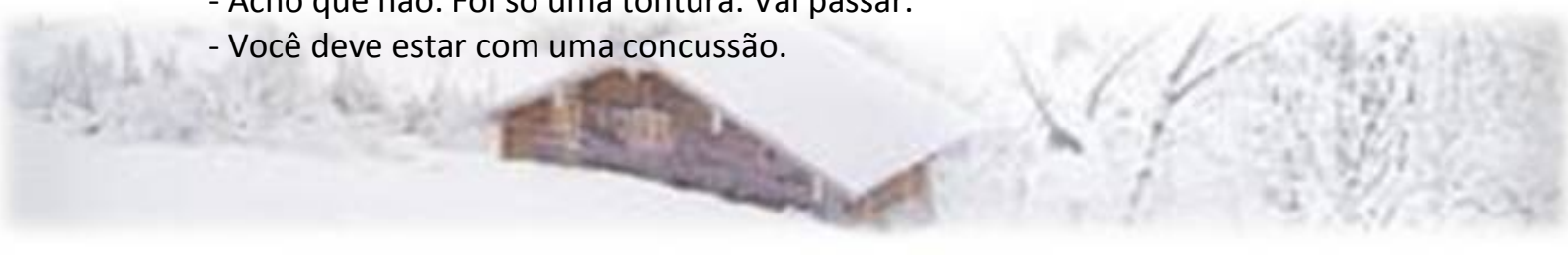
Tierney não se mexeu para liberar o pé dela, Lilly é que teve de tirá-lo das mãos dele. Ela tirou as pernas de cima das coxas dele. E o fato de ir buscar um par de meias secas no bolso do casaco possibilitou afastar-se sem constrangimento.

Observou-o pelo canto dos olhos quando ele se abaixou para desamarrar os cadarços da sua bota de montanhista. Mas, mesmo depois de desamarrar os dois, continuou abaixado. Apoiou o cotovelo no joelho e encostou a cabeça na mão.

- Vai vomitar de novo? - Lilly perguntou.

- Acho que não. Foi só uma tontura. Vai passar.

- Você deve estar com uma concussão.



- Devo, não, estou sim.

- Eu sinto muito mesmo.

O tom de desculpas fez Tierney levantar a cabeça.

- Por que deveria sentir alguma coisa? Se não fosse por mim, você não teria batido o carro.

- Não enxergava nada além do capo. E de repente você estava lá, bem na minha frente, e...

- Foi culpa minha tanto quanto sua. Eu vi os faróis do seu carro virando a curva, não queria perder minha única esperança de carona para a cidade, por isso comecei a correr, o mais rápido que podia. Peguei impulso demais descendo a ladeira. E quando dei por mim, não estava à beira da estrada, estava no meio da estrada.

- Foi burrice minha frear com tanta força.

- Ato reflexo - ele disse com um gesto de deixa pra lá. - De qualquer modo, não precisa se culpar. Talvez eu tenha sido posto no seu caminho por algum motivo.

- Você provavelmente salvou a minha vida. Se estivesse sozinha, teria ficado no carro e de manhã estaria congelada.

- Então foi sorte eu aparecer.

- O que você estava fazendo aqui no topo a pé?

Ele se abaixou e tirou a bota do pé direito.

- Admirando a vista.

- Hoje?

- Eu estava fazendo uma caminhada na vertente.

- com uma tempestade a caminho?

- As montanhas têm um charme diferente nos meses de inverno. - Ele tirou a segunda bota, jogou para o lado e começou a massagear os dedos do pé. - Quando me aprontei para começar a descer para a cidade, o carro não quis pegar. Acabou a bateria, eu acho. De qualquer modo, em vez de seguir pela estrada e todas aquelas curvas, resolvi pegar um atalho pela floresta.

- No escuro?

- Pensando bem agora, não foi uma decisão muito inteligente mesmo. Mas eu poderia me dar bem se a tempestade não tivesse chegado tão rápido.

- Eu também calculei mal. Adormeci estupidamente e... Ela parou de falar ao notar que ele piscava muito rápido, como se quisesse afastar uma vertigem. - Você vai desmaiar?

- Pode ser. Essa maldita tontura.

Ela se levantou e pôs as mãos nos ombros dele.

- Recoste aí, deite a cabeça.

- Se eu desmaiar, acorde-me. Não devo dormir com uma concussão.

- Prometo que vou mantê-lo acordado. Agora deite-se. Mesmo assim, ele resistiu.

- vou manchar seu sofá de sangue.

- Acho que isso não tem muita importância. Além do mais, esse sofá não é mais meu.

Ele cedeu e deixou Lilly empurrá-lo para trás até encostar a cabeça na almofada.

- Está bem agora?

- Estou, obrigado.

Ela foi para o outro sofá e, morrendo de frio apesar do casaco, enrolou-se na manta de lã.

Tierney estava de olhos fechados, mas disse:

- Não é mais seu sofá? Ouvi dizer que essa casa estava à venda. Foi vendida?

- O contrato foi assinado ontem.

- Quem comprou? Alguém da cidade?

- Não, um casal de aposentados de Jacksonville, na Flórida, que quer passar os verões aqui.

Ele abriu os olhos e examinou a sala. A cabana tinha todo o tipo de conforto moderno, mas havia sido construída e decorada para parecer rústica, combinando com o ambiente da montanha. A mobília era toda de móveis grandes e aconchegantes, projetados para dar conforto, mais do que para chamar atenção.

- Eles compraram uma casa de campo maravilhosa.

- É, compraram sim. - Lilly olhou em volta, avaliando a solidez da construção. - Vamos ficar bem aqui, não vamos? Pelo tempo que a tempestade durar, quero dizer.

- De onde vem a água?

- De um reservatório num platô a meio caminho daqui para a cidade.

- Vamos torcer para que os canos ainda não tenham congelado. Lilly se levantou e deu a volta no bar que separava a sala principal da cozinha.

- Temos água - ela anunciou quando a água saiu da torneira.

- Tem algum recipiente para pôr a água?

- Os utensílios de cozinha foram incluídos na venda da casa.

- Comece a encher cada pote e cada panela que tiver. Precisamos juntar toda a água potável possível antes dos canos congelarem. Sorte que você tinha aquela comida na mala do carro. Não vamos morrer de fome.

Lilly encontrou uma panela grande que tinha usado no Dia de Ação de Graças e botou na pia, embaixo da torneira. Quando voltou para a sala, apontou para a lareira.

- Tem lenha empilhada na varanda.

- É, mas notei quando chegamos que está quase toda molhada, e as achas não foram afinadas.

- Muito observador.

- Tenho o dom de assimilar detalhes com muita rapidez.

- E, já notei isso.

- Quando?

- Quando? - ela repetiu.

- Quando foi que notou esse meu jeito para observar os detalhes? Esta noite, ou naquele dia, no último verão?

- Nos dois, eu acho. Pelo menos em nível subconsciente. Ela ficou imaginando quais detalhes nela aqueles olhos azuis tão atentos tinham captado rápido, naquela noite e em junho.

- Por que você telefonou para ele?

Aquela pergunta direta parecia fora do contexto. Mas na verdade não era. Lilly olhou para o telefone celular, que tinha deixado em cima da mesa de centro, bem a mão para o caso de tocar.

Antes de dar tempo para Lilly responder, Tierney disse:

- Eu soube que vocês se divorciaram.

-É.

- Então por que ligou para ele esta noite?

- O Dutch é chefe da polícia de Cleary agora.

- Soube disso também.

- E ele que vai cuidar das emergências por causa da tempestade. Ele tem autoridade para fazer o socorro chegar até nós, se puder.

Ele ficou pensando no assunto alguns segundos, depois olhou para a porta.

- Ninguém vai subir a serra esta noite. Já se deu conta disso? Ela fez que sim com a cabeça.

- Acho que esta noite estamos por nossa conta. Reagindo ao súbito nervosismo, Lilly enfiou as mãos no fundo dos bolsos do casaco.

- Ah, o estojo de primeiros socorros! - exclamou. - Tinha quase esquecido.

Tirou o estojo do bolso. Era uma pequena caixa de plástico branco com uma cruz vermelha na tampa, algo que uma mãe conscienciosa poria na bolsa antes de uma ida ao parquinho. Lilly abriu a caixa e verificou o que tinha dentro.

- Infelizmente não tem muita coisa aqui. Mas esse ferimento na sua cabeça deve pelo menos ser lavado com uma dessas compressas desinfetantes. - Ela olhou para ele desconfiada. - Quer você mesmo tirar seu boné, ou confia em mim e quer que eu tire? De qualquer modo, sr. Tierney, acho que vai doer.

- Lilly?

- Humm?

- Por que de repente eu passei a ser sr. Tierney? Ela sacudiu os ombros pouco à vontade.

- Parece, eu não sei, mais apropriado. Nessas circunstâncias.

- E as circunstâncias são estarmos aqui isolados por um período de tempo indefinido, dependendo um do outro para sobreviver?

- O que é bastante constrangedor.

- Por que constrangedor?

Ela franziu a testa para ele por ser tão obtuso.

- Porque, a não ser por aquele dia no rio, não nos conhecemos. Quando ele se levantou, balançou visivelmente. Mas estava bem firme nos pés quando caminhou lentamente para perto dela.

- Se acha que somos desconhecidos, então não se lembra mais do dia em que nos conhecemos do jeito que eu me lembro.

Lilly deu um passo para trás e balançou a cabeça, para afastar as lembranças de um dia ensolarado ou para manter distância dele. Ela não sabia bem qual dos dois era o motivo.

- Olha aqui, Tierney...

- Graças a Deus. - Ele deu aquele sorriso desconcertante que Lilly lembrava com detalhes perturbadores. - Voltei a ser Tierney.

- Tierney? - o agente especial no comando, Kent Begley repetiu o nome.

- Isso mesmo, senhor. T-i-e-r-n-e-y. Primeiro nome Ben respondeu o agente especial Charlie Wise.

Todos no FBI de Charlotte chamavam Charlie Wise pelo apelido, Hoot. Alguém, que ninguém conseguia lembrar quem era, especificamente, tinha associado o sobrenome dele com uma coruja que pia. E o nome combinava com ele porque Wise usava óculos com armação de casco de tartaruga com lentes grandes e redondas, o que fazia com que parecesse realmente uma coruja. Begley espiava por essas lentes neste momento, olhava diretamente para os olhos bem abertos de Hoot, dando uma daquelas encaradas cuja intensidade os subordinados consideravam enlouquecedora. Pelas costas de Begley, é claro.

Begley era crente renascido fiel, e tinha sempre à mão uma grande Bíblia com seu nome gravado com letras douradas na capa de couro preto. Tinha a aparência usada de ser lida com freqüência. Ele sempre citava os versículos.

Uma das marcas da rigidez moral de Begley era o uso de palavras chulas ou sugestivas. Ele não tolerava e não permitia isso dos homens e mulheres que serviam sob suas ordens. Ele mesmo só usava palavrões quando achava que eram absolutamente necessários para se fazer entender... o que acontecia mais ou menos a cada dez segundos.

Hoot era um agente confiante, capaz e inabalável. Ele se encolhia menos do que a maioria diante dos olhares enlouquecedores de Begley. Ninguém conhecia sua perícia nas provas de tiro, mas, sem dúvida, ele era rápido no gatilho no computador. Era especialmente bom em pesquisa, e nisso seu talento era insuperável. Se Hoot não conseguia descobrir algum dado, era porque esse dado não existia.

Ele enfrentou o olhar cortante do chefe com classe.

- Já estou investigando Ben Tierney há alguns dias, e surgiram alguns fatos interessantes.

- Estou ouvindo.

Begley apontou a cadeira na frente da mesa dele para Hoot, mas, como ainda estava olhando para ele com aquela expressão que dizia que era melhor o agente não desperdiçar seu tempo, Hoot começou a falar antes mesmo de sentar.

- Nos dois últimos anos, Ben Tierney esteve indo e vindo na região, especialmente aqui em Cleary, a cada dois ou três meses. Ele fica algumas semanas, às vezes um mês, depois segue em frente.

- Há muita gente que passa o fim de semana aqui. Gente de férias - disse Begley.

- Estou sabendo disso, senhor.

- Então por que ele é especial? As visitas dele a Cleary coincidem com os desaparecimentos?

- Sim, senhor, coincidem. Ele fica numa cabana a cerca de quatro quilômetros do centro da cidade. Cabanas particulares com quitinetes, varandas com vista para uma cachoeira e lago particular.

Begley meneou a cabeça. Conhecia o tipo de lugar que Hoot descrevia. Havia centenas deles naquela região do estado, onde o turismo constituía a principal fonte de renda para as pequenas comunidades das montanhas. Atividades ao ar livre como pesca, caminhadas, acampamentos e canoagem eram as maiores atrações.

- Segundo o gerente da pousada, o sr. Tierney sempre reserva a maior cabana. A número oito. Dois quartos, sala com lareira. E isso eu acho significativo. É ele que faz a faxina. Não importa o tempo que ele se hospeda, é ele que vai pegar roupa de cama limpa na recepção duas vezes por semana e recusa o serviço de arrumadeira diário.

- Não parece nada agressivo, Hoot.

- Mas é esquisito.

Begley saiu de trás da mesa e foi até o cavalete com o quadro de cortiça que Hoot tinha levado para a sala antes da reunião. No quadro, havia fotos das cinco mulheres desaparecidas da região de Cleary pregadas com tachinhas e com os dados de cada uma: data de nascimento, número da carteira de motorista e do serviço de seguridade social, data do desaparecimento, descrição física, membros da família e amigos mais íntimos, interesses e hobbies, filiações religiosas, nível de escolaridade, contas em bancos ou outras fontes de recursos - e nenhuma com qualquer saque suspeito -, local onde foi vista pela última vez e qualquer outra coisa que pudesse ajudar a localizar a mulher ou apontar para o desconhecido que a abduzira, que neste caso tinha sido apelidado de Azul.

- Esse Tierney se encaixa no perfil do criminoso sexual em série?

Apesar de ainda não ter sido determinado que crimes sexuais tivessem sido cometidos contra as mulheres desaparecidas, era senso comum que esse era o motivo para o seqüestro delas.

- Sim, senhor. Ele é branco. Mais ou menos solitário. Casado uma vez, por pouco tempo. Atualmente divorciado.

- E a ex-mulher?

- Casou de novo.

- O que você sabe sobre o casamento e o divórcio?

- Perkins está trabalhando nesse ângulo para mim. Está averiguando.

- Continue.

- Ele tem quarenta e um anos de idade. Tem passaporte americano e carteira de motorista da Virgínia. Um metro e oitenta e oito de altura. Noventa quilos. Pelo menos era isso que pesava quando renovou a carteira, dois anos atrás. Cabelo castanho. Olhos azuis. Sem barba, tatuagens ou cicatrizes visíveis.

"O gerente da pousada diz que ele é educado e discreto, que dá gorjeta para a arrumadeira apesar de não utilizar seus serviços. Tem um cartão de crédito principal.

Usa para quase tudo e paga o total todo mês. Não tem nenhuma dívida importante. Não tem problemas com a receita federal. Dirige um modelo atual de Jipe Cherokee. Registro e seguro em ordem."

- Parece um cidadão de bem, um príncipe entre os homens. Apesar dessa observação, Begley sabia que a aparência e a atitude de um indivíduo podiam camuflar uma mente criminosa, psicótica ou sociopata. Em sua longa carreira, tinha se deparado com gente bastante doente.

Havia a mulher que enviuvou seis vezes antes de alguém ter a idéia de investigar aquela bizarra coincidência. A desculpa que ela deu para matar os maridos, cada um de um jeito diferente e muito criativo, foi que simplesmente adorava organizar funerais. Ela era roliça como uma codorna e bonita como um pêssego. Ninguém podia imaginar que seria capaz de matar uma mosca.

E havia também o cara que se fantasiava de Papai Noel todo Natal no shopping do bairro. Alegre e bondoso, querido por todos que o conheciam, punha as crianças sentadas no colo e ficava ouvindo o que elas queriam ganhar no Natal, dava pirulitos, lembrava que elas não deviam ser más e desobedientes e depois escolhia uma para violentar, antes de desmembrar o corpo e guardar várias partes nas meias do Natal que pendurava no console da lareira. Ho, ho, ho.

Begley não se surpreendia com mais nada, principalmente com um seqüestrador de mulheres bem-educado, que dava gorjetas generosas e pagava suas contas em dia.

- E quanto aos amigos dele? - perguntou Begley. - Ele já recebeu alguém nessa cabana que aluga?

- Ninguém. "Ele é muito na dele", para citar o sr. Gus Elmer, o proprietário da pousada.

Begley olhou fixo para uma foto de Laureen Elliott, a terceira mulher a desaparecer. Tinha permanente no cabelo e um sorriso doce. O carro dela havia sido encontrado numa churrascaria entre a clínica onde trabalhava como enfermeira e a casa dela. Não pegou a encomenda de costelas que fez por telefone.

- Onde fica o que Ben Tierney chama de lar?

- Ele recebe a correspondência num apartamento próprio na Virgínia, na periferia de D.C. - respondeu Hoot. - Mas raramente fica lá. Viaja muito.

Begley se aproximou.

- Nós sabemos por quê?

Hoot remexeu na pilha de material impresso que levara para lá e pegou uma revista popular de esportes e atividades ao ar livre.

- Página trinta e sete.

Begley pegou a revista e folheou até chegar à página. Encontrou uma história sobre canoagem no rio Colorado.

- Ele é escritor freelance - explicou Hoot. - Parte em aventuras e viagens em busca de emoções, escreve sobre elas, vende os artigos para revistas que atendem a interesses específicos. Alpinismo, montanhismo, asa-delta, mergulho, trenó puxado por cães. Pode citar qualquer atividade dessas, que ele já praticou.

Acompanhava o artigo uma fotografia colorida de dois homens na margem pedregosa de um rio, com água branca ao fundo. Um dos homens tinha barba e era atarracado, bem mais baixo do que um metro e oitenta e oito. Era identificado embaixo da foto como o guia da viagem.

O outro canoísta, sorridente, combinava com a descrição de Tierney. Um sorriso largo e claro, num rosto magro e bronzeado. Cabelo despenteado pelo vento. Batatas da perna duras como bolas de beisebol. Braços esculpidos. Abdômen como tanquinho. O David de Michelangelo de short cheio de bolsos.

Begley fez cara feia para Hoot.

- Você está gozando com a minha cara? Ele é o tipo de homem para o qual as mulheres jogam suas calcinhas.

- Ted Bundy tinha fama de ser o queridinho das mulheres, senhor.

Begley bufou e deu razão ao agente.

- E quanto às mulheres?

- Relacionamentos?

- Ou como queira chamar.

- Os vizinhos dele na Virgínia mal o conhecem porque ele raramente fica lá, mas são unânimes em dizer que jamais viram uma mulher na casa dele.

- Um solteiro bonitão como ele? - perguntou Begley. Hoot deu de ombros.

- Ele pode ser gay, eu acho, mas nada indica que é.

- Pode ter uma amante escondida em algum outro lugar arriscou Begley.

- Se tem, não encontramos nenhuma prova. Nenhum relacionamento mais longo. Nem curto, aliás. Mas, como já disse, ele viaja muito. Talvez, sabe como é, arrume um romance onde e quando pode.

Begley ficou ruminando isso. Estupradores em série ou matadores de mulheres raramente cultivavam ou mantinham relacionamentos saudáveis e duradouros. Na verdade, tinham sempre uma raiva muito intensa das mulheres. Dependendo da psique do criminoso, a hostilidade podia ficar latente e bem escondida, ou então se manifestava abertamente. De qualquer modo, costumava se concretizar em atos violentos contra o sexo feminino.

- Tudo bem, você despertou meu interesse - disse Begley -, mas espero que tenha coisa melhor do que isso.

Hoot mexeu de novo nos papéis. Encontrou a folha que estava procurando e disse:

- Isso aqui é uma citação do diário de Millicent Gunn. 'Vi B.T. outra vez hoje. Segunda vez nos últimos três dias. Ele é legal demais. Sempre muito gentil comigo.'

A palavra muito está sublinhada, senhor. Acho que ele gosta de mim. Sempre pára para conversar comigo, apesar de eu ser gorda.' Isso ela escreveu três dias

antes de desaparecer. Os pais dela afirmam que nenhuma amiga ou amigo dela se chama B.T. Não conhecem ninguém com esse nome ou essas iniciais.

- Gorda?

- Ao contrário, a srta. Gunn é anoréxica e bulímica. Begley fez que sim com a cabeça, pois tinha lido no relatório sobre ela ter sido hospitalizada no ano anterior.

- Sabemos onde ela viu esse B.T. duas vezes em três dias?

- Foi isso que me fez ir atrás de Ben Tierney. Fui investigar para ver quem B.T. poderia ser. O primeiro lugar lógico para procurar foi no colégio. Não encontrei nada. Todos os B.T. eram meninas.

"O segundo lugar mais lógico seria onde Millicent trabalha. Ela era vendedora em meio expediente na loja do tio. Além de ferragens e equipamento de jardinagem, ele vende..." Hoot fez uma pausa e empurrou os óculos para cima, "artigos esportivos, roupas e equipamento."

Begley virou de novo para o quadro de cortiça e ficou estudando as fotos das cinco possíveis vítimas enquanto apertava pensativo o lábio inferior. Concentrou-se na primeira.

- Ele estava em Cleary quando Torrie Lambert desapareceu naquela trilha na montanha?

- Eu não sei - admitiu Hoot. - Até agora não tive prova de que ele tenha estado lá no dia em que ela desapareceu. Mas ele definitivamente estava na cidade logo depois.

O registro da pousada confirma isso.

- Talvez depois de Torrie Lambert, ele tenha concluído que as opções na área eram boas, por isso voltou e continuou voltando desde então.

- E exatamente isso que eu penso, senhor.

- Ele viaja. Você já pesquisou casos semelhantes de pessoas desaparecidas perto de alguns dos destinos dele?

- Perkins está trabalhando nisso também.

- ViCAP, NCIC? - perguntou Begley, referindo-se às redes de informação largamente usadas pelas agências mantenedoras da lei.

- Nada. - Depois de uma breve pausa, Hoot continuou: Mas ainda não sabemos de todos os lugares em que esteve. Estamos revendo as contas do cartão de crédito dele a fim de verificar para onde foram essas viagens nos últimos anos, para depois cruzar com nossos casos não resolvidos nesses lugares específicos. É um trabalho tedioso e que consome muito tempo.

- Ele por acaso estava na vizinhança de Cleary quando Millicent Gunn desapareceu?

- Ele se registrou na cabana da pousada uma semana antes dos pais darem queixa do desaparecimento dela.

- O que os rapazes da regional acham dele?

- Não passei essa informação para eles, senhor. Begley se aproximou de Hoot.

- Então vou refazer a pergunta. O que eles acham de você estar trabalhando no caso?

Havia uma filial da agência mais perto de Cleary do que Charlotte. Hoot tinha sido transferido de lá para a subsede de Charlotte um ano e um mês antes, mas aquela investigação do desaparecimento de Torrie Lambert e suposto seqüestro havia começado na regional que cobria aquela jurisdição.

- Esse caso é meu desde o início, senhor. Os homens da subsede reconhecem isso, e aliás ficaram felizes de deixar por minha conta. Eu gostaria de ir até o fim, senhor.

Passaram vinte segundos de silêncio, e Begley continuou a examinar as fotografias no quadro de cortiça. De repente deu meia-volta.

- Hoot, eu acho que vale a pena irmos até lá conversar com o sr. Tierney.

Hoot ficou atônito.

- O senhor e eu? Senhor.

- Não faço trabalho de campo há muito tempo.

Begley olhou em volta da sala dele como se as paredes subitamente o sufocassem.

- Vai ser bom para mim.

Depois de tomar essa decisão, Begley passou imediatamente a planejar o curso de sua ação.

- Não quero que se espalhe por Cleary que estamos investigando Ben Tierney. Como foi que você explicou seu interesse para aquele... como é mesmo o nome? Do dono da pousada?

- Gus Elmer. Eu disse para ele que Tierney era candidato a um prêmio humanitário na universidade dele, e que tudo sobre sua vida estava sendo analisado.

- E ele engoliu essa?

- Ele só tem três dentes, senhor.

Begley meneou a cabeça distraído, já pensando lá na frente.

- E vamos ocultar isso da polícia local o máximo de tempo possível também. Não quero que eles sejam alertados e dar-lhes a chance de ferrar tudo, se esse cara for o Azul. Qual é o nome do babaca?

- Tierney.

- Não esse babaca - ele disse impaciente -, o chefe de polícia.

- Burton. Dutch Burton.

- Certo. Ele não tem uma história?

- Trabalhava na polícia de Atlanta - explicou Hoot. - Excelente detetive da Homicídios. Recebeu comendas. Histórico impecável. Então desandou, começou a beber demais.

- Por quê?

- Problemas de família, eu acho.

- Não importa, o fato é que levou um pé na bunda. Agora eu lembrei.

Begley estava recolhendo as coisas dele, inclusive o telefone celular, o porta-retrato com a fotografia da mulher com quem era casado há trinta anos e os três filhos, e sua Bíblia. Tirou o casaco do cabide de pé e vestiu.

- Traga tudo isso aí. - Ele apontou para as pastas de arquivos do caso que estavam no colo de Hoot. - vou lendo enquanto você dirige.

Hoot se levantou e, com ar preocupado, deu uma espiada pela janela, observando a noite que caía sobre a cidade.

- Quer dizer que vai... Nós vamos esta noite?

- Vamos agora mesmo, porra.

- Mas, senhor, a previsão do tempo.

Hoot recebeu o tfatamento enlouquecedor concentrado, sem diluição, do olhar de Begley. Não tremeu, mas pigarreou antes de continuar a falar.

- Estão prevendo temperaturas recordes de congelamento, gelo, neve e tempestade, especialmente naquela região do estado. E nós estaríamos indo bem na direção disso.

Begley apontou para o quadro de cortiça.

- Você quer arriscar um palpite sobre o que aconteceu com aquelas mulheres, Hoot? Que tipo de tortura doentia você acha que esse safado inventa antes de matá-las?

- Eu sei, eu sei, não sabemos com certeza absoluta que elas estão mortas, porque não apareceu nenhum corpo ainda. Gostaria de pensar que vamos encontrá-las vivas e bem, mas já lido com esse tipo de merda há mais de trinta anos.

- Vamos encarar os fatos, Hoot, a possibilidade é grande de só localizar os ossos, e apenas isso restará daquelas mulheres que tinham futuro, sonhos e pessoas que as amavam. Agora, será que consegue olhar para aquelas fotos e ainda reclamar de um pouco de mau tempo? Hein?

- Não, senhor.

Begley deu meia-volta, partiu para a porta com passos largos, e disse no caminho:

- Foi o que pensei.

Tierney tinha tirado o boné da cabeça com um único movimento rápido. Lilly estava ao lado dele, com uma toalha na mão. Isso tinha acontecido há quinze minutos, e o ferimento na cabeça dele continuava sangrando. A toalha estava quase toda encharcada.

- A cabeça sempre sangra muito - ele disse quando ela manifestou preocupação. - Todos aqueles capilares lá em cima.

- Põe essa outra toalha. - Lilly passou a toalha para ele e estendeu a mão para pegar a ensangüentada.

Ele a impediu.

- Você não precisa tocar nisso. Eu levo para o banheiro. Imagino que seja por ali, não? - Ele apontou para a porta do quarto.

- À direita.

- vou lavar esse sangue no meu cabelo. Quem sabe a água fria ajude a estancar o sangramento.

Desequilibrado como um bêbado, ele foi andando para o quarto, segurou-se no batente da porta e virou para trás.

- Continue enchendo todos os recipientes que encontrar com água. Os canos vão congelar logo. Vamos precisar de água para beber.

Ele desapareceu no quarto e acendeu a luz. Lilly notou que Tierney deixara uma mancha de sangue no batente da porta.

Quando disse: "Graças a Deus. Voltei a ser Tierney", ele deu aquele sorriso relaxado e natural que ela lembrava do verão anterior. Tinha afastado o constrangimento dela, que agora parecia tolo e juvenil.

Não sabia muita coisa sobre ele, mas não era um completo desconhecido. Havia passado um dia inteiro com ele. Conversaram. Deram risada. E, desde então, ela leu seus artigos e ficou sabendo que Tierney era um escritor respeitado e publicado com freqüência.

Então por que tinha agido feito boba?

Bem, para começar, aquela situação era bem bizarra. Desgraças como aquela aconteciam com outras pessoas. Experiências extraordinárias de sobrevivência apareciam sempre na mídia. Não aconteciam com Lilly Martin.

No entanto ali estava ela, vasculhando uma cozinha que não lhe pertencia mais, à procura de recipientes para encher com a água vital para ela e para um homem que mal conhecia, com quem podia ficar encurralada naquele espaço exíguo por vários dias.

E tinha de admitir que, se Tierney não fosse tão atraente, tão másculo, provavelmente não estaria tão nervosa de ficar lá isolada com ele. Se não tivessem passado aquele dia juntos à beira do rio no último verão, estar confinada naquela casa pequena talvez fosse menos constrangedor.

- A água ainda está saindo?

Ela deu um pequeno pulo de susto quando ele falou bem de perto, atrás dela. ,

- Está, felizmente.

Lilly se afastou da pia onde enchia mais uma panela de água. Tierney segurava uma toalha na parte de trás da cabeça. O cabelo dele estava molhado.

- Como está a cabeça?

- Doeu quando a água passou por cima, especialmente porque está fria demais. Mas acho que o gelo acabou anestesiando. Ele tirou a toalha que estava manchada com sangue vivo, mas a quantidade tinha diminuído substancialmente. - E ajudou a diminuir o sangramento também. Quer dar uma olhada?

- Eu já ia pedir.

Ele subiu num dos bancos do bar, sentou de frente para o encosto. Lilly pôs o estojo de primeiros socorros em cima do balcão, foi para trás de Tierney e, depois de hesitar um pouco, separou o cabelo dele logo abaixo do topo da cabeça.

- E então? - ele perguntou.

O corte era largo, comprido e profundo. Para o olhar inexperiente de Lilly, parecia feio. Ela soltou o ar ruidosamente pela boca.

Ele deu uma breve risada.

- Tão ruim assim?

- Você já viu melões maduros demais com a casca rachada? -Ai.

- E está muito inchado em volta.

- E, senti isso quando estava lavando a cabeça.

- Eu diria que deve precisar de uns doze pontos, pelo menos. Tierney tinha pendurado a toalha suja de sangue no pescoço.

Pegou uma ponta e encostou de leve no ferimento.

- A boa notícia é que não está mais jorrando sangue, latejando. Está apenas escorrendo um pouco.

Havia apenas quatro compressas desinfetantes no estojo, cada uma dentro de um envelope. Lilly rasgou um deles e tirou um quadrado de gaze encharcado numa solução antibacteriana. Não era muito maior do que um cream cracker. Mas se o

cheiro indicava a potência da solução, ia arder. A idéia de aplicar aquilo no ferimento aberto fez o estômago de Lilly dar uma cambalhota.

- Prepare-se - ela disse, sem ter muita certeza se o aviso era para Tierney ou para ela mesma.

Ele agarrou o encosto do banco e apoiou o queixo nas costas da mão.

- Pronto.

Mas, no instante em que Lilly encostou a gaze na carne viva, ele fez uma careta. E sibilou, respirando pela boca rapidamente. com a esperança de distraí-lo, Lilly começou a falar.

- Fico surpresa de você não ter um estojo de primeiros socorros na sua mochila. Já que é um montanhista experiente.

Tierney havia deixado a mochila no chão assim que chegaram à cabana, e não tocara nela desde então, a não ser para empurrá-la para baixo de uma mesa de canto, fora do caminho.

- Um esquecimento estúpido. Na próxima vez não saio sem um.

- Há mais alguma coisa na sua mochila? - ela perguntou.

- Como o quê?

- Algo útil?

- Não, o passeio era leve hoje. Uma barra energética. Garrafa de água. E acabei com as duas coisas.

- Então, por que a trouxe para cá?

- Perdão?

- A sua mochila. Se não tem nada de útil dentro, por que a trouxe para cá?

- Deus me livre que você pense que sou um maricas - ele disse -, mas será que já acabou aí? Está queimando que nem o fogo do inferno.

Lilly assoprou de leve o corte, depois chegou para trás e examinou melhor.

- Eu cobri tudo com o anti-séptico. Parece muito inflamado.

- A sensação é de inflamação mesmo. - Ele pegou o estojo de primeiros socorros e inspecionou o conteúdo limitado. - Tiro par ou ímpar com você para ver quem fica com as aspirinas.

- Pode ficar.

- Obrigado. Você tem um daqueles pequenos estojos de costura? Que são como uma caixa de fósforos? Para emergências, como um botão que cai.

O estômago de Lilly se apertou.

- Por favor, não me peça para fazer isso.

- O quê?

- Costurar o corte.

- Você não faria?

- Eu não tenho um estojo de costura.

- Sorte sua. Tesourinha de unhas?

- Isso eu tenho.

Enquanto ele engolia duas aspirinas, ela tirou a bolsinha de maquiagem da bolsa e pegou uma tesourinha de unhas.

- bom - ele disse. - A propósito, aquela panela está cheia. Lilly trocou a panela embaixo da torneira por uma jarra de plástico. Ele abriu a embalagem de um curativo.

- Vamos cortar a parte aderente em tiras. E pregá-las como cadarço, fechando o ferimento. Não são pontos, mas talvez ajudem a fechar o corte.

Os dedos dele não cabiam nas pequenas argolas da tesourinha.

- Dê aqui, deixe que eu faço.

Lilly pegou o curativo e a tesourinha, cortou a parte aderente em tiras e aplicou-as ao corte, como Tierney havia instruído.

- Agora quase parou de sangrar - ela disse quando terminou.

- Cubra com uma dessas compressas.

Com toda a gentileza possível, Lilly pôs uma das compressas de gaze do estojo sobre o ferimento.

- Vai arrancar seu cabelo quando tirar isso.

- Eu sobrevivo. - E depois, em tom mais baixo, ele acrescentou: - Espero.

07

Assustada com a expressão séria de Tierney, Lilly perguntou:

- Por que disse isso? Você se machucou em mais algum lugar que eu não saiba?

- Pode ser. Todo o lado esquerdo do meu corpo está arranhado e doído. A sensação é de que alguém tentou afastar as minhas costelas com um pé-de-cabra, mas acho que não estou com nenhum osso quebrado.

- Isso é bom, não é?

- É, mas alguma coisa lá dentro pode ter arrebentado. Um rim, o fígado, o baço.

- Você não teria como saber se estivesse com uma hemorragia interna?

- Devia ser assim. Mas já ouvi falar que as pessoas podem morrer de hemorragia interna antes que seja descoberta. Se a minha barriga começar a inchar, esse será um bom sinal de que está se enchendo de sangue.

- Você notou alguma distensão, algum ponto mais dolorido? -Não.

Lilly mordeu o lábio.

- Se existe a possibilidade de você estar com alguma hemorragia, será que devia ter tomado a aspirina?

- Do jeito que minha cabeça está, vale o risco.

Ele desceu do banquinho do bar, foi até a pia da cozinha e tirou a jarra cheia de água.

- Supondo que eu viva, vamos precisar de água potável para um tempo indefinido. Que outros recipientes você tem aí?

Juntos, procuraram na cabana toda e começaram a encher qualquer coisa que pudesse conter água.

- Que pena que você só tem chuveiro. Uma banheira seria muito útil.

Depois de encher de água todas as panelas e potes e até o balde de limpeza, começaram a pensar em outras coisas.

- Qual é a fonte do seu aquecimento, é elétrico? - ele perguntou.

- É gás. Tem um tanque subterrâneo.

- E quando foi a última vez que encheu? <

- Até onde eu sei, no último inverno. Porque como eu ia vender a casa, não me preocupei em encher no outono. E acho que Dutch também não providenciou isso.

- Então pode acabar.

-Acho que sim. Depende de quanto Dutch usou quando eu não estava aqui.

- E quando foi a última vez que você veio para cá?

- Até esta semana, fazia meses.

- Você ficou aqui esta semana?

- Fiquei.

- E o Dutch também?

De repente a ênfase da conversa tinha se distanciado da quantidade de gás propano que restava no tanque. - Essa pergunta não cabe, Tierney.

- Quer dizer que ele também ficou.

- Na verdade, ele não ficou - ela retorquiu irritada.

Ele fixou o olhar nos olhos dela alguns segundos, depois se afastou e foi até o termostato na parede.

- vou deixar a temperatura mais baixa para o gás durar mais. Está bem?

- Está.

- Se o tanque ficar vazio, teremos de contar exclusivamente com a lareira. Espero que você tenha mais lenha do que a que está na varanda. \

Lilly não tinha gostado da insinuação dele de que ela ainda dormia com o ex-marido, mas, presos ali como estavam, não havia espaço para raiva. Deixou o assunto para lá.

- Tem mais lenha guardada num barracão - ela respondeu, apontando lá para fora. - Tem um caminho até lá, que passa pela...

- Eu sei onde é.

- O barracão? Você sabe?

A casinhola tinha sido construída com madeira velha e posicionada de forma que não fosse visível nem da estrada, nem da cabana. Ela se misturava perfeitamente com a paisagem, e era praticamente invisível. Pelo menos era isso que Lilly pensava.

- Como ficou sabendo dessa cabana, Tierney?

- Você me falou dela no verão passado.

Lilly lembrava especificamente o que tinha dito para ele porque, desde aquele dia, repassara a conversa mentalmente mil vezes.

- Contei que tinha uma cabana na região. Não disse onde era.

- É, não disse.

- E então, como sabia o caminho para cá hoje? Ele olhou para ela um longo tempo, e depois disse:

- Eu ando por esta montanha toda. Um dia cheguei à cabana e ao barracão, sem saber que estava em propriedade particular. Acho que invadi, mas não foi de propósito.

Vi a placa que dizia "à venda", e, como gostei do lugar, entrei em contato com o corretor. Fiquei sabendo que era sua e do seu marido, mas que, por causa do divórcio, estavam vendendo. - Ele levantou os braços ao lado do corpo. - Foi assim que fiquei conhecendo a localização da sua cabana.

O olhar que Tierney lançou para Lilly praticamente desafiava qualquer outra pergunta sobre o assunto. Então ele perguntou:

- E afinal, quanta lenha tem no barracão? Um cora? Embora não estivesse disposta a deixá-lo saber tanta coisa sobre ela, Lilly não viu nenhuma vantagem em resistir e gerar má vontade nele.

- Nem chega perto de um cora- ela respondeu.

- Bem, vamos torcer para que o socorro chegue antes de precisarmos começar a quebrar os móveis para queimar.

- Quanto tempo você acha que vão demorar? Quero dizer, para o socorro chegar aqui?

Ele sentou no sofá em que havia uma toalha cobrindo a mancha de sangue nas costas, e encostou a cabeça nela.

- Não deve ser amanhã. Talvez depois de amanhã. Dependendo da tempestade e da quantidade de gelo acumulado, pode demorar até mais.

Lilly lembrou o inverno antes do último, quando uma nevasca bloqueou a estrada da montanha por alguns dias. As pessoas em regiões remotas ficaram isoladas, sem eletricidade, porque as linhas caíram. Em alguns casos, levaram semanas para restaurar o serviço e as comunidades poderem voltar à vida normal. Previam que a tempestade que rugia lá fora seria muito pior e bem mais longa do que aquela.

Sentou no outro sofá e puxou a manta por cima das pernas e dos pés, satisfeita de Tierney ter pensado nas meias extras. Havia pendurado o par molhado nas costas de um dos banquinhos do bar, para secar. As pernas da calça ainda estavam úmidas, mas dava para suportar, desde que os pés estivessem secos e razoavelmente aquecidos.

- Em que temperatura pôs o termostato? - ela perguntou.

- Quinze graus.

- Humm.

- Sei que não é exatamente quente - ele disse. - Você devia vestir aquele outro suéter para melhorar o isolamento térmico. Manter o calor do seu corpo.

Ela assentiu com a cabeça, mas não fez menção de se levantar.

- Quantos graus você acha que está lá fora?

- O vento está abaixo de dezessete graus negativos - ele respondeu sem hesitar.

- Então não vou reclamar de quinze positivos. - Ela olhou para a lareira. - Mas um foguinho seria bom.

- Seria. Mas francamente eu penso que...

- Não, não, você tem razão em querer economizar o combustível. Estava só sonhando em voz alta. É que adoro a atmosfera de uma lareira acesa.

- Eu também.

- Faz a sala parecer mais aconchegante.

- É.

Depois de um tempo, ela perguntou:

- Está com fome?

- Meu estômago ainda está embrulhado. Mas, se você estiver com fome, não precisa ser educada. Coma alguma coisa.

- Eu também não estou com fome.

- Não pense que tem de fazer sala para mim. Eu consigo me manter acordado sozinho. Se estiver cansada ou com sono...

- Não estou.

Não havia hipótese de dormir e correr o risco de deixar Tierney mergulhar na inconsciência, possivelmente um coma. Ele precisava ficar acordado mais algumas horas, e só depois seria seguro adormecer. Além do mais, o cochilo daquela tarde tinha sido suficientemente longo para evitar a sonolência naquele momento.

Falava para preencher o silêncio. Agora que tinham encerrado a conversa, os únicos ruídos na casa eram do vento, dos galhos das árvores batendo nos beirais e do granizo bombardeando o telhado. Ficaram os dois olhando a sala, sem nada, apenas com os móveis. Havia pouca coisa para ver, por isso acabaram se entreolhando. Quando os olhares se encontraram, o vazio da sala os cercou e criou uma intimidade tensa.

Lilly foi a primeira a desviar os olhos. Notou seu telefone celular na mesa de centro entre os dois.

- Se Dutch recebeu meu recado, deve estar dando um jeito para alguém vir até aqui.

- Eu não devia ter dito aquilo. Sobre vocês dois terem ficado juntos aqui.

Com um gesto, Lilly indicou que não era necessário se desculpar.

- Eu só queria saber até que ponto você ainda está envolvida com ele, Lilly.

Ela pensou em contestar aquela necessidade de saber, mas resolveu acabar com o assunto de uma vez por todas. Tudo indicava que ele ia continuar falando nisso até ela responder.

- Telefonei para o Dutch esta noite porque ele é o chefe de polícia, não por qualquer envolvimento pessoal que ainda tenha com ele. O nosso casamento

acabou, mas ele não me deixaria aqui para congelar até a morte, assim como eu não daria as costas para ele numa situação de vida ou morte. Se houver alguma possibilidade, ele vem nos salvar.

- Ele viria correndo salvar você. Duvido se viria por minha causa.

- Por que pensa assim?

- Ele não gosta de mim.

- Pergunto de novo, o que o faz pensar assim?

- Não foi nada que ele fez. Foi mais o que não fez. Eu esbarrei nele numa ocasião. E ele nunca se deu ao trabalho de se apresentar.

- Talvez não tenha sido o momento apropriado.

- Não, acho que é mais do que isso.

- O quê?

- Para começar, sou um forasteiro, não pertenço a este local, e imediatamente desconfiam de mim porque meus tataravós não vieram destas montanhas.

Ela sorriu e reconheceu que Tierney acabava de descrever uma atitude marcante da região.

- As pessoas aqui adotam mesmo essa mentalidade de clã.

- Sou turista, mas tenho vindo para cá com bastante freqüência e muitas pessoas sabem pelo menos meu nome e me cumprimentam quando me vêem. Dizem bem-vindo de volta.

Esse tipo de coisa. Mas sempre que vou à lanchonete do Ritt, para tomar meu café da manhã, continuo sozinho no balcão. Nunca fui convidado para me juntar ao clube dos velhos camaradas que enchem as mesas todas as manhãs. Dutch Burton, Wes Hamer, alguns outros, todos que foram criados aqui. E um grupinho fechado. Não que eu queira ser incluído, mas eles não são gentis o suficiente nem para dizer oi.

- Então aceite um pedido de desculpas por eles.

- Acredite em mim, isso não é tão importante. Mas fico pensando - ele começou a falar e parou.

- O quê?

- Fico pensando se... se o motivo de Dutch me evitar foi o fato de você ter talvez mencionado alguma coisa sobre mim.

Ela abaixou a cabeça.

- Não. Isto é, não até ontem.

Ele não disse nada e, depois de um longo tempo, coube a Lilly preencher o pesado silêncio.

- Fiquei surpresa de vê-lo na cidade. Não acabaram os assuntos que tinha para escrever sobre esta região?

- Não é assunto para artigos que me traz de volta, Lilly.

A isca que ele jogava era perigosa mas sedutora, impossível resistir. Ela levantou a cabeça e olhou para ele. Ele disse:

- Vendi um artigo sobre o dia que passamos no rio.

- Eu sei. Já li.

- Ah, é? - ele perguntou, obviamente satisfeito. Lilly fez que sim com a cabeça.

- Aquela revista de esportes aquáticos e a minha são da mesma editora, por isso recebo exemplares a mais. Estava dando uma olhada num assunto e vi seu artigo.

O fato era que ela estava examinando aquela revista e outras similares havia meses, imaginando se ele teria escrito e vendido algum artigo sobre a excursão de caiaque.

- Um artigo muito bem escrito, Tierney.

- Obrigado.

- De verdade. Suas descrições são muito vividas. Capturam a animação toda que nós sentimos. E o título é muito atraente também. "A Tempestuosa Mulher Francesa."

Ele deu um sorriso de orelha a orelha.

- Achei que isso chamaria a atenção dos desavisados. Teriam de ler o artigo para saber que Mulher Francesa é o nome do rio.

- Texto muito bom.

- Foi um dia muito bom - ele respondeu com uma voz baixa e perturbadora.

Início de junho, verão passado. Os dois num grupo de doze pessoas de uma excursão de caiaque de dia inteiro. Conheceram se no ônibus que transportou os excursionistas rio acima, onde os fizeram descer várias corredeiras classe três e classe quatro.

Igualmente habilidosos, acabaram se entendendo em camaradagem natural, especialmente depois que descobriram que suas carreiras eram, como Tierney disse, "primas íntimas". Ele era escritor autônomo que vendia artigos para revistas. Ela era editora de uma revista.

Quando o grupo se reuniu na margem para almoçar, os dois se afastaram dos outros e sentaram numa grande pedra que se debruçava sobre as corredeiras lá embaixo.

- Você é editora-chefe?! - ele exclamou quando Lilly contou em que trabalhava.

- Há três anos.

- Estou impressionado. Essa revista é excelente.

- Começou como uma revista para a mulher sulista. Agora temos distribuição no país inteiro e os números só crescem a cada edição.

Smart tinha seções de decoração, moda, alimentação e viagens. A leitora alvo era a mulher que combinava prendas domésticas com uma carreira profissional, que queria tudo e que fazia acontecer. Podia ter um artigo sobre como transformar refeições prontas em delícias culinárias apenas acrescentando alguns temperos da despensa da cozinha e servindo a refeição numa louça boa, ou uma previsão da moda de calçados para a próxima estação.

- Nós certamente não excluímos as mães-donas-de-casa do nosso universo de leitoras - ela explicou -, mas nos concentramos mesmo na mulher que quer ser bem-sucedida na firma, que planeja a viagem perfeita de férias da família e que oferece jantares fabulosos que consegue organizar na última hora.

- Isso é possível?

- Você vai descobrir no número de julho.

Rindo, ele brindou ao sucesso dela com a garrafa de água. O sol estava quente e a conversa relaxada. Desenvolveram um entendimento tranqüilo do tipo gosto-do-que-vejo-e-do-que-ouço.

Por mais que tivessem se divertido no rio antes do almoço, relutaram um pouco em retomar a aventura quando o guia anunciou o fim da parada para o almoço.

E durante a tarde toda conversaram sempre que podiam, apesar de serem forçados a se concentrar nos desafios do esporte. Mas estavam sempre conscientes um do outro.

Comunicavam-se com sinais de mão e sorrisos. A admiração pela habilidade um do outro deu abertura a provocações de brincadeira, quando um deles emborcava na água.

Ele emprestou para ela o filtro solar quando Lilly descobriu que não tinha levado o dela. Mas também emprestou para duas adolescentes que flertavam descaradamente com ele e que passaram o dia inteiro procurando chamar a atenção de Tierney.

Quando chegaram ao lugar onde tinham deixado os carros aquela manhã, Lilly seguiu seu caminho, Tierney o dele. Mas depois de jogar seu equipamento no jipe Cherokee, ele correu para perto dela.

- Onde você está hospedada?

- Em Cleary. No verão, passo lá quase todos os fins de semana. Tenho uma cabana na montanha.

- Legal.

- É sim.

As adolescentes pararam o jipe aberto ao lado deles.

- Até mais tarde, Tierney - disse a motorista.

- Ha? Ah, é, claro.

- Você se lembra do nome do lugar? - a outra perguntou. Ele deu um tapinha na testa.

- Está bem guardado na memória.

As duas ignoraram Lilly, deram para Tierney um sorriso de cumplicidade e foram embora, levantando uma nuvem de poeira. Quando acenou para elas, ele balançou a cabeça.

- Garotas de programa procurando encrenca. Então ele virou para Lilly e sorriu.

- Meu orgulho de macho fica ferido de admitir isso, mas você me superou com seus movimentos de rodeio na saída daquela última classe quatro.

Ela fez uma mesura de brincadeira.

- Muito obrigada. Partindo de alguém tão habilidoso como você, isso é um cumprimento verdadeiro.

- O mínimo que posso fazer é pagar um drinque de parabéns para você. Podemos nos encontrar em algum lugar?

Ela apontou com a cabeça para a nuvem de poeira do jipe das garotas.

- Pensei que já tinha planos.

- E tenho - ele disse. - Sair com você.

O sorriso dela falhou. Ficou ocupada procurando as chaves do carro.

- Obrigada, Tierney, mas tenho de recusar.

- Oh. E que tal amanhã à noite?

- Sinto muito, não posso. - Ela respirou bem fundo e olhou para ele. - Meu marido e eu temos um jantar marcado.

O sorriso dele não diminuiu, simplesmente desabou.

- Você é casada - ele disse afirmando, não perguntando. Ela fez que sim com a cabeça.

Ele olhou para o dedo de Lilly, sem aliança. A expressão dele, uma combinação de perplexidade e desapontamento, dizia tudo.

E depois ficaram simplesmente olhando um para o outro, sem dizer nada, uma eternidade, comunicando-se apenas com os olhos, enquanto a luz do sol poente que atravessava as árvores formava sombras malhadas em seus rostos tristes.

Então Lilly estendeu a mão para ele.

- Foi maravilhoso conhecer você, Tierney. Ele apertou a mão dela.

- Digo o mesmo.

- Vou ficar de olho nos seus artigos - ela disse ao entrar no carro.

- Lilly...

- Até mais. Cuide-se.

Lilly fechou a porta do carro rapidamente e foi embora antes de Tierney poder dizer mais alguma coisa.

E essa foi a última vez em que se viram até o dia anterior, quando ela o avistou do outro lado da rua Principal no centro de Cleary. Dutch esbarrou nela quando Lilly parou de repente na calçada.

- O que você está olhando?

Tierney estava subindo no seu Cherokee quando virou para onde Lilly estava. Já ia desviando, e olhou para ela de novo. Os olhos dos dois se encontraram e ficaram assim um tempo.

- Ben Tierney - ela disse, respondendo distraída à pergunta de Dutch.

Ou talvez estivesse apenas dizendo em voz alta um nome que nos últimos oito meses nunca esteve fora da sua mente.

Dutch seguiu o olhar dela para o outro lado da rua de mão dupla e da ilha no meio. Tierney continuava lá parado, meio dentro, meio fora do carro, olhando para ela como se esperasse algum sinal para saber o que devia fazer.

- Você conhece aquele cara? - perguntou Dutch.

- Conheci no verão passado. Lembra o dia que desci as corredeiras da Mulher Francesa de caiaque? Ele fazia parte do grupo.

Dutch abriu a porta da sala do advogado com quem tinham marcado uma reunião para assinar a venda da cabana.

- Estamos atrasados - ele disse, acompanhando Lilly para dentro da sala.

Quando saíram do escritório do advogado meia hora depois, ela olhou para um lado e para outro da rua Principal, à procura do Cherokee preto. Gostaria de ter pelo menos dito oi, mas não havia sinal de Tierney nem do carro dele. E agora, com Tierney sentado a dois metros dela, Lilly achava difícil olhar para ele, e não sabia o que dizer.

Sentiu que ele olhava para ela e resolveu encará-lo. Ele disse:

- Depois daquele dia no rio, telefonei para o seu escritório em Atlanta diversas vezes.

- Os seus artigos não servem para as minhas leitoras.

- Eu não liguei para vender um artigo.

Lilly virou a cabeça e olhou para a lareira vazia. Tinha varrido as cinzas aquela manhã, o que parecia agora ter acontecido há muito tempo.

- Eu sabia por que estava ligando - ela disse em voz baixa. Por isso não podia atender. Pelo mesmo motivo que não podia encontrá-lo para um drinque depois da nossa excursão de caiaque. Eu era casada.

Ele se levantou, deu a volta na mesa de centro e sentou no sofá bem perto dela, forçando Lilly a olhar para ele.

- Agora você não está mais casada.

William Ritt sorriu para a irmã quando ela tirou o prato dele da mesa.

- Obrigado, Marilee. O cozido estava ótimo.

- Que bom que gostou.

- Andei pensando em oferecer um prato especial do dia no cardápio do almoço. Algo diferente cada dia da semana. Quarta-feira, bolo de carne. Sexta-feira, croquetes de caranguejo. Você aceitaria dar a sua receita de cozido para a Linda?

- A receita é da mamãe.

- Oh. Bem, ela não liga mais se você der para alguém, não é? Para qualquer pessoa que ouvisse isso, pareceria frio, mas Marilee conhecia o motivo da insensibilidade de William e não podia condená-lo por isso. O pai e a mãe deles tinham morrido, mas não sentiam falta de nenhum dos dois. Um tinha sido completamente indiferente, o outro inescrupulosamente egoísta. Para eles, tratar os filhos com amor e afeto era um conceito desconhecido.

O pai tinha sido um homem rígido e taciturno. Era mecânico e acordava antes da aurora todas as manhãs, descia a montanha até a oficina de automóveis na cidade onde trabalhava. Voltava para casa na hora do jantar, que consumia metodicamente. Resmungava respostas para perguntas diretas, mas, fora isso, nunca tinha nada a dizer além de críticas ou reprimendas. Depois do jantar tomava um banho e se recolhia ao seu quarto, de porta fechada, isolado da família.

Marilee nunca viu o pai demonstrar prazer por nada, a não ser pela horta que ele cultivava todo verão. Era seu orgulho e sua alegria. Tinha sete anos quando ele pegou o coelhinho de estimação da filha roendo um repolho. Torceu o pescoço do bicho na frente dela e fez a mãe fritar para o jantar. Marilee considerou justiça poética quando ele caiu morto, vítima de um ataque de coração, enquanto roçava os pés de cebola.

A mãe reclamava de tudo e era hipocondríaca. Pelas costas, chamava o marido de caipira ignorante. Durante quarenta anos ela fez questão de deixar bem claro para todo mundo que era muito superior a ele. Seu sofrimento era o centro da vida dela, a ponto de excluir todos em volta.

Quando a saúde debilitada deixou-a praticamente acamada, Marilee tirou uma licença de seis meses do Colégio Cleary para cuidar dela. Uma manhã, quando Marilee foi acordá-la, descobriu que a mãe tinha morrido enquanto dormia. Mais tarde, quando o ministro a consolava com chavões, Marilee só pensava que uma mulher tão amarga e egocêntrica como sua mãe não merecia uma morte tão tranqüila.

Os dois filhos dessas pessoas emocionalmente incapazes aprenderam cedo na vida a ser auto-suficientes. A casa da família ficava do outro lado do pico Cleary, longe da cidade, isolada dos bairros onde as crianças brincavam juntas. Os pais deles não eram nada sociáveis, por isso nem ela nem William tinham aprendido a conviver com os outros. As formas que as pessoas usavam para interagir foram mal ou bem aprendidas na escola.

William era bom aluno e se dedicou aos estudos. Seus esforços foram recompensados com boletins excelentes e prêmios por mérito. Ele tentava fazer amigos com o mesmo ímpeto, mas suas tentativas exageradas em geral obtinham o efeito contrário.

Marilee encontrou a gratificação que faltava na própria vida nas páginas dos livros. William, alguns anos mais velho, foi o primeiro a aprender a ler. Marilee persuadiu o irmão a ensinar-lhe, e quando tinha cinco anos já conhecia literatura melhor do que alguns adultos.

Excetuando os anos que passaram na universidade, ela e William moraram na mesma casa toda a vida. Depois que a mãe morreu, William resolveu que era hora de se mudarem para a cidade. Jamais lhe teria ocorrido que Marilee pudesse ter planos próprios. E também não ocorreu a ela uma vida independente da dele. De fato, ela ficou muito animada com a idéia de deixar a casa feia e triste na montanha, que guardava tantas lembranças infelizes.

Compraram uma casa pequena e bonita numa rua tranqüila. Marilee a transformou num lar confortável, cheio de cor e de luz, de plantas em vasos, tudo que faltava na casa em que foi criada.

Mas, depois de pendurar a última cortina e de decorar o último cômodo, ela olhou em volta e percebeu que nada além das coisas que a cercavam havia mudado. Sua vida não tinha tomado uma direção nova e excitante. A rotina estava mais bonita e melhor mobiliada, mas continuava a mesma rotina.

Quanto à casa da família na montanha, Marilee teria vendido ou deixado apodrecer até que o mato a cobrisse. William, porém, tinha outras idéias.

- A nevasca vai interromper o seu trabalho na casa por algum tempo - ela observou enquanto limpava a mesa de jantar com um pano úmido, empurrando migalhas de pão de milho até a beirada para caírem na palma da sua mão.

Detrás do seu jornal, William disse:

- É verdade. Pode levar dias para alguém conseguir trafegar pela estrada principal. A estradinha que chega até a nossa casa vai demorar ainda mais tempo para ficar desobstruída.

A estradinha à qual ele se referia serpenteava pelo lado oeste da montanha, que era sempre a vertente mais fria, mais escura e a última a mostrar os sinais da primavera.

- Assim que a estrada for reaberta, eu gostaria que você me levasse até lá - ela disse. - Quero ver o que fez na casa.

- A coisa está andando. Espero terminar no próximo verão.

A idéia de William era reformar a casa e alugar para veranistas. Havia dúzias de corretores na região que mantinham as propriedades ocupadas meses a fio no verão e no outono. Ele estava fazendo a maior parte do trabalho sozinho e só contratava alguém quando era absolutamente necessário. Passava praticamente todo o seu tempo livre trabalhando na reforma. A casa teria de ser demolida para ter qualquer atrativo para Marilee. Mas William estava muito animado com o projeto, e por isso ela apoiava.

- Ouvi dizer que a velha casa do Smithson foi alugada por mil e quinhentos durante uma semana, no último verão - ele disse. Acredita nisso? E aquela casa estava praticamente ruindo quando começaram a reforma. A nossa vai ficar muito mais atraente.

- O que você estava fazendo com Wes e Scott Hamer esta tarde, nos fundos da loja?

William abaixou a ponta do jornal e olhou para ela muito sério.

- O quê?

- Hoje à tarde, nos fundos da loja, você...

- Essa parte eu ouvi. O que quer dizer com o que eu estava fazendo com eles?

- Não precisa se ofender, William. Eu apenas perguntei...

- Não estou ofendido. Mas é uma pergunta estranha, só isso. Completamente fora do assunto e imprópria. Daqui a pouco você vai perguntar sobre as receitas que dou para meus clientes, mesmo sabendo que não posso revelar informações pessoais como essa.

A verdade é que William era muito abelhudo e adorava fofocar, muitas vezes sobre os clientes e seus estados de saúde.

- O seu negócio com Wes e Scott era algo pessoal?

Ele suspirou, largou o jornal como se Marilee tivesse estragado a leitura.

- Pessoal mas não confidencial. Wes tinha ligado mais cedo, disse que Dora estava com dor de cabeça e perguntou que analgésico sem receita eu recomendaria. E veio pegar.

William deixou a mesa e foi até o balcão para encher sua xícara de café. Olhou para a irmã por cima da borda da xícara enquanto tomava um gole e disse:

- Por que perguntou? Por acaso imaginou que Wes teria vindo só para paquerar você?

- Ele não estava me paquerando. William olhou para ela com ar malicioso.

- Não estava não - Marilee insistiu. - Estávamos apenas batendo papo.

- Francamente, Marilee, eu não acredito que você fique lisonjeada com as atenções do Wes - ele disse em tom de pena. Ele paquera tudo que tem ovários.

- Não seja grosso.

- Grosso? - Ele cuspiu café quando deu uma risada breve. Você ainda não viu nada, espere até saber o que Wes diz sobre as mulheres. Quando elas não estão por perto, claro. Ele usa uma linguagem chula que você nem deve conhecer, e fica se gabando das suas conquistas sexuais. Do jeito que fala, até parece que ainda é adolescente.

Ele se vangloria dos casos com a mesma pose arrogante que adotava quando desfilava pelos corredores com a bola do jogo depois de uma grande vitória.

Marilee percebeu que boa parte daquela maledicência era provocada pela inveja. Ele adoraria ser tão másculo quanto Wes. A bem da verdade, ele ainda não havia superado sua inveja adolescente do colega de classe mais popular. Ser o melhor aluno e orador da turma na formatura não se comparava a ser capitão do time de futebol americano.

Pelo menos não lá onde eles moravam.

Mas Marilee também sabia que o que ele dizia sobre Wes, por mais exagerado que fosse, era basicamente verdadeiro. Ela estudara na mesma época que Wes Hamer. E ele se pavoneava pelos corredores do colégio como se fosse o dono do lugar. Parecia pensar que merecia ser proprietário porque era diretor de atletismo. Envaidecia-se com o título e com toda a celebridade e privilégios que vinham junto com ele.

- Você sabia que ele seduziu as próprias alunas?

- Isso é fofoca - Marilee retrucou em voz baixa. - Que começou, eu creio, com a imaginação das próprias garotas.

William balançou a cabeça como se estivesse triste de ver a ingenuidade da irmã.

- Você é tão inocente sobre a vida, Marilee. Se quiser, pode ficar se iludindo quanto ao Wes Hamer. Mas como irmão mais velho, que só pensa no melhor para você, recomendo que trate de encontrar outro herói.

William pegou o café e o jornal e foi para a sala. Como o pai deles, obedecia a uma rotina. Esperava que o jantar estivesse pronto quando chegava do trabalho na loja. Depois do jantar, ele lia o jornal enquanto Marilee limpava a cozinha e fazia qualquer outra tarefa doméstica que precisava ser feita. Quando ela terminava e

sentava na sala para corrigir os deveres de casa dos alunos, ele se retirava para o quarto para assistir à TV até a hora de dormir.

Os dois dividiam a casa, mas raramente compartilhavam o mesmo cômodo.

Ela sempre perguntava como tinha sido o dia dele, mas William raramente perguntava sobre o dela, como se seu trabalho fosse insignificante.

Ele exprimia seus pensamentos, sentimentos e opiniões livremente, mas quando ela manifestava os dela, eram desprezados ou desacreditados.

Ele podia sair à noite sem ter de dar satisfação sobre a hora ou o lugar para onde ia. Se Marilee saía, tinha de avisá-lo com antecedência, dizer para onde ia e quando voltaria.

Depois do desaparecimento da segunda mulher da região, ele ficou mais atento ainda às idas e vindas da irmã. Com cinismo, ela se questionava se o irmão estava sinceramente preocupado com a segurança dela, ou se apenas sentia prazer de exercer sua autoridade sobre ela.

Marilee executava as tarefas ordinárias de uma esposa, mas não tinha o status de esposa. Era uma solteirona que fazia aquilo pelo irmão por não ter outro homem para quem fazer. Sem dúvida, era assim que as pessoas a viam, balançando a cabeça com pena e murmurando: "Deus abençoe a bondade dela."

William tinha uma vida. E ela também. A dele.

Até recentemente, quando tudo havia mudado, doce e maravilhosamente.

08

A tensão ao redor da mesa de jantar na cozinha dos Hamer era espessa como o bife malpassado que Wes cortava.

Wes cortou um pedaço grande da carne, mergulhou na poça de ketchup que havia no prato dele e enfiou na boca.

- Você tinha me dito que aquelas matrículas já tinham sido postas no correio - ele disse. - Eu entro no seu quarto esta noite e lá estão elas, todas elas, espalhadas sobre a sua mesa. Então, além de fugir da sua responsabilidade, você ainda mentiu para mim. Mais de uma vez.

Scott estava curvado na cadeira, olhando para baixo. Desinteressado, espetava com o garfo a porção de purê de batata que tinha no prato.

- Eu estava estudando para as provas do meio do ano, pai. Depois passamos aquela semana na casa do vovô, no Natal. E desde que as aulas começaram de novo, andei ocupado.

Wes engoliu o resto do bife com um gole de cerveja.

- Ocupado com tudo, menos com o seu futuro.

- Não.

-Wes.

Ele olhou feio para a mulher.

- Fique fora disso, Dora. Isso é entre mim e o Scott.

- vou começar a preencher os formulários esta noite. - Scott pôs o guardanapo em cima da mesa.

- Sou eu que vou começar a fazer isso hoje à noite. - Wes apontou a faca para o prato de Scott. - E você termine de comer o seu jantar.

- Não estou com fome.

- Coma assim mesmo. Você precisa de proteína.

Scott pôs o guardanapo de novo no colo, enfiou o garfo no bife e cortou com a faca, agressivamente.

- Nas férias eu deixo você comer porcaria - disse Wes. - A partir de agora e até terminar o treino da primavera, vou monitorar a sua dieta. Nada de sobremesas.

- Fiz uma torta de maçã para hoje - disse Dora.

O olhar simpático de Dora para Scott deixava Wes mais irritado do que a idéia da torta.

- Metade do que ele tem de errado é por sua causa. Foi você que estragou o Scott, Dora. Se as coisas fossem do jeito que você queria, ele nem iria para a universidade.

Você o manteria aqui e o mimaria como um bebê pelo resto da vida dele.

Terminaram o jantar em silêncio. Scott ficou de cabeça baixa, enfiando a comida na boca até limpar o prato, e depois pediu licença para sair da mesa.

- Vamos fazer uma coisa - disse Wes, dando uma piscadela magnânima para o filho. - Deixe o jantar assentar, e depois eu acho que uma fatia de torta não vai fazer mal nenhum.

- Obrigado. - Scott largou o guardanapo na mesa e saiu furioso da cozinha.

Segundos depois, Wes e Dora ouviram a porta do quarto dele bater com estrondo e música alta.

- vou falar com ele.

Wes segurou o braço de Dora quando ela ia se levantar.

- Deixe-o em paz - ele disse e a fez sentar de novo. - Deixeo curtir o mau humor dele. Vai passar.

- Ultimamente aqui em casa ele tem ficado sempre de mau humor.

- E qual adolescente não tem essas mudanças de humor?

- Mas Scott não tinha isso até recentemente. Ele está diferente. Há alguma coisa errada.

Com polidez exagerada, Wes disse:

- vou querer a minha torta agora, por favor.

Dora ficou de costas para ele enquanto cortava uma fatia da torta que estava esfriando na bancada.

- Ele ama você, Wes. Ele se esforça muito para agradar-lhe, mas você raramente elogia qualquer coisa. Ele reagiria melhor a elogios do que a críticas.

Wes grunhiu.

- Será que não podemos ter uma conversa sem que você jogue alguma inspiração da Oprah em cima de mim?

Dora serviu a fatia de torta.

- Quer sorvete?

- E não quero sempre?

Ela pôs a caixa de sorvete na mesa, pôs uma colherada de sorvete em cima da fatia de torta, guardou-o no congelador de novo e começou a tirar os pratos.

- Você vai afastar Scott. E isso que quer?

- O que quero é comer a minha sobremesa em paz. Quando ela virou para ele, Wes ficou surpreso de ver uma fagulha de Dora, a colega da faculdade, que ele viu pela primeira vez rebolando pelo campus de saiote de tênis, sacola com raquete pendurada no ombro, camiseta molhada de suor, recém-saída de uma partida que ele mais tarde ficou sabendo que ela vencera com habilidade.

Aquela tarde os olhos dela cintilavam de raiva porque o vira jogar um papel de bala no gramado cuidadosamente cultivado, na frente do dormitório atlético onde ele e alguns amigos se reuniam na varanda espaçosa.

- Sarado burro e porco.

Ela disse isso e depois foi até onde o papel havia caído, pegou e levou para a lata de lixo mais próxima. Continuou seu caminho sem olhar para trás.

Os amigos inseparáveis dele, inclusive Dutch Burton, assobiaram e disseram gracinhas para ela, e fizeram comentários maliciosos e propostas indecorosas quando ela se abaixou para pegar o papel de bala. Mas Wes só ficou olhando para ela, pensativo. Gostava dos seios empinados e da sua bunda firme, claro. Tinham aquecido suas partes pudendas. Mas tinha sido mais afetado pela agressividade dela quando mencionou a arrogância dele.

A maioria das meninas ficava encantada quando ele aparecia. Elas faziam marcas no pé da cama a cada conquista com os rapazes, e ir para a cama com um astro atleta era mais prestígio. Naquela época, ele e Dutch eram os destaques do time de futebol americano. Jogava na defesa. Dutch agarrava e corria com a bola. As meninas não negavam nada a eles, e em geral recebiam mais do que pediam. Era fácil levá-las para a cama ou receber um boquete, tanto que até perdia a graça, de tão fácil. Gostou daquela garota porque ela não tinha papas na língua.

Ficou pensando o que tinha acontecido com o atrevimento de Dora. Desde que se casaram, tinha praticamente desaparecido, mas, na expressão dela daquele exato momento, ainda havia um pouco dele.

- Torta de maçã é mais importante do que o seu filho?

- Pelo amor de Deus, Dora, eu só quis dizer que...

- Um dia você vai acabar exagerando. Ele vai embora e nunca mais volta.

- Sabe qual é o seu problema? - ele perguntou furioso. Você não tem o que fazer, é isso. Fica o dia inteiro assistindo a esses programas de entrevistas que falam mal dos homens na TV e aplicando todos os defeitos que elas discutem em mim. Meu pai foi duro comigo, e eu me saí bem.

- Você o ama?

- Quem?

- Seu pai.

Ele enfiou um pedaço grande de torta na boca.

- Eu o respeito.

- Você tem medo dele. Você se borra de medo dele.

Wes jogou a colher na mesa e se levantou de repente. Os dois ficaram se encarando, cada um de um lado da mesa, alguns minutos tensos. E então ele sorriu.

- Caramba, Dora, eu adoro quando você fala assim.

Ela virou de costas para ele, de frente para a pia e abriu as torneiras.

Wes estendeu o braço e fechou as torneiras.

- Os pratos podem esperar. - Ele pôs as mãos nos quadris dela e a puxou contra seu corpo. - Você me deu um tesão que não pode esperar.

- Leve-o para algum outro lugar, Wes.

Ele deu uma risada de desprezo e abaixou as mãos.

- É o que eu faço.

- Eu sei. - Ela abriu as torneiras de novo.

Dutch bateu várias vezes na porta dos fundos da casa de Hamer. Pela janela dava para ver a cozinha, com todas as luzes acesas.

Batendo os pés com impaciência e frio, bateu mais uma vez, depois abriu a porta e gritou:

- Wes, sou eu, Dutch.

Entrou com uma lufada de ar gélido. Fechou a porta, atravessou a cozinha e espiou a sala de estar.

- Wes? - chamou num tom que esperava ser ouvido apesar da vibração do rock que soava de algum lugar nos fundos da casa, possivelmente do quarto do Scott.

A porta que ligava a cozinha à garagem se abriu atrás dele. Virou a tempo de ver Wes entrando. Ao ver Dutch lá parado na cozinha, ele deu risada.

- Então você veio, afinal. Achei que vinha mesmo, depois de ter tempo para pensar naqueles vídeos pornográficos. Eu estava pondo desçongelante no carro da Dora. Com esse frio de rachar...- Então o sorriso dele se desfez. - Aconteceu alguma coisa?

- Lilly sofreu um acidente.

- Meu Deus. Ela se machucou?

- Acho que não. Não tenho certeza.

Wes segurou o braço de Dutch, levou-o até a sala de estar e o empurrou para o sofá. Dutch tirou o chapéu e as luvas. Suas botas tinham deixado marcas de neve

derretida e lama no tapete, mas nenhum dos dois notou. Wes serviu uma dose de Jack DanieFs num copo e levou para ele.

- Beba um gole disso e depois me conte o que aconteceu. Dutch bebeu todo o uísque de uma vez, fez uma careta e depois respirou bem fundo para a bebida descer.

- Ela deixou um recado no meu celular. Eu estava conversando com os Gunn e não atendi. Merda! De qualquer modo, houve um acidente quando ela estava descendo da montanha. Porra, cara, quando eu saí da cabana pensei que ela vinha logo atrás de mim. Eu não devia ter descido antes dela. A estrada já estava ficando coberta de gelo. Acho que ela rodou, alguma coisa assim, eu não sei. Bem, ela disse que tinha conseguido voltar para a cabana e que o Ben Tierney...

- Tierney? O... - Wes imitou alguém escrevendo à máquina.

- É, esse cara mesmo. O que escreve aventuras, ou seja lá o que for. Lilly disse que ele está ferido.

- Você acha que os carros deles bateram?

- Ela só disse, tudo que entendi, porque a recepção do celular estava uma merda, é que os dois estavam na cabana, que Tierney estava ferido e que era para eu enviar socorro.

- O que aconteceu? - Dora apareceu com um robe de gola alta amarrado na cintura.

A expressão dela sempre fazia Dutch se lembrar de uma artista de circo andando na corda bamba e que acaba de perceber que deu um mau passo.

Wes deu-lhe uma versão abreviada da situação. Ela exprimiu preocupação e depois perguntou:

- A Lilly disse alguma coisa sobre a natureza do ferimento do sr. Tierney, se é grave?

Dutch balançou a cabeça. Estendeu o copo vazio para Wes, que serviu outra dose.

- Eu não sei se ele sofreu um arranhão, ou se está em estado crítico, entre a vida e a morte. E francamente, não estou nem um pouco preocupado com ele. Estou preocupado com a Lilly. Preciso ir até lá. Esta noite.

- Esta noite? - ecoou Dora.

Wes deu uma olhada pela janela da sala.

- Essa coisa ainda está despencando, Dutch. Mais pesada do que antes.

- Nem precisa me contar. Estive dirigindo no meio dela. Todas as superfícies lá fora já estavam cobertas de neve. Não havia sinal de melhora naquela nevasca e a temperatura continuava a cair.

- Como pretende chegar lá, Dutch? Você não pode ir de carro por aquela estrada até a sua casa. Mesmo o seu, com tração nas quatro rodas, é inútil em gelo sólido.

- Eu sei - ele disse, com raiva e tristeza. - Eu já tentei.

- Você está maluco?

- Estou, cara. Estava, eu acho. Quando ouvi aquela mensagem no meu celular, reagi sem pensar. Entrei na minha picape, peguei a estrada, mas... - Ele acabou de beber a segunda dose. Eu derrapei e quase não consegui recuperar o controle do carro.

- Vou fazer um café. - Dora foi para a cozinha.

- Você podia ter se matado - disse Wes. - Fazendo uma loucura dessas.

Dutch levantou do sofá e começou a andar de um lado para outro.

- Então o que eu devo fazer, Wes? Ficar aqui sentado chupando o dedo até as estradas ficarem transitáveis de novo? Isso pode levar dias. Eu não posso esperar a tempestade passar. E se Lilly estiver machucada também? Seria típico ela não me contar.

- Entendo a sua preocupação. Mas você não é mais responsável por ela.

Dutch foi para cima dele, com os punhos cerrados, e por pouco não socou o amigo. Embora tecnicamente Wes estivesse dizendo a verdade, não queria escutar. Especialmente não vindo de Wes. Wes, superior em tudo. Wes, que nunca conheceu um só dia de derrota, nem sofreu um momento de insegurança em toda a sua vida. Wes sempre manteve tudo sob controle.

- Eu sou o chefe de polícia. Se não for por nada mais, pelo menos por isso Lilly continua sendo minha responsabilidade.

Wes abanou as mãos no ar.

- Está bem, está bem, acalme-se. Ficar irritado comigo não vai resolver nada.

Dutch aceitou uma das canecas de café que Dora levou numa bandeja. Tomou vários goles, e precisava mesmo depois de duas doses de uísque puro. O malte acre foi como um néctar para o organismo dele. O aroma, o gosto, o calor que tinha espalhado na barriga, o zumbido agradável nos ouvidos, o formigamento na corrente sangüínea, tudo isso o fez ver quanto sentia falta das doses que tomava de hora em hora.

- Cal Hawkins ainda tem o monopólio do caminhão de areia, não tem? - ele disse.

- A prefeitura renovou o contrato com ele no ano passado respondeu Wes. - Mas só porque aquele filho-da-mãe imprestável tem o equipamento.

- Mandei uns homens à procura dele. Fui à casa dele. Está às escuras e tudo trancado. Ninguém atende o telefone. Se não está por aí jogando areia, onde foi que se meteu?

- O meu palpite seria num bar - respondeu Wes. - É por isso que ele gosta tanto do emprego. Só precisa trabalhar alguns dias por ano. O resto fica livre para beber até cair.

- Nós já procuramos nos bares.

- Onde servem bebida taxada de garrafas com rótulos? - Debochando, Wes arqueou a sobrancelha. - Não é nesses lugares que você encontra Cal. - Ele foi até o armário perto da porta, pegou o casaco, chapéu e luvas. - Você dirige. Eu mostro o caminho.

- Obrigado pelo café, Dora - Dutch disse quando passou por ela.

- Por favor, tenha cuidado.

- Não me espere acordada - foi a única coisa que Wes disse para ela.

Quando os dois saíram na pior tempestade de inverno da história recente, Wes deu um tapa nas costas de Dutch e disse:

- Não se preocupe, companheiro. Daremos um jeito de salvar a sua dama.

As janelas do quarto de Scott davam para o quintal dos fundos. Ele observou o pai e Dutch Burton praticamente patinando até o Bronco preto com a trave de faróis sobre o teto e uma foca pintada nas portas. Dutch deixara o motor ligado. O escapamento formava um fantasma branco que dançava na traseira da picape. Quando deram marcha a ré para sair do quintal, as rodas patinaram, buscando aderência.

Scott continuava olhando para os faroletes traseiros diminuindo a distância, quando sua mãe bateu na porta do quarto.

- Scott?

- Pode entrar. - Ele abaixou o volume do aparelho de som.

- Quer seu pedaço de torta agora?

- Posso guardar para o café da manhã? Comi carne demais. Eu vi papai saindo com o sr. Burton.

Dora contou para ele o que tinha acontecido.

- Acho que Lilly não saiu de lá a tempo e foi pega pela tempestade. Pelo menos tinha um bom motivo para estar lá em cima. Juro que não consigo imaginar o que o sr. Tierney estava fazendo no alto da montanha hoje.

- Ele é montanhista.

- Mas não devia saber muito bem que não podia subir a montanha com uma nevasca chegando?

Scott não entendia isso também. Era também um trekker experiente e tinha lido os artigos de Tierney sobre as trilhas da região. Fora criado explorando e acampando nas florestas das montanhas, primeiro com os escoteiros, depois sozinho. Por mais que gostasse de explorar o pico Cleary, que podia ser terreno hostil mesmo num dia de sol, certamente não ia querer estar lá naquela tarde com a virada do tempo.

- Mesmo se eles encontrarem o Cal Hawkins, acho que ninguém poderá subir a estrada Mountain Laurel esta noite de carro - ele observou.

- Também acho, mas os dois não iam me escutar. Se existe alguém mais teimoso do que seu pai, é Dutch Burton. Quer que eu traga alguma coisa para você? Uma caneca de chocolate quente?

- Não, obrigado, mãe. vou trabalhar um pouco naqueles formulários de inscrição, como prometi para o papai. Depois vou dormir.

- Está bem. Boa-noite. Durma bem.

- Não se esqueça de trancar tudo e de pôr o despertador antes de ir para a cama - Scott disse para a mãe quando ela já estava saindo.

Ela sorriu para ele.

- Não vou esquecer. Wes não cansa de me lembrar de manter as portas e janelas trancadas, especialmente depois do desaparecimento da Millicent. Mas eu não me preocupo com um assalto.

E por que se preocuparia?, pensou Scott. Havia uma pistola carregada na gaveta da mesa-de-cabeceira dela. Ele não devia saber disso, mas sabia. Tinha descoberto quando estava na sexta série e entrara no quarto dos pais à procura de camisinhas para impressionar os amigos. Ficou muito mais impressionado com o revólver na gaveta do que com o tubo de lubrificante espermicida.

- Não parece que Millicent e as outras foram levadas à força

- continuou Dora. - Quem quer que seja o culpado é alguém que as mulheres conhecem, ou pelo menos reconhecem e consideram inofensivo. Parece que o acompanham voluntariamente.

- Bem, de qualquer maneira, tenha cuidado, mãe. Ela soprou um beijo para ele.

- Prometo.

Assim que a porta fechou, Scott aumentou o volume do som e configurou o relógio para desligar o aparelho vinte minutos depois. Então vestiu a roupa para a sua excursão secreta.

A janela do quarto abriu sem fazer barulho porque Scott mantinha as dobradiças sempre lubrificadas. Num segundo estava lá fora, e fechou a janela de novo. Não queria que a mãe sentisse um vento frio e fosse investigar a origem.

O ar gelado lhe irritava os olhos e fez o nariz começar a pingar. Curvou os ombros para se proteger da neve e da ventania e enfiou as mãos enluvadas nos bolsos do casaco. Mantendo-se sempre nas áreas não iluminadas do quintal, ele partiu a pé.

Às vezes, especialmente depois de um dos sermões do pai, dizendo que ele vadiava, quando na verdade tinha se esforçado à beça para fazer tudo que o pai pedira, Scott simplesmente tinha de escapar de casa.

E claro que nada que fazia bastava para satisfazer o pai. Nenhuma fita azul era suficientemente azul, nenhum troféu de prata brilhava bastante para o filho de Wes Hamer. Se ele ganhasse uma medalha olímpica de ouro, seu pai ia querer saber por que não ganhou duas.

Viu faróis se aproximando e, com medo que fossem do Bronco de Dutch Burton, escondeu-se atrás de uma sebe e esperou o carro passar. A uns vinte quilômetros por hora, o veículo pareceu levar uma eternidade para chegar aonde Scott estava, e as pernas dele já estavam enrijecendo de tanto frio.

Mas a cautela foi desnecessária. Não foi o Bronco que passou lentamente por ele. Scott começou a caminhar de novo, com a gola do casaco cobrindo os lados do rosto, o boné puxado bem para baixo para não ser reconhecido por qualquer pessoa que estivesse observando a tempestade pela janela.

As pessoas naquela cidade falavam demais. Se alguém o avistasse lá fora aquela noite e depois contasse ao seu pai, ele ficaria magoadíssimo. E se escorregasse no gelo e quebrasse algum osso? O pai teria um enfarte. Mas só depois de matá-lo.

Distraído com esses pensamentos, ou talvez com muito medo de que algo assim acontecesse, ele escorregou na calçada gelada. com os dois pés no ar, caiu pesado e aterrissou de bunda no chão. Foi como se o cóccix tivesse sido projetado até o cocuruto do seu crânio. Na queda, seus dentes se cerraram com força e ele mordeu a língua.

Esperou alguns minutos para se recuperar do impacto antes de experimentar ficar de pé. Depois de algumas tentativas quase cômicas de se equilibrar de novo na superfície escorregadia, ele acabou conseguindo. Foi oscilando até uma cerca de estacas e encostou nela.

- Meu Deus - Scott sussurrou trêmulo, imaginando o que o pai teria feito se ele chegasse em casa mancando e arrastando um tornozelo fraturado ou uma tíbia quebrada.

Sabe, pai, foi assim. Eu saí escondido de casa. Enquanto andava nas ruas da cidade, escorreguei no gelo. Você precisava ter ouvido o barulho do osso quando quebrou.

Como duas tábuas batendo uma na outra. Suspiro. Acho que afinal não vou poder participar da Crimson Tide do Alabama. Terão de vencer o campeonato de futebol americano da NCAA sem mim.

Enquanto caminhava pela calçada, perto da cerca, Scott estremeceu de pensar no efeito bomba-H que um erro como aquele provocaria na sua vida. Ficaria pagando por isso até o dia que o enterrassem, quando seu pai se debruçaria sobre o caixão aberto e diria: Que porra você estava pensando, Scott? As vociferações e delírios de Wes não teriam fim. Apenas suas ambições grandiosas para Scott.

Olhou para trás, para o pedaço de gelo que o tinha feito cair. Estivera a um fiapo do desastre. Foi muita sorte não ter quebrado o pescoço.

Ou será que foi azar?

Sem nenhum aviso, o pensamento despontou do subconsciente de Scott e o fez parar na mesma hora. De onde tinha vindo essa idéia amotinada?, perguntou a si mesmo.

Era o tipo de pensamento que, pelo simples fato de pensar, já era atingido por um raio. Tinha feito algumas coisas ultimamente que poderiam merecer a danação por qualquer código moral ou religioso no planeta. Mas não temia realmente uma eternidade no fogo do inferno. Até aquele momento. E tudo porque tinha alimentado, mesmo que apenas por um milésimo de segundo, aquele pensamento traidor. Mas quem pode ser condenado pelo que pensa? E quem pode saber?

Scott demorou alguns minutos para recomeçar a andar.

Com extrema cautela.

09

Logo depois de ter sido lembrada por Tierney de que não era mais casada, Lilly afastou o cobertor e se levantou sem jeito do sofá. Esperava que ele tentasse mantê-la ao seu lado, mas os ferimentos impediram movimentos rápidos. Ele só conseguiu ficar de pé, e desequilibrado.

- Lilly...

- Não, escute aqui, Tierney.

Apesar de Tierney não ter encostado nela, Lilly estendeu a mão para impedi-lo de tentar.

- Essa nossa situação aqui já é bem assustadora sem que...

- Assustadora? Você está assustada? Não se sente segura comigo?

- Segura? Sim, é claro. Quem falou de segurança?. É só que...

- O quê? - Tierney arqueou as sobrancelhas e deixou a pergunta pairando no ar.

- Nós estávamos entrando em território pessoal. E devemos evitar isso enquanto tivermos de ficar aqui. Vamos deixar tudo que é pessoal de lado e nos concentrar em assuntos práticos.

Parecia que Tierney estava a ponto de discutir o assunto, mas Lilly acrescentou um "por favor" que suavizou seu tom de voz. Ele concordou, não sem relutância.

- Está bem, vamos ser práticos. Topa encarar um projeto?

- Como o quê?

- Caça ao tesouro.

Ele sugeriu que vasculhassem os cômodos para ver se ela havia deixado passar qualquer coisa quando arrumou a cabana mais cedo aquele dia. Disse que ia começar pela cozinha. Deu as costas para ela e partiu trôpego para lá.

- Tierney?

Ele deu meia-volta. E antes de perder a coragem, ou de se convencer a não fazer isso, Lilly perguntou:

- Você foi ao encontro mais tarde? Ele franziu a testa sem entender.

- Com quem?

- Com as duas garotas. Aquelas no jipe, que procuravam encrenca. Depois que recusei seu convite para um drinque, você foi encontrá-las?

Ele olhou bem e longamente para ela, depois virou-se de costas e foi indo para a cozinha.

- Veja o que consegue encontrar no quarto e no banheiro.

A busca no quarto só resultou em três alfinetes que ela encontrou presos numa fresta na escrivaninha. Entregou para Tierney.

- Só isso, fora duas baratas mortas embaixo da cama. Deixei as duas lá.

- Podemos precisar delas como proteína - ele disse, meio brincando, meio sério.

Tierney mostrou velas usadas e retorcidas, mas que seriam úteis se a energia elétrica faltasse.

- Estavam bem no fundo da gaveta da mesa de canto.

Ele se apoiava pesadamente no bar da cozinha, com a mão firmemente plantada na superfície de granito. De olhos fechados.

- Você devia se deitar - ela disse.

- Não, estou bem - ele resmungou distraído e abriu os olhos.

- Está a ponto de emborcar.

- Só mais uma crise de tontura.

Tierney se afastou do bar, foi até uma das janelas que ladeavam a porta da frente e empurrou a cortina para o lado.

- Andei pensando.

Lilly esperou para ouvir o que ele estava pensando, mas já com um mau pressentimento.

- Se vier neve depois dessa chuva de gelo congelante, o que é muito provável nessa altitude, a nossa situação vai ficar mais perigosa ainda. Estou preocupado porque o gás pode acabar e vamos precisar de combustível. - Ele virou-se para o meio da sala. Enquanto ainda é um pouquinho mais seguro do que ficará mais tarde, é melhor eu ir, até o barracão e trazer toda a lenha que puder para cá.

Lilly olhou para a janela por cima do ombro dele, e de novo para ele.

- Você não pode ir Já fora! Mal consegue ficar de pé sem perder o equilíbrio. Está com uma concussão cerebral.

- Que não vai fazer muita diferença se morrermos congelados.

- Vamos esquecer isso. Você não pode ir. Eu não vou deixar. A veemência dela fez Tierney sorrir.

- Eu não estou pedindo permissão, Lilly.

- Eu vou.

Mas, no mesmo instante em que dizia que ia, Lilly se acovardava diante da idéia de pôr o pé fora da segurança e do calor relativo da cabana.

Ele examinou Lilly dos pés à cabeça.

- Você não consegue carregar madeira suficiente para fazer diferença. Eu posso não ser capaz de trazer muita coisa, mas seria mais do que você agüenta. Além do mais, as suas botas estão molhadas. Seus pés podem congelar. Sou eu que tenho de ir.

Discutiram mais cinco minutos, mas o tempo todo, independentemente dos argumentos que Lilly apresentava contra a idéia, Tierney foi se preparando para ir.

- Tem alguma coisa no barracão que eu posso usar, como um trenó? Alguma coisa para empilhar a madeira em cima e arrastar para cá?

Ela fez um rápido inventário mental e depois balançou a cabeça.

- Infelizmente Dutch e eu tiramos tudo de lá, exceto algumas ferramentas básicas. Quando entrar lá, à sua direita, verá um grande baú de madeira que usávamos como caixa de ferramentas. Talvez encontre algo útil lá dentro. Eu sei que tem um machado. Maior do que a machadinha que está na varanda. Você disse que as toras precisavam ser rachadas, por isso se der para carregar o machado também, traga-o para cá.

- Depois que eu passar dos degraus da varanda, viro para esse lado, certo? - Ele apontou para um lado.

- Certo.

- Tem alguma coisa no caminho até lá que eu devo saber? Toco de árvore, buraco, pedra?

Ela procurou visualizar quaisquer obstáculos possíveis no caminho.

- Acho que não. É um caminho quase reto. Mas depois que você passar pela clareira e entrar na floresta...

- É - ele disse de cara fechada. - Vai ficar mais difícil.

- Como é que vai enxergar?

Ele tirou uma lanterna bem pequena do bolso do casaco. Não parecia nada confiável.

- E se a pilha acabar? Você pode se perder.

- Eu tenho um sexto sentido para direção. Se puder enxergar bem o caminho para lá, consigo encontrar o caminho de volta. Mas se a luz da cabana apagar quando eu não estiver aqui, estou esperando isso a qualquer momento, por causa do gelo nas linhas de transmissão...

Lilly meneou a cabeça, concordando.

- Se você ficar sem energia, acenda uma das velas e ponha numa janela.

- Eu não tenho fósforos.

Tierney tirou uma caixa de fósforos de outro bolso do casaco e deu para ela.

- Guarde os fósforos e as velas juntos para saber onde estão, se precisar.

Subitamente ela se deu conta da loucura que ele estava a ponto de fazer.

- Tierney, por favor, pense melhor nisso. Nós podemos quebrar a mobília para acender a lareira com ela. As estantes de livros, a mesa de centro, as portas dos armários. Antes de acabar o combustível virão nos salvar. E o gás pode durar mais do que imaginamos.

- Não estou disposto a arriscar. Além disso, não faz sentido destruir a cabana a não ser que sejamos absolutamente forçados a isso. Já andei por trilhas piores.

- Numa tempestade dessas?

Ele não respondeu e estendeu a mão para pegar o gorro. Quando conseguiu, fez- uma cara de nojo.

- Está duro de sangue seco. Você se importa se eu pegar emprestado seu cobertor do estádio?

Lilly ajudou Tierney a fazer um capuz, como fizera para ela antes, e ele se aprontou. Ela tentou um último argumento.

- Pessoas que têm concussão não devem fazer esforço algum. Você pode apagar, seu sexto sentido de direção pode falhar, pode se afastar do caminho, cair de um penhasco, pode se perder e congelar até a morte.

- Nós que vamos morrer... - Ele fez uma saudação para ela.

- Não brinque.

- Gostaria de estar brincando.

Tierney enrolou o cachecol em volta da parte de baixo do rosto e pôs a mão na maçaneta da porta. Mas depois de segurá-la hesitou, virou-se para trás e puxou o cachecol para baixo, descobrindo a boca.

- Se eu não voltar, vou odiar não ter beijado você.

Os olhos dele eram como chamas azuis e tão hipnotizantes quanto. Ficaram olhando para os dela enquanto ele puxava o cachecol para cobrir até o nariz. Quando abriu a porta, a lufada de vento gelado foi como um tapa na cara, e durou o mesmo tempo. Ele a fechou rapidamente assim que passou por ela.

Lilly correu para a janela, abriu a cortina e forneceu luz para ele através do vidro. Ele virou-se para trás e mostrou a mão com o polegar para cima, pela boa idéia que ela teve. Lilly limpou impaciente o embaçado da sua respiração no vidro gelado. Viu o facho fraquinho da lanterna para lá e para cá sob a tempestade e a ventania.

E logo não dava mais para ver nem isso.

Encontraram Cal Hawkins no tipo de lugar que Wes havia dito.

Era bem no meio da floresta, onde uma estradinha de terra terminava num muro de pedra de seis metros de altura. Enfiada embaixo da face da montanha, a construção sem janelas, de um andar só, tinha todos os detalhes arquitetônicos de uma caixa de biscoito.

No centro da fachada reta havia uma porta metálica amassada. Uma lâmpada amarela tinha sido atarraxada num soquete elétrico diretamente acima dela. Havia três picapes paradas na frente da casa. A julgar pela profundidade do gelo nos pára-brisas, já estavam ali há algum tempo.

Dutch tinha manobrado seu Bronco por quatro quilômetros de estrada escura, estreita e traiçoeira para chegar até ali, por isso seu humor estava bem truculento quando Wes e ele entraram. A luz era fraca lá dentro. O lugar era cheio de fumaça e fedia a lã molhada e suor. Pisaram em cusparadas de fumo no chão quando avançavam para o bar de madeira compensada na parede dos fundos.

Sem cerimônia, Dutch disse:

- Cal Hawkins.

O atendente do bar inclinou a cabeça com cabelo lambido e oleoso para um canto. Hawkins estava sentado a uma das mesas bambas, com a cabeça deitada nela, os braços pendurados e sem vida dos lados. Ele roncava.

- Já está assim há uma hora - disse o atendente enquanto cocava distraído o sovaco da camisa suja de flanela. - O que quer com ele?

- O que ele andou bebendo? - perguntou Dutch.

- Uma bebida que eles trouxeram.

Ele apontou com o polegar na direção da única mesa ocupada além da de Hawkins, onde um trio de homens sérios e barbudos jogavam cartas sob a cabeça empalhada de um urso preto rosnando, presa na parede.

- O urso é o que tem o maior QI daquele bando - Wes cochichou para Dutch. - Espero que a sua arma não seja só para constar. Pode apostar que as deles não são.

Dutch já tinha visto as armas encostadas nas cadeiras dos homens.

- Cubra minhas costas.

- Três contra um? Obrigado por nada.

Dutch aproximou-se da mesa onde Hawkins dormia sua ressaca. Dos lábios relaxados havia escorrido saliva que formava uma poça na mesa. Dutch se

posicionou com um pé para trás e literalmente chutou a cadeira ^e baixo do homem.

Hawkins caiu feio.

- Que porra é essa?!

Ele se levantou do chão de punhos cerrados. Mas, ao avistar o brilho do distintivo de Dutch, recuou e piscou confuso, olhando para eles. E então deu um sorriso largo.

- Oi, Dutch. Quando eu era menino, costumava assistir a seus jogos.

- Eu devia jogar essa sua bunda fedorenta no xadrez - rosnou Dutch. - Mas se está suficientemente sóbrio para bancar o burro, está suficientemente sóbrio para trabalhar, e eu preciso de você.

Hawkins secou a saliva do queixo com as costas da mão.

- Para quê?

- O que você acha? - Dutch aproximou o rosto do dele e logo recuou por causa do bafo do homem. - Você tem um contrato com a prefeitura para jogar areia nas estradas quando há tempestades de gelo. Bem, sabe do que mais, gênio? Estamos no meio de uma. E onde é que você se mete? Aqui no meio dessa porra de lugar nenhum, num porre federal. Desperdicei algumas horas do tempo que não tenho para descobrir onde você tinha se metido.

Dutch tirou o que pensou ser o casaco de Hawkins das costas de uma cadeira e jogou em cima dele. Hawkins pegou o casaco e segurou contra o peito. Dutch ficou contente de ver que os reflexos dele não estavam completamente embotados.

- Você vai se arrancar daqui agora mesmo. Seguimos você até o posto, onde seu caminhão já está carregado, só esperando você. Está com as chaves aí?

Hawkins enfiou a mão no bolso da calça jeans sebosa e produziu um chaveiro, que mostrou para Dutch.

- Por que você não leva a chave e...

- E, eu faria isso, mas só que ninguém mais tem experiência com os mecanismos do caminhão e você é o único que tem seguro para dirigi-lo. Não preciso correr esse risco, nem a prefeitura de Cleary. Você vai, Hawkins. E não pense que pode se perder de mim daqui até a cidade. vou ficar tão colado em você que serei capaz de morder a sua bunda através do seu escapamento. Vamos embora.

- Não vai adiantar nada - Hawkins protestou quando Dutch lhe deu um forte empurrão na direção da porta. - vou com você, chefe, mas com a violência que essa coisa está despencando, tudo que eu fizer esta noite será desperdício de areia. Vai custar o dobro para a cidade, porque vai ter de ser feito de novo, assim que a tempestade for embora daqui.

- Isso é problema meu. O seu problema é evitar que eu te encha de porrada depois que tiver feito o que tem de fazer.

Lilly aguardava nervosa o retorno de Tierney e deu um grito de alegria quando o viu se arrastando para fora da escuridão. Arrastava alguma coisa atrás dele. Quando chegou mais perto ela viu que era um pedaço de lona com lenha empilhada em cima.

Ele deixou a carga aos pés dos degraus e subiu tropeçando. Lilly abriu a porta da cabana, segurou-o pela manga do casaco e o puxou para dentro. Ele despencou encostado no batente e puxou para trás o capuz improvisado. As sobrancelhas e os cílios dele estavam mais uma vez cobertos de gelo. Instintivamente Lilly espanou tudo.

- Um copo de água, por favor.

Ela correu para a cozinha e encheu um copo com água da jarra. O escoamento da cozinha tinha parado, notou. Tinha sido bom encher os recipientes enquanto podiam.

Tierney tinha deslizado contra a parede e estava sentado no chão, com as pernas esticadas para frente. Já estava sem luvas e flexionava os dedos, tentando recuperar a circulação. Ela se ajoelhou ao lado dele. Ele pegou o copo de água agradecido e bebeu tudo.

- Você está bem? Fora o óbvio.

Ele meneou a cabeça, mas não respondeu.

Normalmente a caminhada até o barracão teria levado um minuto. De acordo com o relógio de Lilly, Tierney tinha ficado lá fora trinta e oito minutos, minutos esses em que ela não parou de se recriminar por tê-lo deixado ir.

- Fico feliz de você ter voltado - ela disse, com toda a sinceridade possível.

- Eu vou lá de novo.

- O quê?

Gemendo ele fez força para se levantar apoiado na parede, até conseguir ficar de pé. Mais ou menos. Na verdade estava oscilando, salvo da queda só porque as solas dos seus sapatos estavam pregadas no chão.

- Tierney, você não pode fazer isso.

- Mais um carregamento pode fazer a diferença. Acho que não vou demorar tanto dessa vez - ele disse, calçando as luvas de novo. -Agora que sei onde fica tudo. Gastei muito tempo tateando às cegas dentro do barracão.

Ele ficou olhando para o espaço durante um tempo e depois balançou um pouco a cabeça, como se quisesse clareá-la.

- Você não tem condição de fazer isso.

- Estou bem. -Tierney repôs o capuz improvisado e o cachecol.

- Gostaria de poder convencê-lo a não ir. Ele deu um sorriso triste.

- Eu também gostaria.

Então ele cobriu o nariz com o cachecol e saiu. Lilly ficou espiando pela janela enquanto Tierney transferia as toras da lona para a pilha de lenha sob a projeção do telhado. Ela continuou olhando até ele desaparecer de novo na escuridão. Deu as costas para a janela e resolveu que tinha coisa melhor a fazer para o tempo passar do que ficar se preocupando.

Mais cedo do que esperava, ouviu as botas dele subindo os degraus. Quando abriu a porta, Tierney estava arrastando a lona coberta de toras para a varanda. Era um esforço que exigia toda a sua força, porque as toras eram grandes.

- Você se lembrou do machado?

- Não estava lá. - A voz dele estava abafada pelo cachecol.

- Eu o vi lá poucos dias atrás.

- Não estava lá.

Ele disse isso irritado e com bastante ênfase para silenciar Lilly.

Anote isso, pensou. Tierney não gosta que ninguém desafie sua palavra.

Ou suas ordens, ao que parecia. Ele olhou para o fogo ardendo na lareira e franziu a testa.

- Tarde demais para reclamar - ela disse.

Ele arrumou uma pilha de toras do lado de dentro da porta para irem secando, depois abriu a lona por cima do reabastecido monte de lenha na varanda e entrou na sala.

Lilly empurrou-o para perto da lareira.

- Pode muito bem aproveitar.

Ele tirou o cobertor da cabeça, foi até a lareira e caiu de joelhos diante dela, como um penitente na frente de um altar. Tirou as luvas e estendeu as mãos para as chamas.

- Senti o cheiro de fumaça da chaminé quando estava voltando. Como conseguiu?

- Encontrei algumas achas mais secas perto da parede da varanda.

- Bem, obrigado.

- De nada.

- Também sinto cheiro de café.

- Tinha deixado uma lata aberta no congelador - ela explicou, indo para a cozinha. - Sei que gastei a nossa água potável, mas só fiz duas xícaras. Não tem creme nem açúcar.

- Nunca uso, de qualquer maneira.

Tierney tinha tirado o casaco, o cachecol e as botas e estava de pé, de costas para o fogo, quando Lilly levou para ele a caneca fumegante.

- Será que não vai ficar nauseado?

- Vou correr esse risco. - Ele segurou a caneca com as duas mãos, já ia tomar um gole, mas parou. - Onde está a sua?

- É para você. Fez por merecer.

Ele bebeu alguns goles, saboreando o gosto e o calor, emitindo sons de prazer.

- Posso casar com você.

Lilly deu uma risada nervosa e sentou numa ponta do sofá, mais perto do fogo, com as pernas dobradas, em cima dos pés protegidos pelas meias. Abraçou uma almofada contra o peito como se quisesse se proteger. De quê, não sabia ao certo. Talvez dos olhos de Tierney, que pareciam segui-la o tempo todo, pareciam vê-la por dentro, saber mais sobre ela do que ela mesma.

Ele sentou e estendeu os pés para perto do fogo. Para preencher o silêncio, Lilly perguntou:

- Como está a sua cabeça?

- Rodando.

- Ainda dói?

- Um pouco.

- Não vejo nenhum sangue novo no seu cabelo, mas depois de você descansar um pouco, acho melhor dar uma olhada no ferimento outra vez.

Ele meneou a cabeça, mas não disse nada. Depois de um tempo Lilly se levantou, pegou a caneca vazia de Tierney e foi para a cozinha pegar mais café para ele. Quando voltou com a caneca cheia, ele balançou a cabeça.

- Essa é sua.

- Eu fiz para você.

- Insisto que você beba um pouco também.

Ela sorveu alguns goles, agradeceu baixinho e passou a caneca para ele. E então os dedos dele encostaram nos dela.

- Isso é muito bom, Lilly. Obrigado de novo.

- Obrigada por ter ido pegar a lenha.

- De nada.

Lilly ocupou novamente o seu lugar na ponta do sofá. Assim que ela sentou, Tierney iniciou uma conversa com uma afirmação direta.

- Eu soube da sua filha.

O espanto de Lilly deve ter ficado estampado em seu rosto, porque ele sacudiu de leve os ombros e acrescentou:

- Colhi algumas informações aqui e ali.

- De quem?

- Do povo de Cleary. Têm falado muito sobre você, especialmente depois que Dutch voltou para se tornar chefe de polícia. Vocês dois ainda são assunto quente de fofocas na lanchonete do Ritt.

- Você passa muito tempo lá?

- Em Roma... é o lugar.

- Ah, é o centro social da cidade mesmo - ela disse, com ironia. - Esperava que minha separação do Dutch gerasse um monte de fofocas e especulações. Os fofoqueiros vivem de casamentos, gravidezes, casos e divórcios.

- E mortes - ele disse baixinho.

- É. - Lilly deu um suspiro e olhou para ele. - O que eles falam sobre a morte da Amy?

- Que foi trágica.

- Bem, isso não é fofoca. Tinha apenas três anos quando morreu. Sabia disso? - Ele assentiu com a cabeça. - Há quatro anos. Custo a acreditar que já estou sem ela há mais tempo do que a tive comigo.

- Tumor cerebral?

- Acertou de novo. Um dos piores. Insidioso e letal. Não se manifestou por um longo tempo. Não provocou paralisia, nem cegueira parcial, nem debilitou a fala. Não deu aviso nenhum do que estava para acontecer. Amy parecia uma menininha perfeitamente saudável. Essa era a boa notícia. E também a má. Porque quando começamos a perceber que havia alguma coisa errada, o tumor já tinha invadido um hemisfério inteiro do cérebro.

Lilly ficou mexendo na franja da manta.

- Logo no início nos disseram que era inoperável e incurável. Os médicos afirmaram que, mesmo com radiação e quimioterapia agressivas, a vida dela só poderia ser prolongada algumas semanas, talvez um mês ou dois, mas não poupada. Dutch e eu resolvemos não fazê-la passar pelos tratamentos torturantes. Levamos Amy para casa e tivemos seis semanas relativamente normais com ela. E então aquela maldita coisa teve um crescimento repentino. Os sintomas apareceram e progrediram rapidamente, até que uma manhã ela não conseguiu mais engolir o suco de laranja. Na hora do almoço, outras funções do organismo começaram a se desligar. Teria jantado no hospital, só que àquela altura já estaca

em coma. Bem cedo na manhã seguinte, ela parou de respirar, depois o coração bateu pela última vez e ela se foi.

O olhar de Lilly deslizou para ele e depois para as chamas da lareira.

- Doamos o corpo dela para pesquisa médica. Achamos que podia ser útil, talvez para evitar que outras crianças tivessem o mesmo destino horroroso. Além do mais, não suportava imaginá-la trancada dentro de um caixão. Sabe, Amy tinha medo do escuro. Não dormia se a luz de segurança não estivesse acesa. Era um anjinho transparente, de asas abertas, como o arauto do Natal. Ainda tenho esse anjinho e acendo toda noite. De qualquer maneira, não suportei a idéia de enterrá-la.

- Não precisamos falar sobre isso, Lilly.

- Não, eu estou bem - ela disse, secando lágrimas do rosto.

- Eu não devia ter tocado no assunto.

- Ainda bem que tocou. O fato é que é bom para mim falar dela, da Amy. Meu terapeuta enfatizou que é muito saudável falar sobre isso e referir-me à Amy pelo nome.

- Lilly olhou nos olhos firmes de Tierney. - Curiosamente, depois que ela morreu, poucas pessoas falavam dela para mim. Sem jeito de olhar nos meus olhos, faziam referências eufêmicas à minha perda, ao meu sofrimento, à minha consternação, mas ninguém pronunciava o nome da Amy em voz alta. Acho que pensavam que estavam me poupando da tristeza evitando tocar no assunto, quando o que eu realmente precisava era falar sobre ela.

- E o Dutch?

- O que tem ele?

- Como foi que ele enfrentou isso?

- O que dizem as fofocas?

- Que ele desenvolveu um gosto especial por uísque. Lilly deu uma risada abafada e triste.

- As fofocas de Cleary são sempre verdadeiras. É, ele começou a beber demais. Isso veio a afetar seu trabalho. Passou a fazer besteiras, perigosas para ele e para os parceiros dele. Perdeu a confiança de todos. Recebeu alguns tapas na mão, depois foi formalmente repreendido, em seguida rebaixado, o que o fez afundar ainda mais e beber mais ainda. Tornou-se uma espiral viciosa em queda. E finalmente foi demitido.

"Hoje mesmo ele disse que se não fosse pela Amy, o nosso casamento teria durado para sempre. Talvez tenha razão. A morte nos afastou, sim. A morte dela. Temo que tenhamos nos tornado um chavão, o casal cujo casamento não resistiu à tragédia de perder um filho. Nunca mais fomos os mesmos. Não como casal e não como indivíduos."

Lilly desviou o olhar das chamas para Tierney.

- Omiti alguma coisa? Será que os intrometidos de plantão conhecem os termos do nosso divórcio?

- Estão trabalhando nisso. Em todo caso, estão felizes de ter Dutch entre eles de novo.

- O que falam de mim? Ele sacudiu o ombro.

- Vamos, Tierney. Tenho a pele grossa. Eu agüento.

- Dizem que você insistiu no divórcio. Que exigiu.

- O que faz de mim uma megera de coração de pedra.

- Não ouvi esse tipo de comentário.

- Mas muito parecido, aposto. Já esperava que os clearyanos tomassem o partido do garotão da cidade. - Ela olhou para o fogo de novo e foi falando o que pensava à medida que os pensamentos iam chegando. - A separação não foi uma decisão que tomei por raiva ou despeito. Foi pela minha sobrevivência. Quando Dutch fracassou e não conseguiu se recuperar da morte de Amy, ele passou a impedir a minha recuperação.

Lilly queria que Tierney entendesse o que ninguém mais parecia compreender.

- Tornei-me a bengala dele. Era mais fácil para ele se apoiar em mim do que procurar ajuda profissional e se curar. Ele se transformou numa responsabilidade que eu não podia mais carregar e continuar em frente com a minha vida. Não era um relacionamento saudável para nenhum dos dois. Estamos muito melhor um sem o outro.

Apesar de Dutch ainda se recusar a aceitar o fato de que o casamento acabou.

- É compreensível.

Ela reagiu como se tivesse sido trespassada pela ponta incandescente do atiçador da lareira.

- O quê?

- Pode condená-lo por ficar confuso?

- E por que ele ficaria confuso?

- Qualquer homem ficaria. Você se separou dele. Não, você exigiu a separação. Mas esta noite, quando se viu em apuros, ele foi a primeira pessoa para quem você ligou.

- Já expliquei por que liguei para ele.

- Mas mesmo assim não deixa de ser uma mensagem dúbia para o ex-marido.

Lilly tinha deixado claro seu motivo para ligar para Dutch pedindo socorro. Por que se importava com o que Tierney pensava? Procurou convencer-se de que não fazia diferença, mas a crítica tinha doído. Olhou para o relógio no pulso sem registrar a hora.

- Está ficando tarde.

- Você está zangada.

- Não, eu estou cansada.

Ela pegou a bolsa que estava em cima da mesa de centro, pôs no colo e começou a mexer dentro dela.

- Falei fora de hora.

Lilly parou o que estava fazendo e olhou para ele.

- É, Tierney, falou sim.

Em vez de adotar uma postura conciliadora e arrependida, que Lilly esperava, ele falou irritado.

- Bem, é uma pena, Lilly. Quer saber por que eu fiquei aqui na frente da lareira em vez de sentar ao seu lado no sofá? Quer saber por que não fiz nada para consolá-la, não fui até aí para abraçá-la enquanto chorava a perda da Amy? Foi só porque estou tão confuso quanto Dutch parece estar em relação ao que sente por ele.

Lilly abriu a boca para falar mas não encontrou palavras. Olhou para baixo e ficou mexendo no fecho da bolsa.

- Eu não quero Dutch de volta na minha vida - ela disse bem devagar. - De jeito nenhum. Mas suponho que meus sentimentos sejam ambíguos. Quero o bem dele. Ele foi um herói do futebol, você sabe. Costumava marcar o touchdown que determinava o placar vencedor. E isso que desejo para ele agora.

- Um touchdown?.

- Um grande placar favorável. Esse emprego em Cleary representa um novo começo para ele. Ele tem uma oportunidade para se restabelecer como policial. E, mais que tudo, eu desejo que tenha sucesso aqui.

- Mais do que tudo - Tierney repetiu pensativo. - E uma afirmação forte.

- E sincera.

- Então imagino que faria tudo que fosse possível para ajudálo a obter esse sucesso.

- Exatamente. Mas infelizmente não há nada que eu possa fazer.

- Você pode se surpreender.

Com essa afirmação misteriosa, ele se levantou, resmungou alguma coisa como se pedisse licença, passou pelo quarto e deve ter ido para o banheiro.

Lilly ficou olhando Tierney se afastar, meio sem jeito e um pouco decepcionada, como se o terapeuta tivesse terminado a consulta antes da hora, deixando-a com coisas ainda por dizer. Ainda bem que Tierney sabia da Amy, o que os deixava além da parte mais difícil. Era um assunto constrangedor para inserir numa conversa com alguém que você acabava de conhecer. Não era uma coisa que se pudesse

simplesmente anunciar, embora Lilly muitas vezes se sentisse tentada a fazer isso mesmo, para evitar a pergunta inevitável, você tem filhos?, que levava a uma explicação necessária, seguida do obrigatório, oh, sinto muito, eu não sabia. O que criava um mal-estar e fazia a outra pessoa ficar constrangida.

Pelo menos Tierney e ela tinham pulado essa conversa desagradável. Também achava bom ele não ter soltado um monte de pieguices, nem ter feito um monte de perguntas sobre o que ela sentia, já que o que sentia devia ser óbvio. Ele era um ouvinte excepcionalmente bom.

Mas aquela preocupação toda com Dutch e com a relação atual dela com ele, Tierney, estava começando a irritar. Dutch não representava mais um fator na vida dela.

Mas parecia que Tierney ainda não tinha se convencido disso.

E se ele queria saber qual seria a reação dela se a tomasse nos braços, por que não fizera isso para descobrir, em vez de usar Dutch como desculpa?

- Você está vasculhando essa bolsa há cinco minutos. Tierney tinha voltado. Lilly nem percebera que ele estava parado na outra ponta do sofá, observando o que ela fazia, até ele falar.

- O que está procurando?

- Meu remédio.

- Remédio?

- Para asma. Peguei no Ritt ontem. Por falar nisso - ela disse com amargura -, ele é o mais ofensivo quando se trata de fofoca. Enquanto eu estava lá ontem para pegar o remédio, William Ritt fez uma dúzia de perguntas maliciosas sobre nós dois, Dutch e eu, o nosso divórcio, a venda desta casa. Ele até perguntou por quanto nós vendemos. Você acredita?

"Ele podia estar apenas sendo simpático, mas não posso deixar de pensar que... que..."

Distraída com a busca na bolsa, Lilly interrompeu o que ia dizendo. Impaciente, virou a bolsa de cabeça para baixo e derramou tudo em cima da mesa de centro.

A bolsa de maquiagem onde tinha encontrado a tesourinha de unhas antes, a carteira e o talão de cheques, um pacote de lenços de papel, um de balas de menta, o carregador do celular, o passe de segurança para o prédio onde trabalhava em Atlanta, chaveiro e óculos escuros.

Estava tudo lá, menos o que precisava.

Desanimada, ela olhou para Tierney.

- Não está aqui.

10

Dutch foi ao lado de Cal Hawkins na cabine do caminhão de areia, primeiro, porque não confiava que Hawkins ia se esforçar de verdade para subir a estrada da montanha.

Segundo, porque queria ser o primeiro a chegar à cabana, o primeiro a entrar por aquela porta, o cavaleiro herói de Lilly.

A viagem de volta à cidade, do buraco em que Wes e ele tinham encontrado Hawkins, tinha sido angustiante. As pontes eram perigosas, a estrada nada melhor. Quando chegaram ao posto, Dutch fez Hawkins beber algumas xícaras de café. Ele reclamou e choramingou sem parar, até Dutch ameaçar enfiar-lhe uma mordaça na boca se não calasse o bico, e depois jogou-o literalmente no caminhão.

A cabine era um chiqueiro. Lixo e embalagens de comida deixados lá desde o último inverno coalhavam o chão. A forração de vinil dos bancos tinha rasgões que expunham o estofamento manchado. Pendurado no espelho retrovisor, junto com um par de dados enormes e felpudos e um holograma de uma garota nua transando com um vibrador, havia um desodorizador com o formato de um pinheiro. Que não dava conta de mascarar os diversos odores.

O caminhão de areia pertencia à frota de equipamento pesado que o velho sr. Hawkins alugava para as prefeituras, para empresas de utilidade pública e operários de obras. Era um negócio rentável até ele morrer e Cal Júnior herdar. Aquele caminhão de espalhar areia era tudo que restava do legado.

Cal Júnior tinha usado os bens do pai como garantia de empréstimos que deixou de pagar. Tudo tinha sido tomado dele, exceto aquele caminhão. Dutch não tinha simpatia nenhuma pelos problemas financeiros de Cal e não dava a mínima se alguma agência de cobrança tomasse o caminhão de areia no dia seguinte, desde que o levasse até o topo da montanha naquela noite.

Ele olhou para o espelho lateral externo e viu os faróis do seu Bronco seguindo a uma distância segura. Um dos policiais, Samuel Buli, estava na direção. Tinha a

vantagem de estar subindo já com a mistura de areia e sal que Hawkins derramava. Mesmo assim a superfície da estrada continuava perigosa. De vez em quando, Dutch via o Bronco deslizando na direção da vala ou atravessando as listras centrais.

Wes ia de carona com Buli. Antes de saírem do posto, Dutch havia dito para ele que não precisava ir.

- Vá para casa. Esse problema é meu, não seu.

- Eu ficarei por perto para dar apoio moral - Wes disse na hora e subiu no Bronco.

Dutch só ia precisar de apoio moral se aquela tentativa de chegar até onde estava Lilly fracassasse. E parecia que Wes achava que o fracasso era inevitável. E Buli também. E Hawkins também. A dúvida soava alta e em bom som por trás de tudo que eles diziam, e Dutch percebeu pena nos olhares que davam para ele.

Eu devo estar parecendo desesperado para eles, pensou. Desespero era um estado mental inadequado para um chefe de polícia. Para um homem. Certamente não inspirava a confiança dos outros. De concreto mesmo, a única coisa que ele conseguia inspirar em Cal Hawkins era medo.

Quando estavam a cerca de cinqüenta metros da entrada para a estrada Mountain Laurel, ele disse:

- Se eu perceber que está dificultando as coisas de propósito, meto você na cadeia.

- Sob qual acusação?

- De me sacanear.

- Você não pode fazer isso.

- Aconselho a nem me testar. Dê tudo que pode nesse ferrovelho, entendeu bem?

- Entendi, mas...

- E sem desculpas.

Hawkins molhou os lábios e agarrou a direção com mais força, resmungando.

- Não estou enxergando porra nenhuma.

Mas ele reduziu a marcha quando se aproximou do cruzamento.

Manobra complicada, porque a curva era muito fechada, e logo depois a estrada se tornava uma subida íngreme. Para evitar sair de traseira, Hawkins teria de fazer a curva lentamente, mas com aceleração suficiente para encarar a subida.

Dutch ligou o radiotransmissor.

- Mantenha distância, Buli. Não chegue muito perto.

- Não precisa se preocupar com isso, amigo - Wes respondeu pelo rádio. - Foi exatamente o que disse para ele fazer.

- Muita calma agora - Hawkins disse baixinho, falando com seus botões ou com o caminhão.

- Calma demais, não - disse Dutch. - Você tem de subir aquela pirambeira.

- Sou eu que tenho experiência de dirigir essa coisa.

- Então dirija. Mas trate de dirigir direito.

Dutch respirou fundo, disfarçadamente, e prendeu a respiração.

Hawkins fez a curva com muito cuidado. O caminhão virou sem maiores problemas. Dutch soltou o ar.

- Agora pise.

- Não me diga o que tenho de fazer - retrucou Hawkins. Merda, essa estrada está mais escura do que breu.

A rodovia estadual, que virava rua Principal no perímetro urbano de Cleary, tinha postes de luz dos dois lados até o limite da cidade, nas duas direções. Mas no fim dessa parte mais transitada, as estradas não tinham iluminação e o contraste era dramático. Os faróis do caminhão não iluminavam nada, exceto a dança errática das pedras de gelo sopradas pelo vento. Hawkins se assustou. E tirou o pé do acelerador.

- Não!

Como Dutch já tinha rodado por aquela estrada mais de mil vezes, ele sabia que naquele ponto era preciso acelerar e pegar impulso para subir a ladeira íngreme.

- Pisa mais!

- Não estou vendo nada - gritou Hawkins.

Ele pôs a marcha em ponto morto e deixou o caminhão seguir enquanto passava a manga do casaco no rosto. Apesar da temperatura gélida, sua testa estava coberta de suor, com cheiro tão ácido quanto o uísque que o produzia.

- Engrene a marcha desse caminhão - disse Dutch, pronunciando cada palavra através dos dentes cerrados.

- Um minuto. Deixa minha visão se acostumar. Todo esse troço rodopiando em volta está me deixando tonto.

- Um minuto nada. Agora.

Hawkins virou para Dutch com a testa franzida.

- Você está querendo morrer ou alguma coisa parecida?

- Não, você é que deve estar. Porque eu vou te matar se esse caminhão não estiver rodando em cinco segundos.

- Acho que um chefe de polícia não devia ameaçar um cidadão civil desse jeito.

-Um.

- O que está acontecendo aí? - A voz de Wes soou esganiçada no radiorreceptor-transmissor.

- Dois. - Dutch apertou o botão do receptor e falou ao microfone. - Cal está avaliando a melhor maneira de atacar a subida. - Ele desligou o rádio. - Três.

- Dutch, você tem certeza disso? - Wes parecia preocupado.

- Talvez seja melhor pensar duas vezes.

- Quatro.

- Buli mal consegue manter esse Bronco na estrada, e isso em cima da areia. Não enxergamos um palmo à frente do capo e...

- Cinco - Dutch tirou a pistola do coldre.

- Merda! - Cal engrenou a primeira marcha do caminhão.

- Está tudo bem, Wes - Dutch falou no rádio com o que considerou uma calma extraordinária. - Lá vamos nós.

Cal soltou a embreagem e calcou o acelerador. O caminhão avançou alguns metros.

- Você tem de dar mais gás, senão nunca vai conseguir disse Dutch.

- Não esqueça que estamos com uma carga pesada.

- Então compense isso.

Hawkins balançou a cabeça concordando, e engrenou a segunda. Mas quando foi acelerar, os pneus traseiros começaram a patinar, completamente inutilizados.

- Não vai dar. - Não desista.

- Não vai...

- Continue tentando! Mete o pé!

Hawkins resmungou alguma coisa sobre Jesus, Maria e José e depois fez o que Dutch mandava. Os pneus patinaram, então encontraram aderência e tração, e o caminhão deu um pulo para a frente.

- Viu? - Dutch disse, mais aliviado do que queria transparecer.

- É, mas temos de encarar aquela primeira de cento e oitenta graus.

- Você consegue.

- Também posso levar nós dois direto para o inferno, porque não estou enxergando merda nenhuma. Não acho nada legal despencar pela ribanceira dentro dessa coisa.

Dutch ignorou o comentário. Por baixo da roupa, ele suava até mais do que Hawkins. Estava concentrado no brilho dos faróis logo à frente do capo. Sendo justo com Hawkins, não discutia o perigo que era dirigir um caminhão daquele tamanho subindo uma serra coberta de gelo quando a visibilidade se limitava a poucos metros. A tempestade pesada já havia coberto a areia recém-espalhada. Ele notou que Buli não tinha saído da entrada da estrada com o Bronco. Os dois dentro do carro - seu melhor amigo e um dos seus subordinados - deviam estar discutindo a

burrice cega do chefe de polícia. Dutch não podia se preocupar com as opiniões deles.

Gemendo e rangendo, o caminhão resfolegava na subida com vinte graus de inclinação. O progresso era lento, mas Dutch ficou o tempo todo se convencendo de que cada centímetro o levava mais para perto de Lilly. E de Ben Tierney também.

De todos os homens com quem Lilly podia ter ficado ilhada lá em cima, tinha de ser logo aquele cara? A idéia dela estar sozinha na cabana com qualquer homem já bastava para deixá-lo maluco. Mas ela estava lá em cima com um homem com quem flertara justamente na véspera.

Dutch tinha visto outras mulheres, mais velhas e jovens, admirando Ben Tierney de alto a baixo, ficando excitadas com o corpo sarado e o maxilar feito a cinzel.

E qualquer um podia apostar que ele sabia muito bem que provocava esse frisson entre as mulheres.

Devia se considerar uma espécie de super garanhão. Explorador em busca de emoções, com fotos nas revistas. Tudo isso somado resultava em passe livre para a cama com qualquer mulher que escolhesse.

Caiaque nas corredeiras uma ova!

Tirou da cabeça aqueles pensamentos amargos e disse:

- Atenção, Hawkins. Estamos chegando perto daquela primeira curva problemática.

-É.

- Mais uns dez metros, talvez.

- Não temos a menor chance de conseguir.

- Se sabe o que é melhor pra você, vamos conseguir sim.

E Dutch passou alguns minutos acreditando mesmo que iam conseguir. Talvez desejasse tanto isso que até via acontecer. Mas pensamento positivo não anula as leis da física. Para fazer aquela curva em segurança, Cal teve de diminuir a marcha. Ao fazer isso, o caminhão não teve velocidade suficiente para manter o impulso e vencer a subida. Parou e pareceu ficar assim, imóvel, por uma eternidade e mais um dia. Dutch prendeu a respiração. E então o caminhão começou a deslizar para trás.

Hawkins gritava como uma mulher.

- Pise no acelerador, seu idiota!

Hawkins obedeceu, mas Dutch teve a impressão de que seus esforços não estavam sendo tão agressivos quanto exigia aquele combate contra a atração inexorável da gravidade.

Em todo caso, nada que Hawkins tentou obteve qualquer efeito positivo, a não ser as freadas curtas que acabaram evitando que o caminhão continuasse deslizando para baixo e saísse da estrada.

Quando o caminhão finalmente parou, Hawkins expeliu o ar dos pulmões, longa e ruidosamente.

- Porra. Essa passou perto.

- Tente de novo.

Ele virou a cabeça tão rápido que fez estalar as vértebras do pescoço, como milho de pipoca estourando.

- Você ficou maluco?

- Engrene a marcha de novo e tente outra vez.

Hawkins balançou a cabeça como um cachorro molhado.

- De jeito nenhum, nem a pau. Pode sacar sua pistola de novo e atirar bem na minha testa, mas pelo menos essa vai ser uma morte rápida. Melhor do que ter as entranhas esmagadas por toneladas de caminhão e de areia. Não senhor, muito obrigado. Pode esperar até essa coisa clarear, ou arranjar outro motorista, ou então dirigir você mesmo. Não estou nem aí, só sei que eu não vou fazer isso.

Dutch tentou obrigá-lo, olhando feio para ele, mas os olhos injetados de sangue de Cal Hawkins nem piscaram. E seu queixo com a barba por fazer estava projetado para a frente, agressivamente. Os dois se surpreenderam quando alguém bateu na janela do lado de Dutch.

Era Wes.

- Vocês estão bem aí?

- Estamos ótimos - respondeu Dutch através do vidro.

- Estamos porra nenhuma - berrou Hawkins.

Wes subiu no estribo, abriu a porta e logo sentiu o medo de Hawkins.

- O que está havendo?

Hawkins apontou um dedo trêmulo para Dutch.

- Ele apontou a arma para mim, disse que ia me matar se eu não o levasse até o topo. Está completamente doido.

"Wes olhou incrédulo para Dutch, que disse, com voz cansada:

- Não ia atirar nele. Só queria assustá-lo para fazer todo o possível.

Wes olhou bem para o amigo por um tempo, depois virou para Hawkins com uma voz baixa, de confidente.

- A mulher dele está lá em cima na cabana deles com outro homem.

Hawkins assimilou a informação e olhou para Dutch sob um novo ângulo.

- Caramba, cara. Isso é uma barra.

O que era uma barra era ser motivo de pena de um camarada como Cal Hawkins.

- Cal, você acha que consegue dar marcha a ré com seu caminhão até a estrada principal? - perguntou Wes.

Hawkins, inspirado pela simpatia de Wes e recuperando um humor mais cordato, disse que ia tentar. com orientação dos outros, ele pôs o caminhão de areia de novo na estrada e virou na direção da cidade. Dutch mandou Buli ir na boléia com Hawkins e avisou o policial para ficar de olho nele, não deixar que fizesse qualquer coisa para sabotar o uso futuro do caminhão.

- Não me admiraria se ele avariasse o caminhão de propósito para se livrar de uma nova tentativa amanhã.

Seguindo atrás no Bronco, Dutch cerrou os dentes.

- Aquele covarde, aquele bêbado filho-da-puta.

- O sumiço de Cal Hawkins Jr. não significaria grande perda. Quanto a isso eu concordo - disse Wes. - Mas, por Deus, Dutch, você não se excedeu um pouco quando apontou a arma para ele?

- Você tinha de contar para ele que Lilly estava com outro homem? A cidade inteira vai saber quando o sol raiar. E sem limite para o que vão inventar que ela e

Ben Tierney estão fazendo lá em cima para se aquecer e passar o tempo. Você sabe como a cabeça dessa gente funciona.

- Estou vendo é como a sua está funcionando. Dutch olhou para Wes com raiva.

- Além do mais - continuou Wes -, não mencionei o nome do Ben Tierney. A única coisa que Hawkins sabe é que ela está isolada lá com um imbecil qualquer.

- Acho que não.

- Olha, eu resolvi contar porque ele pode se identificar com essa situação. Subir essa montanha nessa tempestade para salvar um cidadão perdido? Ele não vê sentido numa coisa dessas. Mas ir atrás da sua mulher que está com outro homem, isso justificaria qualquer atitude extrema. Até ameaçar alguém com uma arma.

Não disseram mais nada até chegar ao posto de gasolina. Dutch ordenou que Buli voltasse para a central de polícia para ver se precisavam da ajuda dele em algum outro lugar. Se não, ele podia ir para casa.

- Sim, senhor - com a cabeça baixa e constrangido, o policial disse sem jeito. - Sinto muito, o senhor sabe, não termos podido chegar até a sua mulher.

- Até amanhã - disse Dutch laconicamente.

O policial foi para o carro de polícia. Hawkins já estava subindo na sua picape quando Dutch o alcançou.

- vou te procurar amanhã bem cedo. E melhor não ser difícil encontrar você.

- vou estar em casa. Sabe onde fica?

- Pego você quando o sol nascer. E quando eu chegar lá, se você estiver bêbado ou de ressaca, vai desejar que eu tivesse mesmo te dado um tiro.

Seguiram a picape de Hawkins na saída do posto de gasolina. Não foi surpresa constatar a falta de uma das lanternas traseiras.

- Eu devia multá-lo por causa disso - Dutch resmungou quando Hawkins pegou outra rua num cruzamento.

Quando chegaram à casa dos Hamer, Wes disse:

- Pode me deixar na calçada, não precisa entrar com o carro. Dutch estacionou o Bronco. Os dois ficaram calados um tempo. Wes espiava desanimado pelo pára-brisa e finalmente disse:

- Não está parecendo que vai melhorar, não é?

Dutch amaldiçoou aquele tempo catastrófico de neve e granizo.

- Eu vou chegar lá em cima amanhã, nem que tenha de criar asas e voar.

- É exatamente isso que você deve precisar fazer - comentou

Wes. - Para onde vai agora?

- vou rodar pela cidade um pouco. Verificar como andam as coisas.

- Por que não encerra o expediente por hoje, Dutch? Vai dormir um pouco.

- Não ia conseguir, nem se tentasse. Por enquanto estou funcionando à base da adrenalina e da cafeína.

Wes examinou bem o amigo antes de comentar.

- Fui eu que recomendei você para esse trabalho. Dutch olhou duro para Wes.

- Está mudando de idéia?

- Nada disso. Mas acho que posso lembrar a você que grande parte do seu futuro depende do seu sucesso aqui.

- Olha, se você pensa que estou fazendo um trabalho malfeito...

- Eu não disse isso.

- Então qual é?

- Estou dizendo que a sua reputação está em jogo, e a minha também.

- E você tem sempre alguém para guardar suas costas, não é mesmo, Wes?

- com toda a certeza - ele disparou de volta. Dutch bufou com desprezo.

- Você sempre teve atacantes grandes e maus para protegê-lo e, caso falhassem, tornava a vida deles um inferno. Eu ficava lá tora sendo amassado pelos zagueiros de linha com pescoços mais grossos do que a minha cintura. Você não dava a mínima se eu era destruído, desde que ficasse protegido.

Dutch percebeu que devia estar parecendo muito infantil relembrando a época em que jogavam futebol americano, por isso engoliu quaisquer outros comentários. O que Wes tinha dito era a verdade triste e feia. E ele sabia. Apenas ficava irritado de ouvir aquilo dito em voz alta.

- Dutch - disse Wes num tom cuidadosamente comedido -, não estamos brincando de jogo da pulga aqui. Nem jogando futebol. Nossa pequena cidade tem um psicopata, um doente, que está seqüestrando as mulheres. Cinco, até agora. Só Deus sabe o que está fazendo com elas. As pessoas estão assustadas, tensas, imaginando quantas serão as vítimas antes do cara ser preso.

- Aonde você quer chegar?

- O que estou dizendo é que não vi você preocupado com a crise da nossa cidade, nem a metade do que ficou preocupado com o fato da Lilly estar presa numa cabana bonita e confortável, numa noite de nevasca. Claro que está preocupado com ela. Tudo bem. Alguma preocupação você deve ter mesmo. Mas, pelo amor de Deus, não superestime isso.

- Não me venha com sermão, sr. Presidente do conselho municipal.

A voz suave de Dutch contrastava com a fúria que pulsava dentro dele.

- Você está meio longe de ser um exemplo moral, Wes. - E, para arrematar a pancada, acrescentou com ênfase: - Especialmente quando o assunto é o bem-estar das mulheres.

11

- Você tem asma?

- Asma crônica. Asma não alérgica.

Lilly passou a mão por dentro da bolsa vazia, sabendo que era um gesto inútil. A bolsinha em que guardava o remédio não estava lá. Aflita, passou os dedos pelo cabelo, depois cobriu a boca e o queixo com a mão.

- Onde é que está?

- Você não está tendo um ataque de asma.

- Porque tomo o remédio para evitar. Um inalante e um comprimido.

- Sem eles...

- Eu posso ter uma crise. Que poderia ser sério porque estou sem meu broncodilatador.

- Bronco...

- Dilatador, dilatador - ela disse, impaciente. - E uma bombinha, um inalador que eu uso durante o ataque.

- Já vi as pessoas usando isso.

- Sem ele não consigo respirar. - Ela se levantou e começou a rodar num círculo pequeno. - Onde está aquela bolsa? É mais ou menos deste tamanho - ela disse, mostrando um espaço de doze centímetros entre as palmas das mãos. - De seda verde, com pedrinhas de cristal. Uma companheira da minha equipe me deu no último Natal. Ela notou que a que eu usava estava velha.

- Talvez você tenha deixado...

Antes mesmo de Tierney terminar a frase, Lilly já estava balançando a cabeça e interrompendo.

- Fica sempre na minha bolsa, Tierney. Estava lá esta tarde.

- Tem certeza?

- Absoluta. Respirar esse ar frio pode provocar um ataque, por isso usei uma das minhas bombas logo antes de sair da cabana. - Mais aflita a cada segundo, Lilly esfregou as mãos. - Estava na minha bolsa hoje à tarde, e não está mais lá, o que aconteceu então?

- Acalme-se.

Lilly encarou Tierney, furiosa com sua incapacidade de compreender o pânico que ela sentia. Ele não sabia o que era ficar ofegante e temer que em pouco tempo não poderia mais respirar.

- Não me diga para me acalmar. Você não sabe...

- Está certo. - Ele a segurou pelos ombros e balançou um pouco. - Não sei nada sobre asma, mas tenho certeza de que histeria só pode piorar as coisas. Você está alimentando isso. Agora acalme-se.

Lilly não gostou do tom de voz dele, mas é claro que tinha razão. Ela meneou a cabeça e tratou de se livrar das mãos dele.

- Está bem, estou calma.

- Vamos retroceder. Você usou o inalador quando estava saindo da cabana, certo?

- Quando estava passando pela porta pela última vez. Sei que guardei de volta na minha bolsa. Lembro que tive dificuldade com o zíper porque estava de luvas. Mas, mesmo se tivesse acidentalmente deixado cair, devia estar nesta sala. Nós examinamos cada centímetro quadrado da cabana. Não está aqui, senão um de nós teria visto.

- A sua bolsa foi parar no chão do carro quando você bateu na árvore, lembra?

Não, ela não tinha se lembrado disso até aquele momento.

- É claro - Lilly gemeu. - A bolsinha deve ter caído fora da bolsa naquela hora. Estaria mesmo em cima de tudo porque eu tinha acabado de guardá-la.

- Então essa é a única explicação lógica que existe. Quando você puxou sua bolsa de baixo do painel, verificou para ver se a bolsinha de remédio estava lá dentro?

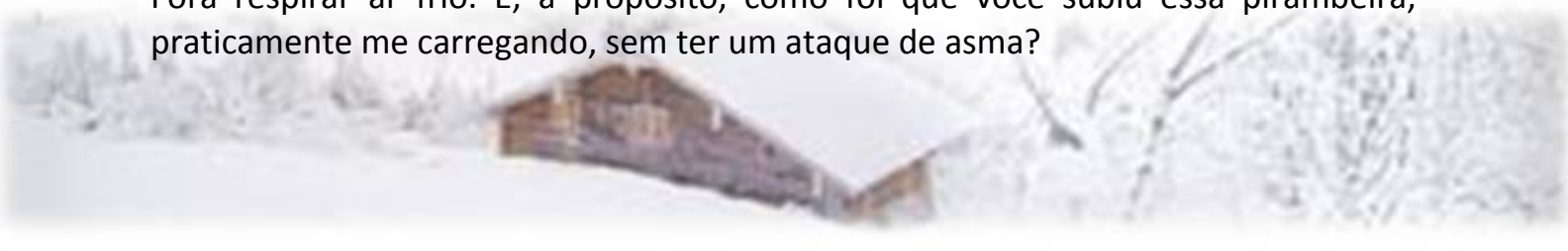
- Não. Nem me ocorreu ver se alguma coisa tinha caído. Eu só pensava no nosso problema.

- Numa situação normal, quando é que você precisaria tomar o remédio?

- Na hora de dormir. A menos que tenha uma crise, e, nesse caso, precisaria de uma das bombinhas imediatamente.

Tierney registrou isso.

- Então teremos de fazer todo o possível para evitar uma crise. O que a provoca? Fora respirar ar frio. E, a propósito, como foi que você subiu essa pirambeira, praticamente me carregando, sem ter um ataque de asma?



- O remédio funciona bem como preventivo. Se eu tiver bom senso e tomar o remédio, posso fazer praticamente qualquer coisa que queira. Descer corredeiras de caiaque, por exemplo - ela acrescentou com um sorriso triste.

- Mas essa caminhada até aqui em cima quase acabou comigo, Lilly. Como foi que você conseguiu?

- Eu podia estar imbuída de uma força sobre-humana, afinal. - Para Tierney não ficar boiando com a piada particular, ela explicou: - Quando você estava lá caído na estrada e eu corri para pegar o cobertor e tudo o mais, imaginei por que não estava sentindo a onda de adrenalina que as pessoas costumam sentir numa situação limite como aquela.

- Você pode ter tido e não percebeu.

- Evidente. De qualquer forma, os ataques são mesmo provocados por esforço muito grande. E irritadores como poeira, mofo e poluição no ar. Estou bem a salvo de tudo isso aqui no alto, especialmente no inverno. Mas há também o estresse - ela continuou - que pode provocar um ataque.

"Depois que a Amy morreu, eu tinha crises muito freqüentes, porque chorava muito. Foram diminuindo com o tempo, é claro, mas eu devo evitar fadiga e esgotamento nervoso." Ela deu um sorriso tentando parecer corajosa. "Tenho certeza que vou ficar bem. Não deve fazer mal deixar de tomar algumas doses."

Tierney olhou para ela pensativo, depois para a porta.

- Eu vou até o carro pegar.

-Não!

Lilly agarrou a manga do suéter dele com toda a força. Pior do que não ter o remédio ali com ela seria não ter o remédio e sofrer uma crise sozinha.

Logo depois da morte de Amy ela teve um ataque durante a noite. O som da respiração ofegante a fez acordar, e começou a tossir e cuspir um muco horrível. As passagens de ar estavam quase totalmente bloqueadas quando conseguiu inalar a droga que salvaria sua vida.

E essa crise foi especialmente assustadora porque ela estava sozinha. Dutch não voltou para casa aquela noite nem telefonou para dizer que ia chegar tarde. Esgotadas as desculpas esfarrapadas, ele achava mais fácil não telefonar do que telefonar e dizer uma mentira.

Lilly acabou desistindo de esperar por ele e foi para a cama. Lembrou que mais tarde até pensou que seria bem feito para ele se não tivesse usado a bombinha a tempo, ou se o remédio não bastasse para desobstruir todas as passagens, se ele chegasse em casa e descobrisse que ela morrera sufocada enquanto ele estava com outra mulher.

Percebeu que ainda estava segurando a manga de Tierney com força desesperada, e soltou.

- Você não ia conseguir chegar até o carro e voltar para cá sem desfalecer. Ficaria lá fora perdido, congelado ou inconsciente, e eu continuaria aqui sem os meus remédios. E ficaríamos em situação pior, não melhor.

Ele respirou bem fundo e depois deixou o ar sair lentamente.

- É, creio que você tem razão. vou adiar a minha ida até não termos mais escolha.

- Se chegar a isso, não vá sem me avisar.

Lilly estava envergonhada da emoção que crescia dentro dela, mas era muito importante para ela que ele entendesse isso.

- Eu convivo com a asma a minha vida inteira, mas um ataque grave continua sendo uma experiência aterradora. Fico bem sozinha, desde que o inalador de emergência esteja ao meu alcance. Só que não está. Não quero acordar sufocando, sem ar, e me ver aqui sozinha, Tierney. Por isso você tem de prometer.

- Eu prometo - ele jurou baixinho.

Uma tora na lareira despencou e lançou uma rajada de fagulhas chaminé acima. Lilly virou de costas para ele e se ajoelhou para revolver as brasas por baixo da grelha de ferro.

- Lilly?

- Humm? - Tierney não respondeu e ela virou para ele. -

O que foi?

- O que você acharia de dormirmos juntos?

Marilee Ritt teve uma noite tranqüila.

Apesar de não ter sido oficialmente anunciado, sabia que a escola não abriria no dia seguinte. Mesmo se os ônibus pudessem trafegar, que não podiam, custaria muito dinheiro para a escola municipal aquecer os prédios com uma temperatura tão baixa como aquela.

Mesmo assim, o superintendente tinha um prazer perverso de avisar a todos do cancelamento das aulas no último minuto possível, em geral pela manhã, cerca de uma hora antes da campainha tocar. Era seu joguinho de poder não deixar ninguém dormir direito.

Em vez de corrigir trabalhos, o que ela habitualmente fazia todas as noites, Marilee assistiu a uma das fitas de vídeo que tinha alugado na loja. A protagonista era um personagem inexpressivo. O ator principal era um grosseirão sem nenhuma

qualidade redentora. Os únicos méritos do filme eram a química entre os dois atores igualmente bonitos e uma boa canção-tema executada por Sting. E daí se havia buracos na trama e se os diálogos eram piegas? Não era Dostoievski, mas era um escapismo divertido, e Marilee tinha gostado.

Percorreu a casa toda apagando as luzes e verificando se todas as portas estavam trancadas. Deu uma espiada no corredor que dava para os quartos e notou que não havia luz por baixo da porta do quarto de William. Apostou que já estaria dormindo havia horas. Ele costumava deitar e acordar cedo.

Foi para seu quarto e fechou a porta, mas não acendeu a luz. Um poste na rua, no meio do quarteirão, fornecia luz suficiente através da persiana da janela para Marilee enxergar alguma coisa. Tirou as almofadas decorativas de cima da cama e puxou o acolchoado.

Então foi até o banheiro e começou a se despir. Fez isso bem devagar, tirava cada peça de roupa lentamente e punha num canto antes de tirar outra. A pele ficou toda arrepiada de frio, mas, mesmo assim, não se apressou.

Já completamente despida, tirou o elástico que segurava o rabo-de-cavalo e balançou a cabeça para soltar o cabelo, passando os dedos nas mechas cor de trigo, pelas quais sentia uma vaidade secreta. Gostava de sentir o cabelo solto e macio roçando nos ombros nus.

Sua camisola estava pendurada num cabide atrás da porta. Vestiu. Era fina demais para a estação, mas ela adorava roupa de dormir sedosa e com rendas, por isso usava o ano inteiro. Tremendo de frio, voltou lentamente para o quarto.

Marilee já estava subindo na cama quando ele a segurou pela cintura com um braço e apertou a outra mão na sua boca. Ela tentou gritar e arqueou as costas, num esforço para livrar-se dele.

- Pssiu! - ele sibilou diretamente no ouvido dela. - Fique quieta senão vou ter de machucar você.

Marilee parou de se debater.

- Assim está melhor. O seu irmão está dormindo?

- Hum-mmmm?

Ele apertou mais a cintura dela, puxando-a de encontro ao peito. A respiração dele era quente e úmida no contato com sua orelha e pescoço.

- Eu perguntei se o seu irmão está dormindo.

Ela hesitou um pouco e depois meneou a cabeça.

- Está certo. Isso é bom. Faça o que eu disser e não vou te machucar. Entendeu?

O coração dela se debatia contra as costelas, mas Marilee balançou a cabeça outra vez, concordando.

- Se eu tirar a mão da sua boca, você vai gritar?

Ela balançou a cabeça, talvez rápido demais para parecer sincera. Ele rosnou.

- Se você gritar...

Ela balançou a cabeça com mais convicção. Ele tirou a mão aos poucos da boca de Marilee. Ela choramingou.

- O que você vai fazer comigo? E ele mostrou para ela.

12

O intruso agarrou a mão dela, puxou para trás e apertou a palma no seu pênis exposto. Marilee deu um grito sufocado de choque. Ele dobrou os dedos dela em volta da sua ereção e começou a mover a mão para cima e para baixo.

Ela podia ver a imagem dos dois refletida no espelho do outro lado do quarto. Era uma peça antiga que chegara até ela através da mãe e da avó. Um espelho largo, oval, em madeira clara com rosas cor-de-rosa pintadas.

Mas não havia nada de pitorescamente antiquado no reflexo dele naquele momento. Era carnal. Cru. Erótico. Na semi-escuridão, ela se viu com sua camisola curta e transparente. Ele era uma sombra. Tudo que conseguia ver do homem era um boné de vigia e dois olhos encontrando os dela no espelho.

Cutucando o rego entre as nádegas dela, ele sussurrou:

- Abaixe sua camisola.

Ela balançou a cabeça, primeiro devagar, depois mais decidida.

- Não.

Antes que Marilee pudesse reagir, ele arrebentou as alças da camisola, que caiu até a cintura dela, deixando os seios expostos. Na mesma hora ele a envolveu com os dois braços e amassou seus seios contra o peito.

Marilee gemeu.

- Pssiu - ele sibilou irritado. Ela mordeu o lábio.

Ele deslizou uma das mãos para o meio do corpo dela e tentou enfiar entre suas coxas. -Abra.

- Por favor...

- Abra as pernas.

Ela afastou os pés alguns centímetros.

- Mais.

Ela hesitou e depois fez o que ele mandava. Ele enfiou os dedos nela. Pelo espelho, Marilee olhou nos olhos dele, que pareciam iluminados.

- Fique de joelhos e ponha a cara no colchão. Ajoelhada na beirada da cama, ela inclinou o corpo para a frente até encostar o rosto no colchão. As mãos dele estavam quentes enquanto a acariciava, abria suas pernas e a expunha. Ele ficou encostando e provocando com a cabeça do pênis antes de penetrar nela.

Num movimento convulsivo, Marilee agarrou o lençol embaixo dela, com a mesma força que seu corpo apertava o membro dele. Ele gemeu e enfiou mais fundo.

- Fale, o que eu estou fazendo com você?

Ela murmurou a resposta com a boca no colchão.

- Mais alto.

Ela repetiu e balançou na direção dele.

- Você vai gozar, não vai?

As investidas dele ficaram mais curtas e mais rápidas. Ela deu um suspiro entre dentes e gemeu.

- Vou.

O orgasmo deixou Marilee molhada e fraca, e delirantemente feliz. Estava só começando a diminuir, quando sentiu o clímax dele. Ele a segurava pelos quadris e seu corpo inteiro ficou tenso e pulsante. Ela gozou de novo, um orgasmo menor dessa vez, mas não menos prazeroso.

Depois que recuperou o fôlego, ela engatinhou até a cama, rolou de costas e estendeu a mão para ele.

- Isso foi muito excitante.

Ele conhecia todas as fantasias dela, porque ela lhe contara. Nem sempre desempenhavam os papéis, mas Marilee adorava quando faziam isso.

Ele segurou os seios dela e esfregou os polegares nos mamilos rijos.

- Você gosta de ficar assustada.

- Preciso disso, senão não deixaria que você entrasse escondido aqui.

Trocaram um beijo longo e lânguido. Quando finalmente se separaram, ela tocou-lhe carinhosamente no rosto.

- Você viu o meu show no banheiro?

- Você não sentiu que eu estava espiando?

- Senti, sim. Logo que entrei no banheiro, sabia que você estava lá. Eu quis fazer um strip-tease mais demorado. Talvez, você sabe, me masturbar um pouco.

- Eu ia gostar.

- Na próxima vez. Esta noite estava frio demais. Aliás, por causa do tempo, não esperava você hoje.

Ele a beijou até a barriga e se ajoelhou entre as pernas dela. Abaixou-se e gemeu.

- Não consigo ficar longe disso.

Do lado de fora do quarto de Marilee, William ficou escutando atrás da porta mais alguns minutos, depois deu um sorrisinho malicioso, mal conseguindo abafar o riso, e retornou para seu quarto, pé ante pé, pelo corredor escuro.

A pergunta de Tíerney pegou Lilly desprevenida. Ela só ficou olhando fixo para ele, chocada demais para reagir.

- Acho que eu devia ter dito isso com mais tato, em vez de simplesmente jogar em cima de você assim de forma tão direta ele disse. - Costumo ser mais sutil.

Mais sutil quando convidava uma mulher para dormir com ele. E com que freqüência fazia isso, Lilly pensou, embora estivesse quase certa de que era muita. E também tinha certeza de que poucas das que eram convidadas lhe davam o fora. A risada despreocupada foi completamente falsa.

- Eu devo me sentir lisonjeada ou ofendida? Por pensar que uma abordagem mais sutil ia funcionar comigo?

- Nenhuma regra se aplica a você, Lilly.

- Por que não?

- Você é inteligente demais e linda demais.

- Não sou linda. Talvez atraente, mas não linda.

- E sim. Achei isso no momento em que você embarcou naquele ônibus.

Lilly lembrou que tinha se atrasado alguns minutos e foi a última a entrar no ônibus. E ficou de frente para todos, procurando um lugar para sentar. Tierney estava sentado no terceiro banco, perto da janela. O assento do corredor ao lado dele estava vazio. Eles fizeram contato visual. Ela retribuiu-lhe o sorriso, mas não aceitou o convite silencioso para sentar ao seu lado. Em vez disso, passou por ele e sentou no banco atrás do dele.

As portas se fecharam e o ônibus partiu. O guia da excursão ficou de pé no meio do corredor e cumprimentou a todos. Fez um discurso de dez minutos sobre segurança e sobre o que eles deviam esperar daquele dia que iam passar no rio Mulher Francesa. As piadas eram sem graça. Devia tê-las contado milhares de vezes. Mas ela riu educadamente, e Tierney também.

Quando o guia terminou seu alegre discurso e sentou atrás do motorista, outras pessoas do grupo começaram a conversar entre elas. Tierney disse a Lilly:

Sou Ben Tierney.

Lilly Martin.

Prazer em conhecê-la, Lilly Martin.

- Você estava linda aquele dia.

Lilly sabia que devia encerrar aquela conversa ali mesmo. Estava violando as regras básicas que haviam determinado, de se manterem concentrados em questões práticas e de deixar qualquer coisa pessoal fora daquela situação. Mas a mulher em Lilly queria ouvir o que ele tinha a dizer.

Ela franziu a testa para ele, desconfiada.

- Com a minha roupa de caiaque?

- Spandex preto nunca ficou tão lindo.

- Não é verdade, mas, de qualquer modo, obrigada.

- Você se apresentou com seu nome de solteira. Só quando fui novamente a Cleary fiquei sabendo que a Lilly Martin que tinha conhecido no rio era, na verdade, a sra. Burton, separada de Dutch, o recém-contratado chefe de polícia.

- Usava meu nome de solteira profissionalmente. Depois de pedir o divórcio, passei a usar o tempo todo. Quem lhe disse que Dutch e eu éramos casados?

- Um senhor chamado Gus Elmer. Conhece? Ela balançou a cabeça.

- Ele é o dono da pousada onde costumo me hospedar quando estou por aqui. Uma figura. Está sempre animado para conversar com os hóspedes. Sem deixar transparecer nada, perguntei se ele conhecia uma Lilly Martin que tinha uma cabana ali por perto.

- E ouvi a história completa. Ele deu um sorriso maroto.

- Se Gus tivesse algum escrúpulo em relação à fofoca, o uísque limpou sua consciência. Quando terminou a garrafa, eu já conhecia os fatos básicos sobre você, inclusive a morte da Amy. E isso explicou muita coisa.

- Sobre o quê?

Ele pensou bem antes de responder.

- Aquele dia no rio, notei que toda vez que você ria, parecia que se policiava e parava de rir. De repente. O seu sorriso desaparecia. O brilho se apagava nos seus olhos. Naquela época fiquei curioso, imaginando por que você apertava o botão para parar de se divertir. Era como se não tivesse o direito de curtir nada, como se fosse errado se alegrar com alguma coisa.

- É exatamente isso, Tierney.

- Quando está se divertindo tem essa sensação de culpa, porque a Amy está morta, e você viva.

- Segundo o meu terapeuta, é isso sim.

A sensibilidade que ele tinha em relação a ela era assustadora. Parecia conhecer cada nicho secreto do seu coração. E aparentemente tinha sido capaz até de ler a mente dela no dia em que se conheceram. Era bom poder falar livremente sobre Amy, mas a percepção dele era desconcertante.

Ele chegou mais perto da lareira ao lado dela.

- Esta noite, quando me contou com suas próprias palavras a morte de Amy, reconheci a tristeza que havia notado em você aquele dia no rio.

- Desculpe-me.

- Por que pede desculpas?

- A dor e o sofrimento deixam as pessoas constrangidas.

- Talvez outras pessoas, não eu. Ela olhou para ele curiosa.

- Por quê?

- Admiro seu empenho para enfrentar isso.

- Nem sempre bem-sucedido.

- Mas o que importa é que você não se entregou. - Ele não acrescentou, como o seu marido, mas era isso que estava querendo dizer.

- Seja como for, ninguém gosta de ter por perto alguém triste - ela disse.

- Eu continuo aqui.

- Você não pode escapar. Estamos presos aqui, lembra?

- Não estou reclamando. Na verdade, tenho de confessar uma coisa. Estou contente de estarmos, você e eu, aqui sozinhos, isolados do resto do mundo. - Ele abaixou a voz. - Essa conversa começou com uma pergunta.

- Não, não vou dormir com você.

- Preste atenção, Lilly. Nós podemos conservar calor, até gerar algum, tirando a roupa e nos enrolando embaixo de uma pilha de cobertores. O calor dos nossos corpos juntos ajudaria a nos aquecer.

- Humm, entendo. Está sugerindo isso exclusivamente por necessidade.

- Exclusivamente não. Mais ou menos setenta e cinco por cento.

- São os outros vinte e cinco por cento que me preocupam. Ele estendeu a mão e segurou uma mecha do cabelo dela, mas, diferente de quando tocou nele no carro, não largou na mesma hora. Esfregou o cabelo entre os dedos.

- Quis você desde o primeiro dia. Para que perder tempo com sutilezas se tenho certeza absoluta que você sabia desde o começo? Eu quero transar com você. Mas tem uma coisa... e é importante... nada vai acontecer até eu saber que você também quer. Paramos no contato para aquecer. - Ele afastou os dedos e ficou olhando o cabelo de Lilly deslizar entre eles, depois olhou bem nos olhos dela de novo. - Eu juro.

Lilly encarou Tierney, ouviu a sinceridade da sua voz rouca e acreditou que ele manteria a palavra. Bem, mais ou menos. Aquela tinha sido uma confissão de desejo terrivelmente excitante.

Ela não confiava na situação. Tentava se imaginar com Tierney, deitados juntos, até parcialmente despidos, abraçados para se aquecerem sem qualquer exploração ou curiosidade sexual. Quem ele pensava que estava enganando? A si mesmo, talvez, mas não a ela.

Não que o céu fosse desmoronar se cedessem à atração que sentiam. Os impulsos sexuais dela estavam certamente acendendo a luz verde para a idéia. Mas ela o conhecia há... o quê? Contando aquele dia no rio, tinha passado um total de, talvez, quinze horas com ele. Mesmo nessa era de permissividade sexual e de auto gratificação, sem se importar com as conseqüências, aquilo era meio acelerado demais para ela.

Tudo que realmente sabia dele era que era um bom ouvinte e que sabia escrever um artigo conciso e interessante para uma revista. Será que estava pronta para ter intimidade física com um homem sobre o qual sabia tão pouco? As mulheres mais jovens que ela a chamariam de antiquada, pudica e covarde. Preferia pensar que era inteligentemente cuidadosa.

- Não, Tierney. A minha resposta continua sendo não.

- Está bem. - Ele deu um meio sorriso. - Sinceramente, se os papéis se invertessem, eu também não confiaria em mim. - Ele se levantou. - Então passemos ao plano B. Fechamos as saídas de ventilação do quarto e do banheiro, fechamos completamente aqueles cômodos e ficamos lá dentro, onde podemos ter uma pequena reserva de calor.

"Eu podia tirar o colchão da cama e pôr perto da lareira para você. Durmo em um dos sofás, a seguros um metro e meio de distância de você. Mas, se não quiser nem essa proximidade, eu certamente vou compreender."

Lilly ficou de pé e espanou a parte de trás da calça.

- O plano B parece bem razoável.

- Ainda bem que você concordou. vou cuidar disso agora mesmo.

Ele foi indo para o quarto.

-Tierney?

Ele parou e virou para ela.

- Obrigada por aceitar a minha decisão sem discutir. Você está sendo muito gentil.

Ele ficou olhando para ela alguns segundos, e então cobriu a distância que os separava com dois passos longos.

- Não sou tão gentil assim.

13

- Já leu o Livro de Jeremias, Hoot?

- Jeremias? Não, senhor. Não inteiro. Só alguns versículos.

O comandante estrategista da aeronáutica, Begley, fechou a Bíblia dele. Estivera lendo nos últimos vinte quilômetros, que tinham custado ao agente especial Wise quase duas horas para vencer.

- O Senhor tinha um homem fiel em Jeremias.

- Sim, senhor.

- Encarregado pelo Deus Jeová a dizer para as pessoas coisas que elas não queriam ouvir e que preferiam não saber.

O que Hoot conhecia dos profetas do Antigo Testamento não era muito claro, por isso concordava com a afirmação de Begley com um grunhido neutro.

- Ele está matando, você sabe.

Procurando desesperadamente manter o carro na estrada e acompanhar a conversa de Begley ao mesmo tempo, Hoot ficava pensando se o sujeito do pronome "ele" era o profeta, o Senhor, ou o sujeito desconhecido que atacava a comunidade de Cleary. Concluiu que devia ser o desconhecido.

- Deve ter razão, senhor. Mas se ele está limitando sua atividade nessa região, e até agora ainda não associamos este caso a nenhuma outra parte do país, podemos concluir que algum corpo já deveria ter sido encontrado a essa altura.

- Ora, olhe só para essa região.

Begley passou a manga no vidro cheio de gelo da janela do carona para limpar a vista da paisagem coberta de neve.

- Há centenas de quilômetros quadrados de floresta fechada por aí. O terreno é acidentado e montanhoso. Leitos de rio cheios de pedras. Cavernas. Ele tem até a fauna do seu lado. Pelo que sabemos, pode estar alimentando os ursos com essas garotas.

Isso provocou em Hoot o refluxo do suco gástrico. A última xícara de café que tinha tomado deixou-lhe um gosto ácido no fundo da garganta.

- Tomara que não, senhor.

- E uma região com população esparsa. O filho-da-mãe que explodiu o Olympic Park de Atlanta ficou anos escondido aqui antes de ser encontrado. Não, Hoot, se eu estivesse matando mulheres, escolheria um lugar como esse para ser minha área de caça. - Ele apontou para a frente e perguntou: - É isso aí?

- Sim, senhor.

Hoot nunca ficou tão feliz em toda a sua vida de ver seu destino. Tinha dirigido a noite inteira em estradas que combinavam melhor com um trenó de tobogã. Num trevo não muito longe de Charlotte, um carro da polícia rodoviária bloqueava uma rampa de acesso. O policial desceu do carro e gesticulou para Hoot dar marcha a ré. Obedecendo às ordens de Begley, Hoot não se mexeu.

O patrulheiro se aproximou berrando, furioso.

- Não viram o sinal que eu fiz? Não podem seguir por aqui. A estrada está fechada.

Hoot abaixou o vidro. Begley inclinou-se por cima dele e exibiu sua credencial para o patrulheiro, explicou que estavam perseguindo um criminoso, discutiu com o policial, mandou carteirada e finalmente ameaçou empurrar a maldita viatura para fora da merda da estrada se ele não a tirasse dali imediatamente. O policial tirou o carro.

Hoot tinha conseguido subir a rampa sem derrapar e sair da estrada, mas os músculos do pescoço e das costas ficaram cheios de nós desde aquela hora. Begley parecia ignorar o perigo. Era isso ou então confiava mais na habilidade de Hoot como piloto, mais do que o próprio Hoot.

Begley havia permitido apenas duas paradas para um lanche e café, que levaram para o carro. Na última parada, Hoot mal teve tempo de fechar o zíper da calça depois de usar o mictório, pois Begley ficou dizendo para ele se apressar o tempo todo.

O amanhecer só reduziu um pouco a escuridão. O céu estava baixo de nuvens espessas. Nevoeiro e ventania com nevasca limitavam a visibilidade a poucos metros. Os olhos de Hoot estavam cansados de tanto esforço para enxergar um palmo adiante do enfeite do capo do carro. O velocímetro marcou trinta quilômetros por hora como velocidade máxima atingida. Acelerar mais teria sido suicídio. A chuva congelada e a neve que tinham caído na véspera agora eram agravadas pela forte nevasca, do tipo que Hoot havia visto pouco em seus trinta e sete anos de vida.

Antes de entrevistar Ben Tierney, ele gostaria de um banho, fazer a barba, beber um bule de café e tomar um café da manhã quente e reforçado. Mas quando chegaram perto da lanchonete de Cleary, Begley deu instruções para ele passar direto e ir para a pousada na periferia da cidade.

A Pousada Whistler Falls era um grupo de cabanas à beira de um pequeno lago formado pela cachoeira que ficava logo acima. Uma camada alta de neve havia se acumulado ao longo da cerca que rodeava o playground. Saía fumaça da chaminé do escritório. Exceto por aquele sinal de vida, o lugar parecia uma paisagem de neve deserta.

Hoot saiu da estrada com cuidado e embicou o carro no que torcia para ser a entrada da pousada. Não dava para distinguir embaixo daquele monte de neve.

- Qual é a dele? - perguntou Begley.

- Número oito. - Hoot inclinou a cabeça numa direção. Aquela mais perto do lago.

- E ele continua registrado?

- Estava ontem à noite. Mas o Cherokee dele não está aqui observou Hoot desapontado.

Só havia um veículo parado na frente de uma cabana, e parcialmente coberto de neve. Nenhuma marca de pneu.

- Vamos consultar o gerente?

- Para quê? - perguntou Begley, e Hoot olhou para ele. - Dá para ver daqui que a porta da cabana número oito está meio aberta, agente especial Wise. Aposto que se a gente bater nela, vai abrir completamente.

- Mas senhor, se esse for o cara, é melhor não dar essa deixa para ele se safar porque seus direitos civis foram violados.

- Se esse é o nosso cara, vou violar a cabeça dele com uma bala antes de deixar que ele se safe com algum procedimento jurídico de merda.

Hoot estacionou na frente da cabana número oito. Desceu do carro e achou ótimo ficar de pé e se espreguiçar, apesar de afundar até os tornozelos na neve. O vento sugou o ar dos seus pulmões e os globos oculares pareceram congelar imediatamente, mas poder esticar as costas valia todos esses desconfortes.

Begley parecia nem notar a neve que cegava e o vento gelado. Foi abrindo caminho feito um trator e subiu os degraus que davam na varanda que havia em volta da cabana.

Experimentou a porta, constatou que estava trancada e passou tranqüilamente um cartão de crédito nela. Segundos depois, Hoot e ele estavam dentro da cabana.

Estava mais quente do que lá fora, mas ainda bastante frio para a respiração deles formar nuvens de vapor. As cinzas na lareira estavam cinzentas e frias. A

quitinete vizinha à sala principal estava limpa. Nenhuma comida à vista. Os pratos tinham sido lavados e postos no escorredor. E estavam lá tempo suficiente para já estarem secos.

Begley pôs as mãos na cintura e deu uma volta lentamente, observando os detalhes da sala.

- Parece que ele não vem aqui há algum tempo. Ele não saiu daqui no Cherokee esta manhã, senão teríamos visto marcas de pneu, mesmo do jeito que essa neve está caindo.

Tem alguma idéia de onde o sr. Tierney passou a noite, Hoot?

- Nenhuma, senhor.

- Alguma namorada aqui por perto?

- Não que eu saiba.

- Parentes?

- Não. Tenho certeza disso. Ele é filho único. Os pais já morreram.

- Então onde foi que ele passou a noite? Hoot não tinha resposta para isso.

Seguiu Begley até o quarto da frente. Depois de examinar tudo rapidamente, Begley apontou para a cama de casal.

- A sra. Begley acharia essa cama muito malfeita. Diria que é assim que um homem arruma a cama, quando arruma.

- Sim, senhor.

Hoot era homem, mas ele nunca deixava a cama desarrumada, e sempre fazia questão de que a colcha ficasse bem centralizada sobre o colchão. E também não deixava os pratos no escorredor. Secava-os na hora e guardava tudo nos seus devidos lugares. Também guardava seus CDs em ordem alfabética, pelo nome do artista, não o nome do disco, e sua gaveta de meias era arrumada por cor, da mais clara até a mais escura, da esquerda para a direita.

Mas cortaria fora a própria língua para não contradizer a sra. Begley.

Diferente da sala da cabana, o quarto onde Tierney dormia parecia habitado. Um par de botas de vaqueiro enlameadas estavam jogadas num canto. Havia uma bolsa de lona no meio do quarto com peças de roupa transbordando. Revistas espalhadas em cima da mesa embaixo da janela. Hoot controlou sua compulsão de arrumá-las quando deu uma olhada rápida nas capas brilhantes.

- Pornografia? - perguntou Begley.

- Aventura, esporte, atividades ao ar livre, boa forma. Do tipo dos artigos que ele escreve.

- Ora, que merda - disse Begley, parecendo decepcionado. A sala podia indicar que Tierney era compulsivo com limpeza e organização.

- O que combina com o perfil do suspeito que estamos procurando - disse Hoot, percebendo, enquanto falava, que estava condenando a própria tendência obsessivo-compulsiva.

- Certo. Mas isso? Maldição - disse Begley. - Isso está parecendo o quarto do meu filho mais velho. Então o que o Tierney é? Um porra de um psicopata, ou apenas exatamente o que ele parece? Um cara normal que gosta da vida ao ar livre e que não tem prazer com revistas de sacanagem?

A pergunta era retórica. O que era bom, já que ouvir falar de pornografia como "revistas de sacanagem" tinha deixado Hoot embasbacado.

A porta do armário estava aberta. Begley espiou lá dentro.

- Casual, mas de boa qualidade - observou depois de verificar algumas etiquetas.

- Os extratos do cartão de crédito dele atestam isso - afirmou Hoot. - Ele não faz compras em liquidações.

Begley deu meia-volta e saiu apressado do quarto. Atravessou a sala com passos pesados e abriu a porta do segundo quarto. Deu apenas dois passos e parou de repente.

- Lá vamos nós. Hoot!

Hoot correu para perto de Begley logo depois da porta do quarto.

- Minha nossa! - ele disse sussurrando.

Fotos das cinco mulheres desaparecidas tinham sido grudadas na parede em cima da mesa que Hoot concluiu ser a mesa de jantar que devia estar na quitinete. Não sentiu falta dela na cozinha minúscula até vê-la ali naquele quarto.

Sobre a mesa havia um computador e um tesouro de material impresso. Relatos de jornais sobre as mulheres desaparecidas tinham sido recortados do Cleary Call, assim como de outros jornais de lugares tão distantes como Raleigh e Nashville. Parágrafos tinham sido marcados com canetas hidrocor de várias cores.

Blocos de papel pautado amarelo continham páginas de notas rabiscadas, algumas riscadas, outras sublinhadas ou com observações que indicavam: vale reler ou lembrar.

Havia cinco pastas, uma para cada mulher. Continham folhas com notas escritas à mão, recortes de jornais, fotos publicadas em cartazes de pessoas desaparecidas ou na mídia.

E toda vez que o suspeito não identificado era mencionado, aparecia marcado com caneta azul.

Begley apontou para um trecho desses.

- Azul.

- Notei isso, senhor.

- É a cor da assinatura dele.

- Parece que é isso mesmo.

- Desde que ele levou Torrie Lambert.

- Sim, senhor.

- O computador...

- Sem dúvida deve ter uma senha de usuário para entrar.

- Acha que pode descobrir isso, Hoot?

- Eu certamente vou tentar, senhor.

- Muito bem, quietos aí, senão quiserem que eu arrebente a cabeça dos dois. - A voz ressoava como um misturador de cimento. - Levantem as mãos e virem pra cá bem devagar.

Begley e Hoot fizeram o que ele pedia, e deram de cara com os buracos gêmeos de uma espingarda de dois canos. Hoot disse:

- Olá, sr. Elmer. Lembra de mim? Charlie Wise?

Ele estava parado no meio do quarto, com a espingarda levantada na altura do peito. Quando Hoot disse seu nome, ele semicerrou os olhos para focalizar melhor. O rosto dele era vermelho e enrugado como um caqui que tivesse ficado tempo demais no sol. Usava um boné puído e comido pelas traças, de dentro do qual caíam mechas de cabelo viscoso do mesmo branco sujo da barba farta. Manchas de molho de tomate emolduravam-lhe os lábios que se abriram num sorriso mostrando gengivas desdentadas, a não ser por três cotocos marrons.

- Pelo amor de Deus. Eu podia ter matado vocês. - Ele abaixou a espingarda. - Vieram para dar o prêmio ao sr. Tierney?

Hoot teve de pensar um pouco para se lembrar da história que tinha inventado para explicar seu interesse em Ben Tierney.

- Ah, não. Este é o agente especial encarregado Begley. Nós estamos...

- Gus? Você está aí dentro?

- Ai, droga - disse Gus Elmer. - Eu chamei a polícia. Pensei que tinha alguém aqui dentro roubando as coisas do sr. Tierney enquanto ele não estava.

Begley resmungou baixinho um monte de impropérios entre dentes.

O velho virou para chamar o policial com um gesto, e o homem pôs a cabeça na porta de entrada. com a arma na mão, examinou curioso os agentes do FBI de cima a baixo.

- Esses são os ladrões?

- Não somos ladrões.

Hoot percebeu pela voz de Begley que sua paciência tinha se esgotado com aquela idiotice e que estava prestes a recuperar o controle de uma situação que tinha se complicado rápido demais. Empurrou Hoot para a frente e fechou a porta

do quarto com estrondo depois de sair, para evitar que os outros dois vissem o que Hoot e ele tinham descoberto.

- Somos agentes do FBI - continuou Begley -, e gostaria que você guardasse sua arma no coldre antes que acerte alguém, no caso eu.

O policial era jovem, devia ter bem menos do que trinta anos, se o palpite de Hoot estivesse certo. O tom autoritário e opressivo de Begley deixou o rapaz constrangido.

Só depois de guardar a pistola no coldre foi que ele se lembrou de pedir para ver a identificação dos dois agentes. Ambos mostraram seus distintivos.

Satisfeito ao comprovar que eles eram quem diziam ser, o policial se apresentou prontamente.

- Harris. Departamento de Polícia de Cleary.

Ele tocou a aba do quepe do uniforme de polícia, coberta de neve derretida. Usava botas de borracha de cano longo por cima da calça. A jaqueta de couro parecia um ou dois tamanhos menor do que ele e impedia que seus braços pendessem naturalmente ao lado do corpo. Ficavam afastados alguns graus, inclinados para fora.

Gus Elmer cocou a cabeça e olhou boquiaberto para Hoot.

- Você é um agente do FBI? Sério?

- Sério - respondeu Begley por Hoot.

- Então o que vocês estão fazendo aqui? O que estão querendo com o sr. Tierney?

- Conversar.

- Sobre o quê? Ele é procurado por alguma coisa? O que foi que ele fez?

- Eu também gostaria de saber - disse Harris. - Vocês trouxeram um mandado de prisão?

- Nada disso. Só queremos fazer algumas perguntas.

- Ha. Perguntas. - Harris refletiu sobre isso um pouco e examinou desconfiado os dois agentes. - Vocês têm um mandado de busca para a cabana?

Bem, pensou Hoot, Harris não era tão inexperiente como parecia.

Begley perguntou, ignorando a pergunta de Harris:

- O nome do seu chefe é Burton, certo?

- Sim, senhor. Dutch Burton.

- Onde posso encontrá-lo?

- Agora?

Era uma pergunta tão estúpida que Begley nem se dignou a responder. Não reconhecia outro horário que não fosse nesse instante.

Quando Harris percebeu a gafe que cometeu, começou a gaguejar.

- Bem, é... eu acabei de saber na expedição da chefatura que o chefe tinha ido procurar Cal Hawkins, ele tem o único caminhão de areia para neve da cidade, e depois o levou para a drogaria para tomar um café.

- Hoot, você sabe onde fica a drogaria? - perguntou Begley. Hoot fez que sim com a cabeça. Begley virou de novo para Harris.

- Diga ao chefe Burton que gostaríamos de encontrar com ele lá daqui a meia hora. Entendeu?

- Vou dizer para ele, mas ele está aflito para...

- Nada é mais importante do que isso. Diga para ele que eu disse isso.

- Sim, senhor - respondeu Harris. - E aquele mandado?

- Depois.

Begley curvou o indicador rapidamente para o jovem policial, que na mesma hora se aproximou dele. Ao contrário da jaqueta, as botas dele pareciam grandes demais.

Begley chegou bem perto dele e falou num tom baixo e urgente.

- Se comunicar meu recado para o chefe Burton pelo seu rádio da polícia, diga para ele apenas que é importantíssimo o nosso encontro esta manhã. Não mencione nenhum nome. Está entendendo? Esse assunto é de prioridade máxima e extremamente delicado. Discrição é vital. Posso contar com a sua?

- Perfeitamente, senhor. Eu entendi.

O rapaz tocou na ponta da aba do quepe de novo e saiu apressado da cabana.

Quando Hoot foi transferido para o escritório do bureau em Charlotte, gostou daquela oportunidade de servir sob o comando do seu famoso diretor. Até aquele momento, tinha trabalhado com Begley nos bastidores. Era a primeira chance que tinha de observá-lo em ação e notar a habilidade pela qual se tornara uma lenda viva entre outros agentes e criminosos também. Os colegas aprendiam com ele. Os criminosos também aprendiam com ele, mas em detrimento de si mesmos.

Embora nunca falasse dos seus tempos a serviço no Oriente Médio, dizia a história que Begley tinha usado sua lábia para livrar a si mesmo e mais três homens de serem executados por conduzir operações de inteligência contra o regime de Saddam Hussein. Isso era exatamente o que estavam fazendo, mas Begley convenceu seus captores de que tinham prendido os caras errados, que era caso de erro de identidade, e que eles iam enfrentar o diabo caso os quatro fossem feridos, maltratados de qualquer maneira, ou assassinados.

Cinco dias depois da captura, o quarteto de homens empoeirados e sedentos entrou no saguão do Hotel Hilton no centro de Bagdá, para espanto dos colegas, diplomatas e do pessoal da mídia, que já os consideravam mortos.

A história tinha sido elaborada cada vez que contada de novo, mas Hoot não duvidava da sua essência. Begley era completamente honesto, mas tinha a alma e a mente de um criminoso. Sua reputação como manipulador era bem merecida.

Não tinha revelado nada de importante para o jovem Harris, mas apelou para o ego do rapaz incluindo-o no "assunto de prioridade máxima e extrema delicadeza", e assim o fez esquecer que os agentes não tinham um mandado de busca e apreensão e que, basicamente, tinham sido pegos com a mão na botija, em arrombamento e invasão de propriedade privada.

Begley também tinha enfatizado que Harris devia contatar o chefe dele sem demora, o que foi muito eficiente para livrar-se logo do policial e ficar à vontade para interrogar Gus Elmer sem platéia.

- Eu adoraria tomar um café, você não, Hoot? - ele disse de repente. - Sr. Elmer, será que podemos abusar da sua hospitalidade?

O velho franziu o cenho olhando para Begley, sem entender bem.

- Hein?

- O senhor tem café? - disse Hoot, como intérprete.

- Ah, claro, claro. No escritório. E um bom fogo na lareira também. Cuidado onde pisa. Esses degraus são escorregadios como catarro na maçaneta.

Alguns minutos depois eles estavam sentados em cadeiras de balanço com encosto de ripas de madeira diante do fogo crepitante da lareira. A neve derretia dentro dos sapatos de Hoot, deixando seus pés frios, molhados e desconfortáveis. Ele os pôs o mais perto possível do fogo.

As canecas de café que Gus Elmer lhes entregou estavam lascadas e manchadas como os três dentes do velho, mas o café era quentíssimo, forte e estava delicioso. Ou talvez só parecesse gostoso porque Hoot estava louco para tomar um havia muito tempo.

Apesar de toda a disposição de ajudar a investigação do FBI, Gus Elmer não forneceu muitas informações além das que Hoot já havia obtido dele. Ben Tierney era um hóspede apresentável e tranqüilo, cujos cartões de crédito pagavam a conta sempre em dia. Praticamente a única coisa estranha nele era que se recusava a deixar a camareira da pousada limpar a cabana enquanto ele a ocupava. Essa peculiaridade tinha sido explicada com o que eles descobriram no segundo quarto.

- Mas se essa é a única esquisitice dele, não sou eu que vou reclamar - Gus disse para os dois. - Se me perguntassem, eu diria que ele é o hóspede ideal. Sempre deixa a cabana em ordem, apaga as luzes, põe o lixo nas latas onde os ursos e guaxinins não podem alcançar. E, no dia que vai embora, sai ao meio-dia. Sim, senhor, ele segue o regulamento direitinho.

- Esse cervo é impressionante, sr. Elmer - observou Begley, apontando para a cabeça do animal empalhada e pendurada na parede de pedra acima da lareira. - Foi o senhor que matou?

Essa era uma famosa tática de Begley. Durante um interrogatório, de vez em quando ele lançava um comentário fora do assunto. Dizia que servia para manter as respostas espontâneas. Ao subitamente mudar de assunto, ele evitava que a pessoa que estava interrogando previsse o que ele ia perguntar em seguida e preparasse mentalmente uma resposta. Era uma forma de obter uma resposta sem filtro para uma pergunta pertinente.

- O senhor Tierney alguma vez conversou com o senhor sobre mulheres?

Elmer, que estava admirando seu troféu de caça, virou a cabeça de estalo e olhou sem entender para Begley.

- Mulheres?

- Esposas, ex-esposas, namoradas, amantes? - Abaixando a voz, acrescentou: - Ele alguma vez se referiu à vida sexual dele?

O velho deu risada.

- Não que me lembre, e acho que me lembraria disso. Perguntei uma vez se a senhora vinha se hospedar aqui com ele, e ele me disse que não, porque era divorciado.

- O senhor acha que ele é heterossexual?

O queixo do homem caiu e proporcionou uma visão desagradável da boca desdentada.

- Estão querendo me dizer que ele é veado. Ele?

- Não temos nenhum motivo para pensar que ele seja homossexual - respondeu Begley. - Mas parece meio estranho um cara solteiro e bonitão como ele nunca ter mencionado o sexo frágil para o senhor.

Mais uma vez Hoot ficou impressionado. Begley estava estimulando a memória de Gus Elmer, sem parecer que fazia isso. Apostava no fato de Elmer ser homófobo. Um homem como ele não ia querer que seu hóspede habitual, de quem tinha se tornado amigo, não fosse bem macho, heterossexual até os ossos. Portanto, se Tierney tivesse alguma vez mencionado o nome de alguma mulher na conversa, ele estaria agora vasculhando o cérebro para lembrar.

Enquanto Elmer se concentrava, enfiou o dedo mindinho encardido no tufo de pêlo que saía da orelha e começou a cavoucar à procura de cera.

- Pensando bem, ele falou sim, uma manhã dessas, alguma coisa sobre essa última menina que desapareceu.

- Importa-se se eu me servir de mais uma caneca de café? Sem esperar resposta, Begley se levantou e foi até a cafeteira que estava sobre uma mesa do outro lado da sala.

- Ele veio até aqui para pegar um exemplar do Call e estava lendo a primeira página. Eu disse, acho que esta cidade parece que está sendo amaldiçoada por algum maluco.

Ele disse que tinha pena dos pais da menina. Que eles deviam estar sofrendo muito, essas coisas.

Begley voltou para sua cadeira de balanço, assoprando o café para esfriar.

- Esse café é excelente, sr. Elmer. Agente especial Wise, por favor tome nota da marca.

- Claro.

- Gostaria de levar um pouco comigo para Charlotte para a sra. Begley. Foi só isso que o sr. Tierney disse sobre a moça? perguntou para Elmer.

- Bem, deixe-me ver - disse o velho, procurando acompanhar a conversa. - E... não. Ele comentou que tinha visto a moça um dia antes de ela desaparecer.

- Ele disse onde? - perguntou Hoot.

- Na loja onde ele compra o seu equipamento. Disse que tinha passado lá para comprar um par de meias, e que foi ela que passou na caixa registradora para ele.

- Que horas eram?

- Quando ele esteve na loja? Ele não disse. Dobrou o jornal, pegou um mapa e comentou que ia subir a montanha. Eu avisei para não deixar nenhum urso pegá-lo. Ele riu e disse que ia tentar, mas que de qualquer forma eles deviam estar hibernando nessa época do ano. Ele comprou duas barras de granola na máquina e foi embora.

- Ele alguma vez comentou qualquer coisa sobre as outras mulheres desaparecidas?

- Não. Não posso dizer que lembro...

Elmer parou de falar de repente. Virou-se para Begley com olhar astuto, depois girou os olhos remelentos para Hoot, que procurou manter a expressão impassível.

Quando Elmer olhou de novo para Begley, engoliu em seco. Hoot só ficou torcendo para ele cuspir a maior parte do fumo primeiro.

- Vocês estão pensando que o sr. Tierney é o cara que está pegando essas mulheres?

- De jeito nenhum. Nós só queremos conversar com ele para poder tirá-lo da nossa lista de possibilidades.

Begley havia demonstrado mais emoção quando falava sobre o Livro de Jeremias, mas Gus Elmer não caiu naquele aparente desinteresse dele. Balançou a cabeça e varreu o peito com a barba embaraçada.

- Ele é a última pessoa que eu podia imaginar que fizesse uma maldade dessas.

Hoot chegou para a frente e perguntou:

- Já escutou o sr. Tierney alguma vez fazer algum comentário pejorativo sobre as mulheres?

- Pejo... pé... o quê?

- Comentários negativos ou pouco lisonjeiros.

- Ah. Sobre as mulheres, o senhor quer dizer?

- Sobre as mulheres em geral ou sobre alguma em particular?

- perguntou Hoot.

- Não, já contei para vocês, a única vez que ele disse qualquer coisa sobre... - Ele parou, pegou uma lata vazia de Dr. Pepper e cuspiu nela. - Esperem aí. Só um minuto. Acabei de me lembrar de uma coisa. - Ele fechou os olhos. - É, é, estou lembrando. Foi no último outono. Eu lembro porque estávamos sentados na varanda lá fora admirando a folhagem. Ele perguntou se eu queria beber com ele e eu disse que sim. Só para esquentar um pouco no ar gelado da noite, vocês entendem. E por algum motivo começamos a conversar sobre Dutch Burton.

- O chefe de polícia? - perguntou Hoot, demonstrando surpresa.

- E, é. Dutch era chefe de polícia havia pouco tempo, só um mês, um mês e pouco, e o sr. Tierney e eu estávamos comentando que ele tinha encarado um problemão com todas as mulheres desaparecidas e tudo.

- O que ele disse sobre isso, especificamente?

- Nada. Só isso mesmo. - Ele cuspiu na lata de novo, secou a boca com as costas da mão e deu um largo sorriso para os dois. Se querem saber, ele estava mais interessado na mulher do Dutch. Agora ex-mulher.

Begley olhou para Hoot como se quisesse ter certeza de que ele estava prestando atenção.

- O que tem ela?

- Parece que o sr. Tierney a tinha conhecido no verão anterior. - O sorriso de Elmer cresceu com o que parecia alívio. - Por falar nisso, posso dizer com certeza que ele não é bicha. Se querem saber, ele parecia caído pela ex-mulher de Dutch.

Begley parou de balançar a cadeira.

- Caído por ela?

O velho deu uma risada rouca.

- Gamado, vidrado, com tesão, o que vocês preferirem.

14

Lilly acordou com frio. Levou alguns segundos para lembrar onde estava, e por quê. Completamente vestida, estava deitada sob uma camada tripla de cobertores, com os joelhos quase encostados no peito. O frio que gelava seus ossos penetrava todas aquelas camadas.

Estava de frente para a lareira, que não fornecia mais calor. As brasas que estavam morrendo quando Tierney apagou as luzes havia muito tinham esfriado, transformadas em cinza. Ela afastou o cobertor do rosto e soltou o ar pela boca. A respiração formou uma nuvem branca.

O tanque de propano devia ter esvaziado durante a noite. A lareira seria a única fonte de calor que teriam dali para a frente. Ela devia se levantar e empilhar a lenha na grelha, para manter o fogo aceso. O movimento ia ajudá-la a se aquecer. Mas não conseguia se convencer a sair daquele casulo de calor relativo.

O quarto ainda estava escuro, tinha apenas uma réstia de luz cinza e fraca na beirada das cortinas. O vento estava tão forte como na véspera. De vez em quando um galho de árvore coberto de gelo batia com força no telhado. Se existia um dia perfeito para ficar namorando embaixo dos cobertores, era esse.

Talvez devesse ter aceitado a proposta de Tierney. Se tivesse, não estaria tremendo de frio agora.

Mas, não, tinha tomado a decisão certa. Tanta intimidade teria modificado o caráter do isolamento dos dois e complicado dez vezes mais a situação. Já estava suficientemente complicado graças a um simples beijo.

Simples beijo? Não exatamente.

Tinha sido de tirar o fôlego mas breve. Tierney a largou imediatamente. De costas para ela, ele continuou a conversa como se o beijo nunca tivesse acontecido. Disse que já devia poder dormir, porque tinham passado algumas horas desde a concussão.

Tentando parecer tão blasé como ele, Lilly concordou.

Ele insistiu novamente para ela comer alguma coisa, mas ela disse que não estava com fome, e ele afirmou também não estar.

Ele sugeriu que Lilly usasse o banheiro primeiro. Enquanto ela estava lá dentro, Tierney arrastou o colchão da cama e levou para a sala de estar. Lilly o repreendeu por não ter esperado por sua ajuda, e Tierney disse que ela não tinha nada que fazer força para arrastar um colchão, se esse esforço podia provocar-lhe um ataque de asma. Ela lembrou que ele tinha uma concussão cerebral e que tampouco deveria estar fazendo aquilo. Mas já estava feito, de modo que a discussão terminou ali.

Quando ele saiu do banheiro, Lilly já estava encolhida embaixo da sua parcela de cobertores. Ele apagou as luzes e se esticou em um dos sofás. Perguntou se ela estava bem aquecida e ofereceu um dos seus cobertores, mas ela recusou, dizendo que estava bem, obrigada.

Ele estava inquieto. Levou um tempo para se tranqüilizar. Ela perguntou se a cabeça dele doía, e a resposta foi que não muito. Ela perguntou se ele queria que ela desse uma olhada, aplicasse mais anti-séptico e gaze, e ele respondeu que não, obrigado, que tinha verificado quando estava no banheiro. Ela ficou imaginando como ele tinha conseguido ver a parte de trás da cabeça se havia apenas um espelho, mas não disse nada.

Ele comentou que, apesar de estar todo machucado, não tinha notado nenhum sinal de hemorragia interna, e ela respondeu com uma afirmação inane e tênue como "isso é bom". O grunhido ininteligível dele concordando marcou o fim do diálogo.

Lilly levou pelo menos uma hora para adormecer, e teve quase certeza de que ele continuava acordado quando ela finalmente apagou. Durante esse tempo entre o apagar das luzes e quando ela finalmente dormiu, Lilly ficou imóvel e em silêncio e... O quê? À espera de alguma coisa?

Depois do beijo, a tensão entre eles ficou tão concreta que poderia ser cortada com uma faca. A conversa ficou artificial. Evitaram olhar nos olhos um do outro.

Foram apenas educados. O fato de o terem ignorado tornou o beijo ainda mais significativo. Se tivessem brincado e dito algo como: "Nossa, pelo menos isso está resolvido.

Agora que a nossa curiosidade está satisfeita, podemos relaxar e continuar na nossa luta para sobreviver", o beijo seria deixado de lado com mais facilidade.

Em vez disso, eles fingiram que não tinha acontecido. E não sabiam como o outro se sentia a esse respeito. O resultado, como os dois tinham medo de estragar

tudo, de fazer ou dizer alguma coisa que poderia desfazer aquele equilíbrio tênue, foi que o beijo passou sem reconhecimento.

No entanto, depois do contato constrangido e da falsa indiferença ao beijo, Lilly chegou a esperar que ele resmungasse alguma coisa como: "Isso é besteira", levantasse do sofá e fosse se juntar a ela no colchão, embaixo dos cobertores. Porque o beijo não tinha sido um simples beijo. Tinha sido um prelúdio, uma preliminar.

"Não sou tão gentil assim", ele tinha dito.

Um segundo depois estava segurando o rosto dela com as duas mãos fortes, que ela admirara a noite toda, e pressionando os lábios nos dela. Ele não hesitou nem pediu permissão. Pediu desculpas ou experimentou antes para ver se ela aceitaria? De jeito nenhum. Desde o momento em que seus lábios encostaram nos dela, ele manifestou desejo e se impôs.

Abriu o casaco de Lilly e enfiou a mão. Abraçou-a, arqueou um pouco os joelhos e puxou-a para cima e para mais perto dele. Espalmou a mão nas costas dela e a apertou contra o quadril de um jeito que dizia claramente: Eu te desejo.

Uma onda quente e fluida de desejo se espalhou pelo ventre e pelas coxas de Lilly. Foi muito bom ter de novo aquela sensação vertiginosa que nenhuma bebida ou droga podia imitar. Não havia tontura como aquela, nada que se comparasse ao arrepio inebriante da excitação sexual.

Tinham se passado anos. Certamente desde a morte de Amy, quando nem ela nem Dutch tinham qualquer condição emocional de fazer um sexo bom. Tentaram, mas ficou tão difícil fingir entusiasmo que ela nem se esforçava para simular orgasmos.

Essa ausência de reação da parte dela foi o golpe final na auto-estima de Dutch, que já estava afundando. Ele procurou realimentar seu ego tendo uma série de casos, que Lilly quase conseguiu perdoar. Ele procurava nas outras mulheres o que ela não era mais capaz de dar.

Porém Lilly não podia perdoar os casos que Dutch teve antes mesmo de Amy ser concebida.

Lilly levou bastante tempo para entender por que Dutch havia ido para a cama com outras mulheres naqueles primeiros anos do casamento, quando a vida sexual dos dois ainda era muito ativa e boa. Mas acabou compreendendo que ele precisava de aceitação constante. Na cama, certamente. E mais ainda fora dela. Também passou a entender que era exaustivo oferecer essa aceitação o tempo todo, sem parar. Não importava quanto estímulo dava, era sempre insuficiente.

Tinham se conhecido num evento de gala para arrecadar fundos para a instituição de caridade preferida do Departamento de Polícia. Na crista da onda da

fama por ter solucionado um caso de homicídio múltiplo, Dutch era o queridinho da polícia, e pediram para ele fazer um discurso no banquete.

No alto do pódio, ele estava belo, charmoso e eloqüente. Era um pacote completo: ex-astro da equipe de futebol americano da faculdade que se transformara no herói que solucionava crimes. O discurso dele fez com que os emergentes da platéia fossem generosos em suas doações e também fez com que Lilly fosse se apresentar e falar com ele depois. No fim da noite já tinham combinado um jantar.

Depois de seis meses casaram, e por um ano a vida não poderia ser melhor. Ambos trabalhavam muito para impulsionar suas carreiras profissionais, mas também se divertiam muito e faziam muito amor. Compraram a cabana e passavam os fins de semana lá. Às vezes nem saíam do quarto.

Nessa época, ele levava a autoconfiança dele para a cama. Ficava à mostra no seu jeito de fazer amor. Era um companheiro sensível e generoso, amante ardente e atencioso, marido leal.

Então começaram as brigas, nascidas de ressentimentos pelo fato de Lilly ser capaz de ganhar muito dinheiro, muito mais do que ele. Ela argumentava que não tinha importância quem ganhava mais, que ele havia escolhido uma carreira de servidor publico, em que as funções mais duras eram mal pagas e não apreciadas pela maioria.

E Lilly dizia a verdade. Ele só escutava racionalizações para o seu fracasso. Temia jamais atingir o mesmo nível de realização no departamento de polícia que Lilly havia conquistado na revista. com o tempo, essa obsessão com o fracasso tornou-se uma profecia que se realizava espontaneamente. Ao mesmo tempo a estrela de Lilly subia. Seu sucesso continuou a fraturar o orgulho dele. Dutch procurou compensar isso com mulheres que o consideravam o herói maravilhoso que queria desesperadamente ser.

Cada vez que Lilly cobrava as traições dele, Dutch demonstrava remorso profundo, afirmava que os casos não passavam de entusiasmos passageiros e sem significado.

Mas não eram sem significado para Lilly, que com o tempo acabou ameaçando deixá-lo. Dutch declarou que se ela o deixasse ele morreria, jurou que seria fiel, disse que a amava e implorou para ela lhe perdoar. Ela perdoou... porque estava grávida de Amy.

A promessa de um filho deu mais força ao casamento. Mas só até Amy nascer. Nos meses após o parto, Dutch começou a se encontrar com uma policial. Quando Lilly o acusou do que sabia com certeza, ele negou e atribuiu a desconfiança dela a fadiga, depressão, ao fato de estar amamentando e à instabilidade hormonal.

Aquela atitude de ridicularizar o seu estado foi muito mais ofensiva para ela do que as mentiras transparentes.

Em meio àquele campo de batalha do casal, Amy criava uma zona neutra em que os dois não podiam coexistir. Ela gerava amor suficiente para as coisas parecerem quase normais. Compartilhar a alegria com a criança ajudava os dois a esquecer as desavenças do passado. Evitavam os assuntos que provocavam atritos. Não eram exatamente felizes, mas permaneceram estáveis.

E então Amy morreu. Os laços fracos que seguravam o casamento rapidamente se desfizeram sob o peso da dor de ambos. O relacionamento foi piorando cada vez mais até que Lilly achou que não tinha por onde piorar.

E então piorou.

Agora, relembrando o incidente que, para ela, foi o golpe de misericórdia no casamento, Lilly estremeceu e encolheu mais os joelhos de encontro ao peito, afundando a cabeça no travesseiro.

Depois de alguns segundos, entretanto, ela lembrou que seu casamento já era passado. Nem precisava pensar mais nele. O dia anterior tinha sido o marco da emancipação de Dutch. Sem mais elos com ele, legais ou emocionais, ela podia olhar exclusivamente para a frente.

O momento da reentrada de Ben Tierney em sua vida era estranhamente irônico. Ele reaparecera bem no dia em que ela ficou oficialmente livre. Na noite anterior, além de reacender os sensores eróticos dormentes, despertou-os com grande ímpeto e vigor. O beijo dele fez com que seus ouvidos zunissem.

Sentiu atração por ele desde o momento em que sorriu para ela sentado naquele ônibus rangente e enferrujado. E, no curso daquele dia no rio, ela passou a gostar de tudo nele. A aparência, lógico. O que havia para não gostar? Mas também gostou dele, da sua inteligência, da facilidade com que conversava sobre qualquer assunto.

Outras pessoas no grupo aquele dia também se sentiram atraídas por ele. As meninas da faculdade não fizeram segredo nenhum dessa atração. Mas até o mais fanfarrão, que no início parecia ofendido com a habilidade maior de Tierney com o caiaque, no fim do dia já estava pedindo-lhe dicas. Sem nenhum esforço aparente, Tierney conquistava as pessoas. Ninguém era estranho para ele.

No entanto ele continuava um desconhecido.

Criava amigos fazendo com que falassem de si mesmos, mas não revelava nada da própria vida. Seria esse o paradoxo que o tornava misterioso e sedutor?

Era assustador até pensar na palavra sedutor, por causa de suas implicações sinistras. Mas Lilly não conseguia pensar em palavra melhor para descrever o

magnetismo de Tierney. Nas duas ocasiões em que estivera com ele, reagira a essa qualidade indefinível de forma perturbadora.

Desde o primeiro encontro, os dois estiveram caminhando para o beijo da véspera. Cada um de um lado, separados, mas inquestionavelmente. Por isso quando ele a beijou, parecia o inevitável que tinha apenas sido adiado por alguns meses.

E tinha valido a pena esperar por aquele beijo. Lilly guardava uma lembrança muito vivida dos polegares dele apertando-lhe o rosto quando ele inclinou a cabeça dela para trás e puxou para ele, da respiração sobre seus lábios, da língua dele deslizando deliciosamente em sua boca. Pensar naquilo agora provocava-lhe um arrepio de desejo profundo.

Procurando fazer o mínimo de barulho possível, Lilly virou para olhar para ele e sorriu. Ele era comprido demais para o sofá. A batata da perna estava apoiada no braço do móvel. Tinha enrolado um travesseiro para apoiar a nuca e manter a parte de trás da cabeça elevada.

Tinha puxado os cobertores até o queixo que, da noite para o dia, já tinha a mancha da barba por fazer. Exibia anos de exposição ao vento e ao sol, mas envergava os danos provocados extraordinariamente bem. Lilly gostava das rugas que irradiavam dos cantos dos olhos dele. Os lábios estavam um pouco rachados. Lembrava disso por causa do beijo, da sensação da boca de Tierney roçando na dela.

Teria gostado de um beijo mais demorado. Ou de um segundo beijo. A recusa de dormir com ele não excluíam necessariamente beijos, mas parecia que ele havia interpretado assim.

Era isso ou então não tinha gostado tanto quanto ela. Não. Impossível. Apesar de não ter sentido a inquestionável pressão da excitação dele, o grunhido baixo de contrariedade quando ele a soltou bastou para convencer Lilly de que ele estava tão envolvido quanto ela, se não até mais. Ele parecia quase zangado quando interrompeu o beijo, largou-a e se afastou.

Então por que não continuou? Ou pelo menos perguntou se podia continuar? Tinha deixado claro que não sentia mais nenhum interesse romântico por Dutch. Ele devia concluir que ela não estava envolvida com mais ninguém, mas... A composição de idéias saiu dos trilhos. Não tinha envolvimento com mais ninguém, mas e Tierney?

Ele não usava aliança. Nunca mencionou mulher, namorada, mas ela também nunca perguntou especificamente. O fato de tê-la convidado para sair no dia em que se conheceram não significava nada. Homens casados saíam com outras mulheres o tempo todo.

A noite passada ele não fez nenhuma referência a namorada ou esposa que pudesse ficar preocupada pelo fato de ele não voltar para casa, mas isso não queria dizer que não existia alguma andando nervosa de um lado para outro e imaginando onde ele estava, com quem, assim como Lilly imaginara a respeito de Dutch tantas noites que já perdera a conta.

Ingenuidade dela supor que não houvesse uma mulher na vida dele. Um homem bonitão daqueles? Ora, Lilly, cai na real. Desviou os olhos dele para a mochila que continuava no chão, embaixo da mesa de canto, para onde Tierney tinha empurrado na noite anterior, afirmando que não continha nada de útil. Mas podia conter algo informativo.

- Scott.
- Humm?
- Levante-se.
- Humm?
- Eu disse levanta daí.

Scott rolou de costas e abriu os olhos. Wes estava parado na porta do quarto dele, com a fisionomia muito séria. Scott apoiou-se nos cotovelos, espiou pela janela e viu tudo completamente branco. Não dava para ver nem a cerca do quintal.

- Não cancelaram as aulas hoje?
- Claro que cancelaram. Mas se está pensando que vai ficar aí deitado o dia inteiro, pode tirar o cavalinho da chuva.

Levante-se. Estou esperando você na cozinha.

Tem três minutos.

Wes deixou a porta aberta, indicando que não tinha como voltar a dormir. Scott soltou um palavrão e deitou de novo no travesseiro. Não podia nem curtir um dia de nevasca. Todo o resto da cidade teria um dia de folga, mas ele não, não o filho do treinador.

Queria puxar as cobertas por cima da cabeça. Se o deixassem em paz, seria capaz de dormir o dia inteiro. Mas se não aparecesse na cozinha em três minutos, ia ser um inferno. Alguns roncos a mais não valiam o sacrifício.

Dizendo um merda! furioso, jogou longe as cobertas.

O pai realmente estava marcando o tempo. Quando Scott entrou na cozinha, Wes olhou para o relógio e lhe lançou um olhar que queria dizer que não tinha conseguido chegar a tempo. A mãe chegou para salvá-lo.

- Bom-dia, querido. Ovos com bacon ou panquecas?

- O que for mais fácil. - Ele sentou à mesa e serviu-se de um copo de suco de laranja, abrindo a boca num bocejo enorme.

- A que horas você chegou ontem à noite? - perguntou o pai.

- Não sei direito. Você ainda não tinha chegado.

- Eu estava com Dutch.

- Aquele tempo todo?

- Horas.

- Vocês conseguiram subir a montanha?

Quando Wes terminou de contar os acontecimentos da noite anterior, Dora já servira um prato com bacon, dois ovos fritos e duas panquecas para Scott. Ele agradeceu com um sorriso.

- Foi uma verdadeira aventura - disse Wes. - Especialmente a ida para aquele buraco onde pegamos o Cal Hawkins. Tivemos sorte de escapar sem levar um tiro ou de sermos enrabados por um trio de caipiras.

-*Wes!*

Ele riu do horror da mulher.

- Calma, Dora. Scott sabe que essas coisas acontecem, não sabe, filho?

Constrangido por causa da mãe, Scott ficou de cabeça baixa e continuou comendo. Seu pai achava engraçado usar linguagem vulgar perto dele, como se o estivesse incluindo na sociedade dos homens que tinham tais privilégios. Era falso, é claro, porque em tudo o mais ele era tratado como se tivesse dois anos de idade. Faltavam poucos meses para seu décimo nono aniversário, mas o pai resolvia o que ele ia comer, a que horas ia para a cama e quando devia se levantar.

Ele era o aluno mais velho na turma do último ano. O pai tinha feito Scott repetir a sexta série, não por não ter passado em qualquer matéria, não por ser socialmente imaturo ou mal adaptado por qualquer motivo, e sim porque Wes quis lhe dar um ano a mais para crescer e desenvolver o físico antes de encarar os esportes do ensino médio.

Ficar assim atrasado foi humilhante, mas Wes tomou a decisão antes de conversar com Scott ou com a mãe dele, e não arredou pé apesar dos protestos dos dois.

- Os olheiros vão às escolas à procura de jogadores até da sétima e da oitava série - ele havia dito. - Mais um ano para crescer e você levará vantagem. Vindo de uma escola pequena como a sua, precisará de toda ajuda que puder conseguir.

Wes continuava tomando todas as decisões por ele. Perante a lei, Scott era um homem. Podia ir para a guerra e morrer pelo país, mas não podia enfrentar o pai.

Como se lesse a mente do filho, Wes disse:

- Acabe de preencher aqueles formulários hoje. Não tem desculpa para não fazer isso.

- Gary convidou todo mundo para uma reunião na casa dele. Gary era um dos seus colegas de turma. Scott não gostava muito dele, mas na casa havia um salão de recreação com uma mesa de sinuca. Passar um dia de nevasca jogando sinuca era muito mais interessante do que preencher formulários de matrícula na faculdade.

- Termine os formulários primeiro - disse o pai. - E dessa vez vou verificar se você fez mesmo. Depois do almoço levo você de carro até o ginásio para não perder seus exercícios de hoje.

- Posso ir de carro sozinho. Wes balançou a cabeça.

- Você pode derrapar no gelo, bater em alguma coisa, quebrar a perna. Não, eu dirijo.

- Acho que não faria mal nenhum perder um dia de exercícios - disse a mãe.

- Isso só prova o quanto você não entende disso, não é, Dora? O telefone tocou.

- Eu atendo - disse Scott.

- Eu atendo. - Wes arrancou o fone da mão do filho. - Você trate de começar a preencher todos aqueles formulários.

Scott levou o prato dele para a pia e se ofereceu para ajudar a mãe a pôr tudo na lavadora de pratos. Ela balançou a cabeça.

- E melhor fazer o que Wes disse. Quanto mais cedo terminar, mais rápido poderá ir ao encontro dos seus amigos.

Wes desligou o telefone.

- Era William Ritt.

Os cabelinhos na nuca de Scott ficaram todos arrepiados.

- Ele disse que eu tenho de ir lá para a loja agora mesmo.

- Para quê? - perguntou Scott. Dora espiou pela janela.

- Ele abriu a loja hoje?

- Ah, está aberta e vendendo. Você não vai acreditar quando eu contar quem veio conversar com Dutch. - Ele deixou o suspense no ar alguns segundos para Dora e Scott, antes de revelar, no sussurro audível de palco. - O FBI.

- O que eles querem com Dutch? - perguntou Dora. Scott era capaz de adivinhar, mas esperou o pai contar.

- Aposto qualquer coisa que é sobre a Millicent. - Wes pegou seu casaco e vestiu. - Já que sou diretor do conselho municipal, Ritt achou que eu devia saber. - Ele abriu a porta dos fundos e disse, já saindo: - Talvez eles tenham alguma pista.

Scott viu o pai sair e ficou olhando fixo para a porta fechada um longo tempo.

15

Normalmente Linda Wexler chegava para trabalhar na drogaria do Ritt às seis horas em ponto. Começava a fazer o café e cuidava dos preparativos para abrir a loja às sete, para os tradicionalistas que apareciam todas as manhãs, loucos pelos cereais e pelo bacon frito.

Aquela manhã não ia fazer isso. Telefonara logo antes do sol nascer para dizer a William que sua propriedade parecia o Alasca.

- E continua nevando com uma fúria incrível. Até o caminhão de areia chegar por essas bandas, vou permanecer isolada.

William contou isso para Marilee, que tentou dissuadi-lo de sair de casa para abrir a loja.

- Quem é que vai se aventurar pela rua esta manhã? Pelo menos espere algumas horas, até as ruas receberem areia.

Ele, porém, estava obstinado com a decisão de abrir a loja na hora.

- Já tirei a neve aí da frente com a pá. Além do mais, meus clientes estão contando comigo.

O galpão sem porta ao lado da casa tinha protegido os carros deles. Marilee ficou espiando pela janela da cozinha. William entrou no dele, girou a chave na ignição e fez sinal com o polegar para cima pelo pára-brisa quando o motor pegou de primeira. Saiu de ré com muito cuidado e foi embora.

Apesar de ter tentado convencê-lo a não ir, Marilee estava contente de ficar sozinha em casa. Ter um dia inteiro só para ela dava uma incrível sensação de leveza e liberdade. Voltou para o seu quarto, tirou o robe e deitou de novo na cama ainda quente para se embalar nas lembranças eróticas que o amante e ela tinham criado na noite anterior.

Ele jamais ficava a noite toda, claro, mas também não saía logo depois de fazer amor com ela. Por um breve mas encantado tempo, eles ficavam lá deitados juntos, fazendo brincadeiras licenciosas. Cabeças unidas, sussurrando, usando a linguagem da poesia ou da sarjeta, tramavam fantasias que escandalizariam até os amantes mais aventureiros. E em geral acabavam concretizando aquelas preliminares verbais.

Marilee não lhe negava nada. Ele tinha acesso irrestrito ao seu corpo. Antes dele, a sexualidade dela era um deserto inexplorado. No primeiro encontro dos dois, sem vergonha e sem reservas, Marilee tinha dito para ele não apenas explorar, mas para aproveitar-se dela também.

O aquecimento para chegar àquela primeira vez foi bem gradual. Já se conheciam havia anos, mas a percepção que tinham um pelo outro mudou. Parece que simultaneamente ambos começaram a enxergar o outro sob uma nova luz. Nenhum dos dois tinha certeza se essa nova consciência era recíproca, por isso gravitaram um para o outro com cautela, até o interesse sexual ser tacitamente reconhecido.

E quando foi, eles começaram a inventar motivos para transgredir. Suas conversas eram temperadas com idéias sugestivas, mas, para qualquer um que ouvisse, pareciam inocentes e decentes. Quando seus olhos se encontravam, mesmo num lugar público e cheio de gente, eles telegrafavam um desejo impronunciável, que, ambos confessaram mais tarde, provocava calor e fraqueza.

Então uma noite tiveram o que desejavam de forma independente... um tempo sozinhos. William tinha subido a serra para trabalhar na velha casa, por isso não havia por que Marilee voltar correndo para casa depois da escola. Ela ficou na sala de aula e resolveu que corrigiria as provas ali, para não ter de levar tudo para casa e depois de volta no dia seguinte.

Ele notou que seu carro estava no estacionamento dos professores e entrou na escola com o pretexto de procurar outra pessoa.

Apareceu na porta aberta da sala de aula e assustou-a, porque Marilee pensava que estava sozinha no prédio. Encenaram seus papéis bem-educados e respeitosos. Ele perguntou se ela vira o indivíduo que ele supostamente procurava, ela respondeu que não, mas ambos sabiam que aquilo tudo era pretexto.

Ele continuou lá. Ela pegou o grampeador e estudou-o como se fosse uma invenção nova e incompreensível, depois largou-o no mesmo lugar. Ele tjrou o casaco e dobrou sobre o braço. Ela mexeu no brinco de pérola. Conversaram amenidades.

Logo não tinham mais nada a dizer que não parecesse banal. E, mesmo assim, ele não foi embora. Ficou lá, olhando para ela faminto, esperando um sinal para poder tornar concreto o desejo físico que sentiam na presença um do outro.

Na verdade, ele deixou que ela tomasse a iniciativa. Ele não era livre para ter uma amante. Marilee sabia disso, aceitava e não se importava. Pela primeira vez na vida, ela ia ser egoísta e agarrar o que queria sem levar em consideração a opinião de mais ninguém. Que se danassem as conseqüências.

O que Marilee fez de mais ousado foi pedir para ele acompanhá-la ao almoxarifado para carregar uma caixa de livros de volta para a sala de aula.

- A minha turma da quinta série começa a ler *Ivanhoé* semana que vem - ela disse quando iam para o almoxarifado, os passos dos dois ecoando nos armários de metal ao longo do corredor deserto. - Os livros estão guardados aqui.

Ela destrancou a porta do depósito e entrou antes dele. Puxou o fio que pendia do teto e acendeu a luz, depois fechou e trancou a porta com as mãos por trás do corpo dele. Ficou parada, de frente para ele, com os braços ao lado do corpo, esperando. Ela o tinha conduzido até aquele ponto. Dali para a frente, a iniciativa tinha de ser dele.

Ele esperou talvez três segundos antes de puxá-la para perto e beijá-la com ardor incontrolável. Ele apertou suas nádegas. Acariciou seus seios. Puxou o elástico do cabelo de Marilee, depois segurou algumas madeixas e torceu entre os dedos.

Marilee tinha apenas lido relatos ficcionais de paixão assim tão louca, e mal podia acreditar que era objeto de uma dessas.

Ele apalpou por baixo do suéter, mas ela fez melhor. Puxou o blusão pela cabeça e tirou o sutiã, revelando os seios para um homem pela primeira vez na vida. Enfiou a mão por baixo da saia, tirou a meia-calça e a calcinha e depois apoiou o quadril em pose convidativa numa pilha de caixas.

- Tudo que você imaginou ou fantasiou, faça comigo - ela murmurou. - Quero que olhe até cansar. Que toque em mim o quanto quiser, até se satisfazer completamente.

Ele deslizou a mão pelas coxas dela. Marilee já estava molhada. Ele moveu os dedos dentro dela e ela jogou a cabeça para trás.

- Tudo que você quiser. Qualquer coisa.

Os olhos dele estavam vidrados de tesão, mas quando abriu a calça e pôs a camisinha, teve a presença de espírito de perguntar se ela era virgem. Ela contou sua única experiência. No último ano do ensino médio. Um companheiro de estudo de filosofia. Tinha acontecido apenas uma vez, sem nenhuma preliminar além de um beijo seco.

- O banco da frente de um carro resulta numa trepada nada satisfatória.

A srta. Marilee Ritt era a última pessoa na terra de quem ele esperaria ouvir aquela palavra. Escutá-la saída daqueles lábios tão corretos deixou-o excitado demais, muito além da sua capacidade de se controlar. E também varreu da sua consciência qualquer apreensão ou receio. Possuiu-a com pressa e fúria, e gozou antes de Marilee chegar lá.

Saiu de dentro dela e disse:

- Você não gozou, não é?

- Tudo bem.

- Tudo bem nada. Ele usou os dedos.

Quando acabou, ela estava tão trêmula que teve dificuldade para se vestir. Ele a ajudou. Riram com a falta de jeito dele com a roupa de baixo, suspiraram quando ele parava para acariciar alguma parte do corpo dela, brincavam quando ele fazia comentários deliciosamente safados. Ele a ajudou a vestir a calcinha, depois esfregou os dedos através do tecido molhado até ela gozar de novo, agarrada aos ombros dele, ofegante contra o peito dele.

O ar dentro do almoxarifado ficou claustrofóbico e almiscarado. Quando saíram de lá, Marilee ficou imaginando se o professor que abrisse aquela porta primeiro ia sentir o cheiro de sexo. Esperava que sim. A idéia sacana a fez sorrir.

O caráter clandestino do depósito tinha somado excitação àquele primeiro encontro deles, mas, do ponto de vista mais prático, não podiam continuar a usá-lo. Além do risco de serem descobertos, deixava muito a desejar no aspecto romântico.

- O lado norte do meu quarto tem porta de correr - ela disse. - vou deixar destrancada para você todas as noites. Venha estar comigo sempre que puder.

Ele questionou o plano, mas ela desfez seus medos de que William ia acabar descobrindo o caso dos dois.

- Ele vai para a cama cedo e só sai do quarto na manhã seguinte.

Na primeira noite em que ele entrou sorrateiro na casa dela, concordaram que fazer amor deitados, numa cama, completamente nus, valia qualquer risco. com palavras que deixaram Marilee rubra de vergonha, ele elogiou cada centímetro do seu corpo. Ela o deixou atônito com a curiosidade totalmente franca em relação ao dele.

- Meu lindo amante - ela sussurrou no presente, repetindo o que tinha dito a ele na noite anterior, quando pôs o pênis dele na boca.

Ele adorava isso. Adorava quando ela fechava a boca bem na ponta, macia e firme como uma ameixa.

O telefone tocou e desfez aquela lembrança deliciosa.

Marilee rolou de lado e olhou para o identificador de chamadas ao lado do telefone. Era William, ligando da loja. Se não atendesse, podia dizer que estava no chuveiro.

Mas, se ele realmente precisasse de sua ajuda, será que ela se perdoaria por não ter atendido para ficar sonhando acordada com seu amante secreto? A culpa venceu.

- O que é, William?

A voz de Marilee parecia sonolenta, mas também irritada. Será que tinha voltado para a cama depois que ele saiu de casa?, pensou William. Deve ter voltado, sim.

Não tinha dormido muito a noite passada. Ah, bem, esse era o preço da paixão. Bem feito para ela se não podia ficar de bobeira o dia todo como obviamente tinha planejado, depois da noite passada.

De fato, ela merecia admiração por sua disposição. Para ele, era espantoso a irmã conseguir se arrastar depois de uma das maratonas de fornicação. E a potência da ereção do amante dela também era admirável.

Muitas vezes ficou tentado a surpreender um deles, ou os dois, revelando que sabia do caso ilícito. Praticamente lambia os beiços só de imaginar o momento em que contaria que sabia das transas ardentes no quarto da irmã. Eles ficariam horrorizados, boquiabertos, sabendo que o futuro dos dois dependia dos seus caprichos.

Seria um momento de triunfo. Claro que a metade da graça era saber que tal momento era inevitável, por isso podia esperar. Saberia quando chegasse a oportunidade certa, e, quando chegasse, armaria a armadilha. Nesse meio-tempo, deixava os dois trepando à vontade.

Era difícil esconder o sorriso da voz.

- Marilee, preciso que você venha para a loja imediatamente.

- Por quê? Aconteceu alguma coisa?

- Não aconteceu nada. Estou com fregueses. Gente importante - ele disse com a voz mais baixa. - Dois agentes do FBI. Estavam esperando no carro quando cheguei aqui. Vieram conversar com Dutch sobre o desaparecimento da menina Gunn. Eu devia oferecer um café da manhã para eles e, como sabe, a Linda não tem como vir para cá.

- Eu não sei usar esse forno.

- Não pode ser muito complicado. Você se vira. Não enrola. Preciso de você aqui agora. Liguei para o Wes...

- Por que o Wes?

- Como presidente do conselho municipal, achei que ele devia saber disso. De qualquer modo, ele já está vindo para cá. Em quanto tempo pode chegar aqui?

- Dez minutos.

William desligou o telefone com um sorrisinho maldoso e cara de satisfeito.

O sininho em cima da porta soou quando Dutch entrou na drogaria. Aquele som alegre o fez ranger os dentes.

Apertando bastante o cotovelo de Cal Hawkins, Dutch praticamente o arrastou para o balcão da lanchonete e, sem cerimônia, plantou-o num banco, esperando que aquele movimento súbito servisse para fazer o cretino despertar.

- Sirva um café para ele, por favor - ele disse para William Ritt, cujo sorriso animado era tão irritante quanto aquele sininho idiota em cima da porta. - Preto e forte. E o meu também.

- Está saindo.

Ritt foi até a cafeteira borbulhante.

Como já era de se esperar, Hawkins não estava de pé e pronto para sair quando Dutch chegou à sua casa decrépita. Hawkins não atendeu quando ele bateu à porta, por isso Dutch entrou assim mesmo. O lugar estava tão cheio de tralha que era um risco iminente de incêndio. Fedia a esgoto e a leite azedo. Encontrou Hawkins dormindo, completamente vestido, numa cama em que nem sequer um cachorro vadio deitaria para morrer. Dutch arrancou o homem da cama e foi empurrando-o pela casa, até o seu

Bronco lá fora.

No caminho para o centro da cidade, ele reiterou para Hawkins como era essencial que ele se aprumasse e subisse a montanha com o caminhão de areia. Apesar de Hawkins ter reagido a tudo que ele disse, meneando a cabeça e grunhindo, Dutch não tinha se convencido de que ele estava completamente consciente.

E, como se ter de lidar com Hawkins não fosse ruim o bastante, ainda tinha de ser gentil com os imbecis do FBI. Em qualquer momento aquilo era sempre a pior coisa, mas ia ser especialmente detestável depois da noite que ele teve.

Após deixar Wes na casa dele, Dutch não foi diretamente para a central de polícia. Era muito tarde quando chegou lá e, à guisa de cumprimento, o despachante entregou dúzias de recados.

Todos continham reclamações que ele não poderia atender até o tempo melhorar, como a fonte congelada na frente de um banco, uma vaca que tinha desaparecido e um galho de árvore que tinha se partido com o peso do gelo e da neve. Caíra numa banheira de água quente ao ar livre e quebrara a tampa.

E aquilo era problema dele? Por quê?

E havia também a ligação da sra. Kramer, que tinha uma dinheirama em lotes e ações da Coca-cola que um sábio bisavô havia comprado bem baratos. Mas ninguém jamais conheceu velha mais mão-fechada e sovina do que aquela. Ela ligara para avisar que havia um assaltante no jardim da frente de sua casa. Dutch releu o recado como o seu despachante havia escrito.

- Isso aqui é Scott H.?

- É. O garoto Hamer. Ela disse que ele passeava na frente da casa dela como se fosse uma noite no mês de maio. Se perguntasse, ela diria que o garoto estava aprontando alguma.

- Só que não perguntei - disse Dutch -, e, de qualquer modo, ela está delirando. Eu estava na casa dos Hamer. Scott estava no quarto dele ouvindo música aos berros.

Além do mais, Wes não ia deixar o garoto sair de casa numa noite como essa.

O despachante deu de ombros sem tirar os olhos do filme de bandido e mocinho com John Wayne a que assistia numa televisão preto-e-branco.

- O que mais se pode esperar de uma lunática que tem como passatempo ficar vasculhando latas de lixo?

A sra. Kramer era famosa por calçar luvas de borracha e remexer as latas de lixo sob a proteção da escuridão da noite. Não dava para entender.

Dutch amassou o recado e jogou na lata de papéis que já estava transbordando. Pôs os outros recados no bolso da camisa para cuidar deles mais tarde, mas só depois de ver Lilly a salvo, resgatada do pico Cleary. Era seu único interesse aquela manhã, fazer Cal Hawkins subir a montanha com seu caminhão de areia para salvá-la.

Era verdade que ainda nevava à beça. Era verdade também que embaixo da neve havia uma camada de gelo de mais de dois centímetros de espessura. Essas foram as objeções que Hawkins levantou, com o tico de sobriedade de que dispunha, e eram válidas. Mas não seria tão difícil como na noite anterior, quando a escuridão trabalhava contra eles. Pelo menos foi isso que Dutch argumentou.

Olhando para o seu reflexo no espelho da parede do fundo da lanchonete, ele viu o que os agentes do FBI iam ver - um derrotado, um fracassado. Tinha dormido na cadeira da sala de trabalho até o amanhecer, o sono todo perturbado por imagens de Lilly e do que ela poderia estar fazendo em diversos momentos. Do que Ben Tierney podia estar fazendo. Do que os dois estariam fazendo juntos.

Antes de sair da central da polícia, ele se lavou e fez a barba no banheiro dos homens, usando um aparelho de barbear com lâmina cega, sabão em barra e água morna numa pia rasa. Se soubesse mais cedo que ia estar sob o escrutínio do FBI, teria ido para casa tomar uma chuveirada e vestir um uniforme limpo e passado.

Não dava mais para consertar isso agora.

- Como anda esse café? - perguntou para Ritt.

- Mais um ou dois minutos. Levo aí assim que ficar pronto.

Esgotados os motivos para atrasar o encontro, Dutch virou para a mesa onde os dois agentes aguardavam como abutres sobre um animal moribundo. O mais velho fez questão de exibir que olhava para o relógio de pulso.

Babaca, pensou Dutch. Pensavam que era só chamar e ele viria correndo? Deviam pensar isso mesmo, a julgar pelo jeito com que tinham ordenado aquela reunião, avisando na última hora.

Tinha acabado de parar o carro na frente da casa do Hawkins quando recebeu uma chamada de Harris pelo rádio. O jovem policial parecia sem ar e gaguejava de excitação, mas Dutch finalmente interpretou o recado: encontrar os federais na drogaria.

- Em meia hora - disse ele.

- Quem disse? Aquele agente especial Wise?

- Não - respondeu Harris. - O cara mais velho. Apresentou-se como agente especial encarregado.

Que maravilha.

- E onde foi que você esbarrou com eles?

- Ha... acho que não posso falar. Ele disse para eu não mencionar nomes no rádio.

- Para que ele quer me ver?

- É outra coisa que não posso dizer pelo rádio.

Dutch disse um palavrão em voz baixa. O que tinha acontecido com Harris, pelo amor de Deus? Será que o tinham enfeitiçado?

- Bem, se eles estiverem na drogaria quando eu chegar lá, muito bem. Mas não vou ficar perdendo meu tempo à espera deles.

- Acho que é melhor não irritar esse cara, chefe.

Dutch odiava quando desafiavam sua autoridade, especialmente quando se tratava dos policiais da sua força.

- Também acho melhor ele não abusar da minha paciência.

- Sim, senhor - disse Harris. - Mas o AEE me disse que era importante ter essa reunião com o senhor hoje de manhã. E do jeito que ele falou, parecia... bem, parecia que ia ficar uma fera se o senhor não aparecesse. E apenas a minha opinião, senhor.

Agora que Dutch tinha visto o AEE pessoalmente, concordava com a opinião de Harris. com uma olhada, Dutch avaliou o homem como um feitor com tolerância zero.

Tinha tido muita experiência com caras machões como ele na polícia de Atlanta. E a antipatia foi instantânea.

Sem pressa, foi caminhando até a mesa e sentou na frente dos dois.

- Bom-dia.

Wise fez as apresentações.

- Chefe de polícia Dutch Burton, este é o agente especial encarregado Kent Begley.

Begley foi áspero e brusco, mesmo no tom com que disse "Burton" quando apertaram as mãos por cima da mesa de fórmica. Só isso já bastou para demonstrar o que ele pensava de Dutch. Begley desprezou a importância dele antes mesmo de trocarem um como vai. Na cabeça do agente, aquilo era uma formalidade, protocolo que tinha de aturar antes de descartar o policial burro da cidadezinha.

Os filhos-das-putas dos federais afirmavam que não era assim que consideravam as polícias. O discurso do FBI era que respeitavam muito qualquer um que usasse o distintivo.

Mentira. Podia-se encontrar uma exceção à regra procurando muito atentamente nos quadros, mas em geral eles achavam que eram os sabe-tudo, os todo-poderosos. Ponto final. Fim de papo.

- Queremos pedir desculpa pelo aviso em cima da hora disse Wise.

Wise tinha sido apresentado a Dutch logo que ele voltou para Cleary e assumiu o cargo de chefe da polícia. Quando apertaram-se as mãos pela primeira vez, Wise declarou estar aliviado de saber que alguém com experiência ia agora trabalhar nos casos das pessoas desaparecidas. Mas Dutch enxergou através daqueles bons modos. Wise só estava sendo simpático e fazendo jogo político.

Ritt serviu três xícaras de café. Begley ignorou a dele. Wise abriu um envelope de adoçante. Dutch deu um gole antes de perguntar.

- O que é tão urgente?

- Você quer dizer fora as cinco mulheres desaparecidas? perguntou Begley.

Ele era como um abrasivo industrial derretendo as pontas expostas dos nervos de Dutch. Dutch quis bater nele. Em vez disso, encarou o agente mais velho e os dois telegrafaram o desprezo que sentiam um pelo outro.

Wise tossiu baixinho com a mão na frente da boca e empurrou os óculos para o lugar.

- Senhor, tenho certeza de que o chefe Burton não quis minimizar a importância de encontrar as pessoas desaparecidas.

- Esse tempo me obrigou a suspender, por hora, a minha investigação.

- Que está em que pé? - perguntou Begley.

Sempre diplomata, Wise apressou-se em completar a pergunta de Begley.

-Talvez possa nos pôr a par da sua investigação, chefe Burton.

Dutch se agarrava ao fiozinho de paciência que restava, mas quanto mais depressa respondesse às perguntas deles, mais rápido estaria fora dali.

- Desde que eu soube do desaparecimento de Millicent Gunn, peguei todos os homens que podia recrutar... do meu departamento, da polícia estadual, do xerife municipal e um bom número de voluntários... para varrer a região.

"Mas o terreno aqui em volta torna esse trabalho muito lento, especialmente porque dei ordens para que não deixassem um graveto no lugar. Ontem, quando a tempestade chegou, fui forçado a interromper a busca. Estamos paralisados enquanto esse tempo estiver assim. E nem preciso dizer o que vai fazer com as provas."

Quando ele apontou para a frente do prédio, viu Wes Hamer e Marilee Ritt se aproximando da entrada de direções opostas, chegando ao mesmo tempo à porta. Wes abriu para ela e entrou rapidamente atrás. Os dois riam da neve grudada nas roupas. Parados perto da porta, eles bateram os pés no chão para tirar a neve das botas.

Wes tirou o chapéu e as luvas. Marilee tirou o gorro, e ele riu quando a eletricidade estática fez o cabelo dela ficar de pé. A ponta do nariz de Marilee estava vermelha, mas Dutch se surpreendeu de ver como estava linda e animada aquela manhã.

William chamou-a e ela foi depressa para o lado dele atrás do balcão. Wes deu uma olhada para a mesa onde Dutch estava sentado com os agentes do FBI. Não pareceu surpreso de vê-lo ali com eles. Ritt, desempenhando seu assumido papel de intrometido da cidade, devia ter ligado para Wes para informar sobre a reunião.

Na noite anterior, Wes e ele tinham trocado algumas palavras duras e se separado aborrecidos um com o outro. Depois da brincadeira que Dutch fez com Wes sobre as mulheres, Wes abriu a porta do carona do Bronco e desceu do carro.

- Você não pode se dar ao luxo de me irritar, Dutch. Porque sou praticamente o único amigo e aliado que lhe sobrou.

Ele bateu a porta com força e saiu andando pesadamente no meio da nevasca.

Na loja de Ritt, eles se cumprimentaram com um aceno de cabeça seco, e depois Dutch voltou a prestar atenção em Wise e Begley.

- Falei com o sr. e a sra. Gunn ontem à noite - ele continuou.

Não disse para os agentes que os pais de Millicent é que o tinham procurado, e não o contrário. Estava contente de ter até isso para relatar. Fazia com que parecesse estar no controle do caso, agindo sempre.

- Eu atualizei para eles a situação de nossa investigação das pessoas com quem Millicent esteve no dia em que desapareceu, primeiro no colégio, mais tarde no trabalho.

Tínhamos montado uma lista completa, mas não consegui entrevistar todas as pessoas antes dessa tempestade desabar. Meu departamento é pequeno e meu pessoal reduzido.

Opero com um orçamento muito apertado. Aquelas desculpas estavam começando a parecer coisa de chorão, por isso Dutch parou de falar e bebeu mais um gole do café.

Olhou para o balcão da lanchonete. Hawkins estava sentado de ombros curvados, segurando a xícara de café com as duas mãos, como se precisasse das duas para não tremer. Wes conversava com Ritt e Marilee. Falava baixinho, mas os dois prestavam total atenção. Dutch ficou imaginando o que ele devia estar dizendo de tão cativante assim.

Voltou a se concentrar no trabalho e perguntou para Wise:

- Descobriram alguma coisa no diário de Millicent? Passando a bola para eles, pensou. Eles estavam nesse caso, como ele. com todos os recursos à disposição, o FBI também não tinha solucionado nada.

- Um ou dois relatos aguçaram a minha curiosidade - respondeu Wise.

Ele acrescentou mais um envelope de adoçante ao café e começou a mexer com a colher, distraído.

- Mas é provável que sejam insignificantes no que se referem ao desaparecimento.

- Insignificantes? - zombou Dutch. - Se fossem insignificantes, vocês não estariam aqui. AEE Begley certamente não estaria. O que aguçou a curiosidade de vocês?

Wise olhou para Begley. Begley continuou a encarar Dutch, sem dizer nada. Wise pigarreou e olhou de novo para Dutch, por trás das grandes lentes dos óculos.

- Conhece um homem chamado Ben Tierney?

Tierney acordou assustado.

Dormia um sono profundo e sem sonhos. No minuto seguinte estava completamente acordado, com todos os sensores vibrando, como se tivesse levado um choque violento.

Instintivamente afastou os cobertores e quis sentar. Foi atacado por uma série de dores, deu um grito sufocado, os olhos se encheram de lágrimas. Foi dominado pela tontura. Permaneceu imóvel, com a respiração curta, até a dor diminuir e chegar a um nível mais tolerável, e recuperar algum equilíbrio, depois abaixou os pés até tocar no chão com todo o cuidado e sentou-se.

Lilly já estava de pé, provavelmente no banheiro.

A sala estava escura, mas ele sabia que já devia ter amanhecido. Experimentou ligar o abajur da mesa de canto, e a lâmpada acendeu. A cabana ainda tinha eletricidade.

Mas estava tão frio que ele tremia todo. Parecia que o propano tinha acabado durante a noite. A primeira providência do dia seria acender o fogo na lareira.

Normalmente ele teria feito isso logo. Aquela manhã, no entanto, o simples ato de sentar já parecia uma tarefa impossível. Seus músculos doíam, as juntas estavam emperradas por ter dormido a noite inteira na mesma posição... a única posição que o sofá permitia. Mesmo a expansão das costelas quando respirava era dolorida.

Levantou o casaco e o suéter e examinou seu corpo. Todo o lado esquerdo estava da cor da casca de berinjela. Tocou bem de leve em cada costela. Não achava que tinha alguma fraturada, mas não podia jurar. A dor não poderia ser pior se estivessem quebradas. Por sorte, não tinha nenhum órgão perfurado, ou, se tinha, devia estar se esvaindo lentamente. Em todo caso, não tinha morrido de hemorragia durante a noite.

O ferimento da cabeça deixara manchas de sangue na fronha, mas não era uma quantidade grande. Não sentia mais pontadas de dor no crânio, apenas uma dor de cabeça e a tontura, que, apesar de voltar sempre, dava para ser controlada, se não fizesse movimentos bruscos.

Felizmente não estava tão nauseado como na noite passada. Na verdade, estava com fome, o que considerou um bom sinal. Pensar em café fez sua boca se encher de água. Ia racionar com cuidado a reserva de água deles para fazer uma xícara para cada um. Olhou para a porta fechada do quarto. Já fazia muito tempo que Lilly estava no banheiro, que devia estar ainda mais frio do que a sala. O que será que

estava fazendo para demorar tanto? Pergunta delicada essa, que não se podia fazer para uma mulher. Coisa complicada ficar preso naquela cabana com ela. Coisa complicada...

Levantou-se do sofá e foi mancando até a janela. O vento continuava soprando, mas não tão forte quanto na véspera. Essa era a única melhora. A neve caía com tal abundância que tinha começado a se acumular nas superfícies verticais. No chão, devia chegar pelo menos até o joelho, ele imaginou. Não iam conseguir sair da montanha aquele dia. Tinha odiado as idas ao barracão lá fora, mas ainda bem que tinha ido. Iam precisar da lenha que trouxera.

Deixou a cortina voltar para o lugar e cobrir a janela, foi até a porta do quarto e bateu de leve.

- Lilly?

Encostou a orelha na madeira e prestou atenção, mas não percebeu nenhum movimento ou ruído.

Alguma coisa está errada.

Ele não apenas sentia, sabia. Sabia com a mesma certeza que sabia que seus pés estavam gelados e que sua cabeça tinha começado a doer de novo, provavelmente por causa da pressão elevada.

Bateu na porta outra vez, com mais força.

- Lilly?

Abriu a porta e espiou. Ela não estava no quarto. A porta do banheiro estava fechada. Foi rapidamente até ela e bateu com tanta força que os nós dos dedos doeram.

-Lilly?

Não obteve resposta na hora, e abriu a porta.

O banheiro estava vazio.

Assustado, deu meia-volta mas parou e viu que Lilly estava de pé atrás da porta do quarto, onde devia ter se escondido quando ele entrou.

Merda!

Tudo que havia na mochila dele estava espalhado no chão aos pés dela.

E nas mãos, apontada diretamente para ele, Lilly segurava a pistola de Tierney.

16

Tierney deu um passo para a frente.

- Fique parado aí, senão eu atiro. Ele apontou para as coisas no chão.

- Posso explicar tudo isso. Mas não enquanto estiver apontando essa arma para mim.

Ele deu outro passo.

- Pare, senão eu atiro.

- Lilly, largue essa arma - ele disse com uma calma irritante.

- Você não vai atirar em mim. Pelo menos não por querer.

- Juro por Deus que vou.

As duas mãos, trêmulas, cobriam a arma do jeito que Dutch havia ensinado. Apesar dos protestos de Lilly, ele insistira para ela aprender a atirar. Disse que tinha inimigos entre os criminosos que podiam ir atrás dele depois de libertados da prisão, pela qual ele era o responsável em grande parte. Dutch levou Lilly para a escola de tiro e treinou-a até ficar satisfeito de que ela podia se defender numa situação crítica.

As aulas tinham sido mais para tranqüilizar Dutch do que Lilly. Ela não era capaz de sequer pensar em ter de testar a nova habilidade. E certamente nunca poderia imaginar que seria testada em Ben Tierney.

- Quem é você? - ela perguntou.

- Você sabe quem eu sou.

- Eu só pensei que soubesse - ela disse rispidamente.

- Todo macho com mais de doze anos carrega algum tipo de arma de fogo nesta parte do país.

- É verdade. Uma pistola na mochila de um caminhante não é motivo de alarme.

- Então explique por que está apontando para mim.

- Você sabe por quê, Tierney. Você não é burro. Mas acredito que eu tenha sido.

O que ele tinha dito e feito naquelas últimas dezoito horas Lilly tinha considerado curioso, mas nada assustador. Combinado agora com o que tinha encontrado na mochila dele, essa noção se modificara drasticamente.

- Lilly, abaixe a...

- Não se mexa!

Ela adiantou a pistola mais uns dois centímetros quando ele deu um passo meio hesitante.

- Eu sei como atirar com isso, e atiro mesmo.

Faltava raiva na voz dela para soar convincente. Como estava encurralada e sem esperança de resgate, com um homem que agora suspeitava ter sido o seqüestrador de cinco mulheres, que devia tê-las assassinado, e como tinha deixado de tomar duas doses do remédio, sua respiração foi ficando cada vez mais difícil.

E ele não deixou de notar isso.

- Você está mal.

- Não, é você que está.

- Você começou a ofegar.

- Eu estou bem.

- Não por muito tempo.

- vou ficar bem.

- Você disse que alguma sobrecarga emocional pode provocar um ataque. O medo vai provocar um.

- Sou eu que estou com a arma, por que teria medo?

- Você não precisa ter medo de mim.

Lilly bufou como se zombasse do que ele havia dito, e Se esforçou para resistir ao seu olhar azul e penetrante.

- Espera que eu acredite na sua palavra?

- Eu não faria mal nenhum a você. Eu juro.

- Sinto muito, Tierney. Terá de fazer mais do que isso. O que você estava fazendo na montanha ontem?

- Eu já disse para você, eu...

- Não insulte a minha inteligência. Era um dia péssimo para apreciar a vista. Quem é que vai ver a paisagem no topo de uma montanha quando anunciam uma tempestade de neve? Certamente não alguém como você, com a sua experiência da vida ao ar livre.

- Admito que fui descuidado.

- Descuidado? Você? Não é seu tipo. Tente de novo.

Os lábios de Tierney formaram uma linha dura e fina, lembrando a Lilly que ele não gostava de ter sua palavra desafiada.

- A tempestade chegou mais depressa do que eu esperava. Meu carro não queria pegar. Não tive escolha, tive de descer a pé.

- Até aí eu acredito.

- Estava pegando um atalho para evitar o ziguezague da estrada. Eu me perdi...

- Se perdeu? - Ela encompridou a palavra. - Você, com seu sexto sentido de direção, se perdeu?

Pego na mentira, ele hesitou e depois tentou outro argumento.

- Você foi influenciada por essa mania.

- Mania?

- Dos desaparecimentos. Toda mulher em Cleary está com medo de ser a próxima a desaparecer. É uma preocupação da comunidade inteira. Você já está aqui há uma semana.

Ficou afetada pelo pânico. Olha com suspeita para qualquer hornem.

- Qualquer homem não, Tierney. Apenas um. O que não tem uma explicação lógica para estar vagando pela floresta durante uma tempestade. O que conhecia a localização e a planta da minha cabana sem eu dizer nada. O que se recusou a abrir a mochila a noite passada, por motivos que agora são óbvios.

- Juro que vou explicar tudo isso - ele disse irritado -, mas não enquanto você estiver apontando essa arma para mim.

- Você pode explicar tudo para o Dutch.

As feições dele ficaram duras e pronunciadas, como se de repente a pele tivesse sido esticada ao máximo sobre os ossos.

Lilly tirou o telefone celular do bolso do casaco. Continuava sem funcionar.

- Você está cometendo um erro, Lilly.

As palavras e o tom baixo e controlado com que ele as pronunciou fizeram o sangue dela gelar nas veias.

- Deixar sua imaginação correr solta será um erro muito caro.

Ela não podia lhe dar ouvidos, não podia esmorecer. Ele estava mentindo para ela desde aquele primeiro sorriso afável no ônibus. Ele só estava desempenhando um papel, um que devia ter funcionado bem para ele antes. Tudo que tinha feito e dito era mentira. Ele era uma mentira.

- Peço que me dê o benefício da dúvida.

- Está bem, Tierney. vou lhe dar o benefício da dúvida se puder explicar isso.

Aos pés dela estavam as algemas que havia encontrado em um dos compartimentos da mochila, junto com a pistola. Ela as chutou para frente. As

algemas deslizaram pelo assoalho de madeira e pararam nos pés dele, descalços, só de meias. Tierney ficou muito tempo olhando para elas, depois levantou a cabeça e olhou para Lilly, com expressão implacável.

- Foi o que eu pensei.

Lilly segurou a arma com a mão direita e usou a esquerda para digitar o número de Dutch no celular. O telefone continuava mudo como uma pedra, mas ela fingiu que a ligação se completara para a caixa postal dele.

- Dutch, estou correndo perigo aqui por causa do Tierney. Venha logo.

- Você está completamente enganada, Lilly.

Ela guardou o celular de volta no bolso do casaco e segurou a pistola com as duas mãos.

- Acho que não.

- Ouça o que eu tenho a dizer, por favor.

- Já cansei de ouvir você. Pegue as algemas.

- Como pode pensar que sou o Azul? Por um par de algemas e uma fita azul?

Lilly tinha ouvido Dutch comentar que o suspeito desconhecido era chamado de Azul. Escutar aquilo saindo com tanta naturalidade da boca de Tierney fez seu coração disparar e se chocar contra as costelas. Mas não foi isso que provocou o maior terror.

Devia estar estampado nas suas feições.

- Ora, Lilly - ele disse suavemente. - Não pode estar surpresa com o fato de eu conhecer o apelido que a polícia deu para o criminoso. E uma cidade pequena. Todo mundo em Cleary sabe.

- Não foi isso - ela disse, com a respiração difícil e ruidosa. Eu nem tinha mencionado a fita.

A pergunta do agente especial Wise estava fora de contexto, ou pelo menos foi isso que Dutch pensou. Por um momento ficou confuso.

- Ben Tierney?

Estavam conversando sobre a investigação do desaparecimento de Millicent Gunn e, sem mais nem menos, Wise perguntou se ele conhecia Ben Tierney.

Olhou intrigado para Wise e para Begley, mas podia muito bem estar olhando para os olhos de dois bonecos. Os deles eram igualmente rasos e opacos.

- O que é que Ben Tierney tem a ver com as calças?

- Você o conhece? - perguntou Wise.

- Um rosto e um nome, só isso.

Então, de repente, ele foi dominado por um arrepio que não tinha nada a ver com a temperatura lá fora. Sentiu aquele mal estar que costumava sentir quando entrava em um prédio onde supunha que havia um suspeito escondido. Você sabe que alguma coisa ruim vai acontecer, só não sabe que forma vai assumir ou o quanto será ruim.

Você não sabe do que tem medo, mas sabe o suficiente para sentir medo.

- O que tem Ben Tierney?

Wise olhou para o café diante dele e equilibrou cuidadosamente a colher no pires.

O fato de evitar responder dizia mais do que qualquer coisa que pudesse ter dito. O coração de Dutch ficou apertado.

- Olha, se ele está envolvido nesse...

- Até que ponto a sua mulher o conhece?

Dutch olhou para Begley, que tinha feito a pergunta à queima-roupa. O sangue subiu-lhe à cabeça.

- Do que é que vocês estão falando?

- Soubemos que eles se conhecem.

- Quem disse isso?

- Eles se conhecem até que ponto? Que tipo de relacionamento têm?

- Não existe relacionamento nenhum - respondeu Dutch irritado. - Ela o encontrou uma vez. Por quê?

- Mera curiosidade. Estamos verificando vários ângulos para...

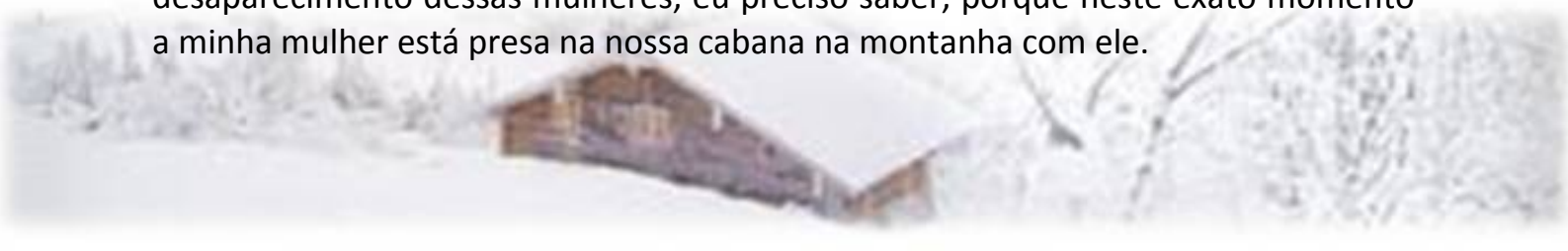
Dutch socou a mesa com tanta força que deslocou ruidosamente os pratos e talheres. A colher de Wise caiu do pires na mesa, com estardalhaço.

- Parem com essa embromação e digam o que sabem sobre esse cara. Vocês são os grandes e malvados agentes do FBI, mas eu sou um policial, pelo amor de Deus, e mereço seu respeito, assim como qualquer informação que tenham sobre a minha investigação. Então o que tem Ben Tierney?

- Acalme-se - ordenou Begley. - E fique sabendo que não admito palavrões, nem dizer o nome de Deus em vão. Não faça isso na minha presença outra vez.

Dutch deslizou no banco, levantou-se, pegou seu casaco e as luvas, vestiu-os com movimentos bruscos e furiosos. Então abaixou e chegou o rosto bem perto do rosto de Begley.

- Para começar, vá se foder. Em segundo lugar, preste atenção numa coisa, seu pentelho santarrão. Se tem algum interesse em Ben Tierney associado ao desaparecimento dessas mulheres, eu preciso saber, porque neste exato momento a minha mulher está presa na nossa cabana na montanha com ele.



Pela primeira vez os dois exibiram uma reação, que variou de surpresa a um certo grau de alarme, que fez Dutch dar um passo para trás.

- Meu Deus. Estão me dizendo que Ben Tierney é o Azul?

Depois de dar uma espiada cuidadosa no grupo que conversava no balcão, Wise disse em voz baixa:

- Nós encontramos algumas provas circunstanciais que merecem ser investigadas.

O agente estava embromando do mesmo jeito que Dutch embromara tantas vezes quando era detetive da Homicídios. Era isso que diziam quando sabiam que um suspeito era culpado até a alma e só precisavam de uma pequena prova concreta para pegá-lo.

Ele apontou o dedo para Begley.

- Eu não preciso de nenhuma investigação para saber que o filho-da-mãe passou esta noite com a minha mulher. Se ele encostou num único fio de cabelo dela, vocês podem começar a torcer para chegarem até ele antes de mim.

Dutch deu as costas para os dois agentes, caminhou com passos largos até o balcão da lanchonete, agarrou Cal Hawkins pelo colarinho e tirou-o do banco.

- Vamos trabalhar.

- Se o ataque de ciúme daquele fílho-da-puta prejudicar o meu caso, eu torço a porra do pescoço dele.

Isso dito pelo agente do FBI que, menos de sessenta segundos antes, avisara a Dutch que não aturava palavrões.

Ele e o jovem agente se aproximaram do balcão da lanchonete, tão decididos, com ar tão intimidador, que o primeiro impulso de Marilee foi ficar longe deles. O mais velho rugiu.

- Alguém sabe para onde ele foi?

- Vai subir a montanha para socorrer Lilly. - Wes se levantou e estendeu a mão direita. - Wes Hamer, presidente do conselho municipal, treinador do time de futebol do colégio.

Apresentaram-se, trocando apertos de mãos. Wes ignorou com um gesto os pequenos distintivos em carteiras de couro que exibiram.

- Não é necessária a identificação. Sabemos que são legítimos. Já os vi uma ou duas vezes na cidade - disse para Wise. Indicou Marilee e William atrás do balcão.

- William Ritt e sua irmã, Marilee Ritt.

- Posso servir alguma coisa? - William perguntou. - Mais café? Café da manhã completo?

- Não, obrigado. - Marilee percebeu que aquelas amenidades impacientavam o homem chamado Begley. - Eu soube que Burton e a mulher são divorciados, que ela agora se chama Lilly Martin.

- Foi difícil para ele aceitar o divórcio - William comentou.

- Há alguns anos eles perderam uma filha pequena - Wes explicou. - As pessoas reagem de modo diferente a tragédias como essa.

Begley olhou para o parceiro com ar de quem ordenava que anotasse mentalmente as informações. Marilee percebeu que ele já estava anotando.

- O que vocês sabem do fato dela estar presa na montanha com Ben Tierney? - Begley perguntou. - Eles tinham encontro marcado lá?

- Não tenho certeza, mas duvido que fosse um encontro. Wes falou da recente venda da cabana que pertencera aos Burton.

- Estiveram lá ontem à tarde, para pegar o que restava de seus pertences. Dutch voltou para a cidade antes dela. Ao que parece, na descida da montanha, Lilly sofreu um acidente envolvendo Tierney. Ela deixou uma mensagem vaga no celular de Dutch, dizendo que Tierney estava ferido mas que os dois estavam na cabana, pedindo a Dutch para enviar socorro imediatamente.

- Ferido como?

- Ela não disse, nem especificou a gravidade do ferimento. Não houve mais nenhuma comunicação. O telefone da cabana já estava desligado e o celular na montanha não serve para merda nenhuma... desculpe, sr. Begley. Em dias normais, nosso serviço de celular por aqui já é uma porcaria, na melhor das hipóteses. com esse tempo, pode esquecer.

Wes interpretou o silêncio de Begley como sinal para prosseguir:

- Dutch me telefonou ontem à noite pedindo ajuda para encontrar Cal Hawkins. O cara que ele acaba de levar para lá, sabe? Ele tem o único caminhão de areia da cidade.

- Ele contou a tentativa vã de subir a estrada da montanha. - Por fim, até Dutch teve de reconhecer que era impossível. Ele está decidido a tentar outra vez esta manhã. Saiu agora e foi para lá de novo.

- Não tenho muita esperança de sucesso esta manhã, tampouco - retrucou Wise.

- Experimenta dizer isso para ele.

- Eu gostaria de ir para aquela cabana - Begley disse, vestindo o sobretudo. - A última coisa de que precisamos é Burton lá em cima, de cabeça virada.

- O senhor acha mesmo que Ben Tierney é o Azul?

- Onde ouviu isso?,- O olhar de Begley para William, que fizera a pergunta indevida, seria capaz de deter o ataque de um rinoceronte furioso. Evitou que William dissesse o óbvio, que teria de ser surdo para não ouvir a conversa deles com Dutch.

Nervoso, passou a língua nos lábios e disse:

- Tem até um certo sentido, meio perverso.

- Ah, é? Como assim, sr. Ritt?

- Bem, todo mundo na cidade se conhece. O sr. Tierney é um estranho. Sabemos muito pouco sobre ele.

- O que sabe sobre ele? - perguntou o agente especial Wise.

- Só o que tenho observado sempre que ele vem à loja.

- Ele vem muito aqui?

- Sempre que está na cidade aparece bastante. Ele sempre...

- Williams olhou ressabiado para seus ouvintes. - Não deve ser importante.

- O quê, sr. Ritt? - Begley, impaciente, bateu com a luva na palma da mão. - Deixe que nós decidamos se o que observou é importante ou não.

- Bem, é só que, sempre que está na loja, ele atrai muita atenção.

- Atenção? - Begley olhou outra vez para Wise. - Atenção de quem?

- Das mulheres - William respondeu naturalmente. - Ele as atrai como um ímã. - Olhando para Wes, acrescentou. - Ouvi você, Dutch e seus amigos falando dele. Alguém o chamou de pavão.

- Fui eu - Wes disse, levantando a mão direita. - Eu acho que o cara sabe que as mulheres ficam loucas com seu jeitão rude e forte de esportista.

Todos olharam para Marilee, que corou, embaraçada.

- Só vi o sr. Tierney poucas vezes, mas li alguns dos seus artigos. São muito bons mesmo, para quem se interessa por essas coisas.

Begley não se demonstrou interessado. Ele se virou para William.

- Ele conversa muito com as mulheres?

- O tempo todo.

- Falam sobre o quê?

- Não tenho o hábito de ouvir as conversas dos meus fregueses. Tudo prova o contrário, Marilee pensou. Ele acabou de admitir que ouviu a conversa de Wes com Dutch.

Begley também parecia cético quanto à afirmação de William, mas deixou passar sem comentários.

- O que Tierney compra quando ele vem aqui? Se puder me dizer sem violar o sigilo profissional... - acrescentou com ironia.

William sorriu para ele.

- Não tem problema algum, já que ele nunca mandou aviar uma receita. Ele compra protetor para os lábios, protetor solar, pasta de dentes, lâminas descartáveis. Nada fora do comum, se é o que está querendo saber.

- Sim, é isso mesmo.

- Nada fora do comum. A única coisa curiosa é que ele só compra uma coisa de cada vez. Um dia é Band-Aid, no outro dia uma caixa de analgésico, no dia seguinte um livro.

- Como se quisesse inventar motivos para vir à loja?

- Pensando bem, é isso sim. E parece que ele sempre está aqui quando estou com a casa lotada de fregueses. Do meio para o fim da tarde. Muita gente passa por aqui antes de ir para casa.

- Millicent Gunn?

- Claro. Uma porção de alunos do colégio vem lanchar aqui depois das aulas. Desde que se comportem, eu deixo...

- Millicent Gunn e Ben Tierney alguma vez estiveram na loja ao mesmo tempo?

William estava prestes a responder, mas então compreendeu a importância da pergunta e ficou calado. Olhou de um para o outro, depois pareceu murchar e assentiu, balançando lentamente a cabeça.

- Há duas semanas. Uns dois dias antes de Millicent desaparecer.

- Eles conversaram? - perguntou Wise. William meneou a cabeça outra vez. Begley olhou para Wes.

- Onde podemos encontrar esse caminhão de areia?

- Se quiserem vir comigo, eu levo vocês até lá.

Begley nem esperou que Wes saísse na frente. Calçando as luvas, foi rapidamente para a porta.

- Ele é sempre tão ríspido? - William perguntou para Wise que procurava a carteira sob as camadas de roupa que vestia.

- Não, ele passou a noite em claro, por isso suas reações esta manhã estão mais lentas que de costume. Quer ver a conta?

William fez um gesto para ele guardar o dinheiro.

- Fica por conta da casa.

- Muito obrigado.

- De nada.

Wise inclinou de leve a cabeça, despedindo-se de William, fez uma reverência para Marilee e saiu para se juntar a Begley.

Wes ia sair também quando Marilee o chamou e entregou as luvas esquecidas no balcão.

- Vai precisar disso.

Ele apanhou as luvas e, brincando, bateu de leve com elas no nariz de Marilee.

- Obrigado. Vejo vocês mais tarde.

Enquanto observava Wes saindo da loja, Marilee viu no espelho o sorriso malicioso de William. Ela ignorou o irmão.

- Acho que no fim das contas ninguém queria café da manhã

- William disse. - vou fritar uns ovos. - Virou-se para a chapa. Você não quer?

- Não, obrigada. Você não devia ter falado do Azul.

- O quê?

- O nome de código. É claro que você reparou na reação de Begley. Supostamente só as autoridades sabem a respeito da fita azul. Foi você quem me contou. Wes tinha contado para você. Quem contou para Wes?

William pôs um pouco de manteiga na chapa, que logo começou a chiar e a derreter.

- Ele ouviu direto da boca de quem sabe.

- Dutch?

- Claro que é o Dutch.

- Ele é chefe de polícia - ela disse. - Devia saber melhor do que ninguém que não podia comentar com Wes sobre uma pista que tem de ser mantida em segredo.

- Eles são grandes amigos. Amigos íntimos. - William quebrou dois ovos na chapa. - Não têm segredos um para o outro. Além do mais, que importância tem isso?

- Podia prejudicar a investigação.

- Não vejo como.

- Se você e eu sabemos, quantos mais podem estar sabendo? Ele pegou o saleiro e sacudiu em cima dos ovos.

- Que diferença faz isso agora que eles já identificaram o

Azul?

- Nenhuma, eu acho.

- Entretanto - ele disse, virando os ovos -, há uma boa lição nisso, Marilee.

- Qual?

- Ninguém nesta cidade guarda um segredo - William disse isso sorrindo, mas Marilee teve a estranha sensação de que o sorriso não era tão inocente como ele queria que parecesse.

17

Lilly empurrou com o pé a fita de veludo azul que estava no chão. Havia encontrado aquilo em um compartimento fechado com zíper da mochila de Tierney quando procurava prova de outra mulher na vida dele. Quando ergueu os olhos para ele, nem precisou dizer nada.

- Eu achei - ele disse.

- Achou?

- Ontem.

- Onde?

Ele ergueu o queixo na direção do cume do pico Cleary.

- No chão da floresta? Um pedaço de fita azul?

- Estava presa em um arbusto. Ondulando ao vento. Por isso chamou minha atenção.

A desconfiança era óbvia nos olhos dela.

- Olha, eu sei por que você estranhou quando a viu - ele disse. - Sei o que pode significar.

- Como sabe?

- Todo mundo sabe da fita azul, Lilly. Ela balançou a cabeça.

- Só a polícia e o culpado.

- Não - Tierney disse calmamente. - Todos. A força policial de Dutch não é uma organização secreta. Alguém deixou vazar o fato de que uma fita de veludo azul foi encontrada em cada local em que as mulheres supostamente foram seqüestradas.

Era o que Dutch tinha dito a ela, mas sigilosamente.

- Eles esconderam essa informação de propósito.

- Não muito bem escondida. Ouvi uma conversa a respeito disso na loja de Ritt. Quando fui apanhar minha roupa lavada a seco, o proprietário disse a uma freguesa para tomar cuidado com o Azul, e ela sabia do que ele estava falando. Todo mundo sabe.

Indicou a fita azul com a cabeça.

- Não sei se é o tipo de fita que o Azul costuma deixar, mas é muito esquisito encontrar isso no meio do mato. Por isso eu a retirei do arbusto, guardei na mochila e ia levar para a cidade para entregar à polícia.

- Você não falou nisso ontem à noite.

- Não era importante.

- Há mais de dois anos o desaparecimento daquelas mulheres é comentado por toda Cleary. Se eu encontrasse alguma coisa que pudesse ser uma pista importante, acho que teria mencionado.

- Eu esqueci.

- Perguntei se havia alguma coisa útil na sua mochila. Você disse que não. Por que não mencionou a fita azul então? Por que não disse: "Não tenho nada útil, mas veja o que encontrei hoje, preso em um arbusto."

- E se eu tivesse dito? Pense um pouco, Lilly. Se eu tivesse mostrado a fita a noite passada, isso me livraria da suspeita de ser o Azul?

Ela não tinha resposta para isso. Não tinha respostas para muitas coisas. Queria desesperadamente acreditar que ele era exatamente o que parecia ser, um homem encantador, talentoso, inteligente, divertido, sensível. Entretanto nenhuma dessas qualidades o isentava de cometer crimes contra mulheres. Na verdade, esses traços de sua personalidade seriam uma vantagem para ele.

Tierney ainda não tinha explicado as algemas. A não ser no departamento de sadomasoquismo e da lei e ordem, para que serviam? Era desesperador pensar nisso.

- Millicent Gunn foi declarada desaparecida há uma semana.

- Tenho acompanhado a história.

- Ela ainda está viva, Tierney?

- Não sei. Como posso saber?

- Se você a levou...

- Não a levei.

- Acho que levou. Acho que por isso tinha um pedaço de fita azul e as algemas na sua mochila.

- Por falar nisso, por que revistou minha mochila? Lilly ignorou a pergunta e disse:

- Lá no alto da montanha, ontem à tarde, você estava fazendo alguma coisa que devia teçminar antes da tempestade. Livrando-se do corpo, talvez? Cavando a cova de Millicent Gunn?

Outra vez a pele do rosto dele pareceu se esticar.

- Depois de dormir a poucos metros de mim a noite passada, você acredita realmente que eu estava abrindo uma cova poucas horas antes?

Para não pensar no seu erro de julgamento e na própria vulnerabilidade, Lilly segurou a pistola com mais força.

- Pegue as algemas.

Depois de breve hesitação, ele se inclinou para a frente e obedeceu.

- Ponha uma delas primeiro no seu pulso direito.

- Você está cometendo um erro terrível.

- Nesse caso, você passará uma tarde desconfortável, e ficará furioso por isso. Se eu estiver certa e você for o Azul, estarei salvando a minha vida. Se tiver de escolher, prefiro deixá-lo furioso.

- Ergueu um pouco a pistola. - Feche a algema no seu pulso direito. Agora.

Longos segundos passaram. Finalmente ele obedeceu.

- No caso da cabana pegar fogo, ou se você começar a sufocar com um acesso de asma, está com a chave à mão?

- No meu bolso. Mas não vou soltar você até o socorro chegar.

- Isso pode demorar dias. Pode sobreviver tanto tempo sem seu remédio?

- Isso é problema meu.

- Eu me preocupo com isso também, caramba. - A voz dele agora era áspera, rouca. - Eu me preocupo com o que acontece com você, Lilly. Pensei que meu beijo tivesse passado isso.

O coração de Lilly perdeu algumas batidas, mas ela ignorou.

- Suba na base da cama e passe o braço direito pela cabeceira de ferro.

Apoiado em uma forte moldura de madeira, o ferro batido tinha espaços suficientemente largos para passar o braço.

- Quando eu beijei você...

- Não vou falar nisso.

- Por que não?

- Suba na cama, Tierney.

- Você ficou tão abalada com aquele beijo quanto eu.

- Estou avisando, se você não...

- Porque mais do que satisfez nossa curiosidade. Na minha fantasia, eu beijava você, mas...

- Suba na cama.

- Foi um milhão de vezes melhor do que minha fantasia.

- Este é meu último aviso.

- Não vou me algemar à cabeceira da cama! - ele gritou zangado.

- E eu não vou pedir outra vez.

- Você custou muito para dormir ontem à noite, não foi? Eu sabia que estava acordada. Você sabia que eu também estava. Pensávamos na mesma coisa. Naquele beijo, desejando...

- Cala a boca, senão eu vou atirar em você!

- ... não termos parado ali.

Ela apertou o gatilho. A bala acertou a parede mas passou tão perto que ele sentiu o deslocamento do ar no rosto. Ele pareceu mais chocado do que atemorizado.

- Eu atiro bem. O próximo tiro vai ser para valer.

- Você não me mataria.

- Se eu destruir a sua rótula, vai desejar que eu o tivesse matado. Suba na cama - ela disse, enunciando cada palavra bem devagar.

Tierney olhou para ela com novo respeito, recuou até encostar as pernas na base da cama. Sentou e se arrastou para trás sentado. Lilly sabia que as caretas de dor deviam ser verdadeiras, mas não se deixou impressionar. Quando ele chegou à cabeceira, passou a mão direita pela abertura da armação de ferro.

- Agora, prenda a outra algema no seu pulso esquerdo.

- Lilly, não me obrigue a fazer isso.

Ela não disse nada, apenas olhou para ele pela mira do cano curto da pistola até Tierney ceder e prender a algema no pulso esquerdo.

- Puxe com força para baixo, para eu ver se estão fechadas. Ele puxou várias vezes, batendo metal contra metal. Tierney estava preso.

Os braços de Lilly caíram para os lados do corpo como se pesassem quinhentos quilos. Ela encostou na parede e deslizou para baixo até sentar no chão. Pôs a cabeça sobre os joelhos levantados. Até aquele momento não tinha percebido como fazia frio. Ou talvez estivesse tremendo de medo.

Medo de ter acertado ao supor que ele fosse o Azul. E medo também de estar errada. Prender Tierney à cabeceira da cama podia significar sua sentença de morrer sufocada.

Não. Ela se recusava a pensar em qualquer coisa que não fosse sua sobrevivência. Morrer não era uma opção. A morte tinha privado sua filha de ter uma longa vida.

De modo algum ia deixar que a privasse da sua também.

Depois de alguns momentos, ficou de pé. Sem olhar para Tierney, foi para a sala de estar.

- Você precisa trazer mais lenha enquanto ainda tem forças ele disse, do quarto.

Ela não quis conversa com ele, mas era exatamente o que estava pensando. O couro de suas botas estava úmido e frio, mas ela as calçou, apesar do desconforto.

O boné de Tierney estava endurecido com o sangue seco, mas era melhor do que o pesado cobertor, para cobrir a cabeça. Enterrou o boné até as orelhas e até as sobrancelhas.

Usou também o cachecol dele para proteger o pescoço e a parte inferior do rosto. Suas luvas forradas de lã eram inadequadas para a temperatura terrivelmente baixa, mas melhores do que nada. Acabou de se arrumar e foi até a porta. Observando-a do quarto, Tierney disse:

- Pelo amor de Deus, Lilly, deixa que eu faço isso para você. Pode ficar apontando a arma para mim o tempo todo. Não me importo. Apenas deixe-me fazer isso.

- Não.

- O ar frio...

- Cale a boca.

- Meu Deus - ele murmurou. - Não saia da varanda. Traga a madeira para dentro antes de começar a cortar.

Bom conselho. Tierney tinha excelente conhecimento de sobrevivência. Seria tão bom assim para obter a confiança das mulheres?, pensou Lilly. Era evidente que sim.

Cinco tinham confiado nele. Na verdade, seis, contando com ela.

Fazia frio no interior da cabana, mas não se comparava com o gelo lá fora. O ar frio açoitou-lhe o rosto. Tinha de manter os olhos quase fechados. A lona que Tierney pusera sobre a pilha de toras estava coberta por vários centímetros de neve, levada pelo vento para baixo do toldo.

Ela estendeu a mão e puxou uma tora. Era tão pesada que escorregou das suas mãos e caiu no chão da varanda, por pouco não atingindo seu pé. Desajeitadamente, Lilly apoiou a tora nos braços e abriu a porta. Levou para dentro e fechou a porta com o pé.

Pôs a tora na lareira e parou, respirando profundamente pela boca, para encher os pulmões de ar, procurando se convencer de que era fácil respirar.

- Lilly, você está bem?

Tentou não ouvir a voz dele e se concentrar em fazer o ar passar pelos seus brônquios contraídos.

- Lilly?

A preocupação dele parecia sincera. As algemas chocalharam contra o ferro batido quando ele as puxou com força. Ela se afastou da lareira e agora Tierney podia vê-la.

- Pare de gritar. Eu estou bem.

- Não está nada.

- Estou ótima, a não ser pelo fato de estar presa na montanha com um assassino em série. O que você faz com elas quando estão algemadas, Tierney? Tortura e estupra antes de matar?

- Se é isso que eu faço, por que não torturei, estuprei e matei você?

- Porque liguei para Dutch e deixei recado dizendo que estava aqui com você. - Então ela teve uma idéia. - Agora compreendo sua reação cada vez que eu dizia o nome dele, porque estava tão preocupado com ele, porque fez tantas perguntas sobre nosso relacionamento.

- Porque eu queria saber se você ainda era apaixonada por ele.

Exatamente a conclusão de Lilly. Ele a fez pensar que o ciúme era o motivo das perguntas sobre Dutch, o ex-marido. O fato de ter caído nessa conversa a deixava furiosa, consigo mesma e com ele.

- Não vou mais desperdiçar meu fôlego com você.

Ele puxou várias vezes as algemas. Felizmente não cederam.

Lilly voltou lá para fora. Trabalhou por quase uma hora, carregando uma tora de cada vez. Cada uma parecia mais pesada do que a outra. A tarefa se tornou extremamente difícil. Os períodos de descanso mais longos.

Felizmente algumas eram suficientemente pequenas para pegar fogo assim que ela acendeu o graveto debaixo delas, e o calor da lareira era bem-vindo. A machadinha, como ela temia, não daria conta de cortar as toras maiores.

Pensou em ir ao galpão e apanhar o machado que Tierney não tinha encontrado, mas resolveu não se arriscar, temendo não conseguir levá-lo até a casa.

Então usou a machadinha para cortar pedaços de madeira até ter o bastante para várias horas.

Mas Lilly não sabia se ela ia agüentar tanto tempo.

- Lilly?

Fazia meia hora que ela estava sentada no colchão, encostada no sofá, descansando, tentando recuperar o fôlego.

- Lilly, fale comigo.

Ela recostou a cabeça no sofá e fechou os olhos.

- O que é?

- Como você está?

Teve vontade de não responder, mas havia cinco minutos Tierney repetia seu nome sem parar. Evidentemente não ia desistir até ela responder.

Afastou o cobertor, ficou de pé e foi até a porta aberta do quarto.

- O que você quer?

- Meu Deus, Lilly. - Sua expressão chocada confirmava a sensação de Lilly de que devia estar parecendo um zumbi. Ela já vira antes como ficava quando tinha um acesso de asma. Não era nada bonito.

- Você está bem agasalhado? - ela perguntou secamente.

- Você está precisando de oxigênio.

Lilly já estava dando meia-volta para sair do quarto quando ele se apressou em dizer:

- Eu queria um cobertor para as pernas.

Ela tirou um que estava no colchão. A lã tinha conservado o calor da lareira. Do pé da cama, ela o desdobrou sobre as pernas dele.

- Obrigado.

- De nada. - Notou que os pulsos dele estavam feridos de tanto puxar as algemas. - Isso não vai adiantar. Você só vai se machucar.

Ele olhou para o pulso lanhado.

- Finalmente cheguei a essa conclusão. - Flexionou os dedos algumas vezes. - Minhas mãos estão ficando dormentes por falta de circulação. Não pensei bem quando me prendi à cabeceira da cama. Devia ter posto as mãos mais para baixo. A altura da cintura. Assim não ficaria nessa posição tão desajeitada e desconfortável.

- Devia ter pensado melhor.

- Suponho que você não consideraria a possibilidade de abrir as algemas tempo suficiente para...

-Não.

- Foi o que pensei. - Ele mudou de posição, encolheu-se de dor, mas ela não sentiu a pena que ele queria despertar.

- Está com fome? - Lilly perguntou.

- Meu estômago está roncando.

- Vou trazer alguma coisa.

- Café?

- Está bem.

- Terá de contar como uma parte da minha ração de água. Sempre o escoteiro. Sempre preparado.

Cinco minutos depois ela voltou ao quarto com uma caneca de café fresco e um prato de biscoitos com pasta de amendoim, suprimentos que tinham trazido do carro.

- Deixei a pistola e a chave das algemas na sala de estar - ela disse. - Afastou-se para o lado para ele poder ver a mesa de centro. - Se está pensando em me queimar

com o café, me prender com as pernas, ou me imobilizar de qualquer modo, não vai adiantar nada. Não poderá chegar à arma ou à chave.

- Muito esperta.

Ela pôs o café e o prato no chão, tirou o cachecol do pescoço e o jogou longe, fora de alcance.

- Acabo de ser insultado? - Tierney perguntou, intrigado.

- Você poderia usá-lo como arma.

- Estrangular você não seria muito inteligente, seria? Você estaria morta e eu aqui impotente, algemado.

- Não quero arriscar nada.

- Por que estava usando meu cachecol?

- Pode segurar a caneca?

- vou tentar. Não posso prometer que não vou derramar um pouco. Por que estava usando meu cachecol?

- Para me aquecer, Tierney. Só por isso. Não quero ficar com você.

Pôs a caneca nas mãos dele. Tierney a segurou, abaixou a cabeça e bebeu um gole.

- Ainda bem que minhas mãos não estão na altura da cintura, afinal. Eu não poderia comer ou beber se estivessem.

- Eu não o deixaria morrer de fome ou de sede.

- E uma carcereira bondosa, Lilly. Não é dada a castigos cruéis e incomuns. Só que... - Esperou até ter certeza da atenção dela e continuou: - Seria muito cruel você morrer agora.

- Não pretendo morrer.

- Não deixe isso acontecer.

Havia um sentido oculto nas palavras e no modo que Tierney olhava para ela. Lilly resistiu às duas coisas.

- Pronto para os biscoitos?

- Quero terminar o café primeiro.

Ela recuou e sentou na cadeira de balanço, a uma distância segura da cama, sem olhar para ele.

- Dutch sempre conversava com você sobre os desaparecimentos?

Surpresa com a pergunta, Lilly olhou para ele.

- Certamente foi ele que contou para você da fita azul, do apelido Azul.

- Nunca pedi para ele falar dos seus casos, mas ouvia quando ele falava.

- O que mais ele disse sobre os desaparecimentos em Cleary? Ela respondeu com um olhar frio e firme.

- Ora, vamos, Lilly. Se está convencida de que sou o Azul, não estará divulgando algo que eu já não saiba. Mas Dutch sabia o que significa a fita azul?

- O que significa para o Azul, você quer dizer? Ele assentiu com a cabeça.

- Dutch tinha uma teoria.

- Qual?

Lilly não sabia se revelava para Tierney o que ela sabia dos casos. Mas se falasse podia descobrir alguma coisa.

- A primeira a desaparecer, Torrie Lambert, é a única que não mora aqui.

- Ela e os pais passavam as férias em Cleary - ele disse. Saíram em uma caminhada com guia, para apreciar a folhagem de outono. Ela e a mãe discutiram. Como uma garota típica de quinze anos, ela se afastou deles, emburrada. Nunca mais foi vista.

- Exatamente.

- Pare de olhar para mim desse jeito, Lilly. Cheguei a Cleary um pouco depois da garota ter desaparecido. A história ficou semanas na primeira página dos jornais.

Li as reportagens como todo mundo. Qualquer pessoa poderia saber o que eu disse. O que Dutch diz sobre a fita?

- Foi tudo que encontraram dela. As outras pessoas do grupo, incluindo seus pais, pensaram que ela os alcançaria logo. Quando não apareceu, ficaram preocupados.

Ao cair da noite, entraram em pânico. Depois de vinte e quatro horas, chegaram à conclusão de que era mais do que um capricho de adolescente, que ela não tinha desaparecido voluntariamente. Ou tinha se machucado e não conseguiu voltar, ou tinha se perdido, ou sido seqüestrada.

- Equipes de resgate procuraram durante semanas, mas o inverno chegou mais cedo naquele ano - ele disse, continuando a história. - A menina...

- Pare de chamá-la de menina - ela disse secamente. - O nome dela é Torrie Lambert.

- Torrie Lambert desapareceu como se um buraco se abrisse na terra e a engolisse. Não encontraram nem sinal dela.

- A não ser uma fita de veludo azul - Lilly disse. - Encontrada em uma moita. Do outro lado da divisa, no Tennessee.

- Foi o que fez com que acreditassem que tinha sido raptada. Para chegar ao local onde encontraram a fita azul, ela teria de andar mais de quinze quilômetros por um terreno difícil a leste do Mississippi - ele concluiu.

- A mãe identificou a fita como a que Torrie usava no cabelo naquele dia. - Lilly olhou para longe por algum tempo, depois disse, em voz baixa: - A sra. Lambert deve ter enlouquecido quando viu a fita. Torrie tinha o cabelo comprido, quase até

a cintura. Um cabelo lindo. Naquela manhã, tinha feito uma trança entremeando a fita.

Lilly olhou de novo para Tierney e disse:

- Assim, o que quer que você tenha feito com ela, ainda arranjou tempo para destrançar o cabelo e tirar a fita.

- Foi o Azul que fez isso.

- Eu gostaria de saber - ela continuou como se ele não tivesse dito nada - se foi descuido seu, ou se deixou a fita lá de propósito?

- Por que teria sido deixada lá de propósito?

- Para despistar as equipes de resgate. Como uma pista falsa. E funcionou. Depois que encontraram a fita, trouxeram cães rastreadores, que logo perderam a pista.

- Lilly ficou pensativa por um momento. - Eu me pergunto por que você não levou a fita como um troféu?

- Azul tinha seu troféu. Tinha Torrie Lambert. Lilly ficou arrepiada com o tom de voz dele.

- Então a fita é apenas um símbolo de sucesso. Tierney bebeu rapidamente o último gole de café.

- Terminei. Obrigado.

Ela pegou a caneca e deu a ele dois biscoitos, um em cada mão. Ele devorou o primeiro de uma mordida só. Quando inclinou a cabeça para comer o segundo biscoito, ela notou o curativo.

- O ferimento da cabeça está doendo?

- Dá para agüentar.

- Não parece estar sangrando.

Ela deu outro biscoito para ele. Mas, em vez de pegá-lo, Tierney segurou o pulso dela com força.

- vou sobreviver, Lilly. Estou mais preocupado é com a sua sobrevivência.

Ela tentou livrar a mão, mas não conseguiu.

- Solte a minha mão.

- Abra as algemas.

- Não - ela continuou tentando em vão se livrar.

- vou até seu carro e trago o seu remédio.

- Vai fugir, é isso que quer dizer.

- Fugir? - ele disse e riu um pouco. - Você esteve lá fora. Sabe como está o tempo. Até onde acha que eu chegaria se quisesse fugir? Quero salvar sua vida.

- vou sobreviver.

- Seu rosto está cinzento. Ouvi cada respiração sua quando estava na sala. Você está apenas lutando.

- Estou lutando com você.

Dessa vez, quando ela puxou a mão, Tierney soltou. Lilly respirou várias vezes, ofegante.

- Você quer isso? - ela perguntou, mostrando o último biscoito para ele.

- Por favor.

Lilly pôs o biscoito diretamente na boca dele, em vez de dar na mão.

- Não me morde.

Como se ela o tivesse insultado outra vez, ele franziu a testa, inclinou-se para a frente e pegou o biscoito com os dentes, tendo o cuidado de não tocar nos dedos dela. Lilly puxou a mão rapidamente. Tierney mastigou o biscoito. Ela pegou o prato vazio e a caneca e foi para a sala.

- Se não quer me soltar, pelo menos me leve para a sala, onde poderei ficar de olho em você.

- Não.

- Assim poderá me vigiar melhor.

- Eu disse que não.

- Lilly. -Não!

- Afinal você não me contou a teoria de Dutch sobre a fita. O que ela representa para o Azul?

Depois de um momento de hesitação, ela disse:

- Dutch acha que ele usa a fita como um símbolo do seu sucesso, para provocar a polícia.

- Concordo com isso. Talvez seja a única coisa em que Dutch e eu concordamos. O cara é um tolo por várias razões, uma delas por ter deixado você sozinha na montanha ontem, com uma tempestade de gelo se aproximando. Qual foi a dele?

- Não foi só culpa dele. Eu insisti para ele descer antes de mim.

- Por quê?

- Não vou comentar com você sobre mim e Dutch. Tierney ficou olhando para ela um longo tempo.

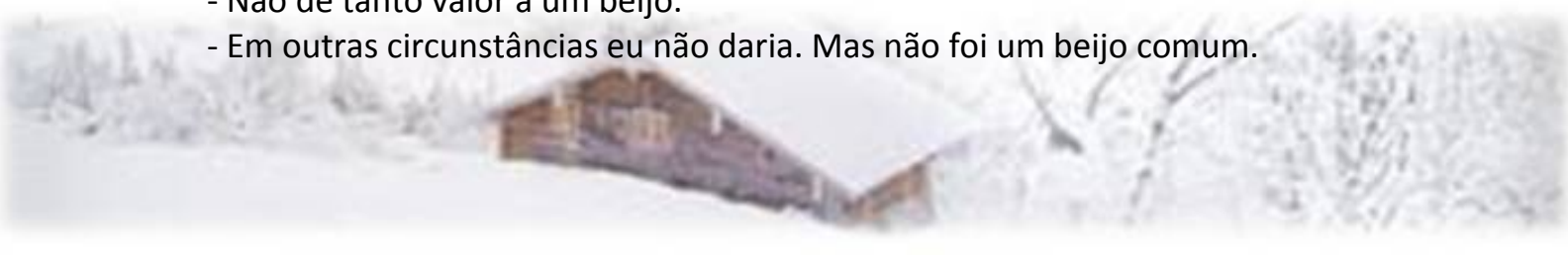
- Respeito você por isso. Sinceramente. Eu também não ia gostar que você falasse com ele sobre nós dois.

- Não existe nós, Tierney.

- Isso não é verdade. Não mesmo. E você sabe disso. Antes de você resolver que sou um depravado, estávamos indo muito bem nesse departamento.

- Não dê tanto valor a um beijo.

- Em outras circunstâncias eu não daria. Mas não foi um beijo comum.



Lilly sabia que precisava se afastar imediatamente. Tampar os ouvidos. Evitar olhar nos olhos dele. Mas continuou ali, como se Tierney a tivesse enfeitiçado.

- Pode negar quanto quiser, Lilly, mas sabe que o que estou dizendo é verdade. Não começou a noite passada, mas no momento em que você entrou naquele ônibus. Cada segundo de todos os dias desde então tudo que eu quis foi pôr minhas mãos em você.

Ela procurou ignorar a excitação que sentiu.

- É assim que você faz?

- O quê?

- Leva as mulheres na conversa e elas se entregam a você sem reclamar?

- Acha que isso é conversa?

- Acho.

- Para seduzir você? -É.

- Para você abrir as algemas e eu poder agarrá-la?

- Mais ou menos isso.

- Então explique por que fiquei só em um beijo a noite passada.

Tierney olhou atentamente para ela esperando a resposta, que não veio.

Finalmente ele falou:

- Parei porque não quis me aproveitar da situação. Estávamos em perigo. Isolados do resto da raça humana. Falávamos de Amy. Você estava emocionalmente frágil, vulnerável, precisando de consolo, de ternura.

"Estávamos também com fome um do outro. Se tivéssemos continuado, eu sei onde íamos parar. Sabia também que mais tarde você poderia se arrepender ou questionar meus motivos. Não queria que você tivesse nenhuma dúvida depois, Lilly. Só por isso não me deitei ao seu lado."

Ele parecia sincero. Meu Deus, como parecia sincero.

- Foi um grande sacrifício, Santo Tierney.

- Não. - Os olhos dele pareciam pontos de luz. - Se tivesse me pedido para trepar com você, eu teria feito isso na mesma hora.

Ela aspirou o ar de repente e rápido e produziu um chiado.

- Você é muito bom, Tierney. - A voz dela era quase um gemido rouco, não só por causa da asma. - Doce num minuto, erótico no outro. Você diz todas as coisas certas.

- Abra as algemas, Lilly - ele murmurou.

- Vá à merda.

Na noite anterior sua sobrevivência dependia da confiança que tinha nele.

Agora dependia da desconfiança.

18

- Que merda é essa, Wes?

- Antes de ter um chilique, pare e pense um pouco.

Wes se aproximou de Dutch na frente de um aquecedor elétrico. Não adiantava muito naquela garagem cavernosa, mas as espirais vermelhas brilhantes davam a impressão de que, ficando mais perto, aliviava o frio penetrante. Era só impressão. O chão de cimento conduzia o frio através das grossas solas das botas de Dutch e das meias de lã, diretamente para seus pés e suas pernas.

Ele batia os pés no cimento para ativar a circulação. Batia também de impaciência. Cal Hawkins estava no banheiro desde que chegaram. A última vez que Dutch tinha verificado, ele continuava vomitando no banheiro sujo.

- De qualquer modo, eles iam seguir você.

Wes se referia aos dois agentes do FBI que o tinham seguido até a garagem no próprio carro. Ficaram dentro do sedãa com o motor ligado. O escapamento emitia uma nuvem de fumaça que para Dutch parecia o hálito de um animal na sua cola.

- Esse cara Begley quer pegar o Tierney tanto quanto você Wes continuou. - Por isso, em vez de subir a montanha sozinho, por que não deixa que eles dividam a responsabilidade?

Por mais que Dutch detestasse admitir, Wes tinha razão. Se tivesse acontecido alguma coisa grave lá em cima - por exemplo, se Tierney tivesse levado um tiro quando tentava fugir -, haveria inquérito e investigação, e muita papelada. Por que não deixar que os federais ficassem com uma parte?

- Se não der certo - Wes disse, indicando Hawkins, que acabava de sair do banheiro e parecia um cadáver ambulante -, os federais têm helicópteros, equipes de resgatetreinadas, equipamento de busca de alta tecnologia, todas essas coisas.

- Mas se eu usar os agentes, eles é que mandam - Dutch observou. - Isso é chato. Muito mesmo. Além do mais, quando eu alcançar Tierney...

- Estou cem por cento com você nesse ponto, companheiro

- Wes disse, em voz baixa. - Especialmente se ele for o seqüestrador de mulheres. Estou só dizendo que...

- Devo usar o FBI até certo ponto.

Wes bateu nas costas dele, exibindo o sorriso que costumava usar no campo de futebol americano quando combinavam a jogada que deixaria o time adversário completamente confuso e derrotado. - Então vamos pegar a estrada. - Mas, quando caminhavam para o caminhão de areia, ele franziu a testa. - Você acha que ele está bem?

Hawkins estava sentado no caminhão mas com os braços em volta da direção, como se fosse um salva-vidas.

- Acho melhor que esteja. Se ele estragar tudo, eu o mato e depois o deixo preso pelo resto da vida. - Dutch abriu a porta do passageiro e entrou no caminhão.

- Estou bem atrás de você se precisar de mim - Wes disse. Quando Wes bateu a porta do carona, Hawkins estremeceu.

- Não precisa bater - ele resmungou.

- Ligue o motor, Hawkins - ordenou Dutch. Ele girou a chave.

- vou ligar, mas não vai adiantar. Eu já disse mil vezes e digo outra vez. Essa merda é inútil.

Dutch olhou para ele desconfiado.

- Estou sentindo cheiro de bebida no seu bafo?

- Da noite passada. Reciclada - ele respondeu, olhando para os espelhos laterais.

Dutch olhou para o espelho do seu lado e viu o agente especial Wise dar marcha a ré. Foi de ré até a rua, deixando o caminho livre para Hawkins.

Em menos de dez segundos, o pára-brisa ficou coberto de neve. O rápido olhar de Hawkins para Dutch dizia, eu avisei. Resmungando, ligou os limpadores e mudou a marcha.

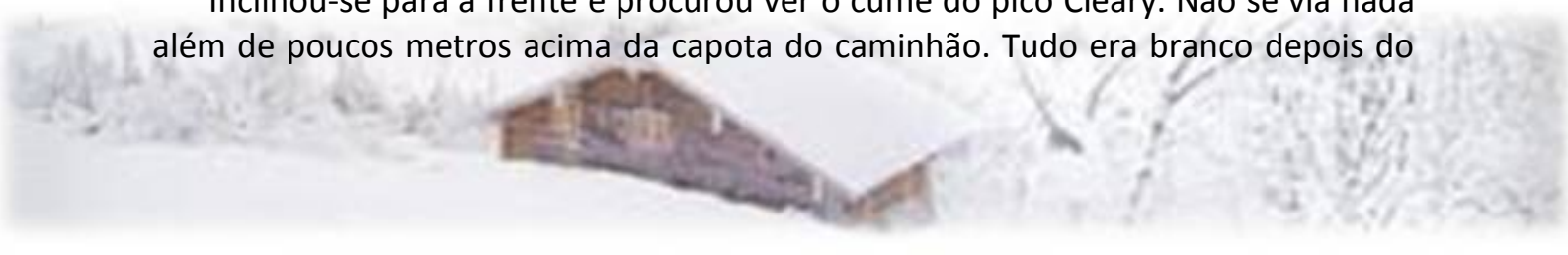
Com muita relutância - pelo menos foi a impressão de Dutch - o caminhão se moveu, roncando.

O quebra-gelo pregado na grade do pára-choque dianteiro do caminhão abria um caminho temporário para os carros que vinham atrás. Hawkins tinha ligado também o misturador de sal e areia. Isso ajudava, mas cada vez que Dutch olhava pelo espelho lateral, via que Wise e Wes não conseguiam muita tração. Por isso desistiu de olhar.

Seu celular estava regulado para vibrar e não tocar. Sabendo que não tinha vibrado, ele verificou assim mesmo, para conferir se havia algum recado. Nenhum. Ligou para o celular de Lilly, torcendo para captar algum sinal num lance de sorte. Ouviu o recado esperado: fora de área.

Ela telefonaria se pudesse, pensou. O celular dela devia estar tão mudo quanto o dele. Do contrário, ela teria se comunicado com ele.

Inclinou-se para a frente e procurou ver o cume do pico Cleary. Não se via nada além de poucos metros acima da capota do caminhão. Tudo era branco depois do



ponto em que dava para enxergar os flocos de neve separados se atirando como camicases contra o pára-brisa.

Se estava assim ali embaixo, certamente estaria muito pior no topo da montanha. Para não assustar o motorista, Dutch não disse nada em voz alta, mas Hawkins adivinhou o que ele estava pensando.

- Quanto mais subirmos, pior vai ficando - ele disse.

- Vamos passo a passo.

- É mais centímetro por centímetro. - Depois de um momento, ele disse: - Estou só imaginando se...

Dutch olhou para ele. -

- O quê?

- Se a sua ex-mulher quer ser salva.

- O que você acha, Hoot?

- Do quê, senhor? Especificamente. - Hoot olhava para o capo do carro, tentando mantê-lo no meio da passagem aberta pelo caminhão.

- Dutch Burton. O que você pensa dele?

- Extremamente sensível à crítica. Mesmo quando é só insinuada, ele imediatamente se põe na defensiva.

- A reação comum de quem sempre falha e/ou tem baixa auto-estima. O que mais, Hoot?

- Ele quer afastar a ex-mulher de Ben Tierney, mais por um ciúme antigo do que por ter certeza de que Tierney é o Azul. Está reagindo como homem, não como policial.

Begley olhou para ele com um largo sorriso, como quem olha para um prodígio que tivesse dado a resposta certa para uma pergunta difícil.

- O que Perkíns descobriu sobre a mulher?

Enquanto esperava que o chefe Burton chegasse à loja de Ritt, Hoot ligou para o escritório de Charlotte, de um telefone público. Estava com seu laptop, é claro, mas os computadores do escritório tinham acesso mais rápido e mais extenso às redes de informação. Pediu a Perkins para ver o que podia encontrar sobre a ex de Burton, e disse que Begley tinha pressa de receber a informação.

- Droga. Tudo bem. Dê-me dez minutos - Perkins tinha dito. Telefonou antes de completar cinco.

- Ela é editora-chefe de uma revista chamada Smart - Hoot disse para Begley no carro.

- Está brincando! - ele exclamou.

- Não, senhor.

- A sra. Begley adora essa revista. Eu a vi passar uma semana consultando a Smart. Redecorou nossa sala de estar de acordo com o que viu na revista. Você é casado, Hoot?

A pergunta o pegou de surpresa.

- Senhor? Oh, não, senhor.

- Por que não?

Ele não era contrário à idéia. Na verdade, gostava dela. O problema era encontrar uma mulher que não ficasse entediada com ele e com sua vida regrada. Esse tinha sido o padrão com ele e as mulheres. Uns poucos encontros, algumas noites juntos e então ele e a mulher se separavam por falta de entusiasmo.

Recentemente havia começado a trocar e-mails com uma mulher que conheceu na Internet. Ela morava em Lexington e tinha uma "conversa" agradável. Não sabia que ele trabalhava para o FBI. As mulheres em geral gostavam mais da imagem de macho do departamento do que dele. Karen - esse era o nome dela sabia que seu trabalho era ligado a computadores. Milagrosamente, continuou interessada mesmo assim.

A última conversa dos dois tinha durado uma hora e trinta e oito minutos. Na verdade, ela o fez ficar na frente do computador, no seu escritório imaculado, em casa, rindo alto de uma história sobre a única vez que ela tentou economizar dinheiro tingindo o cabelo em casa. Garantiu que o resultado desastroso fora remediado em um cabeleireiro e que valeu cada centavo que cobraram. E ele começou a pensar que precisava de alguma doideira daquele tipo na própria vida.

Mais de uma vez ela havia mencionado como Kentucky era belo na primavera. Se isso resultasse em um convite para que ele fosse ver o esplendor de uma primavera no

Kentucky, Hoot levaria seriamente em conta essa possibilidade. Ficava nervoso quando pensava em um encontro cara a cara com ela, mas era um nervosismo gostoso.

Torcendo para Begley não reparar que tinha ficado vermelho, Hoot disse secamente:

- Nos últimos anos tenho me concentrado na minha carreira, senhor.

- Ótimo, muito bem, Hoot. Mas isso é seu trabalho, não sua vida. Pense nisso.

- Sim, senhor.

- A sra. Begley me mantém mentalmente são e feliz. Não sei o que faria sem ela. Gostaria que você a conhecesse.

- Muito obrigado, senhor. Seria uma honra.

- Lilly Martin. Pode-se dizer que ela é uma senhora sensata? O cérebro de Hoot tentou mudar de assunto com a agilidade de Begley.

- Sim, senhor. Ela é diplomada em arte e jornalismo. Começou como contínua em outra revista e chegou à sua posição atual. Perkins me enviou alguns websites que podemos examinar mais tarde. Ele disse que as fotos mostram que ela é bastante atraente.

Ele deu uma olhada para Begley antes de continuar.

- E havia algo mais, senhor. Sobre Ben Tierney. Perkins diz que em um dos seus comprovantes do cartão de crédito está registrado um pagamento feito para um catálogo de equipamento paramilitar. Ele comprou um transponder e uma algema.

- Meu Deus. Há quanto tempo?

- O comprovante é da conta de agosto.

Begley mexeu no lábio inferior com dois dedos, pensativo.

- O sr. Elmer disse que Tierney conheceu Lilly Martin no último verão.

- E que ele se sentiu atraído por ela.

- O que não sabemos é se a atração foi mútua - Begley disse. -Talvez já estivessem se encontrando desde o último verão. Como ex-marido, Dutch Burton não precisava, necessariamente, saber disso.

- Correto.

- Por outro lado... - Begley ia dizer.

- Se a sra. Martin não estivesse atraída por Tierney, e se ele fosse o Azul...

- Exatamente - Begley suspirou. - Ele não aceitaria ser rejeitado. - Mergulhou num silêncio sombrio alguns minutos e então, irritado, bateu com a mão fechada na perna. - Filho-da-mãe! Isso simplesmente não combina, Hoot. Segundo Ritt, e Wes Hamer concorda, as mulheres sentem uma atração natural por Tierney. Então me diga, por que ele as seqüestraria? Então, Hoot. Alguma idéia?

Embora Begley esperasse impaciente a resposta, Hoot pensou com cuidado.

- Quando eu estava na faculdade de direito...

- Por falar nisso - Begley interrompeu -, faz pouco tempo que fiquei sabendo que você é formado em direito. Por que não é advogado?

- Eu queria ser agente do FBI - ele disse, sem hesitar. - Desde quando consigo lembrar, sempre foi o que eu quis.

A ambição dele era ridicularizada pelos valentões da escola. Até seus pais sugeriram que ele devia pensar em uma alternativa, para o caso de falhar na sua primeira escolha. Hoot não se deixou dissuadir pelo ceticismo dos outros.

- O problema foi... bem... senhor, é que eu não servi o exército. Não tinha treinamento policial. Olhando para mim, ninguém pensaria de cara que eu podia ser candidato à melhor agência de investigação do mundo. Eu não combino com a imagem que a maioria das pessoas tem de um agente federal. Tive medo que a.

agência não me aceitasse, a não ser que eu me distinguisse de outro modo qualquer. Pensei que um diploma de direito me ajudaria, e obviamente ajudou.

Ele olhou para Begley, escolhido a dedo pelo FBI por causa de sua ficha impecável do serviço militar e - o mais importante por sua coragem. A diferença das qualificações deles era tão grande que quase dava para rir.

Begley olhou pensativamente para ele, mas não com reprovação. Hoot imaginou que talvez tivesse passado na avaliação do seu superior. Torcia por isso. Não era uma coisa sem importância. Na verdade, tinha uma importância enorme. Era o máximo das aprovações.

- O senhor perguntou por que Tierney seqüestra mulheres. Eu ia dar uma correlação que talvez se aplique. Desde o primeiro semestre na faculdade de direito, um colega de classe e eu disputávamos o primeiro lugar. Ele parecia um jovem John Kennedy. Atlético. Carismático. Saía com uma modelo de maios da Sports Illustmted. Além disso, era brilhante. Definitivamente brilhante. Só que era desonesto. Completamente. Em quase todas as aulas, durante todo o curso, ele colou nos trabalhos e nos testes. Terminou com uma nota pouco mais alta do que a minha e se formou em primeiro lugar.

- Nunca foi apanhado?

- Não, senhor.

- Deve ter sido difícil engolir isso.

- Na verdade, não, senhor. Ele provavelmente teria um resultado melhor do que eu de qualquer jeito. O caso é que não precisava fazer aquilo.

- Então por que fez?

- A faculdade de direito não é um desafio. Trapacear e não ser descoberto é.

A lanterna traseira do carro de Wes Hamer piscou uma, duas, três vezes. Hoot interpretou como sinal para frear. Tirou o pé do acelerador. Na frente de Hamer, as luzes de freio do caminhão de areia acenderam e com elas o pisca-pisca para a direita. Hoot freou de leve para diminuir a marcha aos poucos.

Begley parecia não ver nada além do pára-brisa. Pensava na motivação de Tierney.

- Então temos aqui outro ambicioso que ficou sem desafios. Ele as leva para ver se é capaz. Mas por que essas mulheres? Por que não...

De repente ele soltou o cinto de segurança e virou para trás, deixando Hoot muito nervoso. Apanhou as cinco pastas com os inúmeros formulários e informações compilados por Hoot para cada um dos casos das mulheres desaparecidas. Virou para a frente e pôs as pastas no colo. Hoot respirou aliviado quando ele afivelou o cinto de segurança.

- Ontem à noite, examinando esses relatórios, tive a impressão de ler a mesma história muitas vezes - Begley disse. - Só agora entendi por quê.

- Não entendi, senhor.

Hoot fez uma curva com todo o cuidado. Seguindo Hamer a uma distância segura, podia parar sem bater na traseira do carro dele quando freasse. Adiante de Hamer, o caminhão de areia procurava aderência para obter tração na subida íngreme depois da curva.

Begley bateu com a mão aberta na pilha de pastas. O barulho brusco fez Hoot saltar no banco, assustado.

- Essas mulheres têm algo em comum, Hoot.

- Ninguém que trabalhou nos casos encontrou alguma ligação entre elas, senhor. Nem lugar de trabalho, tipo físico, histórico...

- Carência.

Sem saber se tinha ouvido bem, Hoot arriscou virar a cabeça e olhar para Begley,

- Senhor?

- Eram todas carentes, de um modo ou de outro. Millicent, nós já sabemos que era anoréxica, o que é sintoma de problemas emocionais e de auto-imagem, certo?

- E o que eu sei.

Begley examinou os casos de trás para frente.

- Antes dela foi Carolyn Maddox. Mãe solteira, trabalhava duro para sustentar o filho diabético. Laureen Elliott. - Abriu a pasta e leu rapidamente. - Ah, um metro e setenta e cinco de altura, cento e vinte quilos. Era gorda demais. Aposto que se a investigássemos íamos descobrir que o peso sempre foi seu problema, que experimentou todo tipo de dieta que já inventaram.

"Ela era enfermeira. Na sua profissão, era constantemente lembrada dos riscos da obesidade para a saúde. Talvez tenha sido pressionada para emagrecer, senão perderia o emprego."

- Entendo aonde quer chegar, senhor.

- O marido de Betsy Calhoun morreu de câncer no pâncreas seis meses antes dela desaparecer. Estavam casados havia vinte e sete anos. Ela era dedicada ao lar. O que tudo isso diz a você,

Hoot?

-Bem...

- Depressão.

- E claro.

- Betsy Calhoun casou logo que terminou o ensino médio. Nunca trabalhou fora de casa. Seu marido cuidava de todos os negócios do casal. Ela não deve jamais ter

assinado um único cheque antes da morte dele. De repente é obrigada a se virar sozinha e, além disso, perdeu o amor da sua vida, sua razão para viver.

Begley estava tão convencido, que Hoot não teve coragem de dizer que tudo aquilo não passava de conjeturas. Conjeturas baseadas em lógica bem fundamentada, mas, assim mesmo, conjeturas sem prova concreta, sem valor em um tribunal.

- Essa é a chave, Hoot - Begley continuou. - Ele não escolheu uma mulher segura em sua carreira, com um relacionamento romântico sólido, fisicamente em forma ou emocionalmente estável. Antes de desaparecer, todas essas mulheres estavam procurando se desviar dos estilingues e das flechas, digamos assim.

"Uma deprimida, uma obesa, uma trabalhando arduamente para se manter e manter o filho relativamente saudável e uma que se empanturra de porcaria de lanchonete para depois provocar o vômito. Então", ele disse em tom dramático, "entra nosso criminoso. Gentil e compreensivo, compassivo e bondoso, e, para culminar, parecendo um safado de um Príncipe Encantado."

Animado com a teoria, Hoot disse:

- Ele fica amigo delas, vira confidente e conquista a confiança dessas mulheres.

"Dá a elas os ombros largos para chorar e as acalenta nos braços fortes e bronzeados.

"O m.o. dele, ou modus operandi, é ajudar mulheres carentes."

- Não só ajudar, Hoot, salvar. Libertar. com sua aparência, como o rude aventureiro que é, ele poderia ter todo o sexo que quiser, sempre que desejar. Isso pode ser um componente, um bônus extra, mas o que dá mesmo tesão para ele é ser o salvador dessas mulheres.

Então Hoot se lembrou de algo que demolia toda a hipótese.

- Esquecemos a Torrie Lambert. A primeira. Era uma menina bonita. Correta. Aluna que só tirava dez. Popular com os colegas. Sem maiores problemas ou depressão.

"Além disso", Hoot continuou, "Azul não a procurou. Encontrou-a por acaso quando ela se afastou do grupo da excursão. Ele não sabia que ela estaria sozinha no bosque naquele dia. Foi apanhada porque estava acessível, não por ser carente."

Begley franziu a testa, abriu a pasta de Torrie e começou a ler.

- O que sabemos sobre os homens no grupo da excursão?

- Estavam presentes todo o tempo do desaparecimento de Torrie. Foram interrogados longamente. Ninguém deixou o grupo, exceto Torrie.

- Por que ela os deixou?

- Nas entrevistas, a sra. Lambert, mãe de Torrie, admitiu que tinham discutido aquela manhã. Nada sério. Agressividade e rebeldia típicas de adolescente. Imagino que ela estivesse irritada por passar as férias com os pais.

- É exatamente o problema que a sra. Begley e eu temos com a nossa filha de quinze anos. Somos um estorvo para ela, fica muito constrangida quando a encontramos em público. - Pensou nisso por um momento e depois continuou: - Então Azul encontra Torrie por acaso, e ela está com o mau humor típico da adolescência. Ele conversa com ela, se solidariza com seu problema, fica do lado dela contra a mãe, diz que lembra como os pais podem ser uns chatos...

- E ela cai na dele.

- Numa fração de segundo - Begley diz, convencido. - Finalmente ela começa a se sentir pouco à vontade e tenta voltar para os pais. Ele pergunta, por que quer voltar para eles se eu sou o amigo que você precisa? Então, assustada, ela tenta se afastar. Ele se irrita. Perde o controle. E a mata.

"Talvez não tivesse intenção de matá-la", Begley continua. "As coisas devem ter escapado ao controle, e Tierney só foi perceber tarde demais, quando ela já não estava respirando. Mas mesmo assim, tendo ou não estuprado a garota, ele conseguiu se safar."

Begley fechou os olhos como se acompanhasse os atos e o pensamento do criminoso.

- Mais tarde, como não foi capturado e vendo que ninguém o considera suspeito, ele compreende que foi muito fácil. Agora tomou gosto pela coisa. Domínio é a maior viagem do ego. A quintessência da excitação é ter o destino de alguém nas mãos, o controle do seu destino.

"Agora escalar montanhas cobertas de gelo ou qualquer outra bobagem desse tipo não é mais tão excitante quanto antes. A adrenalina não corre com o mesmo vigor.

Ele começa a pensar na sensação extrema que foi matar aquela jovem e de repente tem uma ereção com a vontade de fazer outra vez.

"Resolve voltar para Cleary e ver que tipo de ajuda pode prestar para outra mulher carente, ver se consegue resgatar aquela excitação especial. Ele volta porque o risco de ser apanhado parece não existir. Acha que os policiais são uns caipiras, que não possuem a metade da sua esperteza. Há vários lugares para se esconder, áreas enormes e inabitadas onde pode ocultar os corpos. Ele gosta daqui. E o lugar perfeito para seu mais novo e excitante passatempo."

Quando Begley concluiu a cena imaginária, ele parecia furioso. Abriu os olhos.

- Por que estamos parados? - Passou a manga do casaco no pára-brisa para desembaçar o vidro e perguntou: - Que merda de demora é essa?

Na cabine do caminhão de areia, Dutch começava a perder a paciência.

- Você pode fazer melhor do que isso, Cal.

- Poderia, se você parasse de gritar comigo. - Hawkins parecia prestes a chorar. - Está me deixando nervoso. Como espera que eu dirija direito se fica me xingando o tempo todo? Esqueça o que eu disse da sua mulher, sobre ela querer ser salva. Não tive intenção de irritá-lo. Estava só perguntando.

- Lilly é assunto meu.

Hawkins resmungou alguma coisa baixinho que parecia: "Não, não é mais", só que Dutch não respondeu, porque Hawkins tinha toda a razão. Além do mais, estavam se aproximando da segunda curva fechada do caminho, aquela que não tinham conseguido vencer na noite anterior. Ele queria que Hawkins desse toda a sua atenção ao ziguezague íngreme.

Hawkins reduziu a marcha e Dutch notou que as mãos dele tremiam. Talvez devesse ter permitido que ele tomasse um gole de uísque. Lembrando o tempo em que bebia para valer, Dutch sabia que até mesmo um pequeno gole faz diferença, entre a tremedeira e a mão firme. Mas agora era tarde.

Hawkirxs entrou na curva.

Ou tentou entrar.

As rodas dianteiras obedeceram ao comando da direção. Viraram para a direita. O caminhão não virou. Continuou reto para a frente, direto para o penhasco que Dutch sabia que tinha pelo menos vinte e quatro metros de altura.

- Vire o caminhão!

- Estou tentando!

Quando as copas das árvores apareceram ameaçadoras no pára-brisa, Hawkins gritou e instintivamente pisou na embreagem e no pedal do freio, depois largou a direção e cruzou os braços na frente do rosto.

Dutch não podia fazer nada para deter o impulso da derrapagem. O quebra-gelo da frente bateu na amurada que cedeu ante o impacto da inércia de algumas toneladas.

As rodas dianteiras passaram da beirada e pareceram ficar ali penduradas alguns segundos antes de o caminhão se inclinar para a frente.

Dutch se lembrou do clímax do filme Encurralado, em que um caminhão de dezoito rodas despenca da estrada e rola pela encosta da montanha. A seqüência

foi filmada em câmara lenta. Era exatamente o que parecia estar acontecendo com ele - vendo e sendo vítima da queda inexorável em uma agonizante câmara lenta.

A vista ficou embaçada. Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo. Mas os sons tinham uma clareza perfeita. O pára-brisa estilhaçando. Rochas batendo no chassis. Galhos quebrados. Metal rasgando. Os gritos apavorados de Hawkins. Seus próprios rugidos animalescos de incredulidade e frustração.

Mas as árvores provavelmente salvaram suas vidas, diminuindo a velocidade da queda. Se a encosta não fosse tão arborizada, a descida seria mais rápida e fatal. Depois do que pareceu Uma eternidade, o caminhão bateu com toda a força em um objeto imóvel. A inércia os jogou para a frente, mas não passaram dali. O caminhão se rendeu e parou, estremecendo.

Por milagre, o cérebro de Dutch não virou suco na mesma hora com o impacto. Ele estava consciente e surpreendeu-se de estar vivo e praticamente sem nenhum arranhão.

Hawkins também parecia ter sobrevivido. Dutch o ouvia gemer dolorosamente.

Dutch soltou o cinto de segurança e, com o ombro, deu um tranco para abrir a porta do passageiro. Rolou vários metros e aterrissou mais abaixo, com neve quase na altura da cintura quando conseguiu ficar de pé.

Tentou se orientar mas não enxergava nada porque a neve, levada pelo vento, parecia se concentrar bem nos seus olhos. Não dava para ver nem o que tinha feito o caminhão parar. Tudo que via era uma floresta, troncos negros de árvores contra um fundo branco.

Só que não precisava enxergar.

Estava ouvindo.

Sentiu a vibração no solo, no tronco da árvore à qual tinha se encostado para recuperar o equilíbrio, nos testículos.

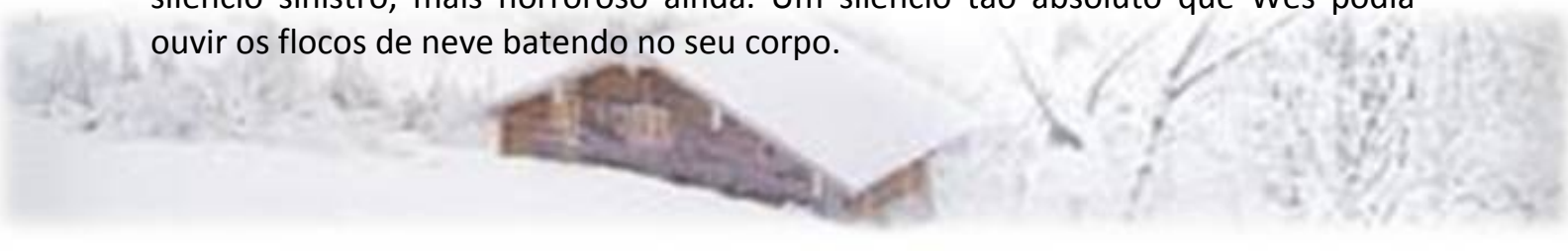
Não se deu ao trabalho de avisar Hawkins nem de tentar tirá-lo das ferragens. Não tentou fugir nem se salvar. A derrota privou-o de qualquer iniciativa, e ele ficou paralisado.

A futilidade da sua vida chegou ao ápice naquele momento. Ele preferia morrer ali, naquele momento, porque não tinha mais esperança de alcançar Lilly.

Wes ficou assistindo incrédulo ao caminhão desaparecer encosta abaixo.

Saltou do carro e ficou ao lado da porta aberta, como se fora do carro pudesse entender melhor como aquilo tinha acontecido.

Ouviu o caminhão abrindo caminho na descida. Um choque tremendo, depois o que pareceu um suspiro metálico, o estertor da morte do caminhão. E então um silêncio sinistro, mais horroroso ainda. Um silêncio tão absoluto que Wes podia ouvir os flocos de neve batendo no seu corpo.



A quietude foi quebrada por Begley e Wise, que se aproximaram até onde permitia a inclinação escorregadia da estrada. O carro deles estava muito atrás do de Wes, e não tiveram aquele ponto de vista vantajoso do acidente. Begley o alcançou primeiro, ofegante, emitindo nuvens de vapor pela boca.

- O que aconteceu?

- Eles despencaram.

- Que merda!

Begley nem censurou o palavrão que Hoot proferiu em voz baixa. Porque naquele momento os três ouviram outro som, um barulho que não podiam identificar, mas que julgaram ser a continuação do desastre.

Trocaram olhares confusos.

Mais tarde concluíram que o que tinham ouvido era o estalo de madeira rachando.

Árvores mais grossas do que os braços de três homens juntos, quebrando como palitos.

No momento não podiam ver por causa da neve.

Falando pelos três, Wes perguntou:

- Que porra é essa?

Então viram despencar entre as nuvens baixas, no meio da neve e da neblina, o que parecia uma nave espacial aterrissando com as luzes de alarme ainda acesas. Era a torre de energia que acabava de bater no chão com tamanha força que nem a neve espessa serviu para aliviar a pancada. Mais tarde, Wes jurou para quem ele descreveu o bizarro acontecimento que a repercussão fez seu carro ficar com as quatro rodas no ar.

Ele e os dois agentes do FBI chegaram a ficar mudos de espanto, sem conseguir absorver o que acabavam de ver, sem acreditar que tinham sobrevivido. Se a torre tivesse caído trinta metros mais perto, teria esmagado todos eles.

Não sabiam de Dutch. A única esperança de Wes era que ele e Hawkins estivessem vivos. Mas a outra vítima agora era a estrada Mountain Laurel. Estava bloqueada por toneladas de aço e escombros da floresta, que formavam uma barricada da altura de dois andares e ocupavam quase toda a largura da estrada. Ninguém podia subir por ali.

Nem descer.

19

Lilly acrescentou mais um pedaço de lenha aos que queimavam na lareira. Procurava economizar, pondo um de cada vez, e só quando era necessário para manter o fogo aceso.

Apesar dessa parcimônia, o suprimento de lenha que ela conseguira levar para dentro resumia-se agora a alguns pequenos pedaços, cortados das toras maiores. Se continuassem a queimar daquele modo, durariam apenas mais duas horas.

Não sabia o que ia fazer quando acabassem. Mesmo dentro da cabana, sem fogo, ia acabar congelando quando chegasse a noite. Precisava desesperadamente do fogo para sobreviver. Mas... e essa era a grande ironia... o esforço que teria de fazer para carregar mais lenha talvez a matasse também.

- Lilly?

Ela mordeu os lábios e fechou os olhos, desejando poder selar os ouvidos também. A voz dele era sedutora demais, seus argumentos sensatos demais. Se ela cedesse, poderia se tornar a sexta vítima.

Discutir com ele era exaustivo. Davam voltas e mais voltas sem chegar a lugar nenhum. Ela não ia soltá-lo. Tierney tinha um arsenal de argumentos para convencê-la a fazer isso. E havia também o chiado da sua respiração que piorava quando ela falava. Por isso tinha parado de responder.

- Lilly, diga alguma coisa. Se ainda está consciente, sei que pode me ouvir.

Seu tom transmitia agora uma insinuação de raiva, agravada pela recusa dela em responder. Lilly afastou-se da lareira, foi até a janela da sala de estar, e olhou rapidamente para a porta aberta do quarto quando passou por ela.

- Por que não fica quieto?

Ela abriu a cortina e olhou para fora, esperando ver que a neve tinha diminuído. Longe disso. A nevasca era tão espessa que só se via uns poucos metros além da varanda.

O pico da montanha era agora uma paisagem estranha, branca, silenciosa e isolada.

- A neve diminuiu um pouco?

Lilly balançou a cabeça, deu as costas para a janela e abraçou o próprio corpo para se aquecer. O pouco tempo afastada do fogo bastou para que o frio penetrasse as camadas de roupa. Estava com todas as meias que tinha, mas seus pés continuavam frios. Teria assoprado nas mãos para aquecê-las, se não precisasse tanto poupar a respiração.

Tierney não tinha se queixado de frio. Mantinha-se aquecido com o esforço que fazia para se livrar das algemas. Parecia ter concluído que para escapar valia a pena ficar com os pulsos em carne viva, afinal. Nem procurava disfarçar o barulho. Lilly ouvia o tinido de metal contra metal, as batidas da cabeceira da cama contra a parede e as exclamações de pura frustração quando as algemas não cediam.

- Qual a situação da lenha? - ele perguntou.

- Boa, por enquanto.

- Por enquanto. E mais tarde? E daqui a uma hora? Ela foi até a porta aberta.

- vou me preocupar com isso quando for preciso.

- Quando for preciso será tarde demais para se preocupar. Ele acabava de traduzir em palavras o que Lilly mais temia, por isso ela não desperdiçou fôlego para contradizê-lo.

- Você quer... outro cobertor... nas pernas? - Era obrigada a fazer uma pausa entre as frases para respirar.

- Quando foi que você tomou a última dose do seu remédio?

- Os comprimidos? - ela disse, com a respiração chiando. -

Ontem de manhã.

- Parece que não tem certeza.

Meu Deus, será que ele podia ler sua mente?

A verdade era que Lilly não se lembrava de ter tomado o comprimido na manhã anterior. Procurava pensar naquele dia, mas não se lembrava de ter tomado.

Fez uma porção de coisas na cidade. Foi à empresa de mudanças local para comprar algumas caixas. Depois disso, recordava de ter passado por um caixa automático e retirado dinheiro para a viagem de volta a Atlanta.

Sua última parada antes de voltar para a cabana, foi na farmácia. Tinha tomado o último comprimido na noite anterior. Por sorte, quando passou a ir a Cleary regularmente, pediu para um médico local a receita da teofilina, o remédio que tomava para evitar o ataque de asma. A receita extra era uma salvaguarda, para nunca ficar sem o medicamento.

No dia anterior, William Ritt tinha aviado a receita. A partir daí, sua memória era vaga. Não se lembrava de ter tomado o comprimido quando parou na lanchonete e

comprou uma vacapreta de Linda Wexler, ou se tinha esperado para tomar quando chegasse à cabana.

Não devia ter se esquecido de tomar. Fazia parte da sua rotina diária. Porém o dia anterior tinha sido diferente dos outros e não apenas com relação aos seus hábitos.

Dutch a tinha posto numa gangorra emocional.

Ele estava à sua espera quando ela chegou à cabana. Sentado na beirada do sofá, olhava para o espaço, com os ombros curvados para a frente e parecia muito infeliz.

Suas primeiras palavras foram: "Como pode fazer isso comigo?"

Em vista do que aconteceu depois, ela podia ter se esquecido de tomar o remédio.

- Lilly, tem certeza de que tomou ontem? Ela voltou a atenção para Tierney.

- É claro que tenho certeza - mentiu.

- Mas já passaram vinte e quatro horas. Ou trinta e seis.

- Já passou o efeito - ele disse. - Você está passando mal.

- Bem, isso acontece... quando descobrimos... que estamos encurralados com um... assassino.

- Você sabe que não sou um assassino. Abra as algemas. Eu vou buscar o seu remédio.

Ela balançou a cabeça.

- Você quase não tem mais tempo.

- Podemos ser salvos...

- Ninguém vai subir aquela estrada pelo menos até amanhã. E se está contando com algum resgate de helicóptero, tipo Rambo, pense bem. Nem o piloto mais corajoso vai levantar vôo nessa tempestade arriscando ser derrubado pelo vento ou bater numa montanha que não pode ver.

- Mas...

- Não vai acontecer - ele disse com a voz cada vez mais áspera. - Você pode estar disposta a arriscar a sua vida, mas eu não estou. Abra as algemas.

- Eles podem vir... a pé.

- Ninguém é tão louco.

- Só você.

Isso o silenciou, mas apenas alguns segundos.

- Certo. Só eu. Assumiria qualquer risco para mantê-la viva. Não quero que você morra, Lilly.

- Eu também... não gosto... muito da idéia.

- Me deixa ir até lá.

- Não posso.

Tierney comprimiu os lábios, furioso.

- Vou dizer o que você não pode fazer. Não pode me deixar preso nessa maldita cama. Cada segundo que perdemos discutindo gasta o tempo e a respiração que você não tem. Agora pegue a chave e abra essas...

- Não!

- ... porras dessas algemas.

As luzes se apagaram.

Dora Hamer se aproximou da porta fechada do quarto de Scott. A casa parecia sinistramente silenciosa sem o estéreo dele vibrando nas paredes. Ela bateu duas vezes.

- Scott, você está bem?

Ele abriu a porta como se a esperasse.

- Estou ótimo, exceto pela falta de luz.

- Acho que está faltando em toda a cidade. Não vejo nenhuma luz nas janelas das casas vizinhas. Você está bem agasalhado aí?

- Vesti mais um suéter.

- Isso pode ajudar algum tempo, mas logo a casa vai ficar muito fria. Enquanto a luz não volta, temos de nos contentar com o calor da lareira. Quer fazer o favor de trazer mais lenha da garagem?

- Claro, mamãe.

- Leve o lampião que você e seu pai usam quando vão acampar. Temos combustível para ele?

- Acho que sim. Vou verificar.

Ele saiu para o corredor. Dora o acompanhou parte do caminho, mas voltou rapidamente para o quarto dele. Os formulários de requerimento de matrícula na universidade estavam espalhados em cima da mesa. Ela não perdeu tempo lendo, mas uma olhada rápida mostrou que Scott tinha preenchido alguns, obedecendo às ordens de Wes.

Ela foi depressa até a janela para ver se o detector do sistema de alarme estava intacto. Dois ímãs, um no caixilho da janela, o outro no peitoril, formavam uma conexão que, quando interrompida, ativavam o alarme onde quer que estivesse ligado. Os componentes estavam devidamente alinhados. Ela verificou que estava tudo em ordem na outra janela também.

Como não queria ser apanhada revistando o quarto do filho, Dora parou para escutar. Ouviu Scott empilhando a lenha no espaço aberto da parede, ao lado da lareira.

Ouviu o filho tirar a poeira das mãos quando voltou à garagem para apanhar mais lenha.

Ela foi até a terceira janela. Dois ímãs estavam na posição correta. Mas o terceiro, no peitoril, era um ímã comum, um brinquedo de criança. Posto ali para substituir o conector que faltava e posicionado de modo que nenhuma conexão seria interrompida se a janela fosse aberta.

- Mamãe?

Quando ele chamou, Dora sobressaltou-se como se fosse ela a culpada de alguma coisa. Saiu rapidamente do quarto, torcendo para parecer mais calma do que se sentia quando chegou à sala de estar.

- Quer que eu empilhe alguma lenha na lareira? - ele perguntou.

- Boa idéia. Poupa o trabalho de ir apanhar mais.

- Tudo bem. Quer que acenda o lampião?

- Vamos deixar para a noite.

- A lata de querosene está praticamente cheia. vou deixar na cozinha, junto com o lampião.

- Ótimo. Tenho velas que devem durar até a noite. E temos muitas pilhas para as lanternas.

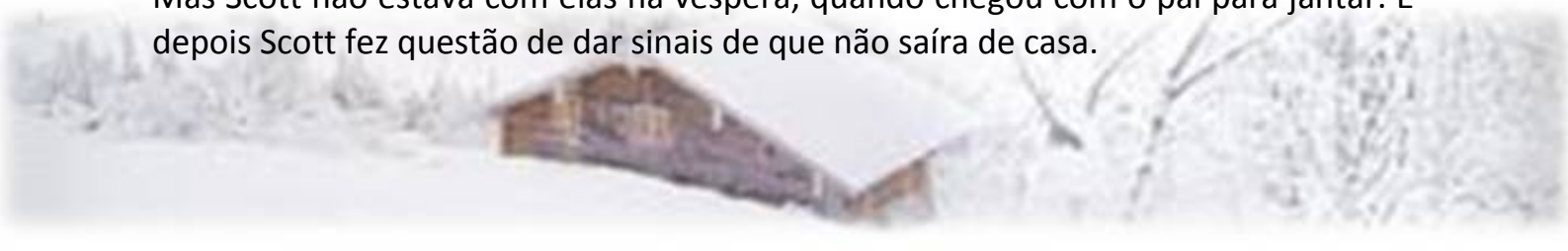
Foram juntos até a cozinha e Scott desapareceu pela porta da garagem. Dora queria ir atrás dele e abraçá-lo com força. Wes dizia que ela o mimava. E daí? Scott era o seu bebê. Mesmo que vivesse até ele ficar velho, ainda seria seu bebê e ia querer protegê-lo.

Estava acontecendo alguma coisa com ele e, fosse o que fosse, deixava Dora apavorada. "Ficar doente de preocupação" não era apenas uma figura de linguagem. Depois do que tinha acabado de descobrir no quarto dele, Dora estava nauseada de aflição.

Scott tinha alterado o detector do quarto para não disparar quando ele saísse. Que outra explicação podia haver para o alarme estar daquele jeito? Há quanto tempo isso vinha acontecendo? Será que estava sendo cega, surda e muda por não perceber que ele saía à noite?

Começou a suspeitar por acaso. Estava levando roupa limpa para o quarto de Scott aquela manhã quando notou suas botas no chão ao lado da cama.

Eram à prova d'água, forradas de pele, perfeitas para uma tempestade de neve. Mas Scott não estava com elas na véspera, quando chegou com o pai para jantar. E depois Scott fez questão de dar sinais de que não saíra de casa.



Mas lá estavam as botas, no chão do quarto, sobre pequenas poças de água formadas pela neve derretida. Dora estava prestes a perguntar quando ele tinha saído, mas conteve-se.

Resolveu se armar com alguma prova concreta antes de acusálo de sair às escondidas. A falta de luz deu-lhe a oportunidade de investigar.

Mas agora que podia falar do sistema de alarme desligado, ela relutava - ou se acovardava. Certamente Scott tinha idade bastante para ir e vir à vontade. Wes impunha um toque de recolher, mas se Scott quisesse sair, o pai não podia fazer muita coisa para impedi-lo, a não ser recorrendo à força física.

Então por que ele simplesmente não desafiava o pai e saía pela porta da frente? Por que saía às escondidas? Aquilo era sintomático das outras mudanças que o menino vinha sofrendo. Seu doce, gentil e calmo Scott estava agora irritadiço, dado a acessos de mau humor. Estava distante, hostil e imprevisível.

Por causa da pressão constante imposta por Wes, a angústia de ter de apresentar um desempenho excelente era parcialmente responsável. Mas, conhecendo o filho como conhecia, Dora tinha medo de que essas mudanças de personalidade estivessem sendo provocadas por algo mais importante do que a severidade de Wes. Scott não era mais o mesmo, e ela queria saber por quê.

Examinou mentalmente o ano anterior e procurou determinar desde quando havia notado aquelas mudanças.

Na última primavera.

Mais ou menos quando...

Tudo dentro de Dora ficou terrivelmente imóvel.

Scott tinha começado a mudar mais ou menos quando parou de sair com Millicent Gunn.

O telefone tocou e ela levou um susto.

- Eu atendo - disse Scott. - Deve ser o Gary.

Ele acabava de voltar da garagem. Deixou o lampião Coleman na mesa da cozinha e pegou o telefone. Era um antigo aparelho de parede, sem identificação de chamada ou qualquer outro dispositivo que precisasse de eletricidade para funcionar.

- Ah, oi, papai. - Scott ficou ouvindo alguns segundos, depois disse: - Como foi isso? Tudo bem, ela está aqui. - Passou o telefone para Dora. - Ele está ligando do hospital.

Begley não estava muito satisfeito com Dutch Burton. Na verdade, ele tinha vontade era de plantar o seu pé tamanho quarenta e dois no rabo de Burton. Mas contentou-se em ir direto ao ponto.

- A sua cara está parecendo um hambúrguer cru.

- São só cortes superficiais. - O chefe de polícia estava sentado na ponta da mesa de exame, parecendo um saco de batatas de vinte e cinco quilos, só três quartos cheio. - O médico retirou os cacos de vidro. Estou esperando a enfermeira com um anti-séptico. Pode não ser bonito, mas eu estou bem.

- Melhor do que Hawkins. Ele está com o braço quebrado, uma grande merda. Puseram no lugar o ombro deslocado. Mas os ossos do tornozelo vão dar algum trabalho.

Os dois ficaram esfacelados.

- Gostaria que fosse a cabeça dele - Burton resmungou.

- O sr. Hawkins estava embriagado - disse Hoot de dentro da cortina que dividia as áreas de tratamento na seção de emergência do hospital da comunidade. Do outro lado do pano amarelo dava para ouvir os gemidos de Carl Hawkins. - O nível alcoólico no sangue dele estava muito acima do limite legal.

- Então ele mentiu para mim - Burton disse, já se defendendo. - Perguntei se tinha bebido e ele disse...

Begley interrompeu.

- Eu acho que você só ouve o que quer ouvir.

Burton olhou para ele furioso.

- A reconstrução dos tornozelos exige uma cirurgia delicada

- Hoot disse. - Não podem fazê-la aqui. Por causa do tempo, ele só poderá ser transportado para um hospital com uma equipe de cirurgia ortopédica daqui a alguns dias. Enquanto isso, ele vai sofrer muito.

- Olha aqui - Burton disse zangado -, a culpa não é minha se o cara é um bêbado.

- Ele não podia subir naquela estrada nem se estivesse completamente sóbrio - Begley rugiu. - Graças a você, toda a região está sem eletricidade. Você tem sorte deste hospital ter um gerador de emergência, do contrário estaria sentado aqui no escuro e no frio, parecendo uma aberração de circo dos horrores com esses pedaços de vidro espetados na sua cara.

O grande caminhão de Hawkins tinha batido em um dos quatro estabilizadores da torre. Em circunstâncias normais, talvez tivesse agüentado a pancada. Mas, com o peso do gelo e da neve, a torre caiu, levando dezenas de árvores centenárias e de fios de alta tensão com ela. Pior ainda, estava atravessada na estrada, bloqueando o acesso ao pico da montanha.

Dutch Burton tinha deixado as emoções prevalecerem sobre o bom senso. Comportamento inaceitável em qualquer homem, mas imperdoável em um servidor público. Sua determinação de subir a montanha, inspirada pelo ciúme, foi irracional e perigosa, e prejudicou muita gente. Hawkins provavelmente ficaria aleijado para o resto da vida, o caminhão de areia imprestável, numa das piores tempestades dos últimos dez anos, e a avaria na rede elétrica se estendia por vários municípios próximos. Tudo isso era catastrófico.

Mas o que realmente deixava Begley danado era o fato da idiotice de Burton ter eliminado qualquer possibilidade de pegar Tierney. Não poderia nem tentar outra vez enquanto a estrada não estivesse desimpedida, o que podia levar semanas, ou até o tempo melhorar o bastante para um helicóptero levá-los até o alto. De qualquer modo, tempo valioso tinha sido desperdiçado. E tempo perdido não era apenas uma das coisas que aborreciam Begley, considerava aquilo um pecado.

Seu consolo era não ser o único a estar aborrecido com a situação. Ben Tierney também não podia ir a lugar algum.

- com licença? Chefe? - A cabeça de Harris, o jovem policial que tinham encontrado na pousada, apareceu na abertura da cortina.

-O que é?

- Recebi uma mensagem por rádio. O sr. e a sra. Gunn estão na delegacia.

- Merda - Burton sibilou. - Era só o que faltava. Diga para quem quer que esteja lá agora que eu estou no hospital, que eles devem voltar para casa, que vou vê-los assim que puder.

- Ele já tentou isso - retorquiu Harris. - Não adiantou. Porque não é com o senhor que eles querem falar. É com... - Inclinou a cabeça na direção de Begley. -

Querem saber se é verdade que Ben Tierney é o Azul.

Begley ficou possesso. Conseguiu falar num tom razoável, mas sua voz vibrava de fúria.

- Espero que você esteja brincando.

- Não, senhor.

Begley avançou para o jovem policial.

- Quem contou para eles? Quem contou que estamos interessados em Tierney? Se foi você, policial Harris, vou espetar e fechar o distintivo no seu saco.

- Não fui eu, senhor, eu juro. Foi Gus Elmer. O velho da pousada.

- Nós pedimos a ele que não comentasse nada sobre a investigação com ninguém - disse Hoot.

- Acho que ele não teve intenção - disse Harris. - Ele não falou diretamente com os Gunn. Telefonou para a prima para saber como ela estava enfrentando a tempestade porque o fogão dela está com defeito. E deixou escapar.

- Deixou escapar?

O berro de Begley acordou Hawkins do estupor provocado pelo sedativo, e ele gemeu alto. Harris cautelosamente deu um passo para trás.

- A prima dele passa roupa para a sra. Gunn - ele explicou, como se pedisse desculpas. - Creio que ela se achou na obrigação, o senhor sabe, de contar...

Ele gaguejou e calou a boca quando viu a cara de Begley.

- Para quem mais a prima do sr. Elmer passa roupa? Harris não percebeu o sarcasmo. Enquanto o policial pensava na resposta, Begley virou para Dutch Burton.

- Eu gostaria de usar seu escritório para conversar com os Gunn.

- Tudo bem, mas eu também vou.

- Com essa cara?

- Posso disfarçar com um pouco de creme.

Os dois saíram. Begley olhou para Cal Hawkins quando passou pelo leito dele. Ligado aos tubos, estava outra vez inconsciente. Apesar de tê-lo defendido na conversa com Burton, não nutria nenhuma simpatia pelo homem.

No carro, a caminhp da chefatura de polícia, Hoot disse:

- Pensei que o senhor ia falar com os Gunn de qualquer maneira.

- Eu ia visitá-los assim que saíssemos do hospital.

- Então por que ficou tão zangado?

- Eu esperava assustá-los fazendo com que acreditassem que é importante manter esta investigação em segredo. Precisamos prender Tierney antes que muita gente da cidade saiba que estamos atrás dele.

- Para você ver como os boatos voam.

- É isso que me preocupa, Hoot. Se não prendermos Tierney logo, tenho medo de que um bando de caipiras, liderados pelo próprio chefe de polícia, acabe concluindo que ele é o Azul e queiram resolver a coisa com as próprias mãos. A indignação justa atropela a lei em todas as situações como esta.

- Aqueles bons homens, decididos a proteger suas mulheres, podem voltar à lei natural das montanhas. Se chegarem a Tierney antes de nós, ele terá sorte se seus direitos forem lidos para ele enquanto morre sufocado no próprio sangue. Não seria uma festa e tanto? A mídia ganharia o dia. Eles lembrariam de Ruby Ridge e Waco. Os fanáticos do controle de armas iam cair em cima. Para nós, sobraria apenas um monte de merda.

- E muitas perguntas sem resposta.

- Exatamente. Como, por exemplo, onde estão os cinco corpos. Depois de um breve silêncio, Hoot disse:

- Você disse que tem medo que eles saiam atrás de Tierney pensando que ele é o Azul. E se não for?

Begley franziu a testa.

- Essa é outra coisa de que tenho medo.

20

Para conservar o calor na cabana, todas as cortinas estavam fechadas. Quando faltou luz, o quarto ficou numa escuridão completa.

- Isso era inevitável - Tierney disse.

Lilly esperou alguns segundos até seus olhos se acomodarem, foi até as janelas e abriu uma das cortinas. O crepúsculo prematuro deu a Tierney um novo argumento.

- Antes do fim da tarde estará tudo escuro - ele disse. - O que significa que teremos apenas mais duas horas de luz. O tempo de que preciso para ir até o carro e voltar, se sair agora.

Lilly pôs as mãos nas têmporas.

- Não posso... discutir... mais.

- Então não discuta. Apenas abra as algemas.

- Você vai me matar.

- Eu estou tentando salvar sua vida.

Ela balançou a cabeça, respirando com dificuldade.

- Posso... identificar... você... como o Azul.

- Não pode me identificar como coisa nenhuma se morrer sufocada.

- Um bilhete.

- Ah, entendo. Você deixaria um bilhete dizendo que eu sou o Azul, em um lugar onde eles certamente encontrariam.

Ela assentiu, balançando a cabeça.

- Se acontecesse isso, eu diria que você estava tendo alucinações devido à falta de oxigênio, que também estava convencida de que havia elefantes dançando dentro das paredes. Eles acreditariam em mim. Quanto a isso - indicou a fita azul agora enrolada no assento da cadeira de balanço - eu diria para eles o que disse a você: que a encontrei no mato e que ia entregá-la à polícia.

Com um gesto, ela indicou as mãos dele.

- É, explicar as algemas vai ser difícil, mas eu teria um ou dois dias para pensar em algo plausível. E talvez até possa me livrar delas antes que eles cheguem aqui em cima.

- Acho que não - ela disse, indicando com a cabeça os pulsos ensangüentados. - Mesmo que... eu estivesse morta... eles o prenderiam.

Lilly deu a conversa por encerrada e voltou-se para sair do quarto.

- Qual a pior coisa que pode acontecer? Ela parou, sempre de costas para ele. Tierney insistiu.

- Se você me soltar, qual a pior coisa que pode acontecer, Lilly? Digamos que eu seja realmente o Azul. Digamos que eu a mate antes que você possa me denunciar à polícia. Você vai morrer de qualquer modo. Em uma questão de horas, se tanto. Então como pode ser pior eu matar você?

Lilly voltou-se para ele.

- Salvar outra... vítima...

- Ah, entendo o que está dizendo. Não quer me deixar livre por aí, entre as pessoas desavisadas, para atacar mais mulheres, fazer com elas o que fiz com as outras.

É isso?

Ela meneou a cabeça indicando que sim.

- Está certo. Isso é sensato. E muito altruístico também. Está pondo a vida de outras mulheres acima da sua - ele pensou um pouco. - Quando eu voltar com o seu remédio, depois de trazer lenha suficiente para mais um dia, eu deixo você me algemar outra vez. E fico algemado até sermos resgatados.

Ela tentou rir, mas não tinha fôlego para isso.

- Não sou... tão... crédula... não estou... com tão pouco... oxigênio... ainda.

- Não confia em mim, acha que não vou cumprir minha palavra?

- Não.

- Pode confiar, Lilly, eu juro. Pode confiar em mim.

- Dê-me um... um motivo...

Apesar de estar determinada a não chorar, os olhos dela se encheram de lágrimas.

- Não chore - ele murmurou com voz rouca.

Atraída pelo olhar intenso de Tierney, Lilly lembrou o beijo que tinham dado e chegou mais perto dele.

Tierney ia falar quando o celular dela tocou.

Por um ou dois segundos, Lilly não localizou a origem do som e ficou parada, olhando espantada para Tierney, que também parecia surpreso pelo ruído inesperado.

Quando compreendeu que era o seu celular, ela o tirou apressadamente do bolso do casaco e abriu.

- Dutch? Dutch!

A voz dela era um mero grasnido. Mas não importava. O telefone estava mudo, a tela apagada. Foi uma conexão de um segundo. Uma provocação. O destino zombando dela.

Com um soluço, Lilly se ajoelhou e apertou o telefone mudo contra o peito.

- Lilly, não chore.

- Deixe-me em paz.

- Você não deve chorar. Isso só vai piorar as coisas.

Os soluços provocaram um acesso de tosse. Os espasmos torturavam seu corpo, contraíam cada músculo, tiravam o ar precioso dos seus pulmões. Enquanto lutava para respirar, registrou mentalmente o elaborado praguejar de Tierney e seus esforços redobrados para abrir as algemas.

Levou vários minutos para controlar a tosse, que finalmente cedeu com um longo chiado.

- Lilly.

Ela ergueu a cabeça e enxugou as lágrimas. Tierney empurrou o cobertor com os pés e lutava com as algemas como um animal preso em uma armadilha, disposto a cortar as mãos para alcançá-la.

- É verdade que dei poucos motivos para você confiar em mim. E muitos para não confiar. Mas acredito que você sabe, você sabe, que não precisa ter medo de mim. Confie nos seus instintos. Acredite neles, mesmo que não acredite em mim. - E acrescentou depois de olhar para ela por uma fração de segundo:

- Não morra.

Lilly analisou cada traço do rosto dele, procurando algum sinal de maldade. Se ele fosse um astuto seqüestrador de mulheres, ela não saberia? Não sentiria a maldade disfarçada?

Ela olhou bem, com atenção, mas não encontrou nenhum sinal de duplicidade. Se havia algum, Tierney sabia esconder muito bem. Ele parecia sincero, suficientemente honesto para fazer com que ela duvidasse de si mesma.

Suas vítimas, entretanto, tampouco haviam detectado a malícia. Tinham confiado nele.

Sua expressão devia indicar que ela estava determinada a não se deixar enganar, porque ele disse, furioso:

- Tudo bem, ignore os seus instintos e o seu bom senso. Esqueça o nosso dia no rio. Não pense no beijo da noite passada. Despreze tudo isso e corra o risco.

- Correr o risco?

- Fique viva, e só assim terá uma chance de capturar o Azul. Morra e não terá nenhuma chance.

Não sei o que fazer, a mente dela gritava, mas o único som que saía de sua garganta era um terrível gorgolejo.

- Mesmo uma pequena chance é melhor do que nenhuma, Lilly.

Era um argumento válido. Mas, assim que o libertasse, ele provavelmente a mataria. Aquela tênue chance de incriminá-lo morreria com ela.

Tierney aproveitou a hesitação dela e disse:

- Deixei o argumento mais óbvio para o fim. A pistola. Ainda está com você e você sabe usá-la. O que posso fazer com uma arma apontada para mim?

Ela concedeu alguns segundos ao raciocínio dele. Tierney tinha razão. Com todos os argumentos e suposições afastados, chegava à conclusão de que devia correr o risco. Lilly se levantou lentamente. Lutando contra o vazio na cabeça, provocado pela falta de oxigênio, ela foi para a sala de estar.

- Lilly! Que merda!

Ela voltou tão depressa quanto saíra, com a pistola em uma das mãos e a chave das algemas na outra. Tierney relaxou os ombros, aliviado.

- Graças a Deus.

Ela pôs a pistola na cadeira, longe do alcance de Tierney. Aproximou-se da cama e estendeu a chave para ele.

-Você... faz... isso.

Assim que Tierney pegou a chave, Lilly recuou rapidamente, pegou a pistola e apontou para ele.

A algema permitia apenas o movimento de uma das mãos para baixo e a outra para cima. Com extraordinária habilidade, ele inseriu a chave no minúsculo orifício e girou. A algema do pulso esquerdo se abriu. Em poucos segundos, ele abriu a outra.

Então, com um movimento fluido, ele saiu da cama e arrancou a arma da mão de Lilly. Tudo foi extremamente rápido, sem tempo para seu cérebro entender que devia apertar o gatilho. Ela se virou e tentou fugir, mas ele a segurou pela cintura, fazendo-a parar, e prendeu o braço direito dela contra o lado do corpo. Tierney a levantou do chão e a segurou contra o peito.

- Pare com isso! - ele ordenou, quando ela começou a gritar.

- Eu sabia - ela disse, com um chiado histérico. - Eu sabia. Você é ele. - Atacou-o com uma cotovelada nas costelas e enfiou as unhas nas costas da mão dele.

- Filha-da-mãe!

Tierney arrastou-a para a sala de estar e a empurrou para o sofá. Então levou a mão à boca e sugou o sangue dos cortes profundos.

Lilly ficou no sofá apenas tempo suficiente para respirar várias vezes, e então se atirou para cima dele de novo, visando a cabeça. Porém a falta de oxigênio afetava sua coordenação. Seus braços estavam pesados e sem força. Tentou em vão acertar na cabeça dele com os punhos fechados. A maioria dos golpes não chegava nele, errava o alvo ou acertava com pouca força.

Quando ele a segurou pelos ombros e a empurrou outra vez para o sofá, ela caiu pesadamente nas almofadas. Tierney pôs a arma na cintura e enxugou o sangue da mão na perna da calça. Os ferimentos continuaram a sangrar.

Tierney respirava quase com a mesma dificuldade que ela. Inalava o ar ruidosamente e piscava muito, como se tentasse se livrar da tontura. Curvou o corpo para a frente. A dor do golpe nas costelas o impedia de aprumar-se.

Ótimo, ela pensou. Espero que esteja sentindo uma dor terrível. Teria dito isso em voz alta, mas não tinha fôlego suficiente.

Olhou para ele desafiadoramente. Se Tierney ia matá-la agora, queria estar olhando nos olhos dele. Queria que ele levasse a sua revolta para o inferno e lembrasse dela por toda a eternidade. Tierney ameaçou dizer alguma coisa, mas foi até a porta e a abriu sem dizer nada. Voltou em poucos segundos com uma pilha de lenha, que deixou perto da lareira. Ajoelhou e atiçou as brasas para reacender a madeira que já estava lá. Lilly ficou intrigada.

- Você não... vai... me matar?

- Não - ele disse secamente e ficou de pé. com um gesto, indicou a lenha que trouxera. - À medida que forem secando, vá pondo no fogo. Devem dar para umas duas horas.

Só então Lilly percebeu sua intenção. Não precisava matá-la. Bastava deixá-la ali sozinha, na agonia de um ataque fatal de asma e o incômodo problema de Lilly Martin estaria resolvido. Por que acrescentar outro assassinato à sua lista de crimes sem necessidade?

Para encobrir os que já havia cometido, teve a presença de espírito de remover as provas contra ele do quarto. Guardou as algemas e a fita azul na mochila em compartimentos separados, evitando olhar para ela. Será que sentia uma pontada de culpa?

Pelo fato de não tê-la matado, a estava condenando ao seu maior medo. Enquanto resolvia se o libertava ou não, deixara de pensar em uma possibilidade: ele a abandonaria a viver seu pesadelo antes de morrer. Sentiu um aperto no coração.

- Você prometeu...

- Eu sei o que prometi - ele disse, interrompendo-a cruelmente.

Tierney vestiu o casado e pôs o capuz. Arrumou o cobertor por cima e dobrou as pontas no peito antes de fechar com o zíper dentro do casaco. Enrolou a echarpe de lã ao pescoço cobrindo a parte de baixo do rosto. Por último, pegou a mochila e pendurou no ombro. A cada movimento ele fazia uma careta e dava um gemido de dor.

Mesmo assim, movia-se rápida e decididamente.

Quando ele caminhou para a porta, Lilly teve vontade de chamá-lo, pedir que a matasse com um tiro. Seria uma morte mais rápida e menos dolorosa, não apavorante e prolongada como a que a esperava. Temia mais o pavor de morrer do que a própria morte.

Mas era orgulhosa demais para pedir-lhe alguma coisa, e seu instinto de sobrevivência não aceitava a morte voluntária. Então ela o viu se afastar, deixando-a para lutar com cada respiração até não ter mais forças, deixando-a ali para morrer sozinha.

Tierney chegou à porta e parou com a mão na maçaneta. Virou a cabeça para trás. Acima do cachecol, seus olhos encontraram os dela, mas só por um instante.

Ele abriu a porta. Uma rajada de neve o envolveu. E desapareceu tão depressa quanto ele.

O celular de Lilly tocou duas vezes e a ligação caiu, o que foi um tormento maior para Dutch do que se não tivesse tocado. Aumentou sua frustração, que já estava no limite máximo.

A ante-sala da delegacia de polícia estava mais cheia do que ele era capaz de lembrar desde que foi designado como chefe de polícia. Os federais estavam lá. O agente Wise apresentava solenemente - será que aquele cara sorria alguma vez? - Begley aos pais de Millicent Gunn. A sra. Gunn parecia mais magra do que no dia anterior.

Wes, por motivos que Dutch desconhecia, já estava na delegacia quando eles chegaram, tomando café e conversando com o policial encarregado da mesa de chamadas.

Ele era chefe do conselho municipal, mas desde quando a investigação da polícia era da sua conta?

Harris os acompanhara do hospital em sua viatura policial. Estava fascinado por Wise e Begley, seguia os dois como um cachorrinho, chegava a tropeçar nos próprios pés, enormes, na ânsia de ajudar. Por que ele não estava onde devia estar,

patrulhando as ruas? E por que ele, Dutch, não o mandava de volta à sua unidade, onde podia ser de alguma utilidade, em vez de tumultuar ainda mais a sala e ficar no caminho de todo mundo?

Por algum motivo, Dutch não sabia como chamar a atenção do jovem policial. Parecia não valer a pena o esforço de dar uma ordem com a necessária autoridade. Sentia-se estranhamente distante do que acontecia à sua volta e se perguntava em que ponto perdera o controle, e quando deixara de se importar.

Terá sido quando o FBI entrou em cena na forma de Begley o mandachuva, agente especial?

Ou quando Wes Hamer, seu suposto melhor amigo, começou a bajular Begley sempre que tinha oportunidade?

Ou talvez quando Cal Hawkins fez aquela pergunta que Dutch há muito tempo se fazia: Sua mulher quer ser salva?

Não se sentia tão derrotado desde o seu último fora em Atlanta. Foi o golpe de misericórdia, Um erro sério demais para uma ação disciplinar como suspensão. Só a demissão se aplicava. Quando você saca uma arma e aponta para um garoto de nove anos, confundindo o taco de alumínio de beisebol com uma arma porque você está completamente de porre, o Departamento de Polícia não tem escolha a não ser demiti-lo. Nada de passe livre. Nada de pensão. Você está fora.

Dutch experimentava aquela mesma sensação de derrota. Traído por todos. Pela mulher, pelo tempo, pelo melhor amigo, pela carreira, pelo destino ou pelas estrelas, por Deus, ou por quem quer que estivesse encarregado de guiar seu destino que não valia merda nenhuma.

Ele precisava de um drinque.

O policial Harris conduzia os Gunn e os agentes do FBI pelo corredor curto para o escritório particular de Dutch. Begley, o último da fila, virou para trás e perguntou para Dutch:

- Vem conosco, chefe Burton?

- Num minuto. Assim que examinar minhas mensagens. Begley assentiu, continuou a andar e entrou pela porta que

Harris segurava aberta para ele.

Quando não podiam mais ser ouvidos lá de fora, Wes voltou-se para Dutch e examinou os cortes no rosto dele.

- Como você está?

Dutch pegou um maço de memorandos cor-de-rosa das mãos do despachante.

- Ótimo, obrigado.

- O rosto dói?

- Pra caramba.

- Eles não puseram nada?

- Vai melhorar.

- Eu posso ir até a farmácia e pedir alguma coisa para o Ritt.

Dutch deu de ombros.

- Deixa para lá. - Ele foi indo para o corredor, mas Wes segurou seu cotovelo.

- Tem certeza que está bem, Dutch? Ele empurrou a mão de Wes.

- Merda, é claro que não, não estou bem! Percebeu que o policial sob seu comando estava ouvindo atentamente, e abaixou a voz.

- Caso não tenha notado, tive uma manhã péssima. Wes suspirou e passou a mão pelo cabelo curto.

- Pergunta idiota. Desculpe. Escute, a Lilly está bem, Dutch. Tenho certeza disso.

-É.

Na verdade, ele tinha mais medo de Lilly estar bem demais.

-Vamos fazer uma coisa - disse Wes. - Eu corro até a farmácia enquanto você fala com os pais de Millicent. Trago alguma coisa para os cortes no seu rosto e peço ao Ritt ou à Marilee para fazer alguns sanduíches para nós.

Dutch olhou para Wes e não viu nenhuma malícia. Apenas a cara bonita do velho amigo e um olhar sincero que, apesar da amizade, ele já começava a questionar.

- Isso ajudaria. Obrigado.

- É isso aí. Agora volte para lá. Esse show é seu, não se esqueça disso.

As últimas palavras de Wes atravessaram o muro de pedra do seu derrotismo. O show era dele mesmo. Todo mundo, inclusive ele, parecia ter esquecido. Estava mais do que na hora de lembrar. No corredor, a caminho do escritório, ele endireitou os ombros e se obrigou a andar com mais confiança. Harris estava no lado de fora da porta como uma sentinela. Dutch apontou com o polegar para a frente do prédio.

- Sua viatura está esfriando.

Harris olhou para ele sem entender nada.

- Senhor?

- Não é seu dia de folga, Harris - ele rugiu. - Vá cuidar das suas obrigações.

- Sim, senhor.

O jovem policial saiu correndo pelo corredor.

Dutch entrou no escritório a tempo de ouvir a sra. Gunn dizer para Wise e Begley que Millicent nunca teve nenhum problema sério a não ser o distúrbio alimentar, do qual já estava curada.

- Não suporto pensar que ela está em algum lugar lá fora, com esse tempo - ela disse.

- Por isso estamos aproveitando a oportunidade de ter essa conversa, sra. Gunn.

O tom de voz de Begley era o de uma bondosa figura paterna, e Dutch se ressentia do modo que os Gunn reagiam a ele. Mais alguns dias de Begley no caso e estariam questionando os métodos e a eficiência dele, como tinham questionado os seus.

- Acha que Tierney é o B.T. mencionado no diário dela? perguntou o sr. Gunn.

- Ainda não temos certeza - Begley respondeu. - O agente Wise está examinando várias possibilidades. O sr. Tierney é apenas uma delas. Precisamos cuidar de todos os detalhes para chegar a uma conclusão.

- Mas o velho Gus Elmer disse que interditaram os quartos de Tierney na pousada. Encontraram alguma coisa? Alguma coisa de Millicent?

Dutch notou os olhares de consternação trocados pelos agentes. Foi Wise quem respondeu à pergunta do sr. Gunn.

- Interditamos os quartos para proteger possíveis provas para o caso do sr. Tierney ter alguma ligação com o desaparecimento. Não quer dizer que acreditamos que haja alguma.

- Mas não fizeram isso no quarto de mais ninguém - Gunn argumentou. - Quantos homens por aqui têm as iniciais B.T?

Begley esquivou-se da pergunta com outra pergunta.

- Millicent alguma vez falou nele?

- Ela o mencionou uma vez.

- Como?

- Na loja do meu irmão onde ela trabalha, eles têm um quadro de notícias. Se alguém pesca um peixe grande com uma vara comprada na loja, ou mata um gamo com um rifle vendido pelo meu irmão, tiram uma fotografia e ele põe no quadro. Uma espécie de anúncio.

"Por isso, é claro que os artigos de Tierney vão para o quadro. Ele é disparado o melhor freguês da loja. Acho que Millicent o vê como uma celebridade, pelo fato de trabalhar para a revista e tudo o mais. Ela ficava muito animada toda vez que ele aparecia na loja. Talvez seja uma paixão de adolescente."

- Alguma vez ela se encontrou com ele fora da loja? – Wise perguntou.

- Não que eu saiba. Mas agora começamos a pensar nisso. Meninas bonitas como Millicent, encantadas por um homem mais velho... - Gunn olhou preocupado para a mulher, que fungava num lenço. - O senhor compreende. - Tossiu com a mão na frente da boca. - Vocês o associaram a alguma das mulheres que estão desaparecidas?

- Um colega na central de Charlotte está trabalhando nisso -

Wise respondeu.

- Quero pedir desculpas antecipadas pela indelicadeza das perguntas que vou fazer - Begley disse para os pais da jovem. - Diplomacia toma tempo e nenhum de nós quer desperdiçá-lo, certo?

- Não, senhor. Pode perguntar. Já perdemos muito tempo. Dutch ignorou o olhar de censura de Ernie Gunn.

- Qual foi a causa do distúrbio alimentar de Millicent? Begley perguntou. - Chegaram a saber?

- Pressão dos amigos eu acho - o sr. Gunn disse, respondendo pelos dois. - Sabe como são as meninas com o problema de peso.

Begley sorriu.

- Tenho uma filha gdolescente, um pouco mais nova do que Millicent, que se acha muito gorda e pesa talvez uns cinqüenta e poucos quilos.

- Millicent chegou a pesar quarenta e três quilos e meio - a sra. Gunn disse, com voz sumida. - Foi o mínimo a que chegou. E aí nós intervíemos.

A pedido de Begley, eles descreveram a doença e a suposta cura.

- Ela está indo bem - o sr. Gunn concluiu. - Ah, é claro, pode ter perdido mais um quilo, mas por causa dos exercícios que faz como líder da torcida. Temos quase certeza de que não está forçando o vômito. Já superou essa fase.

Dutch não tinha tanta certeza, e percebeu que Wise e Begley também não tinham.

- E os namorados? - Begley perguntou.

- Ela tem namorados. Namora um tempo, depois pára. Vocês sabem. Típico da idade. Ela se apaixona e deixa de se apaixonar com a mesma regularidade com que muda de penteado - disse o sr. Gunn.

- Nenhum namorado firme?

- Não desde o Scott.

Os agentes notaram a reação sobressaltada de Dutch. Olharam para ele curiosos, depois para os Gunn.

- Que Scott? - perguntou Wise.

- Hamer - respondeu o sr. Gunn. - O filho de Wes. Ele e Millicent namoraram firme todo o ano passado, mas não é assim que eles chamam hoje em dia. Estavam "ficando"

- ele disse em tom de desprezo.

- Estavam? - Wes perguntou.

- Terminaram pouco antes do fim das aulas, na última primavera.

- Sabem por quê?

O sr. Gunn deu de ombros.

- Acho que cansaram um do outro.

- Não, meu bem - a sra. Gunn interveio. - Aconteceu alguma coisa que os fez terminar o namoro. Eu sempre achei isso.

Begley inclinou-se para a frente.

- O quê, por exemplo, sra. Gunn?

- Eu não sei. Millicent nunca me contou. Por mais que eu perguntasse, ela nunca me contou e se recusa a contar até hoje. Eu parei de perguntar porque ela ficava aborrecida e parava de comer. Eu estava mais preocupada com o fato de minha filha morrer de fome do que com o problema do namorado.

Se ela tivesse gritado que um problema tinha relação com o outro, não seria mais óbvio para Dutch e os dois agentes. Wise foi o primeiro a quebrar o silêncio que se seguiu.

- Não encontrei nada sobre Scott Hamer ou sobre o rompimento no diário dela.

- Ela só começou a escrever o diário depois que saiu do hospital. Faz parte da terapia - o sr. Gunn explicou. - O psicólogo disse que ela devia começar a escrever.

Coisas positivas. - Os lábios dele formaram uma linha reta. - Acho que ela pensa que Ben Tierney é boa gente.

- Até agora não temos motivo para pensar o contrário, sr. Gunn - Begley avisou, num tom mais sério do que antes.

- Pense o que quiser, sr. Begley. - Gunn levantou-se e estendeu a mão para a mulher, ajudando-a a se levantar. - Estou apostando nele. Conheço todos aqui em Cleary e nos três municípios vizinhos a minha vida inteira. Não consigo imaginar que qualquer um fosse capaz de fazer desaparecer cinco mulheres. Tem de ser alguém de fora, mas alguém que conhece o lugar e que tem as iniciais B.T. Ben Tierney se encaixa perfeitamente em tudo isso.

21

- Precisa ter jeito - William disse. -Nem todos conseguem.

- Acho que eu consigo. Quero dizer, não pode ser tão difícil assim.

William não gostou do tom condescendente de Wes. Só porque ele era o grande treinador de futebol, não queria dizer que tivesse talento para aplicar injeção.

- Passo na sua casa quando sair do trabalho e...

- Eu posso fazer isso, Ritt.

William detestava também ser chamado de Ritt. Wes o chamava assim desde o ensino fundamental. Naquele tempo ele era metido a valentão e continuava sendo. Tinham a mesma idade, mas ele tratava William com o mesmo respeito com que tratava um dos seus alunos, e aquilo era irritante.

William teve vontade de pegar de volta as seringas e o suprimento de frascos de remédio para uma semana, mas não pegou. Era fornecedor de Wes, por isso tinha uma boa vantagem sobre ele, o que lhe dava um prazer imenso.

- O que é isso?

Marilee apareceu inesperadamente no almoxarifado e assustou os dois. Wes se refez primeiro da surpresa. Guardou as compras no bolso do casaco e exibiu um dos seus sorrisos fatais.

- Está pronta para mim?

A irmã de William respondeu à pergunta sugestiva com um sorriso tímido. Como todas as mulheres expostas ao sorriso insinuante de Wes, ela se transformou imediatamente numa perfeita idiota.

- Só vim lembrar que não posso torrar o pão porque estamos sem luz - ela disse para Wes. - Linda sempre faz sanduíches de pimentão com queijo no pão torrado.

- Todos vão compreender.

- Picles doce ou endro?

- Meio a meio.

- Salgadinhos de milho ou batata frita?

- Meio a meio.

- Em cinco minutos.

Ela saiu, Wes voltou-se para William e bateu com a mão no bolso do casaco.

- Quanto eu devo por isso?

- Ponho na sua conta.

- Não especifique a mercadoria.

- Como se eu fosse tão descuidado. Agora, você disse que Dutch precisa de alguma coisa para o rosto?

Wes descreveu os cortes, e William lhe entregou uma pomada anti-séptica, amostra grátis do laboratório.

- Isto deve evitar que infeccione. Se não adiantar, tenho algo mais forte.

Wes leu o rótulo.

- Um destes dias você vai ser preso por vender remédios sem receita médica.

- Ah, duvido. Quem vai me denunciar? - William perguntou com ar ingênuo.

Wes deu uma risada.

- Acho que você está certo.

William fez sinal para saírem do depósito. Enquanto atravessavam a loj a escura, Wes contou os acontecimentos daquela manhã.

- Não sei como eles não morreram esmagados. Tivemos de descer uma maca presa a uma corda. Dutch amarrou Hawkins nela. Nunca ouvi um homem adulto gritar como ele, quando o puxamos para cima. O infeliz não está muito bem.

"Dutch está bem fisicamente, mas quase louco porque Lilly ainda está lá em cima com Tierney. E há também os caras do FBI.

Intrometidos de sobretudo. Além dos seus problemas pessoais, Dutch tem de agüentar os dois e ainda os pais de Millicent."

- Em que pé está a investigação?

- Isso eu sei. - Marilee virou-se quando eles se aproximaram do balcão da lanchonete onde estava embrulhando os sanduíches. Indicou com a cabeça o rádio de pilha ligado na estação local. - Acabam de informar que o FBI identificou o Azul. E Ben Tierney.

Tierney não se lembrava de ter se sentido tão fraco em toda a sua vida.

A cabeça estava vazia, parte devido à fome, e também à concussão. Seus ferimentos continuavam a atacá-lo com pontadas agudas ou dores latejantes. Apertava tanto os dentes por causa do frio que sentia a pressão nas raízes deles.

Não havia ajuda para nenhuma dessas adversidades. Para sobreviver, ele dependia de pura força de vontade.

Infelizmente essa força de vontade não produzia nenhum efeito na neve que caía. Obscurecia o limite entre a terra e o céu. Absorvia todos os pontos de referência.

Ele estava encurralado em uma esfera de brancura infinita. Sem o horizonte para se guiar, podia facilmente se desorientar e se perder.

Mesmo assim, ele continuou a andar na neve que em alguns lugares chegava acima dos seus joelhos. Antes de deixar a proximidade da cabana, tinha parado brevemente no galpão das ferramentas para pegar uma pá de tirar neve que tinha visto lá. Ajudava um pouco a abrir caminho, mas a maior parte do tempo ele usava o corpo mesmo para passar pelos montes de neve. A pá era mais uma bengala que o ajudava a ficar de pé quando a sensação de vertigem ameaçava derrubá-lo.

Mesmo nas circunstâncias mais extremas, os hábitos não morrem. Obstinadamente, talvez tolamente, ele cortava caminho para evitar uma subida, sabendo que dentro de algum tempo alcançaria a estrada, economizando algumas centenas de metros. Porém na floresta havia riscos em potencial que ele não podia ver.

Rochas, árvores caídas e tocos escondidos sob um metro de neve impediam sua passagem. Raízes eram armadilhas nas quais ele tropeçava e caía.

Quebrar um tornozelo ou uma perna, cair em uma fenda de onde não poderia sair, ou se perder naquele mundo coberto de neve significaria a morte. Se parasse para pensar nos riscos que ameaçavam sua vida, teria de parar e dar meia-volta, por isso ele se concentrava em um passo de cada vez, em tirar o pé do buraco na neve que havia criado e dar mais outro.

Também não se permitia pensar no frio, embora fosse difícil ignorá-lo. Sua roupa era uma piada, totalmente inadequada. Quando saiu da cabana na manhã do dia anterior, estava vestido para um dia frio ao ar livre - casaco, cachecol, boné. Mas agora o conceito de frio assumia outra dimensão. Segundo seus cálculos, considerando o vento gelado, devia estar fazendo uns quinze ou vinte graus abaixo de zero. Nunca esteve exposto a nada parecido. Nunca. Em nenhuma das suas viagens.

Sua respiração e pulso logo chegaram a níveis perigosos. O coração era como uma bola de ar, prestes a estourar. O bom senso mandava parar e descansar. Mas não tinha coragem. Se parasse, mesmo por um minuto, sabia que provavelmente nunca mais poderia se mover.

Depois de algum tempo encontrariam seu corpo congelado. E com ele a mochila. Encontrariam a fita. As algemas. Iam encontrar Lilly morta na cabana. Dariam início a uma caçada em toda a região. Uma descoberta chocante levaria a

outra. Na mala do seu carro abandonado, encontrariam a pá incriminadora. E acabariam chegando às covas. Tierney continuou andando.

Seus cílios estavam cobertos de flocos de neve congelados, e isso provocava uma cegueira temporária, tão desconfortável quanto perigosa. A condensação do seu hálito congelava no cachecol de lã que endurecia com os cristais de gelo.

Transpirava por baixo da roupa devido ao esforço. Sentia os filetes de suor na parte superior do corpo, e as costelas do lado esquerdo doíam por causa da cotovelada certeira de Lilly.

Normalmente seu senso de direção inato era confiável como uma bússola. Mas, quando parou apenas tempo suficiente para consultar o relógio, começou a temer que o seu sexto sentido o tivesse abandonado. Mesmo levando em conta o caminho que ainda faltava percorrer, certamente naquele momento já devia ter ultrapassado o primeiro trecho difícil e chegado à estrada.

Olhou em volta, com a vã esperança de se orientar, mas, no turbilhão da nevasca, uma árvore parecia exatamente igual à outra. Pontos naturais de referência como formações rochosas e tocos de árvore apodrecidos estavam cobertos de branco. A única marca visível na paisagem alvíssima era a das suas pegadas.

Conscientemente, Tierney sabia que seu senso de direção podia falhar, que podia ter se confundido e que se movia em círculos. Mas o instinto levava a melhor, dizendo insistentemente que ele estava no caminho certo, que seu único erro de cálculo tinha sido até onde precisava ir para ultrapassar a subida íngreme e chegar à estrada.

Havia sempre contado com aquele instinto, e não seria agora que ia desconfiar dele. Abaixou a cabeça para se proteger do vento e foi avançando, procurando se tranqüilizar e pensar que, se continuasse naquela direção, logo encontraria a estrada, um pouco mais adiante.

E encontrou.

Não exatamente como tinha imaginado.

Aterrissou nela depois de uma queda de quase três metros.

Seu pé direito encontrou a estrada primeiro. com o ímpeto de um bate-estacas, o pé dele atravessou meio metro de neve e bateu no leito gelado da estrada com tanta força que ele soltou um grito de dor.

Depois de declarar para Begley, Hoot e Burton que considerava Ben Tierney culpado, Ernie Gunn não tinha mais nada para dizer. Em silêncio, ele acompanhou a mulher até a porta. A partida do casal criou um vácuo no apertado escritório do chefe Burton. Begley quebrou o silêncio constrangedor.

- Precisamos conversar com aquele garoto Hamer. Hoot já previra que esse seria o próximo passo de Begley.

- Será interessante saber o que ele pensa sobre o desaparecimento de Millicent.

- Espere um pouco - Burton disse. - Saber o que ele pensa? Scott e a garota foram namorados um ano atrás, e daí?

- Daí que eu quero falar com ele. Algum problema? - Begley perguntou com aquele olhar de quebra-nozes, desafiando Burton a discutir com ele.

- Eu gostaria de notificar Wes primeiro.

- Por quê? - Hoot perguntou.

- Esta é uma investigação criminal - Begley disse. - Qualquer pessoa pode ser interrogada, não importa de quem seja filho.

- Bem, nisso nós somos diferentes - Burton disse com beligerância. - Não podemos simplesmente aparecer na porta dele e começar a fazer perguntas sobre o relacionamento de Scott com uma moça desaparecida.

Begley, surpreendentemente, até riu.

- Por que não?

- Porque não é assim que fazemos as coisas por aqui - respondeu Burton secamente.

- Bem, o jeito que vocês fazem as coisas por aqui não serviu para encontrar as mulheres, serviu? - O rosto lacerado de Burton ficou mais vermelho ainda, mas Begley ergueu a mão para silenciar o que Burton ia dizer. - Tudo bem, tudo bem. Acalme-se. Não vamos fazer nada para poderem dizer que o FBI violou o costume do lugar.

Hamer não vai trazer sanduíches para o nosso almoço?

- Vai.

- Quando ele chegar aqui, diga que queremos falar com Scott. Não entre em detalhes, apenas diga que queremos fazer algumas perguntas para ele. Que vamos até a casa deles depois do almoço.

Burton saiu furioso da sala, sem nem se despedir.

- Eles são muito amigos - Hoot disse, depois que o chefe de polícia saiu da sala.

- Não podemos esquecer isso.

Então Begley pediu um "tempo de sossego". Quando Hoot estava fechando a porta, viu o agente especial pegar sua Bíblia.

Na ante-sala, Hoot ignorou o olhar irritado de Burton e pediu ao despachante uma linha telefônica. Ligou para Perkins, em Charlotte, mas só ouviu a secretária eletrônica.

Sucintamente contou para o sócio a respeito da falta de luz e a deficiência do serviço dos telefones celulares.

- Se não conseguia falar comigo por telefone aqui na delegacia, ligue para meu bipe e digite três, três, três. É o sinal para eu verificar e-mails no meu laptop.

Quando estava desligando, Wes Hamer chegou com uma caixa cheia de sanduíches embrulhados com papel. Mas o almoço ficou em segundo plano por causa da notícia que ele acabara de ouvir no rádio.

- Você não pode estar falando sério - disse Hoot.

- Como a morte e os impostos - Wes disse sombriamente. Quer que eu vá até lá e diga para eles pararem com isso?

- O cavalo já está fora da cocheira - Dutch respondeu por Hoot. - Não adianta fechar a porta agora.

Na opinião de Hoot, Burton não parecia muito aborrecido com a divulgação extemporânea do nome de Tierney. Na verdade, ele parecia bem satisfeito. O agente especial Begley, ao contrário, ia subir pelas paredes e, para infelicidade de Hoot, era ele o encarregado de informá-lo daquele fiasco.

Juntou os detalhes necessários, deixou os outros com os sanduíches, saiu para o corredor e foi para o escritório particular. Bateu de leve na porta.

- Senhor?

- Entre, Hoot. - Begley terminou de ler uma passagem das escrituras, fechou sua grande Bíblia e acenou para Hoot entrar. O almoço já chegou? Estou morrendo de fome.

Hoot fechou a porta. Sem desperdiçar palavras introdutórias, foi logo dando a notícia.

O agente especial deu um soco na mesa e levantou-se de um salto. Gritou obscenidades para as paredes. Hoot ficou prudentemente calado até a explosão baixar para uma fervura mansa.

- Senhor, a única coisa boa é que os ouvintes da estação são poucos e só os que têm rádio de pilha estão ligados hoje.

Hoot repetiu a informação dada por Dutch e Wes.

- Os dois DJ, na falta de palavra melhor, são moradores da cidade. Aposentaram-se da guarda florestal há alguns anos e para não ficar sem fazer nada criaram um programa local de notícias, como um boletim da comunidade, nas manhãs de sábado. O programa teve sucesso e passou a ser transmitido nos sete dias da

semana. Vai ao ar das seis da manhã até as seis da tarde, e a maior parte da programação é só conversa.

- Eles gostam do som das próprias vozes.

- E claro. Tocam música, em geral country, dão a previsão do tempo e as notícias, mas basicamente são boatos exagerados. Não é nada sofisticado. Transmitem de uma sala na pousada dos Elks, mas têm um gerador de emergência, por isso se mantêm no ar apesar da falta de energia.

Begley saiu de trás da mesa de Dutch, socando uma mão na outra.

- Se eu descobrir quem vazou a história para esses falastrões, vou chutar o rabo desse cara com tanta força que ele vai peidar pelas orelhas.

Hoot não encontrou uma resposta apropriada, por isso esperou alguns minutos antes de falar.

- Não acredito que saberemos quem foi o culpado, senhor. Pode ser qualquer pessoa.

- Seja quem for, mandou para o espaço toda a nossa discrição.

- Sim, senhor.

Begley franziu mais a testa.

- Hoot, precisamos pegar o Tierney antes que qualquer outro o encontre.

- Concordo plenamente.

- Coma um sanduíche, depois telefone para o escritório de Charlotte e peça um helicóptero. - Ele apontou o dedo indicador para Hoot. - Quero um helicóptero e uma equipe de resgate aqui, e é para ontem.

Hoot olhou para a janela.

- Eu sei, eu sei - Begley resmungou irritado. - Mas quero que mandem o primeiro helicóptero que puder levantar vôo nessa merda aí. Entendeu?

- Entendido, senhor.

Begley andou para a porta e parou.

- E Hoot, mantenha em segredo toda essa comunicação com o escritório de Charlotte. Quanto menos o pessoal daqui souber dos nossos planos, melhor.

- Mesmo a polícia?

Begley abriu a porta e disse com o canto da boca:

- Especialmente *a polícia*.

A dor sugava o ar dos pulmões de Tierney. As lágrimas congelavam assim que se formavam em seus olhos. Caído de costas, ele esbravejava muito, em voz alta, desesperado de dor e revoltado.

Quando a primeira dor lancinante diminuiu e ele começou a se sentir bem ali, deitado na neve, soube que corria o sério risco de morrer congelado. Era assim que acontecia, a vítima tinha uma sensação falsa de bem-estar.

Precisou de uma tremenda força de vontade, mas se obrigou a mover o tornozelo machucado. Deu um grito sufocado pela dor que subiu pela perna, mas que pelo menos serviu para tirá-lo daquela sensação ilusória.

Conseguiu se sentar. Sua cabeça girava tanto que teve de segurála com as mãos, com a esperança de fazer cessar o movimento. Mal teve tempo de tirar o cachecol da frente da boca antes de vomitar na neve. Era só bile amarga e o espasmo do estômago o fez se lembrar de toda a dor nas costelas.

Respirou profundamente várias vezes, apoiou todo o peso do corpo na perna esquerda e se levantou. Girou lentamente o tornozelo para ver como estava, doeu à beça, mas parecia que não estava quebrado. Isso já era alguma coisa. Naquela situação, qualquer coisa que não fosse um desastre completo era boa.

Começou a andar outra vez e passou a usar a pá como muleta.

Com o esforço de se manter em movimento, perdeu todo o senso de tempo e de distância. O tornozelo era sua nova preocupação. Sentia inchar dentro da bota. Na verdade, a bota apertada ajudaria a impedir que inchasse demais. Ou interromperia a circulação do sangue e acabaria provocando uma ulceração por causa do frio? Gangrena?

Por que não conseguia lembrar aquele atendimento básico de primeiros socorros? Ou seu código postal? Ou o número do seu telefone na Virgínia?

Caramba, estava morrendo de fome. Mas sentia também acessos de uma náusea seca terrível.

Estava gelado até os ossos, mas a pele parecia febril. Mas o pior era a maldita tontura.

Um coágulo fatal libertado pela queda na estrada podia estar naquele momento circulando por suas veias, a caminho do cérebro, dos pulmões ou do coração.

Pensamentos vagos e bizarros como esse piscavam em sua mente como vaga-lumes. Desapareciam antes que ele os pudesse captar e assimilar. Ainda tinha suficiente capacidade de raciocínio para reconhecer o início do delírio.

Na verdade, todas as dores eram amigas. Sem elas, podia cair num estado de euforia, deitar, apoiar o rosto no seio da neve e morrer. Porém as dores eram persistentes.

Como lanças pontiagudas, o impeliam para a frente. Elas o mantinham acordado, de pé, em movimento, vivo. Enquanto isso, a razão berrava para ele parar. Para se deitar.

Dormir. Se entregar.

22

- Por quê? Para quê? Por que eu?

- Quer se acalmar? - Wes disse, falando mais alto do que Scott. - Eles não vão acusar você de coisa nenhuma.

- Como você sabe?

- E, mesmo que acusem, você não tem nada a esconder. Certo?

- Certo.

- Então por que está surtando assim?

- Não estou.

Na opinião de Dora, ele estava.

Scott estava extremamente nervoso com a idéia de falar com os agentes do FBI. Seus olhos iam rápido de Dora para Wes e para Dora de novo, e assim parecia culpado, o que contradizia a afirmação de que não tinha nada a esconder. A atitude exageradamente calma de Wes era igualmente preocupante.

- Tudo que eles querem é informação sobre Millicent - Wes disse. - Dutch disse que é um procedimento de rotina.

- Eles podem obter informação sobre Millicent com uma centena de outras fontes - Dora disse. - Por que escolheram Scott?

- Porque ele foi namorado dela.

- Isso foi no ano passado.

- Eu sei quando foi, Dora.

- Não use esse tom comigo, Wes. O que eu quis dizer é que muita coisa aconteceu com Millicent desde a última primavera quando ela e Scott terminaram e a semana passada, quando ela desapareceu. Por que esse relacionamento antigo dela com Scott é relevante?

- Não é, e é isso que o que Scott vai dizer para eles. - Wes se vira para o filho e diz: - Provavelmente só vão querer saber quanto tempo vocês namoraram e por que terminaram.

Wes olhou atentamente para Scott e o garoto retribuiu o olhar.

Dora olhou para os dois e percebeu imediatamente uma comunicação silenciosa. Estavam escondendo alguma coisa dela e ficou furiosa com isso.

- Scott, por que você terminou o namoro com Millicent?

- Ele já nos disse por que - retrucou Wes. - Deixou de ser novidade. Ele se cansou dela.

- Acho que não foi só isso. - Dora olhou diretamente para o filho e perguntou com a voz mais suave: - O que aconteceu entre vocês dois?

Scott deu de ombros como se isso não tivesse importância.

- Foi exatamente como papai disse, nós... você sabe, apenas perdemos o interesse um pelo outro. - Dora fez cara de que não estava engolindo aquilo. - Caramba, não acredita em mim! - Scott exclamou. - Por que eu ia mentir sobre isso?

- Talvez pelo mesmo motivo que o fez sair do seu quarto as escondidas a noite passada.

Foi como se Scott tivesse sido atingido por uma viga pesada entre os olhos. Abriu a boca, mas fechou na mesma hora, dando a entender que entendia que era inútil negar.

Dora virou para Wes.

- Esta manhã descobri que o alarme de segurança da janela do quarto dele foi desligado.

- Eu sei.

Foi a vez de Dora parecer atingida por alguma coisa.

- Você sabe! E não me contou?

- Eu sei de tudo que acontece nesta casa - Wes disse calma" mente. - Por exemplo, sei que ele desconectou o alarme quando estava saindo com Millicent. Ela entrava escondida no quarto dele quando nós íamos para a cama.

Ele deve estar dizendo a verdade, Dora pensou. Scott estava rubro.

- Não me surpreende que ele saia escondido às vezes - Wes continuou. - Não é nada de mais.

Dora olhou incrédula para o marido.

- Não concordo.

- Ele tem quase dezenove anos, Dora. As crianças dessa idade ficam acordadas até tarde. Ou não lembra mais como é ser jovem?

Furiosa com a atitude condescendente de Wes, Dora cerrou os punhos.

- Não é questão de ficar acordado até tarde, Wes. O caso é que ele está saindo às escondidas. - Virou-se para Scott. - Aonde você foi a noite passada?

- A lugar nenhum. Eu apenas... saí para andar. Para respirar. Porque não agüento ficar preso nessa casa o tempo todo.

- Está vendo? Ela ignorou Wes.

- Scott, você anda se drogando?

- Meu Deus, mãe, não! De onde tirou essa idéia?

- As drogas explicariam suas mudanças de humor, suas...

- Quer fazer o favor de se acalmar, Dora? - Wes disse naquele tom paternalista que ela desprezava. - Como de hábito você está exagerando a importância disto.

Ela não ia desistir.

- Se não é droga, é outra coisa qualquer. O que você está escondendo de nós, Scott? - continuou falando com a voz suave e carinhosa, sem julgar, sem ameaçar. Segurou a mão do filho e a apertou para tranqüilizá-lo. - Conte o que está acontecendo. Por pior que seja, seu pai e eu ficaremos do seu lado. O que é? Você sabe o que aconteceu...?

Dora parou de falar porque não podia terminar a pergunta assustadora sem respirar profundamente primeiro.

- Havia algo mais no seu relacionamento com Millicent? As autoridades descobriram alguma coisa que...?

- Quer calar essa boca, porra? - Wes a segurou pelo braço e a fez virar de frente para ele. - Está ficando louca'? Ele não está envolvido nisso. Nem com droga nenhuma.

Nem qualquer outra coisa. É apenas um garoto normal de dezoito anos.

- Me larga. - Ela puxou o braço. - Tem alguma coisa errada com o meu filho e eu quero saber antes do FBI chegar aqui e me dizer o que é. O que é que está acontecendo?

- Nada.

- Tem alguma coisa sim, Wes! - ela gritou. - Nosso filho não é o mesmo que era no ano passado. Não venha me dizer que não tem nada de errado! Eu não sou cega nem burra, apesar de você dar a entender que acha que eu sou. Eu tenho direito de saber o que está acontecendo com o meu filho.

Wes chegou com o rosto muito perto do dela.

- Você quer saber?

- Papai, não!

- Você quer mesmo saber, Dora?

- Papai!

Wes enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma caixa de seringas descartáveis e vários vidros de medicamento. Ela recuou.

- O que é isso?

- Esteróides.

Dora olhou para ele boquiaberta, depois para Scott.

- Está aplicando injeções de esteróides em si mesmo? Scott olhou para Wes, depois para ela outra vez.

- Eu não. O sr. Ritt.

No silêncio da incredulidade atônita de Dora, alguém bateu com força na porta da frente.

- Deve ser a visita que estamos esperando. - Wes guardou calmamente as seringas e os frascos no bolso, tirou o casaco e pendurou em um gancho perto da porta dos fundos. - Scott, abra a porta e os convide para entrar. Não fique nervoso. Dutch também veio. Faça-os sentar e diga que logo estaremos com eles.

Scott ficou onde estava, olhando para a mãe como quem pede desculpa, envergonhado.

- Ouviu o que eu disse, Scott? - Wés falou com voz serena mas imperiosa.

Scott foi para a sala para abrir a porta quando bateram de novo.

Wes se aproximou de Dora. Seu hálito quente atingiu o rosto dela.

- Você tem de agir como se tudo aqui em casa estivesse perfeito, entendeu? Este é um assunto particular, fica só em família. Ela olhou zangada para ele.

- Como pode fazer isso com o seu filho? Essas coisas são um veneno.

- Exagero seu, bem típico mesmo.

- Já pensou nos efeitos colaterais, Wes?

- Um pequeno preço para pagar a diferença que podem fazer no...

- Não dou a menor importância para a capacidade atlética dele! - ela exclamou com um sussurro teatral por causa dos homens na sala ao lado. - Não me importa o quanto ele é forte, nem o seu desempenho num maldito jogo de futebol. O que me importa é a vida dele.

Ela sentiu que estava perdendo o controle. Não era o momento para isso. Respirou várias vezes para se acalmar, mas continuou, sentindo ainda toda aquela fúria.

- Não está vendo que essas coisas fizeram nosso filho mudar?

- Está certo, ele está um pouco instável. Isso pode ser um efeito colateral.

- A agressividade também.

Ele deu de ombros com indiferença.

- Mais agressividade é um benefício, não uma desvantagem. Mesmo depois de todas as explicações absurdas do marido, aquilo deixou Dora completamente embasbacada.

- Você é um monstro.

Ele deu uma risada abafada.

- O quê? Pensei que você ficaria aliviada, feliz de saber que a mudança que está notando no Scott se deve aos esteróides e não tem nada a ver com aquela putinha manipuladora. É isso que ela era, e você sabe.

- Era? Por que está se referindo a Millicent no tempo passado? Wes chegou mais perto dela.

- Porque para a família Hamer ela é história.

Agora Dora não estava apenas chocada, estava com medo.

- O que você está dizendo?

- Quer saber por que Scott e Millicent terminaram o namoro? Então lá vai e lembre que foi você que perguntou. Ela estava prejudicando o treinamento dele, telefonando toda hora, assistindo a todos os treinos até o fim, oferecendo aquela xoxotinha que ele tanto queria. Scott não pensava em outra coisa. Eu não ia deixar aquela puta magricela arruinar meus planos para ele. Para fazer com que ele voltasse a pensar no jogo, tive de interferir. Quer saber o grande mistério do fim do namoro? Está olhando para ele.

- O que você fez?

- Não importa. O que importa é que acabei para sempre com aquele romancezinho tórrido. - Ele bateu com o dedo no meio do peito dela. - E isso é mais uma coisa que fica só na família.

Então ele saiu da sala e a deixou sozinha, naquele ambiente familiar mas sentindo-se uma estranha na própria casa, sem saber como tinha chegado ali.

Ouvia a voz de Wes na sala ao lado, com seu comportamento sociável de sempre, dando as boas-vindas aos agentes do FBI que estavam ali para interrogar seu filho sobre o desaparecimento de Millicent Gunn.

William e Marilee saíram juntos da loja. Sem eletricidade não adiantava ficar com as portas abertas. Ele não podia usar a registradora nem o computador que guardava todos os dados sobre seus fregueses e as receitas aviadas. Não que fosse importante, porque ninguém apareceu na loja desde a hora que Wes saiu com os sanduíches para a delegacia.

Marilee tirou comida da geladeira para comer em casa mais tarde, porque ia estragar antes da loja reabrir e de Linda voltar. Resolveram deixar o carro dela lá e usar o de Wílliam.

- Não tem sentido sairmos os dois dirigindo nessas ruas - ele disse, fechou a porta e, deixou um aviso informando os fregueses de que no caso de alguma emergência estaria em casa.

No carro, já a caminho de casa, Marilee disse, batendo os dentes de frio:

- Se alguém descobrir que você tem um estoque de medicamentos com tarja preta em casa, perde sua licença.

- É só para emergências, e só para fregueses que não vão abusar desse privilégio. Além disso os medicamentos que eu dou podem ser comprados sem receita em todo lugar, exceto nos Estados Unidos. - Dobrou uma esquina devagar e chegou mais perto do pára-brisa para enxergar melhor através do vidro embaçado. - Eu queria saber o que está acontecendo.

Passaram pela rua da casa dos Hamer. Estacionado na frente da casa viram um seda discreto e o Bronco de Dutch Burton.

- Não é o carro que os agentes do FBI estavam usando? Marilee perguntou.

- Acho que é. Aquele Begley é uma das pessoas mais asquerosas que já vi.

- Não acho que é intencional. Ele é apenas eficiente e está acostumado a impor sua autoridade.

- Eu sou eficiente e tenho autoridade, mas não banco o superior com os outros.

Tomar conta de uma loja de conveniência com apenas uma empregada não se comparava a um escritório do FBI, mas Marilee resolveu guardar essa observação para si mesma.

Não queria discutir com William, embora ele a tivesse provocado muito aquele dia.

Quando chegaram à frente da casa dos Hamer ele disse:

- Não me surpreende ver Dutch aqui, mas o que o FBI pode querer com eles?

- Talvez estejam perguntando para Wes o que ele escondeu no bolso quando eu surpreendi vocês dois no depósito - ela disse isso tranqüilamente, para ver a reação do irmão.

A resposta foi quase automática.

- Talvez alguma coisa para as dores de cabeça de Dora.

- Você está mentindo.

- Enquanto você, minha irmã, nunca mente, quer com palavras ou com atos. - Ele olhou para ela e acrescentou malicioso: Ou será que mente? - Ele riu da tentativa dela de parecer impassível. - E só arranhar a superfície da vida do cidadão mais circunspecto, Marilee, que você vai encontrar duplicidade. Até na sua.

Ela virou para o outro lado e espiou pela janela do carro.

- Eu gostaria que você estivesse certo, William. Adoraria ter um segredo para guardar.

- Talvez os Hamer estejam escondendo algum e o FBI descobriu. Meu palpite é o Scott.

- Por que o Scott?

- Certamente a essa altura aqueles gênios federais já o ligaram a Millicent.

- Foram namorados durante algum tempo. E daí?

- Namorados - ele disse rindo. - Que palavra rebuscada e fora de moda para o relacionamento deles. Ela tomava a pílula.

- Quase todas as garotas tomam.

- Sei disso muito bem. É parte do meu negócio. Mas você sabia que Millicent parou de tomar?

- Quando?

- No começo da primavera. Queixou-se de que a pílula a fazia reter líquido e engordar. Quando ela e Scott terminaram o namoro, me ocorreu que talvez tivessem tido um pequeno acidente.

- Está querendo dizer que ela ficou grávida?

- E exatamente o que eu estou querendo dizer.

- Apesar da anorexia?

- Podia ter acontecido.

- Tenho certeza de que você está enganado, William.

- Do meu ponto privilegiado de observação na loja, vejo muita coisa e guardo tudo que vejo. Certo dia Scott e Millicent estavam sentados a uma mesa da loja, no maior amasso. Ela com a mão no colo dele. Preciso ser mais explícito?

- Não.

- Eu já ia avisar que, se não conseguissem controlar seus impulsos, deviam sair. Mas com certeza eles chegaram à mesma conclusão. Mal podiam esperar para sair de lá. O garoto até esqueceu de pagar a conta.

- E você acha que...?

- Na próxima vez que estiveram na loja, uma semana depois, ele nem olhava para ela. Alguma coisa aconteceu nesse intervalo de tempo. Alguma coisa séria. Aposto que a menstruação de Millicent atrasou.

Marilee balançou decisivamente a cabeça.

- Ainda penso que você está enganado. Se Millicent estivesse grávida, Scott teria aceitado a responsabilidade. Mesmo contra a sua vontade, os pais dele cuidariam disso.

William riu.

- Wes não permitiria que qualquer coisa prejudicasse seus planos para o futuro de Scott. Nada. Nem mesmo espalhar por aí os genes dele. E todos nós sabemos o quanto

Wes se orgulha desses genes.

Marilee não gostou dessa última observação. Sem dúvida essa era a intenção de William.

- Tenho certeza de que nem Scott, certamente nem Dora, e nem mesmo Wes, ignorariam...

- Eu não disse que eles ignorariam uma gravidez não desejada e inconveniente. Wes simplesmente faria o que fosse necessário para acabar com o problema.

Constrangida, Marilee teve de concordar que William tinha razão. Wes faria isso sim.

- Que diabo estava acontecendo lá? - Begley perguntou em voz baixa quando ele e Hoot saíram da casa dos Hamer e foram caminhando com cuidado pelo calçamento gelado até o carro.

- Não sei dizer, senhor.

Quando entraram no seda do FBI e Hoot ligou o motor, Begley perguntou:

- Mas você notou alguma coisa, certo? Não foi imaginação minha aquela comunicação silenciosa entre eles?

- De modo algum. Foi como se eu estivesse assistindo a uma peça de teatro, onde todos recitavam com cuidado suas falas.

- Boa analogia.

Begley tirou as luvas e esfregou rapidamente uma mão na outra, observando Dutch e Wes que se despediam na frente da casa. O chefe de polícia então foi para o seu Bronco.

Begley olhou para trás, para a frente da casa e pensou em voz alta.

- A mãe parecia prestes a se desintegrar. Wes Hamer falava alto demais, estava solícito demais, agitado demais. Não engoli porra nenhuma do que ele disse. Burton jogava dos dois lados contra o centro, protegia seu amigo de toda a vida de nós e não dava a mínima para Millicent Gunn porque está preocupado com a ex-mulher.

E o garoto estava...

- Mentindo.

- O tempo todo.

Hoot esperou que o Bronco se afastasse da casa e seguiu atrás dele, a uma certa distância.

Begley virou a saída do ar quente na sua direção, apesar de o ar ainda estar frio.

- Mas por que ele estava mentindo, Hoot? Por que todos, exceto nós dois, pareciam supernervosos? É isso que eu não consigo compreender.

- Não sei, senhor, mas creio que Burton também não sabia.

- Ele também parecia confuso, não parecia? Depois de pensar um pouco, Hoot respondeu:

- Ele e Hamer alegam ser grandes amigos, mas senti um atrito entre os dois. Uma sensação de... rivalidade no relacionamento deles.

Begley virou no banco e apontou uma arma imaginária para ele.

- Acertou em cheio, Hoot. Foi a impressão que eu tive também. Eles dizem as coisas certas, agem como se fossem amigos do peito, mas eu não sei, existe alguma coisa sob a superfície.

- Ressentimento - Hoot disse. - Para todos os efeitos Hamer, como membro do conselho municipal, é chefe de Burton. Burton detesta ter de dar satisfações para ele.

- Talvez seja isso, Hoot. Talvez seja isso. - Ele passou a manga do casaco no pára-brisa. - Continuamos sem muita visibilidade, não é?

- É, senhor.

Begley ouviu o bipe tocar ao mesmo tempo que Hoot. Verificou o aparelho preso no cinto.

- Perkins.

Então por algum tempo só se ouvia o barulho dos limpadores de pára-brisa, o ronronar do ar quente saindo pelos dutos de ventilação e as rodas amassando a neve.

- O garoto ficou extremamente nervoso quando você perguntou por que ele terminou o namoro com a Millicent - disse Begley quebrando o silêncio. - Os pais ficaram muito atentos e também pareciam interessados demais na resposta.

- Especialmente a sra. Hamer.

- Porque eu acho que ela não acredita naquela bobagem de terem se cansado um do outro, como nós também não.

- E o sr. Hamer?

- Ainda estou tentando entender, Hoot. Mas o meu instinto diz que o treinador sabe bem mais do que nos disse.

- Sobre o fim do namoro?

- Sobre tudo. Se você não é um astro de cinema, um vendedor de carros usados ou um cafetão, não precisa de um sorriso como o dele.

Hoot estacionou na vaga ao lado do Bronco, na frente da delegacia. Entraram no prédio segundos depois de Dutch Burton. O interior do prédio cheirava a café queimado, lã molhada e homens que há tempo não tomavam uma chuveirada, mas pelo menos era quente.

O despachante disse para Hoot:

- É para você ligar para Perkins, Charlotte, assim que chegar.

- Está bem. Posso usar seu telefone outra vez? O despachante indicou uma mesa desocupada.

Begley, obrigado a esperar para saber qual era a notícia, se é que havia alguma, juntou-se a Burton que estava se servindo de café.

- O que achou da nossa visita aos Hamer?

- Não achei nada - Burton respondeu.

- Não precisa ficar ofendido.

Burton bufou na caneca de café, bebeu um gole e perguntou:

- O que você achou?

- Wes e Dora Hamer estão muito longe de serem Ward e June Cleaver [personagens do seriado da TV americana lançado em 1957 que retrata uma família com pais sábios e perfeitos, em Leave it to Beaver] e há alguma coisa errada com o garoto.

- Você concluiu tudo isso depois de apenas trinta minutos com eles?

- Parece que foram só três.

- De qualquer modo, foi perda de tempo, e uma invasão de privacidade. Já identificamos o nosso homem. É Ben Tierney.

- Por enquanto só queremos o sr. Tierney para ser interrogado. Nada mais.

- Porra nenhuma - disse Burton. - Vocês revistaram os quartos dele na pousada do Gus Elmer. Harris me contou. O que foi que encontraram para ficar com esse tesão todo?

Begley se recusou a dar atenção à pergunta.

- Se é assim que você quer jogar, tudo bem - Burton disse, com raiva. - vou até lá ver isso por minha conta.

- Escute aqui - Begley disse em voz baixa mas carregada de ameaça. - Se você mexer em alguma coisa ou mesmo se puser os pés naqueles quartos, eu me encarrego pessoalmente de providenciar para que nunca mais consiga emprego na polícia, e estou me referindo a um merdinha de um guarda-florestal. Eu posso fazer isso.

- Por que não está tentando chegar lá em cima para prender Tierney?

- Porque um cabeça quente ciumento arruinou todas as chances disso acontecer esta manhã - Begley disparou de volta.

Burton ficou tão furioso que os cantos de seus olhos tremiam.

- E típico do FBI incomodar o meu melhor amigo e a família dele por causa de uma porcaria de romance de adolescentes que nada tem a ver com o caso e fazer ameaças vazias contra mim. Enquanto isso o provável criminoso está...

- Com licença. - Hoot praticamente se meteu entre os dois.

- Os dois vão gostar de saber que teremos um helicóptero e uma pequena equipe tática de resgate assim que o tempo melhorar, o que esperamos que aconteça amanhã cedo.

- Quero a Lilly salva. Quero o Tierney preso - Burton declarou. - Vocês têm todo o equipamento sofisticado, mas esta aqui ainda é a minha jurisdição e ele é o meu principal suspeito.

- Seqüestro é federal. Nós podemos... Begley ergueu a mão, interrompendo Hoot.

- Entendido, chefe Burton - disse ele, surpreso com a própria calma.

Não estava recuando, apenas tentando pacificar um homem prestes a se lançar num abismo. Era só uma questão de tempo para que Dutch Burton se destruísse, de propósito ou acidentalmente. De qualquer modo, Begley não queria provocá-lo mais, antes de Tierney ser detido e a ex-senhora Burton salva.

- A partir de agora até a chegada do helicóptero - ele continuou -, sugiro que procure um médico para tratar desses cortes no rosto e que depois vá para casa descansar.

Você parece exausto. Seja o que for que o amanhã nos reserva, precisamos estar alertas.

Burton parecia tão furioso que seria capaz de cuspir na cara dele, mas não disse nada.

Begley calçou as luvas e perguntou para Hoot se ele havia conseguido o que precisava com Perkins.

- Aqui está, senhor - ele disse, entregando uma pasta. - Tomei notas a mão.

- Ótimo. Estou pronto para um chocolate quente e um fogo crepitante. Aposto que Gus Elmer pode me dar as duas coisas.

Foi andando para a porta e olhou para Burton, como se avisasse para o chefe de polícia nem pensar em revistar a cabana de Tierney na pousada Whistler Falls. Ia ficar de olho.

Alguns minutos depois, Hoot e ele estavam outra vez no carro gelado, derrapando nas ruas desertas de Cleary.

- Dutch Burton é uma calamidade só esperando para acontecer - Begley disse. - Quer saber o que eu acho? Um desses dias ele vai engolir o cano da própria pistola.

Passou a mão no rosto para afastar o pensamento perturbador.

- Dê-me uma versão condensada da sua conversa com Perkins. A não ser que tenha alguma coisa extremamente concreta, porque aí vou querer todos os detalhes.

- Perkins andou procurando alguma ligação entre Tierney e as outras mulheres desaparecidas.

-E?

- Carolyn Maddox...

- A jovem mãe solteira.

- Correto. Ela trabalhou em dois motéis daqui antes daquele de onde desapareceu. Até agora não sabemos se Tierney esteve nesses lugares. Perkins ainda está procurando os comprovantes dos cartões de crédito.

- Ele pode ter pago em dinheiro.

- Nesse caso dependeríamos dos registros do motel.

- Onde ele pode ter assinado Fada Sininho. Hoot assentiu sombriamente.

- Imagino que ela nunca trabalhou na pousada do sr. Elmer.

- Não, senhor. Foi a primeira coisa que Perkins verificou.

- Continue.

- Laureen Elliott, a enfermeira. Seu único parente vivo é um irmão que mora em Birmingham com a mulher. Também estão ilhados pela neve, mas Perkins conseguiu se comunicar com eles pelo celular. Se a irmã falecida conhecia alguém chamado Tierney, ela nunca mencionou.

- Tierney é um nome incomum, fácil de lembrar.

- Também penso assim, senhor.

- A viúva?

- Betsy Calhoun. A filha dela ainda mora aqui em Cleary. Perkins não conseguiu falar com ela.

- Você tem o endereço?

- Estou indo para lá agora. Fica a uma quadra daqui.

- Excelente. - Begley sorriu. - E a última?

- Torrie Lambert, a adolescente.

- Que talvez tenha sido escolhida por acaso.

- E mais do que provável. Mas eu detestaria supor isso e deixar passar despercebida alguma conexão. Perkins continua tentando encontrar a mãe dela.

- Enquanto isso?..

- O quê, senhor?

- Ficamos com Tierney, excluindo todos os outros?

- Scott Hamer, por exemplo?

- Será que as coisas são como Burton diz, Hoot? Devemos acreditar nos Hamer e em tudo que eles disseram e encerrar por completo essa linha de raciocínio? Scott podia ter um motivo para prejudicar Millicent. O romance que perdeu a graça etcétera. É até provável que ele tenha encontrado Torrie Lambert por acaso no bosque naquele dia. Mas o que um jovem bonito como ele tem a ver com uma

enfermeira obesa, uma mãe solteira e uma senhora viúva, mais velha do que a mãe dele?

- O que nos leva de volta a Tierney.

- A quem as mesmas perguntas se aplicam. Digamos que Tierney tem fetiche por garotas adolescentes. Até Carolyn Maddox se encaixaria se esquecermos de alguns anos.

Mas as outras duas? Merda! Por que não encontramos o fio dessa meada?

Begley gostou de Hoot não ter dado uma resposta só para não ficar calado.

Depois de um tempo Begley deu um suspiro.

- Até esse fio aparecer, me dê um palpite baseado no que sabemos. Tierney é o nosso homem?

Hoot parou o carro no endereço que tinha anotado. A casa de madeira era pouco mais do que uma cabana, o jardim pequeno dentro de uma cerca de madeira, agora semi-enterrada na neve. A fumaça espiralava da chaminé de pedra coberta por uma trepadeira de glicínia adormecida. Um gato gordo, amarelo, estava sentado no lado de dentro da janela olhando para fora, para eles, através da cortina de renda.

Os dois homens olharam em silêncio para a casa da filha de Betsy Calhoun. Begley estava pensando que a casa parecia tão inocente, tão Norman Rockweliana que não era possível imaginar a visita da tragédia aos seus moradores. Mas a filha de Betsy Calhoun ia para a cama todas as noites sem saber do destino da mãe.

- Isso deve ser um verdadeiro inferno. - Begley não percebeu que tinha dito isso em voz alta até ver o vapor da sua respiração rodopiando na frente do rosto. - Temos de pegar o filho-da-mãe, Hoot.

Parece que Hoot tinha seguido a linha de raciocínio dele.

- Isso mesmo, senhor. Temos de pegá-lo.

- Então, apesar do nervosismo e das evasões da família Hamer, Ben Tierney ainda é o cara para você?

- Sim, senhor - ele respondeu. - Tierney ainda é o cara.

- Muito bem, que diabo de coisa, eu também acho isso. Begley abriu a porta do carro, saiu, olhou para o pico coberto de nuvens e fez outra breve oração para Lilly Martin.

23

Cada vez que Lilly soltava o ar dos pulmões, o vapor da sua respiração ficava mais fino.

Estava gelada até os ossos, mas não tinha força nem iniciativa para se levantar e pôr outra acha de lenha sobre as brasas. De que adiantaria?

Ela não era o tipo de pessoa que pensa constantemente na morte, preocupando-se demais e com isso chegando até a apressar o desfecho. Só que depois da morte de Amy, ela naturalmente contemplava a morte, imaginando como seria a passagem desta vida para a outra, jamais questionando se havia ou não a outra. Aquele brilho de vida e de energia que a filha tinha sido não podia simplesmente ter deixado de existir. Amy tinha apenas passado de uma dimensão governada pela física para outro mundo do espírito.

Acreditar nisso tinha ajudado Lilly a sobreviver à dor. Mas sofreu intensamente pensando na natureza da viagem entre os dois mundos. Amy teria deslizado suavemente em um tapete de luz? Ou sua passagem tinha sido escura e apavorante?

Foi então que Lilly começou a pensar na própria morte e a imaginar se seria serena ou traumática. Mas só nos seus pesadelos morria sufocada e sozinha.

Pelo menos partiria sabendo que o Azul seria preso. Antes de ficar fraca demais, usou uma faca para gravar TIERNEY = BLUE na porta de um dos armários da cozinha, certa de que aquilo seria mais eficiente do que um bilhete escrito em um dos seus cheques em branco que podia facilmente ser ignorado na confusão que sem dúvida haveria quando encontrassem e removessem seu corpo da cabana.

Tierney.

Só de pensar no nome já sentia um soluço subir do peito apertado. Indignava-se com a própria culpa. com desprezo por si mesma lembrou a facilidade com que se deixara levar pela rara combinação de rudeza e sensibilidade dele naquele dia no rio, no seu desejo ardente de vê-lo outra vez nos últimos meses.

Desde o princípio, ele parecia bom demais para ser verdade.

Não esqueça, Lilly: tudo que parece bom demais para ser verdade, geralmente, é bom demais para ser verdade.

Estava meio velha para aprender essa lição valiosa e infelizmente não teria oportunidade de aplicá-la na própria vida, mas de qualquer modo valia a pena anotar, não valia? Quem sabe não devia deixar isso também gravado na porta do armário, como as frases moralistas que os prisioneiros gravam nas paredes das celas para os futuros ocupantes.

Mas agora não tinha força nem para segurar a faca. Acessos de tosse com grande produção de muco a tinham deixado tão fraca que não podia nem sentar. Sua energia tinha quase acabado, para não falar do tempo.

Havia uma vantagem na morte. As perguntas imponderáveis eram finalmente respondidas. Por exemplo, agora ela sabia com certeza que não somos lançados no além em um raio de luz fulgurante. Muito pelo contrário. A morte se aproxima furtivamente como uma suave penumbra que se forma aos poucos. A escuridão é gradual, a diminuição da visão quase imperceptível, até só restar um pequeno ponto de luz e de vida.

E depois isso também é engolido pela escuridão absoluta e total.

Ela procurava Amy desesperadamente no escuro impenetrável, mas não a via. Não podia ver nada. Mas seus ouvidos reagiram ao som de uma voz que parecia vir de muito longe.

Era o pai dela. Ele a chamava para casa, quando ela brincava ali perto.

-Lilly! Lilly!

Estou indo, papai.

Podia vê-lo na varanda, as mãos em concha nos lados da boca, chamando ansiosamente até ela responder dizendo que estava voltando para casa.

- Lilly!

Ele parecia apavorado. Frenético. Em pânico.

Será que não estava ouvindo? Por que ele não ouvia? Ela estava respondendo.

Estou indo para casa, papai. Não está me vendo? Não está me ouvindo? Eu estou aqui!

- Lilly! Lilly!

Tierney apoiou a parte superior do corpo de Lilly no braço e bateu com força nas costas dela. Ela expeliu uma porção de catarro no cobertor que a cobria. Tierney bateu nas costas dela outra vez, e mais catarro escorreu da sua boca. Quando ele a soltou ela caiu de costas no sofá com a cabeça virada para o lado.

Ele tirou as luvas e bateu no rosto dela, se convencendo de que o rosto estava quente. Suas mãos é que estavam geladas.

- Lilly!

Pôs a mão dentro do casaco dela, por baixo do suéter e apertou a palma contra o peito. Quando sentiu o coração, um grito involuntário subiu da sua garganta ferida e seca.

Rapidamente abriu o zíper do bolso do casaco onde estava a bolsa de remédios. Era uma sacola azul de seda decorada com contas de cristal, exatamente como Lilly descrevera. Quando a abriu, o vidro de comprimidos caiu no chão e rolou para longe, mas o que ele queria eram os inaladores. Examinou os rótulos. Podiam estar escritos em grego.

Um dos remédios, ela havia dito, era para prevenir os acessos. O outro era para dar alívio imediato ao paciente quando sofria um severo ataque de asma. Mas ele não sabia qual era qual.

Pôs o bico curto de um dos frascos entre os lábios exangues dela, pelos dentes, e apertou.

- Lilly, respire.

Ela continuou perfeitamente imóvel, sem reagir, pálida como a morte.

Tierney pôs o braço sob os ombros dela e a ergueu outra vez, sacudindo com força.

- Lilly, respire! Inspire. Por favor, por favor, por favor. Vamos, respire!

E ela respirou. O remédio fez o que devia fazer, aliviou imediatamente os espasmos musculares que obstruíam a passagem do ar e com isso abriu as vias aéreas.

Lilly respirou com um chiado. Outro. Quando soltou o ar pela terceira vez, abriu os olhos, olhou para ele e segurou a mão onde estava o inalador levando-o à boca.

Ela apertou o frasco outra vez. A sua respiração fazia ruídos terríveis, gorgolejantes, chiados entrecortados.

- Isso é música para meus ouvidos - disse Tierney.

De repente ela tirou o inalador da boca e tossiu nas mãos.

- Toma. - Tierney pegou no outro sofá a toalha que tinha usado na noite anterior como travesseiro e jogou para ela.

Lilly tossiu na toalha. A tosse sacudiu todo seu corpo. Tierney, ajoelhado na frente dela, murmurava palavras de estímulo.

Finalmente o acesso de tosse passou. Ela afastou a toalha suja da boca e ele a pegou. Lilly parecia abismada com a presença dele e só então Tierney se lembrou da própria aparência.

Tirou a neve gelada das pestanas e sobrancelhas e abaixou o cachecol enrijecido do queixo.

- Não sou um fantasma. Sou eu mesmo.

- Você voltou? - Mal dava para ouvir a voz dela. - Por quê?

- Esse era o plano desde o início. Pensou que eu ia abandonar você aqui à morte para poder fugir?

Ela fez que sim com a cabeça.

- Se eu jurasse que ia voltar com o seu remédio, você teria acreditado?

Ela fez que não com a cabeça devagar.

- Certo. Tentar convencer você seria perda de tempo valioso, por isso não tive escolha senão deixar que pensasse o pior de mim. Não foi nada fácil.

Apoiado no braço do sofá, ele ficou de pé e seus movimentos eram de um homem dezenas de anos mais velho. Seus pés estavam dormentes. Não sentia o assoalho debaixo deles quando se arrastou para a lareira e empilhou alguns pedaços de lenha. Para acender as brasas quase apagadas, ele se inclinou e assoprou suavemente. O fogo pegou e logo chamas ávidas atacavam as achas.

Tierney tirou a mochila dos ombros, pôs no chão e a empurrou para a mesa de centro com a ponta do pé. Desenrolou o cachecol e se desfez do cobertor e do boné. Estendeu tudo junto com o casaco em um dos banquinhos do bar para secar. Pôs a mão com todo o cuidado atrás da cabeça e examinou os dedos para ver se tinham sangue. O ferimento não estava mais sangrando, ou o sangue tinha congelado.

Sentou no sofá de frente para Lilly e desamarrou as botas. Hesitou um pouco na hora de tirar a do pé direito, sabendo que seu tornozelo ia inchar demais e que não ia poder calçar a bota outra vez. Mas se não facilitasse a circulação no pé, podia perder os dedos, queimados de frio.

Rilhando os dentes por causa da dor, tirou do pé a bota e a meia molhadas. O tornozelo estava levemente inchado, mas não tanto quanto a dor parecia indicar. Não tinha sinal de queimadura de frio, mas ele massageou vigorosamente os dedos. Doeu à beça quando o sangue começou a circular nos pés outra vez, mas isso indicava que os capilares não estavam destruídos.

Enquanto ele fazia tudo isso, Lilly olhava para ele atônita, em silêncio, como se Tierney fosse uma assombração.

Movendo-se devagar para não assustá-la ele se levantou e ajoelhou outra vez na frente dela. Tentou dizer Lilly, mas sua voz soou como um coaxar rouco.

- Você está bem agora?

Ela indicou que sim inclinando a cabeça apenas uma vez.

- Meu Deus, esqueci o seu comprimido.

Encontrou o pequeno frasco de plástico marrom embaixo de uma das poltronas. Foi até a cozinha, pegou um copo com água e levou para ela. Lilly usou o segundo inalador e tomou o comprimido. Tierney notou que a cor começava a voltar aos lábios dela e ficou mais tranqüilo porque era sinal que ela estava recebendo oxigênio suficiente, embora a respiração ainda parecesse uma gaita-de-foles desafinada.

- Esse inalador é bom - ele disse. - Eu não sabia qual usar. Tinha cinqüenta por cento de chance de acertar. Acho que escolhi o certo.

Ela concordou balançando a cabeça.

Tierney examinou o rosto dela. Lilly estava se mexendo e respirando e a cor estava voltando, mas ele temia ser mais uma alucinação, como todas que teve quando voltava do carro.

Lilly era o centro de todas elas. Em algumas ele voltava e a encontrava azul de frio e de falta de oxigênio, imóvel, morta. Em outra ela estava radiante e quente, cheia de vida, carente de sexo, desejando tê-lo dentro dela.

Na verdade Lilly não estava morta nem cheia de tesão por ele, mas atordoada.

- Você deve ter desmaiado pouco antes de eu chegar - ele explicou. - Eu a chamei várias vezes, mas você não respondeu nem se mexeu. Seu peito estava completamente imóvel. Fiquei apavorado - ele disse, com a voz rouca de emoção. - Pensei que tinha chegado tarde demais.

Com a voz mais baixa do que um sussurro ela disse:

- Eu também pensei.

Então o rosto dela se crispou de emoção. Como se o dique que guardava precariamente as lágrimas se abrisse, e elas enchessem os seus olhos.

Tierney reagiu espontaneamente. Num segundo já estava ao lado dela no sofá, com o braço em volta dos ombros trêmulos.

- Está tudo bem agora. Eu voltei e você está viva.

Lilly encostou no peito dele. Tierney a pôs no colo e a embalou como uma criança, abraçando-a e encostando a cabeça na dela. Sentiu que Lilly agarrou instintivamente seu suéter.

- Pronto, pronto, já passou.

Ele encostou os lábios no cabelo dela.

- Não chore, Lilly. Você não deve chorar, lembra? Não vai querer provocar outro acesso por causa do choro.

Levantou a cabeça dela e alisou com a mão o cabelo emaranhado. Graças a Deus, Lilly não estava mais com aquela cor acinzentada da morte. Segurou o rosto dela com as duas mãos e enxugou as lágrimas com os polegares.

Olhos nos olhos, ele disse:

- Nada me impediria de voltar, só se eu morresse lá fora.

Olhou para os lábios dela. Macios, carnudos, já estavam rosados, levemente entreabertos, trêmulos, umedecidos pela água que ela bebeu, talvez pelas lágrimas também.

Na base do pescoço, a pele lisa latejava com as batidas do coração.

Tierney controlou os impulsos que o assaltavam, levantou com Lilly no colo, foi para a ponta do sofá e abaixou no colchão. Ele sentou com as costas apoiadas no braço do sofá, os pés virados para o fogo e com Lilly ainda no colo.

Encostou a cabeça dela em seu peito. Cobriu os dois com os cobertores, abraçou-a ternamente e encostou o queixo no alto da cabeça dela.

Lilly aceitou tudo isso. Tierney não se iludia imaginando que ela agia com tanta docilidade por confiar nele. Tinha visto a mensagem gravada na porta do armário da cozinha. Lilly só permitia que ele a abraçasse porque estava esgotada com o trauma que sofreu.

Muito tempo depois que ela dormiu Tierney ficou imóvel olhando para o fogo, saboreando o prazer e o sofrimento de tê-la tão perto, o peso suave do seu seio na barriga dele. De vez em quando os dedos dela se moviam no suéter dele. Tierney quis acreditar que era para ter certeza de que ele ainda estava ali, mas podia ser apenas um movimento reflexo da agitação, do subconsciente aflito.

Ele procurou não pensar na maciez sedosa da língua dela contra a sua quando se beijaram na noite anterior, nem nas delícias gêmeas que o tecido sintético molhado tinha feito dos seios dela na água fria do rio naquele dia no último verão, nem no quanto desejava possuí-la, completamente.

Mas é claro que, mesmo com todo o esforço que fazia para não pensar nessas coisas, só pensava nisso mesmo. O desejo de pele por Lilly se tornou tão intenso que ele acabou cedendo e enfiou a mão por dentro do suéter dela. E então ele adormeceu.

Lilly acordou nos braços dele e sentiu imediatamente que Tierney estava acordado. Sentou-se constrangida e evitou olhar para ele.

- Preciso atiçar o fogo - foi tudo que ele disse.

Com a maior delicadeza possível ela se afastou dele e sentou sobre as pernas dobradas. Tierney teve de usar o braço do sofá para se levantar. Ela notou a careta de dor que ele fez.

- Estou meio quebrado.

- Não devia ter me deixado dormir tanto - ela disse. - Não podia estar confortável para você.

- Eu dormi também e só acordei há poucos minutos.

- Quanto tempo nós dormimos? Ele consultou o relógio.

- Quatro horas.

Quatro horas! Quatro horas? Como pôde dormir tão calmamente nos braços do homem que acreditava ser o Azul? Sua experiência de quase morte devia ter confundido completamente sua cabeça.

Tierney olhou para ela de cima a baixo.

- Como está se sentindo?

- Muito melhor. Melhor do que eu podia imaginar considerando a gravidade do que aconteceu. - Depois de uma pausa, ela disse baixinho: - Eu não agradeci a você.

- Agradeceu sim.

- Não. Tive uma crise emocional e um acesso de choro.

- Eu entendi a mensagem.

- Mas eu não disse nada como devia ter dito. Muito obrigada, Tierney.

- De nada. - Depois de segundos ele foi até o banquinho do bar onde tinha deixado o casaco.

- Você está mancando mais.

- É, torci o tornozelo no caminho para o carro. Foi sorte não ter quebrado nada.

- O que aconteceu?

- Eu não podia ver para onde estava indo e... - com um gesto ele indicou que não tinha importância como tinha se machucado. - Vai ficar bom.

- Estava embaixo do painel, como nós pensamos? - Lilly indicou a bolsa de seda na mesa de centro.

Ele contou como finalmente chegou ao carro depois de quase perder a esperança.

- O carro estava completamente coberto de neve, com gelo por baixo. Pensei que nunca ia conseguir abrir a porta.

Mas conseguiu. A parte mais difícil, ele disse, foi resistir à necessidade de descansar. Sabia que se fizesse isso podia adormecer e acabar morrendo congelado.

- Quando entrei no carro parei uns trinta segundos para tomar fôlego e então comecei a trabalhar. Tive de enfiar o braço em uma abertura muito estreita, entre o painel do carro e o banco do passageiro.

Ele precisou estender o braço ao máximo para encostar a mão na bolsa de seda.

- Segurei o tecido com a ponta de dois dedos - ele disse e mostrou como foi. - Tive medo de empurrar a bolsa para mais longe ainda. Mas consegui puxar para mim até poder segurar melhor.

- E então teve de fazer a viagem de volta com uma concussão e o tornozelo torcido.

- O importante foi que consegui chegar a tempo. - Ele olhou para o fogo. - Vamos precisar de mais lenha antes da noite terminar.

- Você vai sair descalço?

Tierney, já de casaco, estava indo para a porta sem as botas.

- Não pretendo demorar.

Saiu para a varanda e fechou a porta rapidamente. Lilly estava ali pronta para abrir quando ele voltou com a lenha.

- Obrigado.

Tierney empilhou a lenha ao lado da lareira e disse:

- Eu vi a mensagem que você deixou no armário da cozinha. Lilly não sabia o que dizer, por isso ficou calada. Tierney se levantou e olhou bem para ela.

- Você não é a única que pensa isso. Eu liguei o motor do seu carro e o rádio, esperando ouvir a previsão do tempo.

Lilly teve um pressentimento desagradável do que ele ia dizer.

- O FBI está à minha procura - ele afirmou sem rodeios e passou por ela, indo para a varanda outra vez. - Parece que um dos seus telefonemas Dutch recebeu afinal.

Tierney saiu e bateu a porta.

Lilly afundou no sofá. Tremia muito e não sabia se aquela fraqueza era de alívio ou de desânimo. Se ele fosse o Azul, aquela seria uma boa notícia. Mas, se não fosse, ela teria incriminado um homem inocente.

No meio de uma rajada de neve ele entrou com outra braçada de lenha e fechou a porta com o pé.

- A previsão é de que a neve deve parar de cair esta noite. A temperatura deve continuar abaixo de zero, mas o tempo vai melhorar.

Ele continuou a empilhar a lenha na frente da lareira. Falava com um tom de voz tranqüilo e despreocupado.

- As estradas ainda vão ficar dias intransitáveis, mas com alguma sorte, há uma chance de você ser resgatada amanhã.

-Tierney...

- Só que ainda temos de enfrentar esta noite aqui - ele disse, e parou de falar de repente. Virou-se para ela, tirou a poeira das mãos e disse: - Deve ser uma expectativa terrível para você.

Ele mostrou a mochila debaixo da mesa de centro.

- A arma, as algemas, você sabe onde estão se precisar. Agora que tem o seu remédio e bastante lenha, pode se arranjar sozinha até chegar o socorro.

- Você vai embora? - Lilly ficou atônita quando percebeu que tinha medo que ele fosse embora outra vez.

Ele deu uma risada amarga.

- A tentação é forte, mas não vou. Agora que meu nome já foi divulgado pelo rádio, todos os caipiras que têm um rifle de caçar veados estarão à minha procura. Minha pele será o troféu da temporada e do jeito que estou agora, sou presa fácil.

"Não, até eu arranjar alguma coisa para comer e descansar, você não se livra de mim. Mas não quero que se encolha de medo cada vez que eu chegar perto de você. Por isso, se quiser me algemar na cama outra vez, eu vou sem resistir. Não de boa vontade, mas não vou lutar."

Lilly abaixou a cabeça e olhou para os próprios pés, de meia, depois para os dedos dos pés descalços de Tierney, aparecendo sob as bainhas molhadas da calça jeans.

Não levou muito tempo para tomar uma decisão.

- Isso não será necessário, Tierney.

- Não tem mais medo de mim?

Lilly olhou para ele e disse calmamente:

- Se você fosse o Azul, não teria voltado.

- Mas você não compreende, Lilly? Eu teria de voltar pela minha sobrevivência. Teria morrido lá fora, de um modo ou de outro.

- Mas não precisava salvar a minha vida. O Azul teria me deixado morrer.

- Qual seria a graça? Ver você morrer não seria a mesma coisa que tirar a sua vida. De jeito nenhum.

Lilly olhou atentamente para ele por um momento, procurou nos olhos dele as respostas para perguntas das quais ele habilmente se esquivava com outras perguntas, com silêncios, mentiras, ou bancando o advogado do diabo. Ele era excelente nesse jogo, só que ela estava farta disso.

Com a voz cansada ela disse:

- Não sei quem você é, Tierney, nem o que pretende, mas não acho que a sua intenção é acabar com a minha vida. Se fosse eu já estaria morta.

Ele relaxou o corpo. A expressão ficou mais suave.

- Você está certa de confiar em mim, Lilly.

- Não confio nem um pouco em você. Mas você salvou a minha vida.

- Acho que isso vale alguma coisa.

- Pelo menos assim escapa das algemas.

- Mas não nos leva de volta ao que tivemos naquele dia no rio. O que eu tenho de fazer? O que é preciso para nos levar até lá, Lilly?

Ele não se mexeu. Nem ela. Mas parecia que a distância entre os dois tinha diminuído e continuou a diminuir até uma acha de lenha mudar de posição na lareira, lançando uma chuva de fagulhas para cima, na chaminé, e quebrando o encanto.

Ele inclinou a cabeça na direção da porta.

- É mais fácil quando você segura a porta aberta para mim.

Ela abriu e fechou a porta enquanto ele fazia mais várias viagens para apanhar lenha. Na última Tierney levou um balde que eles tinham enchido de água potável, mas que já estava vazio.

Voltou com o balde cheio de neve.

- Preciso de um banho - ele disse.

Empurrou alguns pedaços de carvão em brasa por baixo da grade para a boca da lareira e pôs o balde em cima. A neve começou a derreter rapidamente. - Infelizmente tenho de me contentar com um banho de esponja.

- Banho de esponja?

- Nunca ouviu falar?

- Não depois que minha avó morreu.

- Também aprendi com a minha avó. Meu avô disse que era um banho de prostituta. Minha avó ficou furiosa. Não gostava que ele dissesse qualquer coisa que parecesse linguagem vulgar na minha frente.

- E quantas vezes isso acontecia?

- Todos os dias - ele respondeu. - Foram eles que me criaram. Enquanto ela assimilava aquela informação ele entrou no quarto e voltou com panos para lavar o rosto e toalhas.

- Sobraram só duas toalhas sem manchas de sangue.

- Como está a sua cabeça?

- Melhor agora. A concussão me deu alguns maus momentos lá fora - ele disse, indicando a porta. Pôs a ponta do dedo na água do balde. - Acho que não vai ficar muito mais quente do que isso. Você agüenta?

- Pensei que era para você.

- O primeiro balde é seu.

- Não, obrigada.

A recusa lacônica deixou Tierney irritado.

- Eu espero no quarto até você dizer que terminou. Será que assim perderá o medo de ser estuprada? - Ele respirou fundo, abaixou e balançou a cabeça, e bufou com raiva. - Pensei que você ia gostar de se lavar. Só isso.

Para se penitenciar Lilly tirou da bolsa um pequeno frasco de plástico com sabão líquido para lavar as mãos. Mostrou para Tierney, num gesto de conciliação.

- Magnólia do sul. Vamos dividir.

- Aceito. Magnólia do sul será um enorme progresso comparado com o meu cheiro agora. - Ele foi para o quarto. - Não se apresse.

Tierney fechou a porta do quarto.

Lilly tirou toda a roupa e se lavou rapidamente. A pele molhada ficou toda arrepiada, embora estivesse praticamente dentro da lareira. Os dentes batiam ruidosamente e sem controle. Mesmo assim, depois de usar a água morna, o esfregão e o sabonete líquido, enxugou-se vigorosamente, vestiu a roupa e abriu a porta do quarto.

- Acabei e estou me sentindo maravilhosamente bem. Tierney estava enrolado em um cobertor que tinha tirado da cama, mas mesmo assim tremia de frio. Ele saiu e fechou a porta do quarto.

- Está muito frio para você lá no quarto. Se respirar aquele ar gelado pode ter outro acesso de asma.

- Já tomei os meus remédios.

- Você não vai entrar lá - ele insistiu. - Ver você quase morta uma vez foi o bastante para mim, obrigado.

- Detesto fazer você perder seu banho.

- Não vou perder. Não sou tão modesto. Ele saiu, jogou fora a água usada e encheu o balde outra vez de neve. Enquanto esperava a neve derreter e esquentar, Lilly foi para a cozinha.

- Temos panelas e frigideiras. Acha que podemos esquentar uma sopa na lareira?

- Claro.

Ela olhou para trás e viu Tierney tirando o suéter pela cabeça, daquele jeito inexplicável que fazem todos os homens, detrás para a frente, despenteando o cabelo e só depois tirando os braços das mangas.

Ela não queria pensar nele com aquele carinho tolerante que as mulheres têm com as peculiaridades dos seus homens, por isso foi até a janela da sala e puxou a cortina para o lado.

- Pode ser imaginação minha - ela disse -, mas a neve parece ter diminuído um pouco.

- Acho que a previsão estava certa.

- É, acho que estava.

Ela ouviu a fivela do cinto bater na grade da lareira quando ele tirou a calça. O roçar do tecido na pele. O suave ruído da água quando ele mergulhou o esfregão no balde.

Lilly encostou a ponta do indicador no vidro frio da janela e desenhou uma linha.

- Não acredito que tenha conseguido completar qualquer uma das ligações que fiz para Dutch.

Ela percebeu que Tierney ficou imóvel. Olhando para as costas dela. Depois de alguns segundos de tensão ela ouviu outra vez o barulho da água e soube que ele tinha recomeçado a se lavar.

- Isso quer dizer que Dutch não ouviu de mim que você era o Azul. Logo, se Dutch não o identificou para o FBI, eles o estão procurando por conta própria. Por que, Tierney?

- Pode perguntar para eles quando chegarem aqui.

- Eu preferia que você me dissesse.

Ele ficou calado tanto tempo que Lilly pensou que ia ignorar suas palavras. Mas acabou respondendo.

- Aquela moça, Millicent Gunn. Eu a conheci na loja de artigos esportivos onde ela trabalha. Estive lá para comprar meias poucos dias antes, talvez no mesmo dia em que ela desapareceu. Tenho certeza de que estão investigando todos que tiveram contato com ela.

- Foi o que disseram no rádio, que estavam investigando todos? Ou o seu nome foi o único que mencionaram?

- Posso ser o único que ainda não interrogaram.

Era uma explicação razoável, mas se era só isso, por que ele tinha se aborrecido tanto? Além do mais, Lilly duvidava que diriam o nome dele no rádio se o FBI quisesse apenas uma entrevista de rotina com ele.

- Se eu não tivesse gravado seu nome no armário, podia escrevêlo no vidro da janela.

E então ela se deu conta de que era exatamente o que tinha acabado de fazer. Como uma adolescente que escreve o nome do namorado na capa de um livro, sem perceber o que fazia, Lilly tinha desenhado o nome dele no gelo do vidro.

Envergonhada e impaciente consigo mesma, apagou as letras da janela... e então viu, na parte apagada, o reflexo dele. Nu, iluminado pelo fogo por trás, com a pele molhada brilhando.

Entreabriu os lábios e respirou rapidamente pela boca. O desejo veio lá do fundo, cresceu e se espalhou pelo corpo todo. Sem perceber que ela o observava, Tierney se abaixou para molhar o esfregão na água do balde. Torceu o pano antes de passar no peito, com movimentos cuidadosos sobre as costelas machucadas, na barriga sem um pingo de gordura e na exuberância sensual entre as coxas.

Lilly fechou os olhos e encostou a testa no vidro da janela. Seu sangue pulsava grosso e quente. O rugido nos seus ouvidos era tão alto que mal ouviu Tierney dizer:

- É, você podia ter feito isso. A oleosidade da pele deixa marcas no vidro até a janela ser lavada.

Do que é que ele estava falando? Lilly nem lembrava mais. Ergueu a cabeça e para evitar olhar para ele outra vez, fechou a cortina antes de abrir os olhos.

- Estou quase acabando - ele disse.

Ela ouviu o tilintar da fivela quando ele pegou a calça jeans.

- Pode se virar agora - ele disse alguns segundos depois. Lilly virou sem olhar direto para ele, e só o viu com o canto dos olhos vestir o suéter pela cabeça. Ela foi para a cozinha.

- Vou preparar a sopa. - Por algum milagre, sua voz soou normal.

- Ótimo. Estou com fome.

Tierney saiu para jogar fora a água do balde. Quando ele entrou na cozinha ela tinha posto a sopa da lata na panela e acrescentado água potável.

- Obrigado pelo magnólia do sul - ele disse.

- Não tem de quê.

- Detesto pedir isto outra vez, mas quer ver como está o corte na minha cabeça?

Ia ter de encostar nele? Logo agora?

- Claro.

Como antes, ele sentou num dos banquinhos do bar. De pé, atrás dele, Lilly repartiu o cabelo com as mãos. Molhado? O cabelo estava molhado? Ele devia ter mergulhado a cabeça no balde, mas ela se deu conta de que não tinha notado nada acima do pescoço dele e ficou morrendo de vergonha por isso.

- O sangramento parou - ela disse -, mas acho que é melhor trocar as tiras de band-aid.

Ela limpou o ferimento com uma compressa de gaze antiséptica e então passaram ao mesmo ritual da noite anterior de cortar em tiras o curativo com a tesourinha de unhas e depois pôr sobre o ferimento. Ela tentou fazer tudo com o maior distanciamento possível, mas seus movimentos eram muito desajeitados. Várias vezes sentiu que Tierney se encolhia de dor e teve de pedir desculpas.

Esquentaram a panela de sopa na lareira e tomaram sentados nos colchões com as pernas cruzadas. Descobriram que estavam com muita fome e esquentaram outra lata.

No meio do segundo prato, Tierney perguntou:

- Lilly, você está bem?

Ela ergueu a cabeça, sobressaltada.

- Por quê?

- Está muito quieta.

- Só estou cansada - Lilly mentiu e voltou a tomar a sopa. Prolongaram a refeição o maior tempo possível, mas quando terminaram ainda precisavam enfrentar algumas horas à noite sem ter o que fazer.

Depois de alguns minutos de silêncio, apenas quebrado pelo crepitar do fogo, Tierney disse:

- Pode ir dormir quando quiser.

- Não estou com sono.

- Você disse que estava cansada.

- Cansada, mas não com sono.

- Eu também. Cansado mas completamente desperto.

- Aquela longa cochilada...

- Humm.

Outro silêncio. Depois de um tempo ela olhou para ele.

- Por que você foi criado por seus avós?

- Meus pais morreram em um acidente de carro. O motorista dirigia o caminhão em grande velocidade, não obedeceu aos avisos de obras na estrada, não conseguiu diminuir a marcha em tempo e literalmente passou por cima deles. Só depois de horas conseguiram tirar as partes dos corpos das ferragens.

Lilly não se deixou enganar pelo tom de voz natural dele. Tierney não conseguia disfarçar a amargura.

- Quando aconteceu não me contaram os detalhes - ele disse. - Só que anos mais tarde, quando eu já tinha idade para perguntar, meu avô me deixou ler no jornal a reportagem sobre o acidente. Meus avós perderam a filha. Eu fiquei órfão. O caminhoneiro irresponsável não sofreu nem um arranhão.

- Que idade você tinha?

- Quando aconteceu? Oito anos. Meus pais tinham viajado aquele fim de semana para comemorar seu décimo aniversário de casamento e me deixaram com meus avós. - Ele pegou o atiçador e mexeu o fogo.

- Depois do enterro, quando compreendi que não era um pesadelo, que eles realmente estavam mortos, não quis mais voltar para a nossa casa. Meus avós me

levaram para fazer as malas, mas eu parei no jardim e nada me fez entrar na casa. Simplesmente não podia entrar lá outra vez, sabendo que minha mãe e meu pai não estavam lá e nunca mais estariam.

- Você os amava - ela disse em voz baixa. Tierney deu de ombros.

- Eu era uma criança. Não sabia dar muito valor a tudo que eles me davam mas... sim, eu os amava. Meus avós eram ótimos também. Eu certamente era uma grande inconveniência para eles, mas nunca me fizeram perceber isso. Nunca duvidei do amor que tinham por mim.

- Alguma vez você voltou à sua casa?

- Nunca. „

Ela apoiou o queixo nos joelhos dobrados e olhou para o perfil dele.

- Você agora também está sempre longe de casa. A sua carreira o obriga a ficar fora muito tempo.

- Aposto - ele disse, com um sorriso cansado - que os psiquiatras iam fazer uma festa com isso.

- Sua carreira foi uma escolha subconsciente? Ou deliberada?

- Minha mulher achava que foi deliberada.

- Sua mulher?

- Tempo passado. Ficamos casados treze meses.

- Quando foi isso?

- Há muito tempo. Eu mal tinha idade para votar, quanto mais para casar. Não devia ter casado. Eu era egoísta e egocêntrico. Não estava pronto para o casamento, certamente não estava pronto para dar satisfação para pessoa alguma. Sua queixa principal era meu espírito aventureiro. Entre muitas outras. Todas merecidas ele disse, com um sorriso tristonho.

A perda dos pais continuou a afetar sua vida adulta, influenciando decisões, prejudicando seu casamento. Que outras cicatrizes psicológicas aquele trágico acontecimento teria deixado no menino de oito anos? Teria pervertido e deformado sua alma?

Ele não tinha mais crises de obstinação, mas sua revolta podia ter encontrado outras vias de escape.

Será que ele era o Azul?

A fita, as algemas, as inconsistências e evasivas eram muito significativas para serem ignoradas. Se diziam no rádio que a polícia de Cleary estava à sua procura, ela podia supor que um dos seus telefonemas Dutch tinha conseguido ouvir. Mas o FBI? Faltavam peças essenciais na explicação de Tierney para o motivo de estar sendo procurado.

Mas ali, olhando para ele, Lilly se perguntava pela milésima vez como ele podia ser um homem que raptava mulheres e que provavelmente as matava. Sem dúvida ela saberia se houvesse um psicopata vivendo no fundo dos olhos dele. Sim, o olhar dele era muito intenso. Muitas vezes cintilavam com raiva e irritação. Mas não tinham a loucura fanática e feroz de um assassino em série. O argumento mais convincente era o fato de Tierney não têla maltratado. Ao contrário, tinha arriscado a própria vida para salvá-la. Foi a voz dele, rouca de emoção e de medo que ela ouviu para tirá-la daquele vazio. E depois passou horas, sem se importar com o próprio desconforto, com ela nos braços, tocando nela com tanta ternura e...

Seus pensamentos se cristalizaram em uma súbita conclusão. As carícias que acreditou serem parte de um sonho maravilhoso não tinham sido sonho nenhum.

Como se estivesse sintonizado com os pensamentos dela, Tierney virou a cabeça e fixou aqueles olhos azuis nela.

- Acho que está na hora de irmos para a cama.

24

A filha de Betsy Calhoun tinha pouca coisa para compartilhar com os agentes Begley e Wise, a não ser xícaras de chá quente e biscoitos de aveia feitos em casa.

Explicou que o marido estava fora da cidade em viagem de compras para sua loja de material de escritório na rua Principal. Chorou quando falou da última vez que viu a mãe.

- Eu fui até a casa dela para ver se estava tudo bem. Eram três horas da tarde e ela ainda estava de camisola.

Como Begley suspeitava, Betsy Calhoun sofria de depressão profunda desde a morte do marido.

- Nos últimos tempos, ela raramente saía de casa - a mulher disse. Acariciou distraidamente o gato amarelo, que saltara do parapeito da janela para seu colo logo depois que eles chegaram.

- Tentei convencê-la a se ocupar com as atividades da comunidade e da igreja, com trabalho voluntário de caridade, para fazer alguma coisa. Mas sem meu pai ela não tinha ânimo para nada.

- Se não me engano - Hoot disse -, o carro dela foi encontrado no estacionamento do banco.

- Isso é um mistério. Havia meses ela não ia ao banco. Desde a morte do meu pai, era eu que tomava conta das suas finanças. Não sei explicar por que o carro dela estava lá. A menos que tenha acatado o meu conselho de sair mais de casa. - Enxugou os olhos com um lenço bordado. - Quando eles o encontraram com aquela medonha fita azul amarrada na direção, eu soube que alguma coisa horrível tinha acontecido.

- Ela poderia ter se encontrado com alguém no estacionamento?

- Quem, por exemplo?

- E o que estamos perguntando - Begley disse, com paciência inusitada. - com a esperança de descobrir quem podia ser essa pessoa.

- Pensei muito nisso, podem acreditar. Não consigo imaginar ninguém. Minha mãe não é uma pessoa sociável.

Realmente, o círculo de amigos de Betsy Calhoun limitava-se às senhoras da sua escola dominical na igreja.

- Com todo o respeito a ela e à memória do seu pai - Hoot disse, hesitando um pouco -, é possível que ela estivesse se encontrando com um amigo e quisesse guardar segredo?

Ela balançou a cabeça com determinação.

- Não a minha mãe. Ela teve o amor da sua vida. Na verdade, é muito reservada com outros homens. Não acredito que tenha saído com alguém além do meu pai. Minha mãe só sai para ir ao cabeleireiro toda sexta-feira de manhã, à igreja aos domingos, e para ir ao mercado de vez em quando.

Até onde ela sabia, a mãe jamais teve nenhum motivo para ir à loja de artigos para esporte.

- Para que iria lá?

Perguntaram se ela conhecia Ben Tierney.

- Quem?

Hoot descreveu Tierney brevemente, mas ela balançou a cabeça e disse que tinha certeza de que sua mãe não o conhecia.

- Tudo que quero é que a encontrem e a tragam para casa ela disse, fungando no lenço. - Se Deus não atender esse pedido, permita pelo menos que eu saiba o que aconteceu com ela. - Olhou chorosa para eles e perguntou: - Acham que podem encontrá-la?

- Faremos o melhor possível - Begley prometeu, segurando a mão dela entre as suas.

Poucos minutos depois, quando se afastavam da cabana aconchegante, ele observou:

- Uma senhora muito agradável.

- Sim, senhor.

Mais uma vez Hoot tremia de frio, esperando o aquecimento do carro funcionar. Nem lembrava mais como era ter os pés secos e quentes.

- Pousada Whistler Falls, senhor?

- Na falta de lugar melhor...

Normalmente, ter de passar a noite em uma das cabanas de Gus Elmer sem a comodidade das utilidades públicas seria uma perspectiva desanimadora e sombria, mas Hoot estava tão cansado que mal podia esperar para chegar lá.

- Acha que ele pode nos arranjar alguma coisa para comer? Begley, imerso em pensamentos, não registrou a pergunta.

- O caso é que - ele disse, pensando em voz alta - nós deduzimos que Tierney é o suspeito mais provável.

- Do contrário, por que ele estaria tão interessado nos desaparecimentos, acumulando toda aquela informação que encontramos nos quartos dele?

- Exatamente, Hoot. Isso com certeza dá credibilidade ao seu palpite sobre ele. Também estamos supondo, acho que com razão, que sua motivação seja salvar as mulheres necessitadas. Certo?

- Sim, senhor.

Essa suposição era de Begley, mas Hoot concordava e, até ali, não tinham descoberto coisa alguma que invalidasse essa teoria.

- Esse é o meu problema - Begley continuou. - Onde uma tímida senhora viúva que ia somente ao cabeleireiro e à escola dominical podia ter encontrado Tierney? Ela não era nenhuma caiaquista, disso podemos ter certeza.

- Não, senhor, não era.

- A sra. Calhoun conhece pouca gente, e a filha nunca ouviu falar em Tierney. Então como ele conheceu Betsy Calhoun a ponto de selecioná-la como sua próxima vítima?

Duas pessoas tão diferentes assim, onde foi que seus caminhos se cruzaram?

- Eu acho que podemos perguntar isso de todas as vítimas, com exceção de Torrie Lambert, que ele literalmente topou por acaso, e Millicent Gunn.

- Carolyn Maddox é plausível - Begley disse. - com um pouco de boa vontade, é uma possibilidade. Talvez ele tenha conhecido Laureen Elliott na clínica médica onde ela trabalhava. Ele pode ter tido uma gripe ou coisa assim. Mas uma viúva recatada e um aventureiro? - Begley balançou a cabeça. - Não encaixa.

Nem na cabeça de Hoot. Calado, ele pensou alguns minutos.

- Suponha que Tierney tenha lido o obituário do marido dela no jornal local. Lembra do transponder que ele encomendou pelo catálogo? Talvez tenha vigiado a sra. Calhoun e viu o quanto ela estava abatida e solitária.

A explicação parecia fraca demais, até mesmo para ele. Begley não demorou a apontar as falhas.

- Ele é um homem muito ativo para ficar parado vigiando alguém. Além disso, esse trabalho tomaria muito tempo e ele nem sempre está aqui. Imagino que possa ter esbarrado com ela por acaso no estacionamento do banco. O carro dela podia estar enguiçado e ele a ajudou. Alguma coisa assim. Viu imediatamente a solidão e a carência dela.

Foi outra seleção ao acaso, como a garota Lambert.

Era plausível, mas não havia convicção em sua voz. Begley 'olhou pela janela enquanto batia com os dedos da mão esquerda no console entre os bancos.

- Está mudando de idéia a respeito dele, senhor?

- Não sei Hoot - ele resmungou.

- Se ele não é o Azul, como explica o material sobre os desaparecimentos que ele juntou?

- É a primeira coisa que vou perguntar a ele.

Begley estalou os lábios irritado e resmungou alguma coisa sobre a porra do caso, e que era uma merda ele não conseguir descobrir algo concreto. Hoot não ouviu todas as palavras, mas o sentido era esse.

De repente, Begley virou para ele.

- Teve mais alguma notícia de Perkins?

- Não, senhor. Mas pode confiar, que ele está trabalhando no caso. Assim que descobrir alguma coisa entrará em contato.

Begley olhou para o céu.

- Espero que amanhã um helicóptero possa chegar aqui. Não sei quanto tempo vou conseguir manter o nosso ciumento chefe de polícia sossegado - bufou com desprezo pelo chefe Dutch Burton. - Só que, enquanto a estrada estiver bloqueada, ele não pode subir a montanha, como nós também não.

- E Tierney não pode descer.

- Certo, Hoot. Temos essa vantagem. E isso é tudo que posso dizer de bom dessa merda dessa confusão toda.

Wes entrou no ginásio de musculação do colégio antes de Scott. A única luz vinha das janelas. A penumbra era opressiva. Não havia superfícies macias para absorver o frio.

- Logo depois de começar, você esquenta. - O eco nas paredes de ladrilhos fez a voz de Wes soar extremamente alta.

Scott, calado e mal-humorado tirou o sobretudo, abriu o zíper do casaco da roupa de ginástica e tirou também. Ficou apenas com a camiseta sem mangas.

Por um momento, Wes admirou o físico do filho. Era o de um atleta natural. Cintura longa, braços e pernas compridos. A gordura corporal devia ser de uns dez por cento, se tanto. Cada músculo era bem desenvolvido com tônus perfeito, muito bem delineado sob a pele.

Wes invejava a estrutura quase perfeita de Scott. Ele não tivera essa sorte. Graças à sua mãe, suas pernas eram curtas demais e tinha propensão para artrite

óssea, herdada da família do pai, quase todos eles curvados e com pernas em arco quando chegavam aos cinqüenta anos.

Scott, porém, fora geneticamente favorecido com os melhores genes de Wes e Dora. Tinha herdado a força e a resistência do pai, a graça e a coordenação da mãe.

Olhando para ele agora, aproximando-se dos pesos, Wes pensou que se pelo menos tivesse sido abençoado com o corpo de Scott e sua habilidade natural, poderia ter sido um atleta profissional, poderia ter tido sucesso no esporte.

Scott podia, se quisesse, mas esse era o problema. O desejo, o impulso, o entusiasmo pela competição não foram automaticamente conferidos a ele, junto com a superioridade física. Scott não tinha nascido com a determinação necessária para fazer de um bom atleta um campeão, mas Wes ia fazer com que ele adquirisse isso. Ia acender essa chama dentro do filho, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.

Scott não demonstrava chama nenhuma. O esforço que despendia no aquecimento para levantamento de peso não tinha nenhuma inspiração.

- Nenhum desses pesos tem peso maior do que você pode levantar - Wes observou.

Scott olhou para ele na parede espelhada atrás do banco mas não respondeu.

- O que há com você esta noite?

Scott continuou alternando os movimentos para os bíceps.

- Nada.

- Está zangado porque eu o fiz vir para cá se exercitar em vez de deixá-lo ir para a casa do seu amigo Gary?

- Gary é um babaca.

- Então qual é o problema?

Scott descansou os pesos nos ombros e começou uma série de agachamentos.

- Nenhum problema. Está tudo maravilhoso.

- Então por que está emburrado como um garoto de quatro anos?

- Caramba, pai, eu não sei. - Ele pôs os pesos nos suportes e olhou nos olhos de Wes pelo espelho. - Você acha que pode ser uma mudança de humor por causa da quantidade de esteróides que eu estou tomando?

Wes segurou o braço dele, virou-o de frente e o empurrou contra o espelho. Com o dedo espetado no rosto de Scott, disse ao filho:

- Fala assim comigo outra vez que te dou uma surra. Scott apenas riu.

- Como se eu me importasse.

- Quando eu acabar com você, você vai se importar. Acredite, você vai se importar. - Wes olhou furioso para o filho e abaixou os braços. - Eu não entendo

você, Scott. Não entendo a sua ingratidão. Pensa que quero ficar toda a noite aqui vigiando enquanto você se exercita? Estou fazendo isso por você.

- Quem você pensa que engana? - gritou Scott. - Está fazendo isso por você.

Wes sabia que Scott não tinha herdado apenas a musculatura perfeita de Dora, mas também a tendência de se rebelar quando era pressionado demais para fazer alguma coisa. Teve vontade de socar o filho por falar daquele modo. Mas controlou a raiva e manteve a voz num tom normal.

- Está enganado, filho. Tudo bem, você está certo - ele disse antes que Scott pudesse interromper. - Admito que faz bem ao meu ego saber que você é o mais forte, o mais rápido, o melhor, mas...

- Mas não dá a mínima para mim. Wes ficou sinceramente desapontado.

- Como pode dizer isso depois de tudo que fiz por você?

- Não fez grande coisa por mim hoje, fez? Quando aqueles agentes do FBI perguntaram por que acabei com a Millicent, quem ficou na berlinda fui eu, não você. Gaguejei uma explicação idiota enquanto você ficava lá sentado, sem dizer uma única palavra.

Wes falou com voz suave:

- Preferia que eu tivesse dito a verdade?

Ele viu uma centelha de incerteza nos olhos do filho e aproveitou a vantagem.

- Nunca conversamos a respeito disso. Teria sido uma boa idéia discutirmos o assunto pela primeira vez na frente deles? Na frente da sua mãe? Você não ficaria nem um pouco constrangido de dizer a eles que sua namorada preferia a mim do que a você?

- Ela não preferia você.

Wes riu baixinho.

- Não foi o que ela disse. Você estava lá. Você viu. Você teve a impressão de que ela estava gostando mais ou menos, ou então querendo me tirar de cima dela?

Viu Scott fechar os punhos com os braços para baixo. A respiração dele era curta e rápida, como se estivesse prestes a explodir.

Wes desejou que ele explodisse. O que mais queria era que Scott se atirasse sobre ele e lutasse com todas as forças para vencer. Seria bom para ele descarregar a revolta. Queria ver o filho agir como homem e não como um ratinho lamuriento, como Dora teria preferido.

Mas, decepcionado e quase enojado, viu lágrimas brotando nos olhos do filho.

- Você armou para que eu visse os dois juntos - acusou Scott. Wes não negou.

- Já era hora de alguém abrir seus olhos para o fato de que a garota que o deixava tão abobalhado era uma putinha.

- Isso não é verdade. Você... você...

- Eu fiz algumas observações sugestivas, e ela entendeu que era uma cantada mesmo. A garota não era nenhuma virgem inocente, Scott. Eu não a forcei a nada. Porra, eu nem tive de insistir. Ela sabia muito bem no que estava se metendo quando entrou no meu escritório naquela noite. Tirar a calcinha dela foi tão fácil como contar até três. Na verdade, ela nem estava usando calcinha e fez questão de deixar isso bem claro.

"Se você deixar de lado essa raiva que sente por mim só por um momento, vai entender o que isso diz dela. O que ela queria mesmo era transar com o pai e com o filho antes de eu encostar nela."

- Você é nojento.

- Eu? Nojento? Por que eu sou o vilão da história? Foi ela que fez a coisa pela novidade, por divertimento. Eu fiz por você.

- Isso é... isso é mentira! Você fez para mostrar que era capaz. Wes tentou pôr a mão no ombro do filho, mas quando Scott o afastou, disse zangado:

- Preste atenção. Se eu tivesse procurado ter uma conversa de pai para filho e dissesse que sua namorada era uma puta, você não teria acreditado, não é? Pode dizer, teria? Não teria. Para que você acreditasse, tinha de ver com os próprios olhos. Eu sabia que se você nos visse juntos, seria o fim do namoro.

- Missão cumprida - zombou Scott.

- Exatamente. Você ficou melhor sem ela por vários motivos. Eu lhe fiz um grande favor.

- Você trepou com a minha namorada para me fazer um favor?

Wes suspirou.

- Não posso conversar sobre isso se você vai distorcer tudo que eu digo.

- Quantas vezes?

- O quê?

- Não se faça de bobo. Você ouviu muito bem. Quantas vezes transou com a Millicent? Só aquela vez em cima da sua mesa. Ou apenas aconteceu de eu ter surpreendido vocês e agora quer que eu engula a história de que me fez um favor?

- Scott.

- *Quantas vezes?*

-Algumas, está bem? -Wes disse, agressivamente. - Eu não contei. Isso não importa. Você está se recusando a

Scott pegou o casaco da roupa de ginástica, enfiou os braços nas mangas, depois pegou o sobretudo e foi para a porta.

- Volte aqui, Scott - Wes ordenou. - Ainda não terminamos.

- Ah, terminamos sim.

- Aonde você vai?

Scott continuou andando, e não respondeu.

- Se esse é seu modo de se vingar...

Scott parou e virou-se para trás. Olhou bem nos olhos de Wes e sorriu.

- Eu já me vinguei. De vocês dois.

25

Quando Tierney disse que era hora de irem para a cama, falava literalmente. Deixou Lilly sentada na frente do fogo, levantou-se, apanhou os cobertores e os empilhou no colchão.

Percebeu que ela olhava para ele, curiosa.

- Não vou dormir no sofá - afirmou Tierney com determinação. - Eu não caibo nele. Estou machucado e exausto, e preciso de todo o conforto possível. Pode se enrolar no cobertor extra, que assim não haverá perigo de encostar um no outro, nem por acidente.

- Tudo bem.

Lilly se levantou e foi ao banheiro. Ele não precisou pedir para ela se apressar. O banheiro estava um gelo.

Quando ela voltou, ele estava pondo mais lenha no fogo.

- Você deita aqui, mais perto da lareira.

Ela foi para o lado que ele indicou, mas não se deitou antes de Tierney entrar no banheiro. Aceitou a sugestão dele e se enrolou no cobertor.

Ele voltou em poucos minutos. Lilly percebeu que ele hesitou e olhou para as pernas molhadas da calça.

- Você quer tirar a calça?

- Quero mas não vou.

Ele deitou em cima do cobertor no qual Lilly tinha se enrolado e puxou os outros por cima deles dois. Deu um gemido e se acomodou no colchão.

- Está sentindo dor?

- Só quando eu respiro. E você? Está confortável?

- Estou bem.

- Você não tosse há mais de uma hora.

- Estou muito melhor.

- Parece mesmo. Quase não chia mais.

- As vezes, à noite piora. Espero que não o impeça de dormir.

- Digo o mesmo dos meus roncos. Se o fogo apagar, basta me cutucar que eu acordo. Levanto e ponho mais lenha na lareira.

- Tudo bem.

Deitados de costas sem se tocarem, os dois ficaram olhando para o teto. A luz do fogo desenhava sombras dançantes nas vigas aparentes. Normalmente o jogo de luz e sombra seria hipnótico, induzindo ao sono. Mas ela ficou deitada imóvel e tensa, sem sono nenhum.

- Acha que eles vêm amanhã?

Lilly não sabia ao certo quem eram "eles". Dutch e uma equipe de resgate, ou o FBI. Talvez ambos.

- Imagino que alguém vá tentar - ele respondeu. - Isto é, se a previsão continuar valendo, e se a neve parar.

- E se Dutch recebeu mesmo minha primeira mensagem de voz. Ele pode estar pensando que estou a salvo, em Atlanta, esse tempo todo.

- Pode ser.

- Se ele não recebeu aquela mensagem de voz, nem sabe que você está aqui comigo.

-É.

Mas a intuição de Lilly dizia que Dutch sabia, e a tensão na voz de Tierney indicava que ele também sabia.

- Se o tempo melhorar - ela disse -, vamos ter o celular funcionando de novo.

- Quando isso acontecer, para quem você vai ligar, Lilly? Para o FBI ou para o Dutch?

- Ainda não pensei nisso.

- Você vai ligar para o Dutch.

Ficaram calados um tempo, ouvindo o crepitar do fogo e então Lilly virou de frente para a lareira, pôs as mãos embaixo do rosto e disse:

- Boa-noite, Tierney.

- Boa-noite.

Não ia precisar cutucá-lo porque ele não conseguiu dormir. Ela sabia disso porque tampouco estava conseguindo. Sua insônia tinha vários motivos. O longo cochilo daquela tarde. A luz do fogo tremeluzindo nas pálpebras fechadas. O desconforto da roupa e o peso dos cobertores. A lembrança do terror naqueles últimos minutos do acesso de asma.

Mas o motivo principal daquela falta de sono era Tierney, deitado ali tão perto dela, era só esticar o braço. Depois de dar boa-noite, ele não emitiu nenhum som nem se moveu, mas ela sabia que estava acordado e também consciente da proximidade dos dois.

Quando ele virou de lado e também ficou de frente para o fogo, Lilly esperou aflita o primeiro contato, que jamais aconteceu. Nenhum dos dois movia um músculo nem emitia um som, mas a tensão entre eles crescia a cada segundo.

Uma hora depois de terem dito boa-noite, ele falou. Não perguntou primeiro em voz baixa se ela estava dormindo. Apesar de Lilly estar de costas para ele, Tierney sabia que ela também estava acordada. Sua voz branda e baixa não foi surpresa. Mas ela ficou atônita com o que ele disse.

- Ele bateu em você, não foi? O Dutch. Ele bateu em você. Lilly engoliu em seco mas continuou imóvel.

- Onde foi que ouviu isso?

- Em lugar nenhum. Mas eu o observei bastante, e é relativamente fácil concluir isso. Para alguns policiais, a violência se torna banal. Passa a parecer a solução normal de todos os problemas. Especialmente para um homem emocionalmente abalado e que bebe demais.

Ela não disse nada.

- E acho que você só teria desistido do casamento por um motivo realmente importante - Tierney acrescentou em voz mais baixa ainda.

Lilly nunca contou a ninguém, nem para os amigos ou para os companheiros de trabalho, que perceberam o turbilhão emocional por que passava e insistiram para que ela se abrisse com eles, nem mesmo para sua terapeuta, para quem tinha revelado tudo que pensava e sentia. Parecia certo confiar em Tierney pelo simples fato dele ser a única pessoa suficientemente sensível para concluir aquilo.

- Só aconteceu uma vez - ela disse baixinho. - Ele já tinha levantado os punhos antes, como se quisesse me bater. Eu avisei que se fizesse aquilo seria o fim da nossa vida juntos. Foi o que eu disse. Não, foi o que eu jurei fazer.

Lilly fechou os olhos um pouco e respirou fundo. Mesmo agora, era difícil lembrar aquela noite terrível.

- Ele não escutou, ou não acreditou em mim, ou então estava bêbado demais para lembrar. Dutch chegou em casa muito tarde. Estava agressivo, na defensiva, antes mesmo de eu acusá-lo de qualquer coisa. Louco para brigar comigo.

"Como eu tive uma longa reunião sobre o orçamento da firma naquele dia, estava exausta. Em vez de começar uma das nossa famosas discussões, procurei evitá-lo, mas ele não deixou. Dutch queria briga, e não ia ficar satisfeito enquanto não armasse uma.

"Ele me encurralou no quarto. Literalmente me encostou em um canto e não me deixou passar. Acusou-me de ter provocado a morte de Amy. Disse que era minha culpa de termos perdido nossa filha. O tumor no cérebro era uma maneira de

Deus me punir por voltar a trabalhar no fim da licença-maternidade, em vez de ficar em casa com ela."

- Isso é loucura.

Lilly riu um pouco, sem nenhuma alegria.

- Foi o que eu disse a ele. Exatamente com essas palavras. Dutch não gostou nada. Bateu no meu rosto com os punhos fechados, com força suficiente para me jogar contra a parede. Bati a cabeça com tanta força que quase desmaiei. Caí no chão e cobri a cabeça com os braços.

"E o tempo todo eu pensava, isso não pode estar acontecendo. Não comigo. Eu, Lilly Martin, não posso estar amedrontada e encurralada no meu próprio quarto, tentando me proteger do meu marido.

"Isso acontece com as outras pessoas que aparecem nas notícias dos jornais, pensei. Pessoas pobres, ignorantes, ou que cresceram em lares violentos e perpetuaram o ciclo. Meu pai jamais me deu sequer uma palmada, e menos ainda levantou a mão para minha mãe. Seria uma coisa impensável."

Lilly fez uma pausa e respirou fundo.

- Dutch caiu em si. Imediatamente começou a pedir desculpas, chorando, se justificando. Culpou a pressão do trabalho e a dor pela perda da filha. Eu podia ter argumentado que também estava sob pressão no trabalho, que minha dor era tão profunda quanto a dele. Mas sabia que não ia adiantar. Estávamos muito além de qualquer discussão.

E naquele ponto, eu estava muito além do perdão.

"Sem dizer nada, eu me levantei, saí de casa e passei a noite em um hotel. Procurei um advogado e dei entrada no pedido de divórcio no dia seguinte. Para mim não tinha mais volta."

- Ele a machucou muito?

- Fiquei com manchas roxas, mas nada quebrado.

- Você deu queixa?

- Meu advogado queria que eu desse, mas eu não quis. Só queria acabar com aquilo, Tierney. Dutch afundava no desespero como se tivesse uma bigorna amarrada no tornozelo.

Eu não queria afundar com ele. Um processo legal teria adiado a minha libertação. Você entende?

- Entendo. Mas não concordo. O lugar dele era na cadeia. Mas entendo por que você foi contra.

- Eu disse para a minha equipe na revista que estava com gripe e me isolei no hotel. Fiquei lá até as manchas roxas desaparecerem. A saída do hotel foi um momento simbólico. A partir dali começou minha nova vida sem Dutch Burton.

- Não completamente sem ele.

Tierney mais resmungou do que falou. Lilly não tinha certeza de que fosse para ela ouvir. Em todo caso, não respondeu. Depois de um breve silêncio, ele disse:

- Sinto muito que isso tenha acontecido com você.

- Eu também sinto, só que mais pelo Dutch do que por mim. Eu superei, o Dutch não. As minhas manchas roxas desapareceram. As dele ficaram para sempre, na alma. Ele jamais se livrará da culpa.

- Não espere que eu sinta pena do filho-da-mãe. Na verdade, eu gostaria de devolver dez vezes o que ele fez com você.

- Por favor, não faça isso. Não que esteja realmente disposto a fazê-lo.

- Uma ova que não estou. Adoraria ter uma oportunidade.

- Por favor, Tierney, diga que não fará isso. Depois de um breve silêncio, ele disse suavemente:

- Tudo bem, não vou fazer. De qualquer modo, depois de amanhã não estarei em posição de desafiar ninguém, não é?

Ela não respondeu.

- Tem mais uma coisa.

- O quê?

- Não conte isso a ninguém.

- Por que devo protegê-lo?

- Não é por ele. É por mim. Não conte a ninguém. Por favor.

- Está bem.

- Jura?

- Você me pediu para não contar, Lilly. Não vou contar. Ela acreditou.

- Obrigada.

- Não tem de quê. - Depois de alguns segundos ele disse: Agora, trate de dormir.

Ela se acomodou mais confortavelmente e puxou os cobertores até o queixo. Seus olhos, no entanto, se recusavam a fechar. Ela viu o fogo consumir uma acha grande de lenha até um pedaço se soltar e cair sobre as brasas. Lilly ficou olhando. Viu o calor do fogo aumentar com brilho intenso, ficar vermelho vivo, diminuir e, então, de repente, crescer outra vez e explodir em chamas. Virou para o outro lado e ficou cara a cara com Tierney. Ele estava de olhos abertos.

- Eu não quero dormir - murmurou Lilly.

Scott apertou a campainha instintivamente, antes de lembrar que estavam sem luz. Bateu com força várias vezes e ouviu passos se aproximando. A porta abriu.

- Olá, srta. Ritt.

- Scott! - exclamou Marilee, evidentemente surpresa. - Eu esqueci uma sessão de orientação?

- Vim falar com o sr. Ritt.

Ela olhou para trás, para a cozinha, onde Scott podia ver William sentado à mesa de jantar à luz de velas.

- Estamos terminando de jantar.

- Volto depois, então.

- Não, não, entre.

Ela se afastou para um lado e, com um gesto, o convidou a entrar. Scott bateu os pés no chão para tirar a neve das botas antes de pisar na cerâmica do hall. Ao fechar a porta, Marilee olhou para fora. Não viu nenhum carro e perguntou:

- Você veio a pé?

- Sim, senhora.

- Quem é, Marilee? - perguntou William, da cozinha.

- Scott Hamer.

William saiu da cozinha com o guardanapo ainda preso no colarinho, como um babador sobre o peito estreito.

- Meu Deus, Scott, o que o traz aqui em uma noite como esta? Sua mãe está tendo outra enxaqueca?

- Não. - Olhando rápido para Marilee, Scott disse para William: - Preciso falar com você.

William olhou bem para ele, evidentemente intrigado com aquela visita surpresa, assim como a irmã.

- Claro.

Levou Scott para a sala de estar onde o fogo ardia na bela lareira de tijolos.

- Por favor, quer nos dar licença, Marilee?

- Quer me dar seu casaco, Scott? - ela perguntou.

- Não, estou bem.

- Aceita beber alguma coisa?

- Não, obrigado, srta. Ritt. Não vou demorar.

Ela estava morta de curiosidade, mas sorriu e disse amavelmente:

- Muito bem, me avise se mudar de idéia.

William esperou até ela fechar a porta da cozinha e apontou para uma cadeira.

- Sente-se.

- Prefiro ficar de pé.

William olhou demoradamente para ele, tirou o guardanapo do colarinho, dobrou cuidadosamente e pôs na mesa de centro.

- Você parece meio perturbado.

- Não vou mais tomar esteróides.

- É mesmo? - disse William atônito. - Tem notado algum efeito colateral desde que começamos a aumentar as doses?

Tinham começado com esteróides por via oral. Não satisfeito com os resultados e impaciente para ver a melhora de desempenho com mais rapidez, Wes passou a acrescentar injeções. As injeções não influíam no processo metabólico e aliviavam os efeitos colaterais, mas, mesmo assim, havia muitos motivos de preocupação. Qualquer tipo de aplicação podia provocar danos físicos e alterar o comportamento do usuário. Scott tinha lido sobre o perigo de combinar o tratamento de injeções com os comprimidos.

- Aumentou o desejo sexual mas diminuiu a função erétil, certo, Scott?

A expressão maliciosa de William não era só revoltante, era nojenta também. O que aquele babaca sinistro sabia de função erétil?

Então William piscou um olho e deu uma risada safada.

- A julgar pela sua popularidade com as mulheres, não acredito que a disfunção sexual seja o problema. Está preocupado com algumas espinhas?

Scott se recusou a entrar no jogo.

- Não vou tomar mais. Nem as injeções nem os comprimidos. Meu pai está pagando muito dinheiro pelo tratamento. Está pagando mais ainda para você ficar de boca fechada. Mas, a partir de agora, acabou.

William sentou-se calmamente no braço de uma poltrona.

- Já conversou com Wes sobre essa decisão?

- Não preciso. Sou adulto.

- Para ser adulto é preciso mais do que completar dezoito anos.

Seu tom era tão condescendente que Scott teve vontade de dar um murro nele.

- Perdoe-me de chover no molhado, Scott, mas Wes não vai concordar com essa sua decisão.

- Se ele forçar a barra, eu o denuncio.

- Para quem?

- Para começar, para a diretoria do colégio. Para os jornais. Pode acreditar, eles vão me escutar.

- Isso acaba com a carreira de treinador dele.

- É essa a idéia.

- Está fazendo isso para destruir seu pai?

- Ele mesmo se destruiu.

William franziu os lábios como se estivesse pensando no assunto.

- Compreendo seu ponto de vista. - Sacudiu os ombros. Mas estou confuso. Parece um problema entre você e Wes. Por que está aqui?

- Uma das suas mamatas vai acabar. Você vai deixar de ganhar dinheiro. Estou aqui para avisar que não deve se intrometer no assunto.

- Ah, agora compreendo. - Ele disse dando risada. - Isso é uma ameaça.

- Chame como quiser.

- Scott - ele disse, num tom paternalista -, Wes não precisa de mim para conseguir os anabolizantes. É muito fácil. Se não for comigo, ele pode arranjar em outro lugar qualquer. Pode até comprar pela Internet, caramba!

- Não sem correr o risco de ser descoberto. Haverá registros de compra. Você facilitou a coisa para ele. Estou aqui para mandar você parar.

- Imagino que deve ter um "senão...".

- Senão eu conto para a polícia que você distribui drogas sem receita.

- Pode provar isso?

- Basta limpar o armário de remédios da minha mãe.

O tiro atingiu o alvo. Pela primeira vez, Scott viu um lampejo de preocupação nos olhos de William. Aproveitou aquela vantagem.

- Se você e meu pai quiserem me obrigar, entrego os dois. Ele terá de parar com os treinos, e a sua licença de farmacêutico será revogada.

- Ah, eu duvido que você faria algo tão radical. - A voz dele fez Scott pensar em uma serpente deslizando na relva. - A repercussão seria enorme.

- Estou me lixando para a repercussão.

- É mesmo? Tem certeza? - William se levantou com um sorriso triste. - E a sua mãe?

Esse era o único obstáculo perturbador quando Scott pensava em agir contra o pai. O que significaria para sua mãe se o verdadeiro Wes Hamer ficasse exposto com todos os seus truques, suas mentiras? Ela seria ridicularizada em público, e isso seria doloroso para ela.

Mas Scott raciocinava que, ao se livrar de Wes, libertaria também a mãe. Sem dúvida, ela sabia que o marido era infiel e fingia ignorar para manter a família unida, ou simplesmente porque não se importava. Naquela tarde, quando ficou sabendo dos anabolizantes, sua mãe tinha desafiado Wes. Tinha mais coragem do que todos pensavam.

Especialmente seu pai.

- Minha mãe não é da sua conta.

William olhou atentamente para ele um tempo, depois tocou na mão de Scott. Enojado, Scott tirou a mão do seu alcance.

William apenas sorriu, mas não foi um sorriso simpático. Na verdade, foi o oposto.

- Eu o aconselho a pensar melhor, Scott. Se começar a revelar segredos, vai provocar muita coisa desagradável para si mesmo. Expor segredos é como uma bola de neve.

Quando um é revelado, os outros começam inevitavelmente a aparecer, e cada um mais destrutivo do que o outro. Tem certeza de que quer começar a rolar essa bola na sua direção?

Scott tentou disfarçar o seu medo. Certamente não conseguiu porque William riu baixinho, chegou mais perto dele e murmurou:

- Você tem um segredinho sujo não tem, Scott?

- Não.

- E claro que tem. É sobre a Millicent.

26

- Não sei do que você está falando.

Scott deu meia-volta e já ia sair, mas William segurou seu braço e fez com que virasse de frente para ele. Em qualquer outra circunstância, o farmacêutico não teria a mínima chance contra a força atlética de Scott. Ele poderia parti-lo ao meio sobre um joelho como quem quebra um graveto. Mas o rapaz ficou tão surpreso com a agressividade do movimento brusco de William, que não resistiu.

- Então deixe-me ser perfeitamente claro, Scott. Estou falando do caso de Millicent com Wes, apesar da palavra "caso" dar às trepadas dos dois uma falsa conotação romântica.

O sangue subiu à cabeça de Scott.

-Você não sabe...

- Mas eu sei, Scott. Eu sei. Olha, seu querido pai tem duas compulsões. Uma é transar com todas as mulheres que puder. A outra é se gabar disso. Surpreendente, não é mesmo? E muito imprudente pelo fato de não saber que essas duas coisas são incompatíveis. Isso é uma tendência psicológica fascinante que merecia ser examinada.

"Mas estou saindo do assunto. Onde é que eu estava? Ah, sim. Se tivesse havido um romance entre ele e Millicent, seria uma tragédia grega. Um ménage a três desastroso, no mínimo. Só que, segundo Wes, foi uma transa puramente física. Ele certa vez disse que ela estava sempre 'no cio'." William continuou com um largo sorriso. "Imagine.

E isso estava acontecendo enquanto ela era oficialmente sua namorada. Praticamente debaixo do seu nariz.

O coração de Scott disparou. Ele produzia saliva em tamanha quantidade que mal conseguia engolir a tempo. Uma onda de calor o invadiu, e o deixou encharcado de suor.

- Por isso, Scott, estou aconselhando-o a não vir nunca mais à minha casa com ameaças de denúncias e exposição. Você tem muito mais a perder do que eu. – Inclinou a cabeça para o lado. Quer saber, você é muito parecido com o Wes, de quem estou achando que não gosta. Só agora estou notando isso, o quanto vocês dois são parecidos.

"Como ele, você pensa que seu rosto bonito e seu corpo poderoso lhe dão o direito de intimidar as pessoas. Acorda, filho. Há vários tipos de poder, e um dos mais eficientes é saber coisas sobre as pessoas, coisas que elas não querem que ninguém saiba.

"Por exemplo, acho que você ou Wes não gostariam que eu contasse aos agentes do FBI que, por coincidência, estiveram em sua casa hoje, que ele estava transando com a sua namorada ao mesmo tempo que você.

"Podem concluir que essa situação imoral criou inimizade entre as partes envolvidas. Podem pensar - Deus nos livre - que essa rivalidade primitiva entre pai e filho pode ter levado a todo tipo de agressão física, inclusive, mas não só, à eliminação do problema, que nesse caso era a Millicent."

- Meu Deus - gemeu Scott.

A ponta da sua bota prendeu no tapete e o fez tropeçar quando foi rapidamente para a porta. Na pressa, teve dificuldade para abrir o trinco e saiu em disparada, sem sequer se dar ao trabalho de fechar a porta. O ar estava gelado, mas não o bastante para evitar a náusea. Mal conseguiu chegar à cerca viva que separava a casa de Ritt da do vizinho, e vomitou.

Os espasmos eram violentos, obrigando-o a ficar de quatro na neve, com a cabeça abaixada. Mesmo depois que o estômago estava vazio, ele continuou a ter violentas ânsias de vômito.

Finalmente os espasmos cessaram. Ele pegou um punhado de neve e pôs na boca, esperou derreter e cuspiu. Passou outro punhado no rosto febril. O suor provocava-lhe frio. Ele tremia incontrolavelmente e cerrou os dentes para evitar que batessem.

- Scott?

Ele ergueu a cabeça e olhou na direção da voz. Manlee Ritt estava de pé na varanda atrás da casa, prestes a descer os degraus cobertos de neve.

- Volte para dentro - ele disse.

- Você está passando mal.

As pernas dele pareciam geléia quando tentou se levantar. Ela estava no meio da escada.

- Volte lá para dentro - ele repetiu com voz rouca, em pânico.

Deu as costas para ela, atravessou a densa cerca viva e o jardim da casa vizinha, chapinhando na neve, respondendo cegamente ao instinto que o dominava - fugir.

- Ei.

Dutch, que cochilava na cadeira, despertou sobressaltado, tirou os pés de cima do canto da mesa e ficou de pé automaticamente.

- O que foi agora? - ele perguntou, imaginando o pior. Wes mandou Dutch sentar com um gesto.

- Nada. Nada que eu saiba.

Tirou uma garrafa de uísque do bolso e pôs na mesa de Dutch, depois tirou o casaco molhado e pendurou no cabide perto da porta. Assoprou nas palmas das mãos em concha e sentou na cadeira na frente da mesa de Dutch.

- Parou de nevar - ele disse. - Mas a temperatura do vento ainda está alguns graus abaixo de zero. Dizem que vai ficar mais frio ainda quando as nuvens forem embora.

Esta noite a temperatura baterá todos os recordes.

- Quer café? - Dutch perguntou.

- Não, obrigado. Bebi muito café hoje, acho que não vou conseguir dormir até junho. Eu trouxe a minha bebida. - Indicou com a cabeça a garrafa de Jack Daniels.

- Passe a sua xícara.

Dutch empurrou a xícara vazia de café em cima da mesa. Wes abriu a garrafa, serviu uísque na xícara e empurrou para Dutch.

Bebeu direto da garrafa. Depois de beberem uns bons goles, Wes examinou Dutch com olhar crítico.

- Você está uma merda.

Dutch sabia disso. O rosto ferido e inchado parecia mastigado por um bando de cães selvagens.

- A pomada que Ritt mandou não adiantou nada.

- Esses cortes vão infeccionar se você não fizer alguma coisa. Quer que o leve para o hospital?

- Não

- Para a casa do Ritt?

- Não, porra.

- Ele disse que tinha algo mais forte, se você precisasse. Dutch balançou a cabeça.

- Você comeu?

- Alguma coisa, uns salgados.

- Dora pode preparar...

- Eu não estou com fome.

Dutch concluiu que mais cedo ou mais tarde Wes chegaria ao motivo da visita. Enquanto isso, tudo que queria era que ele fosse embora e o deixasse sozinho. Não gostava da atenção de Wes. Não tinha vontade nenhuma de conversar com ele. Queria afundar no seu sofrimento sozinho, muito obrigado. Se isso parecia paranóia e autoflagelação, que se danassem. Era assim que se sentia.

E por que não se sentiria assim? Não podia fazer nada acontecer. Nada do que fazia dava certo. Na verdade, tudo que tentava acabava em desastre. Sua tentativa vã de fazer o caminhão de Cal Hawkins subir a montanha ia acabar resultando em vários processos legais. Hawkins podia acusá-lo criminalmente.

Além do desastre, sua autoridade tinha sido repetidamente desafiada. Sem dar ouvidos ao conselho de Begley, foi para a pousada Whistler Falls, mas não pôde entrar para verificar a prova contra Tierney que os federais guardavam.

Ele era o primeiro, o mantenedor da lei número um na cidade, mas Begley apareceu saído do aconchegante escritório de Gus Elmer para confrontá-lo, acusando-o de prejudicar a investigação federal, como se ele fosse um joão-ninguém. Até seus homens respondiam rudemente e de má vontade às suas ordens.

- Dutch?

Despertou do desagradável devaneio e olhou para Wes.

- O que você está fazendo aqui? - perguntou irritado. - Por que não está em casa, abraçadinho com a sua mulher?

Wes bufou e bebeu outro gole da garrafa.

- Prefiro abraçar aquele mastro de bandeira lá fora. É muito mais quente e aconchegante do que a minha mulher.

- Qual é o problema?

Wes sacudiu a mão no ar, com expressão de pouco caso, e disse:

- TPM, dor de cabeça, quem sabe? E quem se importa? As calcinhas dela estão sempre servindo de bucha.

- Como vai Scott? Ele falou alguma coisa sobre a conversa desta tarde com Begley e Wise?

- Por quê?

A julgar pela reação sobressaltada de Wes, a entrevista com o FBI era uma lembrança desagradável.

- Nada de especial. Só queria saber o que Scott achou. Dutch bebeu um gole de uísque, olhando para Wes por sobre a borda da xícara. - Scott me pareceu um pouco hesitante em algumas das respostas que deu às perguntas deles. Será que estava mentindo? - Pegou um clipe de papel, mudou a forma e mostrou para Wes. - Ou só distorcendo a verdade?

- Veja a coisa deste modo - Wes ponderou. - Ele estava no meio de cinco adultos, todas figuras de autoridade, fazendo perguntas a respeito dele e de sua namorada.

Nessa idade, você falaria francamente da sua vida sexual?

- Eu não falaria francamente com eles nem agora. Wes riu baixinho.

- Pois é, você entendeu. - Pôs as mãos atrás da cabeça, apoiou o tornozelo sobre o outro joelho e recostou na cadeira, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Dutch desconfiava que era exatamente o contrário. Wes não estava ali para passar o tempo. Nem estava preocupado com o curativo no rosto de Dutch nem com quando ele tinha feito sua última refeição quente. O uísque era um gesto simpático, amigável, mas Wes não era tão amigo assim.

Se não tivesse outro motivo, não estaria ali.

Dutch sentiu um aperto no estômago quando pensou em qual poderia ser o motivo da visita. Talvez o uísque servisse para aliviar a dor. Nesse caso, preferia sofrer mais cedo do que tarde.

- Você veio me despedir, Wes?

A risada brusca de Wes pareceu genuína.

- Meu Deus, Dutch. Você é um filho-da-mãe paranóico, sabia? De onde tirou essa idéia?

- Do que você disse ontem à noite. Não lembra? Você me disse que arriscou seu pescoço quando me deu este emprego. Disse que o meu fracasso refletiria em você.

- Ora, tudo bem. Estávamos cansados. com os nervos à flor da pele. Você estava um pouco descontrolado com o problema da Lilly, o fato dela estar na cabana com aquele cara. Como amigo, eu só estava tentando apresentar outra visão das coisas. Fazer você voltar aos trilhos. Mas, você sabe - ele apressou-se a dizer quando viu que Dutch já ia interrompê-lo -, hoje, com o passar do tempo, comecei a pensar mais como você.

Dutch olhou para ele desconfiado.

- Como assim?

Wes olhou para trás, na direção da porta fechada. Depois inclinou-se para a frente e abaixou a voz.

- Você pensa como eu... porra, como os federais pensam... que esse Tierney é o nosso homem, certo? Ele raptou cinco mulheres e fez só Deus sabe o quê com elas.

E aquela merda de fita azul? Qual é o significado assombroso disso?

Dutch assentiu inclinando um pouco a cabeça, mas não quis dizer mais nada enquanto não soubesse aonde Wes ia chegar com aquela conversa.

- E a sua mulher, ex-mulher é mero detalhe, a mulher que você ama, está presa lá em cima com ele. Admiro seu autocontrole, amigo. De verdade. Se eu estivesse no seu lugar hoje, teria matado qualquer um que tentasse me afastar daquela montanha.

- Eu quase matei.

- Hawkins não conta.

Dutch bebeu outro gole de uísque. Cada gole descia mais suave, o gosto ficava melhor.

- Aonde quer chegar, Wes?

- Vamos lá pegar o Tierney. Você e eu.

- Begley tem um helicóptero...

- Esquece isso - Wes disse, impaciente. - Se eles chegarem antes de nós, nunca mais o veremos. Vão levá-lo para Charlotte e trancafiá-lo a sete chaves. Mesmo que ele seja indiciado, o advogado vai ficar adiando o caso e daqui a cinco anos vamos continuar aqui, tentando levar esse psicopata a julgamento e fazer justiça para essas mulheres e suas famílias. Essa não é a lei das montanhas, não o tipo de lei em que nossos pais e avós acreditavam.

Wes tinha alguma razão. Dutch sabia, por sua experiência no departamento de polícia, o quanto a justiça pode ser demorada. Isso quando chegava a ser feita.

- Na verdade, eu nunca entendi como os federais se envolveram - Wes disse.

- Seqüestro é crime federal.

- Sei, sei, mas isso é apenas técnico.

- É extremamente importante.

Wes se inclinou para a frente até ficar na ponta da cadeira. Apoiou os braços na mesa e quase deitou em cima dela.

- É claro que é a sua jurisdição, Dutch. Esta é a sua cidade, o seu povo e a vitória deve ser sua. Não de Begley ou daquele quatro-olhos bajulador.

"Você arrasta Tierney pela rua Principal, desfila com ele na frente dos Gunn e dos parentes das outras vítimas, leva a julgamento neste distrito e você será o herói da região. Será o durão, o não se meta comigo nem com os meus policiais, que resolveram o maior crime da história desta cidade."

Wes recostou na cadeira com um sorriso complacente.

- E eu serei o cara que foi bastante esperto quando escolheu o homem para exercer esse cargo.

O discurso entusiasta de comício surtiu efeito. O quadro pintado por Wes era tentador, tendo Dutch como a figura principal. Ele queria demais que isso virasse realidade.

Mas tinha sido muito esmagado pela decepção para acreditar na onda de otimismo que sentia. Tinha medo até de esperar que dessa vez, quando as apostas eram incrivelmente altas, pudesse encontrar uma saída.

- Só um tira maluco prenderia alguém sem provas - ele disse. - Não tenho nenhuma prova contra Tierney. Tudo é especulação e boato.

- Os federais...

- Não estão cooperando. Begley ameaçou me prender na minha própria cadeia se eu entrasse na cabana de Tierney na pousada do velho Elmer.

- Ele não pode fazer isso.

- Não importa se pode ou não. Neste momento eu não sei o que eles têm contra Tierney, logo, como posso prendê-lo e fazer valer qualquer acusação?

- Você acha que Begley estaria guardando os quartos de Tierney desse modo se não houvesse material incriminador lá dentro? Traga o cara e depois se preocupe com as provas.

- Temos direitos constitucionais que proíbem isso, Wes.

- Eu sei, mas não há uma cláusula que trata de deter alguém que acreditamos ser... - Wes sacudiu as mãos no ar como se quisesse agarrar as palavras.

- Causa provável.

- Isso aí! - ele disse. - Digamos que o alarme do banco contra roubo dispare e você vê um cara mascarado sair correndo lá de dentro. A sacola com o dinheiro não está à vista, mas você vai atrás do cara do mesmo jeito. Você não espera ter alguma prova concreta.

Dutch se levantou e lentamente saiu de trás da mesa. O uísque ajudava a aliviar a dor latejante do rosto, mas outra dose de ibuprofen não faria mal.

- Concordo com que você diz, Wes, mas é impossível. Begley mandou o helicóptero vir amanhã de manhã. Se o céu estiver claro, se o vento cessar, se o piloto conseguir voar até Cleary, terá boa chance de chegar ao alto da montanha. Mas nós levaremos dias para conseguir equipamento e pessoal para limpar aquela confusão na estrada.

- A confusão é na estrada principal- Wes disse com um largo sorriso como se acabasse de tirar um ás vencedor da manga. Mas e a outra estrada?

Dutch só entendeu depois de um tempo o que ele estava dizendo. E então deu uma gargalhada.

- A estrada na face oeste da montanha? E pouco mais do que uma trilha de gado.

- Uma trilha de gado coberto com trinta centímetros e meio de neve, o que facilita bastante.

- Só se você for um pingüim.

- Ou um snowmobile.

Isso fez Dutch descartar outro argumento. Parou e pensou no assunto.

- Um snowmobile pode subir uma ladeira tão íngreme?

- Vale a pena tentar. Além disso, as subidas são mais suaves naquela estrada, por causa das inúmeras curvas fechadas.

Isso era verdade. Dutch lembrava de ter levado uma namorada para um estacionamento bem conhecido lá quando cursava o ensino médio. Quando os dois chegaram ao mirante romântico no pico, ela estava verde de tão enjoada, tão nauseada que ele não chegou nem nas preliminares com ela.

- Tudo bem. Mas quem tem snowmobiles?

- Cal Hawkins.

Dutch riu tanto que a dor no rosto aumentou.

- Ah, isso é ótimo. Grande sorte a minha. Ele é a última pessoa no mundo que me deixaria usar seus snowmobiles.

- Ele não pode apitar nada. O pai dele comprou quatro alguns anos atrás para alugar para os turistas de inverno. O banco confiscou os snowmobiles quando ele os ofereceu como garantia de um empréstimo que não pagou.

- Isso também é ótimo.

Wes continuava a sorrir muito.

- Ainda não cheguei à melhor parte. O banco guardou os snowmobiles em um depósito. Adivinhe onde? Na garagem do ônibus escolar.

As coisas começaram a clarear para Dutch.

- E nós temos a chave de lá.

- Eeeexatamente - Wes disse com voz arrastada. Ergueu a garrafa para Dutch, fazendo um brinde, e bebeu outro gole. Também tenho a chave do escritório onde ficam as chaves de todos os veículos da Escola Independente do Município.

- Como é que só agora você pensou nisso?

- Me dá um tempo, está bem? - Wes disse e soltou um arroto, como se estivesse ofendido. - Tinha muita coisa acontecendo.

- Por que Cal não sugeriu que usássemos os snowmobiles?

- Por que o cérebro dele virou suco. Além disso, eles estão fora da vista, ninguém pensa neles há mais de um ano. Deve ter esquecido deles. O banco também, é muito provável.

- Não vamos lembrar a ninguém a existência deles - disse Dutch, cada vez mais entusiasmado. - Precisamos manter isso em segredo. Se Begley souber, acaba com tudo.

Wes concordou balançando a cabeça.

- Esta noite, junte tudo que acha que vai precisar. Ainda tem sua roupa de esqui? - Dutch fez que sim com a cabeça. - Ótimo. Vamos nos encontrar na garagem antes do sol nascer, com tudo pronto para partir. Começamos a subir a montanha à primeira luz do dia, antes de Begley ter tempo para decolar com o helicóptero dele.

- Vamos ter de atravessar a cidade para chegar à face oeste. E se alguém nos vir ou ouvir? Esses snowmobiles são barulhentos. Que desculpa nós vamos dar para tirá-los da garagem e usá-los sem a permissão do banco?

- Dutch, pelo amor de Deus, você é chefe de polícia - Wes disse, irritado. - Se alguém perguntar, você diz que suas ordens são para usar tudo que for necessário para desobstruir a estrada, verificar as linhas de força, salvar um gato. Caramba, eu sei lá. Pensa aí em alguma coisa.

Dutch mordeu o lábio inferior enquanto revisava os vários ângulos do plano. Não encontrou nenhuma falha. Pegar e usar propriedade alheia era furto consumado, mas Wes tinha razão. Quem ia interpelar o chefe de polícia por fazer o que era necessário para prender um suspeito?

E fazer alguma coisa, mesmo que fosse duvidosa, pela qual podia ser repreendido mais tarde, era melhor do que ficar sentado vendo seu rosto infeccionar e deixar que o FBI o humilhasse.

Pela primeira vez em dois dias sentiu que tinha o controle da situação e, caramba, era uma sensação maravilhosa.

Ele ergueu a xícara.

- Encontro você às quatro e meia.

27

- Deve ter havido alguma coisa terrivelmente perturbadora nessa conversa - Marilee disse para o irmão.

- Quantas vezes eu tenho de dizer para você que...

- Até eu acreditar em você, William.

Marilee tinha feito café em uma máquina antiga que ia ao fogo. Estavam tomando o café na sala de estar, em cadeiras que tinham levado para perto da lareira onde havia mais calor e mais luz. Há meia hora ela tentava obter informação sobre a conversa sem precedentes e secreta de William com Scott Hamer. Queria uma resposta direta.

- Scott vomitou antes de chegar à rua. O que vocês conversaram de tão horrível?

- Se fosse da sua conta, Scott não teria pedido para falar só comigo. Aceite a indireta, Marilee, e pare de perguntar. Está ficando um porre.

- E você é um mentiroso.

- Eu não menti - ele disse em voz baixa.

- Por que Scott ia querer ter uma conversa particular com você?

- Comigo especificamente, é o que está querendo dizer?

- Não ponha palavras na minha boca, William. Eu não estava insinuando...

- É claro que estava. - Ele semicerrou os olhos. - Quer saber o que eu acho que é isso? Inveja.

- Inveja?

- Você está morrendo de inveja por eu ser mais importante do que você para um dos seus alunos.

- Isso é ridículo!

William ficou olhando para a irmã um tempo, e seu sorriso de desprezo indicava que ele não achava nada ridículo.

- Bem, acontece que não importa o motivo do seu interesse porque, como eu já disse mil vezes, o assunto da nossa conversa foi particular e não tem nada a ver com você.

- Quando um dos meus alunos vomita no meu jardim, é da minha conta sim. - Marilee hesitou um pouco e depois fez a pergunta que tinha medo de fazer: - Foi sobre a Millicent?

A expressão de William mudou. Olhou para ela com uma curiosidade diferente. Falou bem devagar.

- Que estranho você mencionar a Millicent.

- Não tem nada de estranho, já que você hoje de manhã estava especulando sobre a causa do rompimento dos dois.

- Mas Scott não sabia disso.

- Vocês falaram sobre a Millicent afinal? Depois de hesitar, ele disse:

- O nome dela surgiu na conversa sim.

- Em que contexto?

- No contexto do relacionamento de Scott com o Wes.

- Wes? O que ele tem...

- Mais do que posso dizer sem violar confidencias, Marilee.

- William pôs a xícara de café na mesa de centro e anunciou que ia para a cama. - vou sair cedo para abrir a loja. Não precisa nem levantar da cama para se despedir de mim.

- Eu não tinha nenhuma intenção de levantar para me despedir de você.

Aquilo foi um golpe baixo, indigno dela. William saiu da sala sem dar atenção ao que Marilee tinha dito.

Por causa da falta de luz não haveria aula no dia seguinte. Ela devia estar aguardando ansiosamente outro dia livre. Em vez disso estava profundamente aflita.

Wes, Scott e William. A química daquele trio deixava Marilee apreensiva. Além de morar na mesma cidade, não tinham nada em comum, exceto aquelas conversas furtivas sobre algo que William se recusava a discutir, e normalmente ele adorava ser o divulgador de informações e fofocas. Aquela reticência a incomodava. Era também muito inquietante, especialmente porque Millicent Gunn parecia ser um dos fatores da equação.

Aquela apreensão a fez ficar acordada horas, na cama. Só se deu conta de ter mergulhado em um sono agitado quando foi acordada pelo amante. Ele estava na cama com ela, acariciando seu corpo por cima da camisola.

- Estou feliz que você está aqui - ela disse, tocando de leve no rosto dele.

Em poucos segundos ele tirou a camisola dela e a abraçou com força, com o pênis rijo e insistente. Marilee pôs a coxa no quadril do amante, segurou o pênis dele e o guiou para dentro dela. Mas nessa noite ele não queria fantasia nem

sutilezas. Ele a fez deitar de costas. Suas investidas eram brutas e rápidas, quase com raiva.

Depois ficou em cima dela, pesado e exausto, com a cabeça nos seios dela. Marilee acariciou a nuca dele, para aliviar a tensão acumulada ali.

- Você teve um péssimo dia. Ele fez que sim com a cabeça.

- Conte para mim.

- Tudo que quero é paz. Eu quero você.

- A mim você já tem - ela murmurou e abraçou a cabeça dele.

- Dá para *acreditar* nisso?

- Quieto, Dutch. Vai acordar toda a vizinhança.

- E daí? Pouco me importa se alguém me ouvir agora. Estamos fodidos mesmo. - Ele socou a palma da mão enluvada. - Eu não mereço nem um pouco de sorte.

Wes estava exasperado como Dutch, mas um deles tinha de se controlar, e não ia ser Dutch. O cara estava quase enlouquecendo. Aquele obstáculo mais recente podia acelerar esse processo nele.

Wes não podia deixar isso acontecer. Precisava de Dutch. Precisava mais ainda da autoridade do distintivo dele. Era imperativo subir até o alto daquela montanha e prender Tierney. Melhor ainda, matá-lo. Por motivos pessoais, Wes estava tão empenhado nisso quanto seu amigo Dutch.

Acabavam de sofrer um golpe, mas não precisava ser tão catastrófico como Dutch fazia parecer.

Conforme o combinado, tinham se encontrado às quatro e meia na garagem dos ônibus, os dois com os olhos injetados pela falta de sono, acelerados com muita cafeína e com o saco congelado, apesar de estarem vestidos como esquimós.

Os snowmobiles estavam onde Wes tinha visto, separados num canto da garagem, cobertos com uma lona verde-escura. Até aí, tudo bem.

Quando foram procurar as chaves começaram as dificuldades. Reviraram o escritório da garagem, mas não encontraram nada. As chaves de todos os veículos da EI de Cleary tinham etiquetas com o número da licença. E não havia chaves para os snowmobiles.

Wes acabou desistindo de procurar.

- Se estão aqui, estão bem escondidas e estamos perdendo tempo. Não temos escolha. Vamos perguntar para o Morris onde é que estão as porras das chaves dessas coisas.

Karl Morris era presidente do único banco de Cleary.

- A esta hora?

- Você tem entre aqui e a casa dele para inventar uma história convincente, chefe. Crie uma emergência que não pode esperar o dia raiar.

Tiveram de bater várias vezes na porta, que afinal foi atendida pela sra. Morris, enrolada do queixo até os pés no robe mais feio que Wes tinha visto na vida. O rosto dela combinava com o robe, mais horroroso ainda porque a carranca era de poucos amigos.

Dutch pediu desculpas pela intrusão e disse que precisavam falar imediatamente com o sr. Morris. Era uma emergência. Ela fechou a porta e foi chamar o marido, deixando Dutch e Wes no frio da varanda.

Finalmente Morris apareceu na porta, não mais cordial do que a mulher. Dutch contou a história de uma família presa no carro, disse que precisava desesperadamente dos snowmobiles que o banco tinha confiscado de Cal Hawkins.

- Eu teria prazer em deixar que os usasse, chefe Burton, se eles ainda pertencessem ao banco. Nós os vendemos, humm... deixe-me ver. Foi antes do Natal, se estou bem lembrado. Pusemos um anúncio de um leilão de reintegração de posse. Acho que o senhor não viu.

- Acho que não. Quem comprou?

- William Ritt. Conseguiu permissão para deixá-los na garagem dos ônibus escolares até poder levar para outro lugar, mas levou as chaves junto com o recibo da venda.

Os dois pediram desculpas outra vez por tirá-lo da cama e agradeceram a informação.

Agora, afundando na neve de volta para o Bronco, Dutch estava possesso.

E a paciência de Wes com o pessimismo crônico de Dutch estava no fim.

- Caramba, Dutch, quer tratar de se controlar? Isso não é o fim do mundo. Vamos procurar o Ritt.

- Certo. A famosa fonte de informações de Cleary. Entraram no Bronco, e Dutch acelerou o motor que tinha deixado ligado.

- Que escolha você tem? - Wes perguntou. - Fora deixar que o agente especial Begley roube o seu suspeito e a sua fama?

Xingando, Dutch deu marcha a ré e saiu da frente da casa do banqueiro.

Chegaram à loja de Ritt cinco minutos depois. Não havia nenhuma luz no prédio, é claro, mas o carro de Ritt estava estacionado em uma vaga na rua, ao lado do de

Marilee, onde tinha passado a noite.

- Eu disse que ele estaria aqui - Wes observou.

A sineta em cima da porta tilintou alegremente. William estava atrás do balcão, fervendo água no fogão a gás. As únicas fontes de luz eram a chama azul debaixo da panela e uma vela votiva em cima do balcão. Tinha cheiro de maçã.

Ele os recebeu com um bom-dia animado.

- Vocês são as únicas pessoas que vi fora de casa esta manhã. Aceitam café? É instantâneo, mas é o melhor que posso fazer.

Wes sentou em uma das banquetas cremadas do bar e tirou as luvas.

- Desde que esteja bem quente, eu gostaria muito.

- Eu também. - Dutch sentou ao lado de Wes.

- Seu rosto não está legal, Dutch.

- É, acho que eu vou precisar de uma pomada antibiótica mais forte.

- Então veio ao lugar certo. Trago para você assim que terminar de fazer o café. - Os trajes dos dois não escaparam à atenção de Ritt e ele comentou enquanto punha o café instantâneo em três canecas. - Vocês vão esquiar?

Wes olhou para Dutch, deixando-o falar. No caminho tinha orientado o chefe de polícia sobre o melhor meio de abordar Ritt.

- Ele é um babaca, sempre foi um babaca, um cara de fora que sempre quis fazer parte do nosso círculo e não tinha nenhuma chance de ser aceito. Fazer com que ele sinta que pertence ao nosso time é essencial para o nosso plano dar certo.

- Ele é essencial para nosso plano - Dutch tinha dito. - Essa é a merda de tudo isso.

Dutch não gostava nem um pouco de ter de agradar um dissimulado como William Ritt. Agora, na hora de vender sua mercadoria, Wes prendeu a respiração.

Dutch primeiro tossiu com a mão fechada na frente da boca, depois adotou um ar sério.

- Não vim aqui esta manhã para tomar café e pegar o remédio para o meu rosto.

-Ah, é?

- Pode parecer um pedido estranho, William - ele continuou, com o mesmo tom solene. - Para fazer esse pedido preciso confiar a você um assunto oficial.

Excelente., pensou Wes.

- Sabe muito bem que nunca trairei sua confiança - William disse.

- Precisamos usar seus snowmobiles.

- Pensei que nunca ia pedir.

Se ele tivesse dito que tinha sido duble dos filmes do Tarzan, os dois não teriam ficado mais atônitos.

- O que disse? William sorriu.

- Quando eu vinha de carro para cá, hoje de manhã, estava pensando que o estado das estradas continua péssimo e quanto tempo vai demorar até eu poder

voltar à casa da minha família na montanha para retomar a reforma, e de repente me ocorreu que eu não preciso de um carro para chegar até lá. Posso usar um dos meus snowmobiles.

Então tive a idéia de oferecê-los ao agente especial Begley...

- Para Begley não.

Wes teve de controlar o impulso de segurar o braço de Dutch. Ele tinha dito aquilo com excesso de agressividade. As orelhas de William estavam de pé. Eles precisavam salvar rapidamente a situação, e Dutch não tinha os reflexos necessários. Então Wes resolveu falar.

- E aqui que entra a parte confidencial. Ninguém pode saber, mas Begley pediu um helicóptero para hoje.

- Por que ninguém pode saber?

- Porra, este caso foi escancarado ontem por aqueles babacas do rádio. Nem dá para dizer como ele ficou furioso. Imagine o que pode acontecer se souberem do helicóptero.

Um aparelho equipado com todos os instrumentos de alta tecnologia que o FBI tem à sua disposição, caras vestidos de preto com máscaras de esqui, armas automáticas, cordas e tudo o mais. Begley vai virar alvo de um monte de babacas que podem arriscar a vida e a operação de resgate.

- Entendo o que quer dizer.

- Esta manhã, Begley e Wise estarão ocupados organizando a missão - Dutch disse, retomando a tática de manipulação. -

Wes e eu vamos servir de equipe avançada. Quero dizer, se pudermos usar os seus snowmobiles.

- Claro que podem. Só sinto não ter pensado neles ontem. Você podia ter sido poupado do desastre com Hawkins.

- Ontem não seria seguro usar os snowmobiles. Nevava demais, e aquela estrada é perigosa até num dia claro.

- Fico contente de poder ceder os veículos para vocês agora. Wes relaxou os ombros.

- Estão prontos para funcionar? William assentiu com a cabeça.

- Antes de comprá-los, mandei um mecânico verificar. Estão em perfeitas condições. As chaves estão lá em casa. Podemos pegar a caminho da garagem. Enquanto eu troco de roupa, Marilee pode fazer um café para a viagem.

- Você não vai.

Wes chutou a perna de Dutch para evitar que ele dissesse mais alguma coisa. Voltou-se para William com seu melhor sorriso.

- Nem teríamos coragem de pedir isso a você. Vai ser uma viagem tremendamente fria. Além disso... - ele olhou rapidamente para Dutch com uma careta simpática e disse em voz baixa -, não sabemos o que vamos encontrar quando chegarmos lá.

- É claro. Tem isso também. - Nem um cego ia se enganar pensando que o sorriso que ele deu para Dutch era sincero. Tenho certeza de que ela está bem.

- É. Obrigado. Mas Wes está certo. Não vamos saber no que estamos nos metendo até chegar lá. Temos de imaginar que esse tal de Tierney está armado e que é perigoso.

Não posso lhe pedir para correr esse risco.

- Vocês não pediram, eu me ofereci.

- Sei disso, mas...

- Conheço a estrada, Dutch. Melhor do que você. Melhor do que qualquer pessoa. Passo por ela várias vezes por semana, e isso desde que aprendi a dirigir.

- Mesmo assim...

- Os snowmobiles são meus.

Era uma ameaça. Velada, mas uma ameaça assim mesmo. Wes praticamente sentiu Dutch eriçar os pêlos.

- E verdade, mas posso apreender os veículos por ocuparem espaço em uma garagem paga pelos impostos dos contribuintes.

- Eu tenho permissão.

- A minha, não - Wes contestou.

Argumentar com aquele safado não tinha adiantado. Talvez dois braços fortes da autoridade conseguissem.

- Posso pedir para o Dutch apreender os seus snowmobiles.

- A diretoria da escola disse que eu podia guardá-los lá indefinidamente.

- Eu tenho mais autoridade do que a diretoria da escola. William passou o olhar indignado de Wes para Dutch. Ficou cozinhando bem uns trinta segundos. Wes o brindou com o olhar reservado para o zagueiro que falhava na linha dos cinco metros. A expressão de Dutch também era ameaçadora.

Finalmente, William disse:

- Vocês não me dão escolha. Dutch desceu do banquinho.

- Seguimos você até sua casa.

William apagou o gás debaixo da panela de água, que já estava quase seca.

- Vou pedir para a Marilee fazer café. Vai ser melhor do que isso.

- Não precisa fazer a Marilee se levantar.

- Tenho certeza de que ela não vai se importar.

Dutch e Wes saíram da loja e entraram no Bronco. Wes sorriu.

- Meus parabéns, chefe. Você conseguiu seus snowmobiles. Viram William Ritt entrar no carro e sair da vaga. Dutch o seguiu pela rua Principal. Bateu na direção com as mãos enluvadas e rosnou:

- Depois de toda essa conversa furada, acho bom eu conseguir pegar Tierney.

- Esse é o plano.

- Quero vê-lo sangrar, Wes.

- Sei disso. Se ele andou transando com a Lilly...

- O quê?

Wes olhou apreensivo para Dutch.

- O quê?

- Meu medo é que ele a tenha matado - disse Dutch.

A boca de Wes mexeu, mas por algum tempo não pronunciou nenhuma palavra.

- Bem, é claro, Dutch. Naturalmente é com isso que nós todos estamos preocupados.

- Você pensa que eles...

- Olha aqui, eu não sei. Só estou dizendo que o que você fizer com ele será justificado por qualquer coisa que ele possa ter feito para ou com a Lilly.

Dutch apertou a direção.

- Quero ver Tierney sangrar.

28

Eu não quero dormir.

Como se essa simples declaração de Lilly tivesse partido uma corda que prendia Tierney imóvel, ele se mexeu. O cobertor que os separava foi afastado e imediatamente ele estava em cima dela, com a boca selada à boca de Lilly, antes mesmo de envolvê-la com um braço, antes mesmo de acariciar seus cabelos com a outra mão.

Sua língua era forte e ousada, deliciosa, com o gosto dele. Um beijo poderoso que apagou da lembrança dela qualquer outra pessoa que já tivesse beijado. O tesão era embriagador, como se seus ossos estivessem derretendo.

Tierney ergueu a cabeça e olhou nos olhos dela. Lilly encontrou o olhar dele sem medo ou remorso. Sempre olhos nos olhos, ele abriu o fecho da calça dela e pôs a mão dentro. A calcinha de Lilly estava úmida de desejo. Ele abaixou a cabeça e passou a língua entre os lábios entreabertos. A respiração de Lilly saía quente e rápida.

Tierney deslizou a mão por dentro da calcinha de seda e apoiou a palma no monte de Vênus. Encaixou os dedos na fenda da vagina. E então ficaram só assim. Enquanto se beijavam. Nada mais. Só as línguas deslizando uma na outra como se estivessem fazendo amor, enquanto o sexo de Lilly pulsava na segurança quente da mão dele.

Talvez ele tivesse se guiado pelo leve erguer das costas dela, pressionando com mais força contra sua palma. Ou pelo gemido de excitação intensa que vibrou na garganta dela. Ou talvez o tesão que ele mesmo sentia, porque Tierney enfiou o joelho entre os dela e os separou. Apoiado em um braço, ergueu o corpo para alcançar o cinto.

Desafivelou-o, desabotoou a calça jeans, enquanto Lilly tirava a dela junto com a calcinha.

Então, com um único movimento ágil, como em um balé, ele relaxou o braço, deitou em cima dela e a penetrou. Lilly emitiu um som inarticulado de prazer, ecoado por ele, e ambos ficaram imóveis, a não ser pelas batidas dos seus corações.

com as respirações misturadas, criavam nuvens de vapor sobre suas cabeças. Depois de um tempo, ele começou a. se mover. No início, não passava de um lento balanço, quadril contra quadril. Mas então ele redobrou o ímpeto, empurrou com mais força. O ritmo aumentou gradual e regularmente, até que, com um rosnado, ele parou. Lilly deslizou a mão pela cintura dele, segurou suas nádegas e o puxou mais para dentro dela.

Ele gemeu, enterrou o rosto no pescoço dela e gozou. Passado o êxtase, Tierney relaxou. Totalmente. Lilly absorveu todo o peso do corpo dele. Mas só por pouco tempo.

Ele não demorou nada para se refazer e levantou um pouco o corpo.

Olhando intensamente para o rosto de Lilly, Tierney deslizou a mão até alcançar o joelho dela, segurou e o levou para trás, até a altura do seu ombro, apoiado no peito dela. Fez o mesmo com o outro joelho. O sexo de Lilly desabrochou, aberto, expondo o centro macio. Tierney deslizou a mão entre os dois corpos, para dentro da umidade onde eles se ligavam. Seu polegar encontrou o que procurava. O toque era delicado, mas uma sensação súbita envolveu Lilly por completo.

Lilly quase soluçava enquanto ele a torturava, girando e esfregando levemente o polegar. Ele encostou a cabeça nos seios dela, passou os dentes pelos mamilos para que ela sentisse a carícia através de todas as camadas de roupa. Aos poucos, ele aumentou a pressão do polegar.

O prazer foi crescendo e crescendo até cada nervo do corpo dela parecer zunir e tremer, desde o topo da cabeça até as solas dos pés. Seus mamilos se entesaram tanto que quase chegaram a doer. com um grito preso na garganta, ela soergueu o corpo para os lábios dele. As paredes da vagina se contraíram contra o pênis dele, ainda profundamente dentro dela, grande, mesmo sem rigidez.

Os choques retardados do orgasmo continuaram por vários minutos. Quando finalmente acabaram, Tierney a beijou de leve nos lábios e a abraçou embaixo dele.

Nenhum dos dois fez qualquer movimento para se separar.

Não trocaram nenhuma palavra.

Nem tinham desmanchado os cobertores que os cobriam...

Lilly acordou com a lembrança da noite intacta, cada detalhe repetido em sua mente enquanto dormia. Sentia o corpo lânguido e pesado, gasto pelo desejo, sonolento e saciado. Tierney estava curvado em volta dela, a parte da frente das

coxas dele encostadas na parte de trás das dela, as nádegas aconchegadas no côncavo quente do corpo dele.

Quando ela tentou se mover, ele resmungou um protesto e gentilmente apertou mais o braço em volta da cintura dela.

- Banheiro - ela murmurou.

- Volte logo.

- Guarde o meu lugar.

Lilly levantou da cama e olhou para trás. Ele estava de olhos fechados e com um sorriso nos lábios.

Na lareira, ardiam apenas algumas brasas por baixo de uma espessa camada de cinza. A sala estava gelada. Lilly vestiu o casaco e, na ponta dos pés, foi até a porta, cujas dobradiças rangeram ao ser aberta. Ela parou e olhou para trás. Tierney, porém, voltara a dormir, e sua respiração continuou calma.

Lilly esperava que ele dormisse muitas horas para compensar a exaustão da véspera. O corpo dele precisava de descanso para sarar.

O banheiro estava incrivelmente frio. Ela fez rapidamente o que tinha de fazer e voltou para a sala. Tierney continuava dormindo. Procurando não fazer barulho, ela pôs as duas toras restantes no fogo e atiçou as brasas embaixo delas, acrescentando alguns gravetos para pegar mais depressa.

Logo precisariam de mais lenha. Depois de breve hesitação, Lilly começou a procurar sua roupa espalhada. Encontrou a calça e a calcinha debaixo das cobertas e puxou para a ponta do colchão. O resto estava no chão e em cima dos móveis.

Juntou tudo e se vestiu rapidamente. Suas botas tinham secado. O couro estava endurecido, porém não mais frio e úmido. Calçou as luvas e enrolou o cachecol de Tierney no pescoço. A última coisa que fez foi usar os inaladores. Quando saiu para a varanda, notou imediatamente que as nuvens tinham clareado. Embora o sol estivesse muito abaixo do cume da montanha, a leste o horizonte estava rosa e dourado. O céu estava pontilhado de estrelas ainda visíveis sobre o fundo azulescuro. Nuvens diáfanas passavam rapidamente acima do pico da montanha, levadas por um vento forte o bastante para fazer curvar os topos das árvores e arrancar galhos.

Apesar do vento, o dia prometia a possibilidade de um resgate. Entretanto deviam se preparar para o caso de a equipe de salvamento não conseguir alcançá-los nesse dia. As toras no depósito de lenha eram grossas. Se não fossem cortadas, demorariam para pegar fogo. Tierney tinha conseguido cortar as menores com a machadinha, mas não seria possível fazer o mesmo com as que restavam.

Ela olhou para o outro lado da clareira, para o depósito de ferramentas. Desde a volta de Tierney na noite anterior, não havia nevado muito, e o caminho aberto por ele ainda era visível.

Tinha usado os inaladores. Não levaria mais de alguns minutos para ir e voltar do barracão. Apesar de Tierney ter insistido em dizer que o machado não estava na caixa de ferramentas, Lilly tinha certeza de que estava. Ele apenas não o vira.

Lilly não seria boba de tentar cortar as toras sozinha. Deixaria essa tarefa para ele. Tierney não ia gostar de Lilly ter apanhado o machado, mas depois de ele ter salvo sua vida, o mínimo que podia fazer era facilitar um pouco seu trabalho. Era bom o ar fresco, mesmo inspirado através do cachecol.

Aproveitou também para movimentar as pernas depois de quase dois dias presa dentro de casa.

Antes que tivesse tempo para se convencer de não ir, ela seguiu pela trilha estreita aberta na neve por Tierney.

Tierney. Estranho, ela nunca o chamara de Ben. Naquele dia no rio, tinha usado esse nome apenas uma vez e ele a corrigiu. "Todos me chamam de Tierney." Combinava mais com ele.

Lembrando quantas vezes tinha dito o nome dele naquela noite de paixão, ela apertou o casaco em volta do corpo e escondeu o sorriso debaixo do cachecol. O cheiro dele impregnava as fibras de lã. Lilly se deliciou com ele.

Feliz como há muito tempo não se sentia, ela atravessou a clareira sem dificuldade.

E então entrou na floresta.

William Ritt levou Dutch e Wes da garagem à porta dos fundos de sua casa, atravessaram a cozinha e entraram na sala de estar.

- Ainda tem algumas brasas acesas. vou acender o fogo logo.

- Ele se abaixou na frente da lareira e começou a trabalhar.

Dutch estava muito impaciente. Cada minuto que passava sem fazer nada era uma vantagem para Begley. Não precisava de fogo. Acender a lareira ia levar muito tempo.

Mesmo assim, também não queria irritar William, temendo que ele chegasse ao ponto de cobrar sua ameaça de requisitar os snowmobiles e retirasse a oferta de emprestá-los.

Por isso ficou parado, vendo William pôr mais toras na lareira e atiçar as brasas.

Antes que esquecesse, Dutch tirou de um dos bolsos com zíper da roupa de esqui um radiotransmissor e receptor e entregou a Wes.

- Para o caso de nos separarmos lá em cima. Lembra como se usa?

Wes assentiu.

- Aperta o botão para falar, solta para ouvir.

- Certo. Tem alcance de dez quilômetros. A lenha pegou fogo. William ficou de pé.

- Pronto. Assim é melhor. vou chamar Marilee para fazer o café.

- Na verdade, não temos tempo - Dutch disse. - Apenas nos dê as chaves e vamos embora.

- Leva só alguns minutos. Ela prepara uma garrafa térmica para vocês levarem. - Ele fez sinal para se aproximarem do fogo.

- Fiquem à vontade.

- Mas é mesmo - Wes disse. - Não quero que acorde Marilee por nossa causa.

- Ela não vai se importar - ele disse, e foi indo para o corredor. Dutch achou que o melhor era aproveitar o calor enquanto podia, por isso chegou perto da lareira e estendeu as mãos para as chamas. com o canto do olho, viu William andando para uma porta no meio do corredor.

Mesmo que não estivesse com pressa, Dutch era contra a idéia de acordar Marilee. Seria mais uma pessoa para saber do plano dos dois, e, quanto mais gente soubesse, maior seria a possibilidade de tudo dar errado.

Mas era tarde demais.

William bateu duas vezes e abriu a porta do quarto. E ficou ali parado, com os braços aos lados do corpo, olhando. Por que estava ali olhando para o quarto da irmã, agindo de modo estranho até mesmo para William Ritt?, Dutch pensou.

A menos que estivesse vendo alguma coisa que o deixasse paralisado, incapaz até de reagir.

O instinto de policial de Dutch entrou em ação. Pronunciou o nome de William interrogativamente, já andando pelo corredor. Não ficaria surpreso se visse sangue nas paredes e um corpo desmembrado.

- O que está acontecendo? - perguntou Wes, que também devia ter notado o estranho comportamento de William, e já estava atrás de Dutch.

Nos poucos segundos que levou para chegar ao quarto, a adrenalina de Dutch bombeava em ritmo de policial. Consciente de que não devia entrar intempestivamente no quarto e destruir as provas do crime, parou na porta e empurrou William para o lado.

Não havia sangue espirrado. Marilee não estava desmembrada. Sentada ereta na cama, com a coberta puxada até o queixo, olhava para ele, chocada com a invasão.

Ao lado dela, na cama, igualmente chocado, estava Scott Hamer.

- Ai, merda. - Dutch virou-se para trás, esperando evitar que Wes chegasse mais perto, mas ele já estava ali.

Wes empurrou Dutch para dentro do quarto e ficou parado, apoiando as mãos no batente da porta, como se precisasse disso para não cair.

- Que *porra* é essa?. - ele gritou.

- Wes. - Dutch estendeu a mão para detê-lo, mas Wes a empurrou e foi indo para a cama pisando forte, com raiva.

Scott afastou as cobertas e se levantou. Estava completamente nu. Mas nem um pouco envergonhado. Encarou o pai com hostilidade.

- É exatamente o que parece*. Pai*. - Scott acrescentou o nome como um epíteto.

Dutch percebeu que Wes estava tão furioso com a atitude desafiadora de Scott quanto com o fato de flagrá-lo naquela situação comprometedora. Mas foi para Marilee que dirigiu o seu olhar furioso.

- Você não podia ter arranjado um homem, sua puta velha e patética?

Scott se atirou sobre o pai como um zagueiro de futebol americano, deu uma cabeçada na barriga de Wes, empurrou-o para trás. Wes bateu com força em um antigo espelho de corpo inteiro. A madeira se partiu e o espelho se despedaçou. Isso não deteve Scott. Ele socava Wes e perguntava, aos berros, como ousava falar daquele jeito com Marilee.

Dutch viu que os dois iam se cortar todo no espelho quebrado, se não fizesse alguma coisa. Esmigalhando os estilhaços com os pés, segurou Scott por trás, pela cintura, e o tirou de cima de Wes, que estava sem ar e ofegante.

Dutch atirou Scott para o outro lado do quarto.

- Acalme-se e vista sua roupa, Scott. Wes. - com a cabeça Dutch indicou a porta.

Wes lançou um olhar assassino para Marilee e saiu para o corredor. Dutch saiu também e fechou a porta.

Wes andava de um lado para o outro como um leão enjaulado. Dutch virou para William, pronto para sugerir que voltassem à sala de estar, mas percebeu que William não precisava de explicação. O sorriso dele era malicioso e de satisfação. E de repente tudo fez sentido para Dutch. A insistência de William para que fossem à sua casa, para acordar Marilee, aquilo era uma armação dele. William tinha preparado o cenário.

- Seu filho-da-puta, você sabia. William nem tentou negar.

- Minha irmã é uma amante barulhenta. E o Scott nem se fala.

Marilee saiu do quarto, perfeitamente composta, de robe e o cabelo, como de hábito, preso em um rabo-de-cavalo.

- Scott foi embora - ela disse. - Está extremamente abalado. Wes virou-se furioso para ela.

- Ele está abalado? Ele está abalado?

- Está, e é só com ele que me preocupo.

- Bem, acho melhor passar a se preocupar com um futuro emprego. Sua carreira de professora acabou.

- Sei disso, Wes, e pode parar de gritar comigo. Não tenho medo de você. Nenhuma das suas ameaças pode me ferir ou ter alguma importância.

- Quantos outros garotos você levou para a cama?

- Scott não é um garoto.

- Não banque a espertinha comigo. Devia estar implorando o meu perdão.

- Por dormir com o Scott?

- Por foder com ele.

- Como isso pode ser pior do que dar anabolizantes para ele?

Dutch reagiu sobressaltado. Olhou consternado para Wes, mas Wes não viu. Estava com tanta raiva que chegava a tremer. Abria e fechava as mãos como se estivesse se preparando para apertar o pescoço de Marilee.

Ignorando aquela fúria, ela olhou para o irmão com desprezo.

- Era isso que você estava curtindo. Todas as insinuações e indiretas veladas. Referências a uma inexistente paixão adolescente por Wes. Tudo girava em torno disto.

- Eu esperava apelar para sua consciência, fazer com que você parasse antes de chegar a isto.

- Não, não, nada disso - ela retrucou. - Nada disso mesmo. Você queria criar uma cena como essa porque é mesquinho, provocador e cruel, William.

- Perdoe-me por lembrar, Marilee, mas você não está em posição de me ofender.

- Eu gostaria de saber o que vai fazer para se distrair agora. Não que me importe. Vou me mudar assim que arranjar outra coisa. Você pode ir à merda. - Ela entrou no quarto e fechou a porta gentilmente.

Wes virou-se para William.

- Você sabia disso e não me contou?

- E estragar a surpresa?

Dutch agarrou Wes pelo peito quando ele se lançou para a frente. William tinha um terço do tamanho de Wes. Seria um massacre.

- Deixe disso por enquanto, Wes. - Quando Wes recuou, Dutch deu um passo para perto de William. - Dê-me as chaves dos snowmobiles.

- Não vejo nenhuma razão para fazer isso. Dutch deu outro passo.

- Que tal isso? Se não me der as chaves, eu solto Wes para reformar os ossos do seu rosto, e você vai chupar a comida por um canudinho pelo resto da porra da sua vida.

William fungou com desprezo, como que indiferente à ameaça, mas enfiou a mão no bolso da calça e tirou uma pesada argola de chaves que estava ali o tempo todo.

Dutch arrancou da mão dele.

- Você vem? - perguntou para Wes.

Wes não respondeu mas o acompanhou, e os dois atravessaram a casa até a porta dos fundos.

Não falaram até entrar no Bronco e seguir para a garagem.

- Se essa história se espalhar, sabe o que vai acontecer com a chance de Scott conseguir uma bolsa de estudos? Eles não querem calouros na universidade trepando com os professores.

Ele bateu várias vezes com o punho fechado no painel.

- E aquele filho-da-puta do Ritt. Eu queria fazer um molho com as tripas daquele maricas desgraçado. Ele armou tudo para nós, não foi?

- Armou.

- Por quê?

- Vingança.

- Do quê? O que foi que eu fiz para ele? Dutch olhou para Wes franzindo a testa. Wes teve o bom senso de parecer mortificado.

- Ele quis se vingar de todas as descortesias, durante anos, reais e da cabeça dele. Mas não sei por que resolveu humilhar Marilee. - Dutch pensou um pouco. – Scott é só um garoto. Ele come qualquer boceta onde e quando é oferecida, mesmo a da professora. Mas a Marilee? Estou chocado. Quem imaginaria que ela fosse capaz disso?

Wes deu uma risada debochada.

- Ah, todas elas são capazes disso. Você não sabia? Todas elas, lá no fundo, são putas mesmo.

Deve ter sido acordado por uma das muitas dores. Isso e o frio provocado pela ausência de Lilly no ninho deles. Sem abrir os olhos, Tierney se aconchegou mais nas cobertas e deixou a mente divagar. Pensou na noite anterior. Pensou em Lilly. Naquela primeira vez, naquela trepada doce, silenciosa, fluida, suave. Não podia ter desejado nada mais perfeito.

Não tinham dito uma palavra. Nem precisavam. O toque era sua linguagem, um dialeto no qual ambos eram fluentes. Guiado por milênios de comportamento

instintivo, ele havia reivindicado sua posse, tornando propriedade sua o corpo que tanto desejava. E Lilly, com a sabedoria e a mística das mulheres, permitiu que ele pensasse que era ele que a possuía.

Depois daquela primeira vez, quando ele finalmente rolou para o lado, a fez virar também e ficaram os dois face a face. Tierney desejou poder ler a mente dela, desejou saber se tinha reconquistado sua confiança. O que via nos olhos dela parecia indicar que sim. Ou talvez aquela chama fosse ainda o que sobrava do prazer.

Tierney afastara o cabelo do rosto úmido de Lilly. Tocou-lhe o lábio inferior com as costas do dedo indicador e passou a mão fechada pelos dentes dela.

- Você sabe que eu não usei nada. Ela fez que sim com a cabeça.

- Você devia ter me obrigado a tirar antes. Lilly olhou para ele espantada.

- Juro que teria feito isso se você pedisse.

- Mas eu não pedi.

- É. Você não pediu.

Tierney pôs a mão nas costas de Lilly, puxou-a para mais perto, até seu pênis ficar encaixado entre as coxas dela.

Beijaram-se. Um beijo extremamente sensual. A boca de Lilly estava quente e ávida, molhada e receptiva. Só de pensar nas promessas, o sangue dele ferveu como lava.

Rindo suavemente, ele interrompeu o beijo.

- Não acredito que estou dizendo isso, mas estou pegando fogo.

Ela sorriu.

- Eu também. Tiraram a roupa. Lilly nua. Meu Deus.

Finalmente ele a via, e não cansava de olhar. Ela era linda. Os seios descansavam suaves sobre o peito. A luz do fogo dançava na pele dela, formando línguas eróticas de sombras que pareciam lamber seus mamilos.

- No último verão, sempre que você se molhava...

- Já sei o que vai dizer - ela interrompeu. - Eu fiquei constrangida.

- Eu sabia disso. Então procurei ser um cavalheiro e manter os olhos acima do seu pescoço. Não foi fácil. - Ele acariciou-lhe o peito com as costas da mão.

- Você me tocou hoje - ela disse em voz baixa e rouca. Enquanto eu dormia.

Tierney olhou para ela e logo desviou os olhos.

- Não muito. Só um pouquinho.

- Pensei que estava sonhando.

- Eu também pensei. - Ele olhou para ela outra vez. - Se eu estiver sonhando agora, não me acorde.

- Pode deixar.

O mamilo dela enrijeceu quando ele encostou a mão. Passou o polegar várias vezes por ele, depois apertou de leve com dois dedos.

Lilly disse o nome dele com um suspiro.

- Ponha sua boca em mim - ela pediu.

Tierney abaixou a cabeça e passou os lábios no mamilo dela.

- Você andou me enganando.

- Como?

- Espiando minhas fantasias.

Tierney deu um gemido involuntário quando se lembrou da sua boca no mamilo dela. Sua língua lembrava perfeitamente a textura e o gosto. Ele abriu os olhos sorrindo quando percebeu que a lembrança tinha se transformado em sonho quando caiu no sono outra vez.

Mas estava completamente acordado agora. Inteiro.Tinha uma ereção dolorosa.

- Por que essa era a única parte do meu corpo que não doía? - ele murmurou.

Fez uma careta por todas as dores, sentou e esfregou os olhos para se livrar do sono.

-Lilly?

Afastou os cobertores e ficou de pé. Ou tentou. Estava de pé, mas com o corpo curvado em ângulo reto. Sob o protesto de cada osso, articulação e músculo, ele se endireitou. Estava todo arrepiado. Tremendo de frio. Pegou um cobertor e se enrolou nele.

- Lilly? - Não ouviu resposta e foi até o quarto.

Lilly parou na entrada da floresta para admirar a cena de tirar o fôlego. Parecia um cartão de Natal em três dimensões. Os galhos das árvores perenes estavam pesados de neve. Os ramos nus das decíduas pareciam quase negros em contraste com o fundo branco. Só se notava o nascer do dia nos ramos mais altos das árvores, que dançavam nas correntes erráticas de vento. Mas o solo da floresta estava escuro e imóvel.

Era uma catedral natural, um lugar de veneração. Ela desejou poder ficar ali mais tempo e desfrutar a serenidade silenciosa. Mas logo seus pés já estavam insensíveis dentro das botas, fazendo-a lembrar que, por mais bela que fosse a cena, ainda era um lugar selvagem e mortal, se não tivesse cuidado.

Seguindo a trilha rústica, chegou ao barracão. A neve se acumulava em montes contra as paredes externas, mas quando Tierney forçara a porta tinha empurrado parte da neve, deixando a entrada parcialmente livre.

Lilly passou pela neve acumulada desde que ele estivera ali e segurou a aldrava da porta. Puxou com força mas não conseguiu abrir. Na verdade, a porta nem sequer se mexeu. Puxou várias vezes, mas parecia impossível abrir aquilo. Juntando todas as suas forças, tentou outra vez. Finalmente a porta cedeu tão de repente que Lilly se assustou. Recuou um passo e quase perdeu o equilíbrio. Rindo da sua falta de jeito, entrou no barracão. Estava mais escuro do que ela esperava. Pensou que devia ter trazido a lanterna porque queria achar o machado e voltar depressa. Havia sempre aranhas ali. E talvez camundongos. Nunca entrava no barracão sem medo de encontrar uma cobra.

Embora todas as criaturas sensatas estivessem agasalhadas em suas camas nesse dia, o ar úmido do lugar provocava arrepios. Tinha também o cheiro desagradável dos lugares fechados com chão de terra.

Esperou que seus olhos se ajustassem à semi-obscuridade, depois olhou em volta. O machado não estava à vista, mas ela lembrava de tê-lo visto na caixa de ferramentas.

Ouvia alto o som da própria respiração. Não era um verdadeiro chiado, mas quase. Talvez não tivesse sido uma boa idéia ir até ali. Em condições normais, só aquele exercício não seria prejudicial ou especialmente cansativo. Mas em vista do acesso de asma da véspera e da temperatura abaixo de zero, talvez não devesse mesmo ter feito nada tão pesado. Mais uma razão para encontrar logo o machado e voltar para a cabana. Para Tierney. Para a cama com Tierney.

Não lembrava que a tampa da caixa de ferramentas era tão pesada. Não conseguiu abrir na primeira tentativa. Ergueu apenas alguns milímetros e ficou exausta. Se tivesse um acesso de asma ali, Tierney nunca mais ia parar de reclamar.

Dobrou os joelhos e empurrou com as duas mãos a tampa da caixa. Endireitou o corpo, empurrou com toda a força, conseguiu erguer a tampa e a puxou para cima. Quando ficou perpendicular, o peso a fez cair contra a parede antes que Lilly pudesse segurar.

Bateu ruidosamente, só que Lilly não ouviu nada. Porque estava olhando para os olhos mortos e esbranquiçados de Millicent Gunn.

Soltou o ar dos pulmões rapidamente, mas, quando tentou aspirar para gritar, seus brônquios já estavam fechados. Tudo que saiu de seus lábios foi um leve chiado.

Sem pensar, ela recuou, afastando-se da visão horrível, instintivamente procurando fugir. Deu meia-volta para escapar, mas ficou paralisada quando viu Tierney de pé, em silhueta, contra o retângulo de luz formado pela porta aberta.

Ela viu tudo de uma vez. Ele estava com a calça jeans e as botas, mas debaixo do casaco aberto, seu peito estava nu. Subia e descia rapidamente. Ele ofegava. Tinha corrido até ali.

- Tierney - ela murmurou. - Millicent...

- Você não devia ver isso.

Então, em um momento de clareza, ela compreendeu por que os traços dele estavam duros e quase imóveis, por que tinha corrido para o depósito atrás dela, por que não estava nem um pouco surpreso com o corpo de Millicent, enfiado sem qualquer cuidado ou respeito em uma rústica caixa de ferramentas enferrujadas.

Tierney se aproximou dela com seu passo longo, encurtando rapidamente a distância entre os dois, mas Lilly não podia se mover. Estava paralisada, como acontece nos pesadelos quando damos de cara com um perigo mortal e não conseguimos fugir.

Mas, no último segundo, descobriu que podia se mexer.

Quando ele a segurou pelos ombros, ela se defendeu com toda a força que tinha - unhas, dentes, braços e pernas.

Deixou tiras de sangue vivo no rosto dele antes de Tierney segurá-la com força, prendendo seus braços aos lados do corpo.

- Lilly, pare com isso. Ele rosnava resfolegante.

Não, não era Tierney que fazia aquele ruído medonho. Era seu chiado asmático.

- Que diabo, Lilly! Pare com isso!

- Você é um assassino!

Então viu a mão dele descer como um relâmpago até o lado do seu pescoço.

Não sentiu nenhuma dor.

29

O agente especial Charlie Wise acordou sobressaltado quando seu celular tocou.

As cegas, procurou o telefone entre as chaves, moedas, distintivo, carteira e óculos que estavam na mesa-de-cabeceira. Wise dormia como um morto, mas o toque estridente do celular era eficiente como um alarme de incêndio e o arrancava sem piedade da inconsciência. Podia sofrer uma parada cardíaca sendo acordado tão bruscamente, mas, antes disso, precisava atender.

Abriu o celular e o levou ao ouvido.

- Wise.

- Bom-dia, Hoot. Acordei você?

Era Perkins. Havia muita estática, mas com algum esforço dava para ouvir.

- Não - ele mentiu, pondo os óculos. - Só estou surpreso. Só me dei conta de que os celulares estavam funcionando de novo quando o meu tocou.

- Helicóptero... há... mais ou menos... O tempo está ainda incerto... diz...

- Espere um minuto Perkins, ainda está aí? Espere. - Hoot empurrou as cobertas com as pernas. Levantou da cama e foi para perto da janela, para ver se conseguia um sinal mais forte. - Perkins?

- Você está chegando bem agora, Hoot.

- Dê-me as informações essenciais.

- Helicóptero. Chegada a Cleary dez horas. Uma equipe de três especialistas de busca e resgate. Um ex-atirador da Equipe de Resgate de Reféns.

- Boa notícia. Mais alguma coisa?

- Sim, sobre Tier... saiu... noite. Procure alcançar... alguma coisa...

Frustrado, Hoot olhou em volta procurando um lugar onde pudesse melhorar a ligação. Então percebeu que o telefone estava mudo. Verificou o indicador. Estava em branco.

- Hoot?

Begley estava na porta do quarto de hóspedes, onde Hoot tinha dormido. Tinha na mão sua Bíblia, e marcava com o dedo a página que estava lendo. Já tinha se vestido e parecia perfeitamente descansado, e fez Hoot perceber constrangido que tremia de frio só com sua roupa de baixo.

- Bom-dia, senhor. Era Perkins. O helicóptero estará aqui às dez horas.

- Excelente. - Begley consultou o relógio. - Assim que você se vestir...

- Sim, senhor.

Begley saiu e fechou a porta.

Por sorte, os aquecedores de água de Gus Elmer eram a gás. Hoot entrou outra vez no chuveiro, embora essa tivesse sido a primeira coisa que fizera na noite anterior, quando se registrou e foi para a cabana número sete. Begley queria ficar perto da cabana número oito, porque não confiava que Dutch Burton fosse conseguir ficar longe dela.

Como não tinha luz, não pôde ligar o computador de Tierney, e ficou frustrado com isso. Estava ansioso para entrar nos arquivos dele. Hoot gostou muito daquele atraso. Estava vesgo de cansaço, e duvidava se ia ser capaz de se concentrar para decifrar os códigos de segurança de Tierney.

A cabana deles era a única outra no conjunto que tinha dois quartos separados por uma saleta de estar e uma pequena cozinha. Conseguiram se ajeitar com a luz da lareira, algumas velas e um lampião Coleman a querosene. Depois de comer chili em lata, fornecido por Gus Elmer - pagando, naturalmente -, Hoot tomou seu banho de chuveiro e foi do banheiro para o quarto sonambulando.

Agora, cinco minutos depois de acordar, estava com Begley no quarto principal.

- Fervi água para o café, mas não recomendo. O café da polícia é melhor do que este. Vamos esperar o helicóptero lá. Acho que devemos a Burton a cortesia de informar a hora da chegada do helicóptero.

- Concordo, senhor. - Hoot vestiu o casaco e calçou as luvas.

- Onde Perkins disse que o helicóptero vai pousar?

- Ele não disse. Não obtivemos essa informação antes do celular parar de funcionar.

Begley verificou o dele e vociferou quando o aparelho anunciou que não estava funcionando.

- Acho que isso vai ser meio complicado.

- Telefono para o Perkins assim que chegarmos à delegacia. No carro, depois de algum tempo em silêncio, Begley perguntou:

- A Lilly Martin. Acha que ela ainda está viva, Hoot?

- Acredito que sim.

- Por quê?

- Porque ele sabe que ela ligou para Burton e disse que estavam juntos.

- Espero que você esteja certo.

Quando se aproximaram da delegacia de polícia, ficaram surpresos ao ver veículos civis, a maioria picapes com tração nas quatro rodas, parados na frente do prédio de tijolos. Os que não cabiam no estacionamento estavam nos dois lados da rua.

- Que porra é essa? - Begley perguntou retoricamente.

A ante-sala estava cheia de homens com roupa de caça camuflada ou similares. Quase todos armados com rifles. Um deles, Hoot notou, tinha um arco sofisticado e uma aljava com setas ameaçadoras. Todos falavam ao mesmo tempo e pareciam agitados.

Begley tentou abrir caminho para o lado onde ficava o despachante que parecia ser o alvo do descontentamento. Depois de várias tentativas inúteis, o agente especial enfiou o dedo na boca e soltou um assobio estridente. O falatório parou no mesmo instante. Botas à prova d'água soaram com um estouro da boiada no assoalho de madeira quando os homens deram meia-volta juntos. com todos os olhos em cima dele, Begley se identificou com uma voz que teria cortado vidro. Estava com os pés separados e as mãos na cintura. Mais tarde Hoot disse aos seus companheiros que o quebra-nozes nunca tinha sido mais eficiente.

- Quero que alguém me explique o que é que está acontecendo aqui! - ele exclamou.

A multidão se dividiu para dar espaço para um homem que tentava abrir caminho. Apesar de ele estar vestido para uma excursão de caça, Hoot reconheceu Ernie Gunn.

- Sr. Begley, sr. Wise. Estes são alguns dos voluntários que estiveram procurando Millicent até a tempestade obrigá-los a cessar as buscas. Ontem ouvimos falar do cara que a raptou. Nós nos reunimos esta manhã para ajudar a capturar Ben Tierney.

Imediatamente depois da reunião, Gunn devia ter avisado todos os amigos de que Ben Tierney era o criminoso que tinha levado sua filha. Os amigos contaram para os amigos. Hoot olhou para os homens armados e viu a determinação de justiceiros resolvidos a pegar seu homem e fazer justiça com as próprias mãos.

Ignorando os outros, Begley se dirigiu a Gunn.

- Compreendo o seu desespero...

- Com o devido respeito, sr. Begley, não pode compreender. Sua filha está sã e salva em casa.

- Aceito a correção - ele disse humildemente. - Posso avaliar seu desespero para encontrar Millicent. Também admiro esses amigos e vizinhos que se ofereceram para procurá-la. Estou sendo sincero.

Begley olhou em volta, para todos os homens.

- Mas, senhores, esta manhã estão me fazendo lembrar de um grupo de linchamento. Por enquanto o sr. Tierney não é um suspeito. Não temos provas concretas contra ele. Quero enfatizar isso. O nome dele foi ouvido associado à nossa vinda para cá, boatos se espalharam como fogo de palha, chegaram ao rádio e as coisas passaram dos limites. Viemos a Cleary apenas para interrogá-lo, para que ele esclareça alguns assuntos a fim de podermos eliminá-lo como suspeito.

Uma voz não identificada falou atrás do grupo.

- É tudo que queremos fazer também. Interrogá-lo. - A observação irônica foi recebida com sorrisos zombeteiros.

- Não precisam de rifles para falar com um homem - disse Begley, evidentemente irritado com a interrupção. - Dentro de uma hora, um helicóptero estará aqui. Pretendo ir nele até o alto da montanha. Se Tierney estiver na cabana do chefe Burton, pediremos a ele que coopere conosco e deixe-se interrogar de acordo com a lei. Ele terá garantidos seus direitos constitucionais.

"É assim que vai ser. É só assim que vai ser, sr. Gunn. Se o senhor e seus amigos tentarem prejudicar a nossa missão ou tomar o caso nas mãos, usarei qualquer meio que considerar necessário para evitar. É um caso da polícia, e como tal..."

- Então onde está a maldita polícia? - Gunn perguntou, furioso.

- Como disse? Gunn abriu os braços.

- Esses homens vieram aqui esta manhã oferecer seu tempo e seus serviços aos senhores e à polícia. Mas ninguém sabe onde está o nosso chefe de polícia.

Hoot e Begley ficaram atônitos.

- Como assim, ninguém sabe onde ele está?

- É exatamente como eu estou dizendo - Gunn respondeu. Seus homens não o vêem nem ouvem falar dele desde a noite passada, quando ele disse ao despachante que ia para casa dar uma cochilada.

- Ele disse para chamá-lo se fosse preciso.

O policial Harris apareceu do meio do povo. Tinha substituído o uniforme por um macacão impermeável e um chapéu forrado de pele com orelheiras, como a maioria dos homens ali, por isso passara despercebido.

- Acabo de vir da casa dele. Parece que ninguém vai lá há muito tempo. Não vi nem cinzas na lareira.

Begley olhou para Hoot, preocupado.

- Talvez Wes Hamer...

Antes que Begley terminasse a frase, Harris balançou a cabeça.

-Também está desaparecido. Passei na casa dele. A sra. Hamer disse que ele chegou tarde a noite passada, dormiu umas duas horas e saiu antes do amanhecer.

- Ela sabe aonde ele foi?

- Disse que não sabe.

Hoot não estava gostando nem um pouco daquilo. A julgar pela cara de Begley, ele também não. Pensou durante alguns segundos muito tensos, e depois disse:

- Policial Harris.

- Sim, senhor?

- Na ausência do seu chefe e até nova ordem, você está encarregado de coordenar esses homens. Quero que sejam organizados em um batalhão oficial de busca e resgate.

Sua tarefa imediata é certificar-se de que tenham equipamento e suprimentos necessários. E estou falando de tudo. Munição. Roupas extras. Bússolas. Alimento. Água.

Muita água. Não me responsabilizarei se alguém desmaiar de desidratação.

- Certo, senhor.

- Quero todos prontos para partir a qualquer momento.

- Sim, senhor. - Então os olhos do jovem policial se enevoaram, confusos. - Para... é... para fazer o quê, senhor?

- Só vou saber depois de um reconhecimento com o helicóptero. Ficaremos em contato com o rádio da polícia, portanto sugiro que você fique aqui. Use a delegacia como base de operações. Outros voluntários podem chegar, e precisaremos de todos os homens que pudermos recrutar. Posso fazer uma sugestão?

- Sim, senhor.

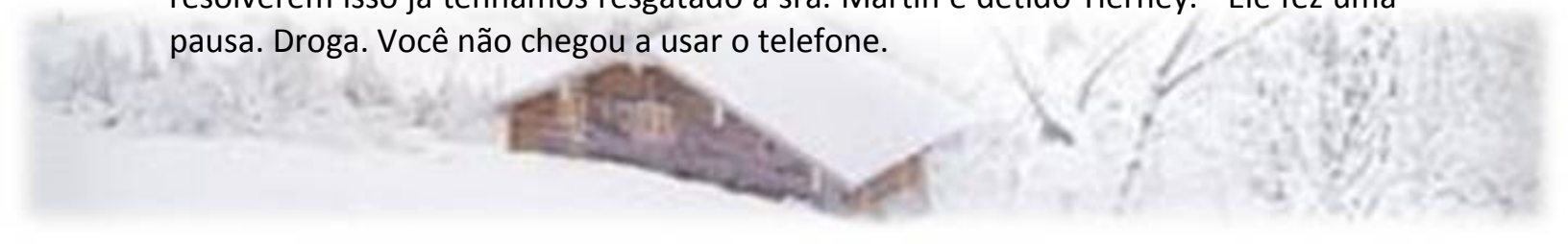
- Descobri que dividir minhas unidades em pequenos grupos e nomear um líder para cada um é um modo eficiente de coordenar homens com pouco treinamento. Mas escolha os líderes com cuidado, e eles se reportarão só a você. Isso é apenas uma sugestão. É claro que você pode fazer como achar melhor.

- Sim, senhor.

- Agente Wise. - Begley caminhou para a porta. Hoot correu para abrir a porta para ele e saiu junto. Assim que saíram e fecharam a porta, pararam de fingir. - Acha que eies engoliram essa bobagem?

- É difícil dizer, senhor - respondeu Hoot.

- Bem, enquanto estão tentando entender, vão ficar ocupados mais ou menos uma hora, principalmente por causa da escolha dos líderes. Espero que quando resolverem isso já tenhamos resgatado a sra. Martin e detido Tierney. - Ele fez uma pausa. Droga. Você não chegou a usar o telefone.



- Perkins não ligou para mim. Se tivesse alguma coisa urgente teria entrado em contato. Enquanto isso vou continuar tentando falar com ele pelo celular.

- O que você acha do desaparecimento de Burton e Wes

Hamer, Hoot?

- Não faço idéia, senhor.

- Não estou gostando disso. Nem um pouco. Hoot abriu a porta do motorista.

- Para onde, senhor?

- A farmácia. Parece que é o lugar onde eles se reúnem. Vamos começar por lá. - Antes de entrar no carro, Begley olhou para o céu limpo. - Nunca pensei que diria isto, mas quase sinto falta da neve. Pelo menos enquanto nevava eu sabia onde todo mundo estava.

Marilee achava impossível as coisas ficarem piores. Estava errada.

Dora Hamer surgiu na sua porta parecendo fugitiva de um hospício, só de roupão de banho, com a bainha molhada de arrastar na neve. Usava chinelos abertos e os pés vermelhos pareciam em carne viva. Marilee nunca tinha visto alguém tão descontrolada.

Assim que Marilee abriu a porta, Dora perguntou:

- Scott está aí?

- Não.

- Sabe onde ele está? Por favor, eu imploro. Se sabe onde ele está, me diga.

Marilee estendeu o braço, puxou-a para dentro e levou até a lareira.

- Sente-se e me conte o que aconteceu.

Dora não sentou, começou a andar de um lado para o outro, puxando os cabelos com uma das mãos, na outra segurava uma folha de papel. O lado esquerdo estava rasgado como se tivesse sido arrancada de um caderno espiral.

- O que é isso? - Marilee perguntou.

- Um bilhete que encontrei no quarto do Scott. Um policial esteve na minha casa há pouco.

- Policial?

- Um dos homens de Dutch, à procura do chefe e de Wes ela disse, impaciente. - Isso não é importante. Depois que ele foi embora, fui ao quarto de Scott para ver se ele estava bem. O quarto estava vazio. Encontrei isto. - Sacudiu o bilhete na frente de Marilee. - É verdade? - perguntou com as lágrimas descendo pelo rosto.

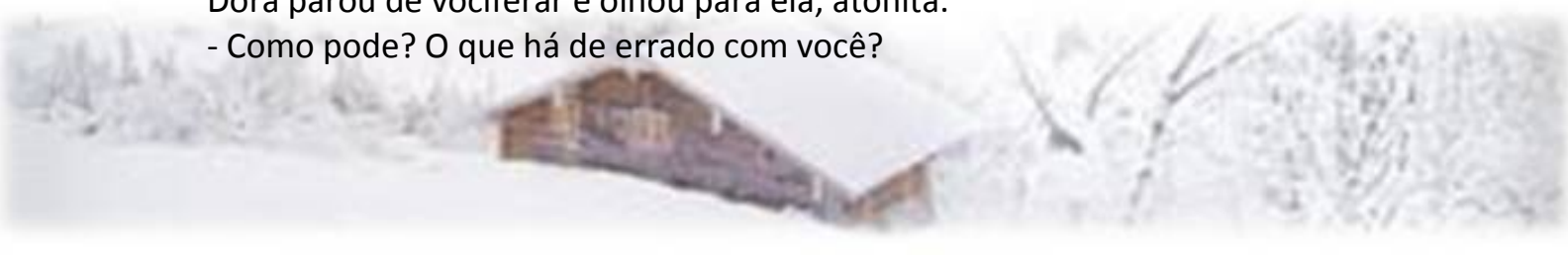
- Você é amante dele?

Sem nenhuma intenção de negar, Marilee respondeu calmamente.

- Há alguns meses.

Dora parou de vociferar e olhou para ela, atônita.

- Como pode? O que há de errado com você?



- Sra. Hamer, por favor - Marilee disse, suavemente.

Estava mais preocupada com o estado mental da outra mulher do que com as acusações que certamente viriam. Dora parecia prestes a sofrer um colapso emocional.

- Conto qualquer coisa que queira saber sobre o meu relacionamento com Scott. Mas isso não é possível enquanto continuar gritando comigo. Quer fazer o favor?

Indicou uma das duas cadeiras na frente do fogo, mas Dora deu um tapa na mão dela. O golpe foi doloroso, mas Marilee não perdeu a compostura, consciente de que uma das duas devia manter a calma.

- O que diz o bilhete?

- Ele explica o que aconteceu esta manhã.

- Foi muito feio. Não posso negar.

- Bem, você deve estar orgulhosa - Dora zombou, querendo dizer o contrário. - Seu comportamento vergonhoso o levou a isso.

Ela entregou o bilhete a Marilee. O papel estava amarrotado e úmido das suas mãos. Quando Marilee alisou a folha, reconheceu a letra de Scott.

O bilhete era endereçado aos pais dele. A primeira frase assustou Marilee: "Sei que nunca me perdoarão por isso." Ela leu em voz alta e olhou para Dora.

- O que ele quer dizer? O que ele fez que não pode ser perdoado?

- Trepar com a professora, eu imagino. Eu não sei. - Dora tinha recomeçado a andar de um lado para o outro, torcendo as mãos. - Você é a última pessoa com quem eu quero estar. Odeio estar aqui na sua casa. Mas tinha esperança de que pudesse explicar o bilhete. Dizer onde ele está agora. Ou o que é "imperdoável". Diga alguma coisa! - ela gritou, e a voz falhou na última palavra.

Marilee leu outra vez.

- Ele pode estar se referindo ao nosso caso. Ou pode... - Não conseguiu dizer o que podia significar a frase indefinida.

- Está se referindo a algo que terá feito quando lermos o bilhete, ou a alguma coisa que já tinha feito? Uma coisa que nós vamos considerar imperdoável?

- Eu não sei e tenho medo de especular, sra. Hamer.

Dora encostou na parede, cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar.

- Quer dizer que ele vai se matar?

Marilee continuou a ler, sentindo o pânico aumentar. As palavras tinham o tom de um bilhete suicida, mas Scott não dizia especificamente que pretendia acabar com a vida. Porém, quando ele deixou seu quarto naquela manhã, mal tendo tempo de se vestir, estava terrivelmente abalado. Embora ela tivesse, em vão, pedido para ele ficar.

Scott tinha fugido e devia ter parado em casa só o tempo suficiente para escrever o bilhete. Fosse qual fosse sua decisão, ele a tinha tomado às pressas. Isso a apavorava. Scott não estava agindo racionalmente.

- Ele levou alguma coisa quando saiu?

- Eu não sei. - A resposta de Dora foi automática, como se estivesse tão perdida no sofrimento, que nem sequer ouvia.

Marilee pôs as mãos nos ombros dela e a sacudiu.

- Faltava alguma coisa na casa? Os olhos de Dora clarearam.

- O quê, por exemplo?

Uma arma. Antes que Marilee tivesse tempo de traduzir em palavras o que estava pensando, elas ouviram uma batida forte na porta da frente.

Marilee foi a primeira a se recompor. Atravessou a sala e abriu a porta.

- Srta. Ritt, nós nos conhecemos ontem.

- Eu me lembro. Agente especial Wise.

- Sim, senhora. E agente especial encarregado, Begley.

- Entrem.

Ela se afastou para o lado e deu espaço para os dois entrarem no vestíbulo. Os agentes pararam na porta da sala de estar quando viram Dora Hamer encolhida, encostada na parede. Begley diplomaticamente fingiu não notar os trajes sumários de Dora, e agiu como se estivessem se encontrando em uma festa.

- Bom-dia, sra. Hamer.

Os olhos de Dora estavam arregalados de medo. Seu rosto não tinha cor.

- Vieram por causa do Scott?

- Scott? Não.

Wise percebeu o pavor dela.

- Qual é o problema?

Dora deixou Marilee responder.

- Não sabemos se há algum problema. Por que estão aqui?

- Na verdade, nós esperávamos encontrar seu irmão em casa - respondeu Wise.- Fomos primeiro à farmácia. Não encontramos ninguém.

À menção do seu irmão, os músculos do rosto de Marilee enrijeceram. Ela ainda se esforçava para absorver toda a extensão da traição dele. Não conseguia compreender o prazer que William tinha de machucar tanta gente.

Se estivesse realmente preocupado com a imoralidade dela, devia ter cobrado isso dela a sós, encorajando-a a procurar ajuda de um conselheiro ou de um ministro religioso, ou até mesmo ameaçando tornar público seu comportamento se ela não terminasse imediatamente com Scott.

E, em vez disso, ele guardou segredo, vivia provocando a irmã com insinuações, até o momento em que a armadilha pudesse causar mais prejuízo para os outros e maior satisfação para ele. O Deus em quem Marilee acreditava consideraria o ato maldoso de William um pecado muito maior do que o seu relacionamento com Scott.

Os agentes esperavam uma resposta.

- William saiu mais ou menos há uma hora. - Marilee tinha esperado no quarto até ouvi-lo sair com o carro. - Imaginei que tinha ido para a loja. Se ele não está lá, então não posso ajudá-los. O que querem com ele?

- Estávamos procurando fregueses de William. Seu marido, por exemplo, sra. Hamer. - Wise virou-se para Dora e disse: Pode nos dizer onde ele está?

- Não tenho a mínima idéia.

- Ele e Dutch estiveram aqui mais cedo - Marilee disse. com William. Ouvi quando falaram de snowmobiles. Recentemente William arrematou alguns em um leilão.

A conversa em voz baixa no corredor chegara ao seu quarto. Ela estava tão desconsolada por causa de Scott que quase não prestou atenção quando ergueram as vozes, e pouco se importava com o que os três tinham de conversar, mas aquela palavra ela havia registrado. - Agora me lembro que Wes e Dutch estavam com roupa de esqui.

O olhar que Begley e Wise trocaram deixou Marilee preocupada.

- Por favor, senhores, do que se trata?

- O pico Cleary - Begley disse.

- E o sr. Tierney?

- Eles mencionaram Tierney ou a montanha na conversa com seu irmão? - perguntou o agente Wise.

- Acho que não.

- Conhece a montanha, sra. Ritt?

- Muito bem. Cresci nela, na verdade logo abaixo do cume, no lado oeste.

- Lado oeste? Como se vai da cidade para chegar lá? A estrada Mountain Laurel faz a volta?

- Não. Há outra estrada sinuosa que vai dar na face oeste. Mas não é mais grande coisa. Trechos dela foram destruídos por um desmoronamento de terra há alguns anos.

E usada tão raramente que nem foi consertada.

- Mas snowmobiles podem subir?

- Não sei coisa alguma sobre snowmobiles, mas acho que é possível. - Ela olhou para os dois agentes. - Vocês estão achando que Wes e Dutch foram atrás do sr. Tierney?

Sem responder especificamente, Wise disse:

- Estamos esperando um helicóptero de Charlotte. com sorte, chegaremos lá antes de qualquer um que pretenda fazer justiça com as próprias mãos.

Ele olhou para Dora.

- A senhora quer telefonar para o sr. Hamer e aconselhá-lo a não fazer nenhuma bobagem?

- Eu telefonaria, mas já tentei contato com o celular dele e a ligação não completou. Eu estava aflita, queria falar sobre o Scott, mas...

- O que há com Scott? - O olhar de Begley era tão intimidador que Dora se encolheu. - Sra. Hamer - ele disse -, as perguntas que fizemos ontem sobre Millicent deixaram Scott tão perturbado assim?

- Não.

A resposta foi fraca e sem convicção, e Begley notou isso imediatamente.

- Para ser franco, sentimos que Scott, na verdade, todos vocês escondiam informações que podiam ser valiosas para nossa investigação.

- Talvez ele saiba mais sobre o desaparecimento de Millicent do que... - Wise disse.

- A instabilidade emocional dele não tem nada a ver com a Millicent - Marilee interrompeu. Os dois homens olharam para ela. - Não posso deixar que desperdicem seu tempo com algo irrelevante. - Ela hesitou um pouco e depois disse: - Scott está perturbado porque o pai dele e o meu irmão estão lhe dando injeções de esteróides, anabolizantes. Ele quer parar de tomar e sabe que terá de brigar com Wes para isso. Além disso...

Parou, respirou, cruzou as mãos.

- Além disso, Scott e eu fomos flagrados juntos na cama, esta manhã. - Percebendo o choque dos dois, Marilee acrescentou: - Tudo que quiserem inferir disso é verdade.

Scott e eu somos amantes.

"Ele deixou um bilhete estranho esta manhã no seu quarto." Sem pedir permissão para Dora, ela entregou o bilhete para Begley, que leu e o entregou a Wise. A expressão de Begley não era animadora.

Wise foi o primeiro a recobrar a voz, e mesmo assim depois de pigarrear delicadamente.

- Acha que ele se refere ao... bem... o relacionamento de vocês?

- Suponho que sim, mas não tenho certeza.

- Suicídio está implícito, mas...

Dora não conseguiu continuar falando. Começou a chorar baixinho.

- Emitiremos um boletim para localizar o carro dele - Wise disse. - com as estradas nesse estado, não pode ter ido muito longe.

Dora balançou a cabeça.

- Ele não saiu de carro.

- Quer dizer que ele está a pé?

- Ele é um andarilho contumaz. Chega a fazer caminhadas no pico Cleary.

Begley e Wise trocaram um olhar significativo, então Begley se dirigiu a. Marilee.

- Há quanto tempo você e Scott têm esse relacionamento, sra. Ritt?

Ela gostou da pergunta ter sido feita sem censura. Na verdade, ele quase parecia pedir desculpas por perguntar.

- Desde setembro.

- E durante esse tempo, Scott alguma Vez disse por que rompeu com Millicent Gunn?

- Ele nunca falava em suas antigas namoradas, e eu nunca perguntei.

- Não?

- Não.

- Nunca?

- Nunca.

- Não tinha nenhuma curiosidade?

- Não.

- Nesse caso, a senhora é realmente uma mulher notável.

Ou uma mentirosa, era o que Begley insinuava. Estranhamente, foi menos aquele olhar duro e mais sua voz suave que acabou vencendo. Marilee relaxou os ombros e suspirou profundamente.

- A noite passada. Falamos no assunto pela primeira vez. Ele me contou por que Millicent e ele deixaram de se ver.

Eles esperaram, mas ela não disse mais nada.

- E então? - perguntou Begley.

- Não vou contar isso, sr. Begley. Não agora. Só direi se, e quando, o senhor precisar saber.

- Precisamos saber agora - Wise disse.

- Lamento.

Wise ia dizer alguma coisa, mas Begley levantou a mão. Ao mesmo tempo, Marilee ouviu um som estranho e Begley disse:

- O helicóptero está chegando. - E foi imediatamente para a porta.

- Espere! - Dora exclamou. Begley voltou. - Se Scott estiver lá em cima...

- Farei o possível para trazê-lo de volta são e salvo, sra. Hamer. Tem minha palavra.

A sala pareceu ficar muito fria quando os dois agentes saíram. Marilee foi até a lareira, arrumou as toras com o atiçador e sentou na frente de Dora.

- Eles estão convencidos de que Scott teve alguma coisa a ver com o desaparecimento daquela moça - Dora disse.

Marilee apertou os braços contra o corpo, por causa do frio. Talvez fosse também um gesto subconsciente, uma tentativa de não deixar escapar a esperança tênue de que o bilhete de Scott não fosse uma nota suicida. Por motivos que ela nem sequer queria pensar.

- De Millicent para você - Dora disse, com desprezo. – Não sei qual é a pior.

- Não espero que compreenda.

- Ora, obrigada - Dora disse, com um riso amargo. - Porque eu não compreendo como uma pessoa decente e responsável, como você sempre pareceu ser, pode ter seduzido um garoto. Você é uma imagem de uma autoridade. Ele a admirava.

- Ainda admira.

Dora ignorou essa afirmação.

- Por sua causa, ele começou a sair de casa à noite, às escondidas. Era para vir para cá?

- Sim.

- Você não compreende o perigo que isso significava para ele?

- Compreendo - Marilee respondeu, contritamente. Olhou para as chamas e acrescentou: - Os riscos eram incrivelmente altos para nós dois.

- Mesmo assim, você o atraiu para sua cama. Marilee levantou a cabeça e olhou para Dora.

- Eu pareço uma femme fatale, capaz de atrair qualquer homem, sra. Hamer? - Marilee sorriu modestamente. - De modo algum. Scott respondeu a mim como eu respondi a ele. Reconhecemos uma necessidade de união.

- Para sexo.

- Sim. Havia paixão. - Ignorando a expressão de desgosto de Dora, continuou: - Mas fomos atraídos um pelo outro por mais do que isso. Faltava a nós dois algo essencial que o outro estava disposto... não, feliz... de poder dar.

- Ah, tenho certeza de que você serviu de válvula de escape para o desejo sexual do meu filho de dezoito anos.

- Sim, dei isso a ele - Marilee admitiu sem remorso. Ficou imaginando o quanto devia dizer. Devia dizer que se tornara a caixa de ressonância de Scott na noite

passada, quando ele finalmente se abriu e se queixou dos anabolizantes que Wes o obrigava a tomar?

Não foi a coisa mais chocante contada por ele, mas não seria cruel contar para Dora a traição de Wes? Talvez ela já soubesse. Mas, se não sabia, não estava no melhor estado mental para ouvir a história naquele momento.

Além disso, Marilee não era hipócrita. Quem era ela, depois de ser apanhada na cama com um dos seus alunos, para jogar pedras em Wes ou em qualquer outra pessoa?

Ela contou a verdade, mas não toda.

- Eu também aliviei a pressão do seu marido sobre Scott. Ouvi suas opiniões, seus pensamentos, seus sonhos, onde...

- Não procure melhorar a coisa, Marilee. Padres que abusam de garotos também ouvem suas confissões e dão absolvição. Você não passa de uma solteirona sexualmente reprimida que finalmente encontrou um parceiro.

- Está certa, é claro - Marilee admitiu tristemente. - Em todos os pontos. Meu único mérito é o fato de Scott já estar além da maioridade. No que concerne à lei, não tive relação sexual com um menor. Mas do ponto de vista ético, foi... - Não podia dizer que tinha errado. Jamais pensaria que era errado. - Foi inaceitável - ela terminou a frase.

Olharam para o fogo por vários minutos. Então Dora se inclinou para a frente, com os cotovelos nos joelhos. Apoiou o rosto nas mãos e ficou assim muito tempo, o bastante para as achas se transformarem em lascas em brasa, que precisavam ser atiçadas.

Então Dora abaixou as mãos e olhou para Marilee.

- Você ama meu filho, não ama?

- De todo o coração - ela respondeu em voz baixa. - Mas não se preocupe, Dora. Não pense que pretendo dirigir a vida de Scott. Antes de começar, quando ele era apenas um lindo sonho acordada, eu sabia que se houvesse alguma coisa entre nós seria temporária. Reconheci que não devia e não podia durar. O tempo todo eu planejava sair da vida dele um dia, de modo que ele jamais sentisse constrangimento ou culpa em relação a nós dois.

Ela virou a cabeça e olhou tristemente para o fogo.

- Eu sabia que esse dia ia chegar. Sabia que partiria meu coração e possivelmente o de Scott também, embora eu esperasse poder evitar isso. Prevendo esse dia, eu guardava como um tesouro cada momento que estávamos juntos. Sabia que, se fôssemos descobertos, eu seria vilipendiada pelo resto da vida.

Mas não me importava. Pela primeira vez na vida desobedeci às regras. Vivia o momento e tentava não deixar que o medo do inevitável estragasse o tempo que passava com ele. Dei a Scott tudo que tinha para dar.

Marilee olhou outra vez para Dora.

- E faria tudo outra vez, sem o mínimo remorso.

As duas mulheres se entreolharam com total compreensão. Era difícil dizer quem se moveu primeiro porque as duas estenderam os braços e suas mãos se encontraram praticamente ao mesmo tempo. Ficaram assim, com as mãos firmemente enlaçadas porque não tinham mais nada em que se apoiar.

30

Espiando minhas fantasias.

Ele pôs a boca no mamilo dela e sugou, esfregou a língua até ela pensar que ia morrer de prazer. Quando passou para o outro seio, ele murmurou:

- Nua é muito melhor do que por cima da roupa.

- Mas mesmo completamente vestidos, você consegue encontrar tudo.

- Tenho um aparelho de rastreamento de calor embutido em mim.

- Deve ter mesmo. - Lilly deu um sorriso sedutor e deslizou a mão pela barriga dele, segurou seupênis e começou a massagear. - Eu vi você se lavando - ela confessou, murmurando baixinho.

Ele franziu a testa como se não entendesse.

- No vidro da janela. Seu reflexo. Foi por acaso que eu vi, mas... com os lábios nos dela,, ele murmurou:

- Mas o quê?

- Fiquei toda quente e excitada.

- O que você está fazendo agora me deixa quente e excitado.

Apertando e massageando, Lilly provocou nele uma ereção completa outra vez. Ela passou o polegar na cabeça macia, pressionou a parte mais sensível e ele gemeu.

- Meu Deus, Lilly.

- Este é um belo instrumento.

- Não é o único.

Entre os cobertores desarrumados, ela perdeu a noção exata de como ele tinha se enfiado entre as suas pernas, com as mãos sob seus quadris, puxando-a para

cima, para sua boca e para o outro rastreador de calor, a língua dele. Tudo provocava em Lilly sensações eróticas que ela jamais pensou serem possíveis, e criava um nível de intimidade que ela não sabia que indivíduos distintos podiam partilhar.

Será que tinha realmente gritado o nome dele? Ou só pensou que tivesse gritado? De qualquer modo, o nome dele ecoou alto dentro da sua cabeça, do seu coração.

Minutos depois, quando ele já estava profundamente dentro dela outra vez, Lilly ergueu os olhos para ele e telegrafou um milhão de coisas que queria dizer mas não tinha palavras.

Ele sorriu com ternura. Tinha compreendido. Tierney compreendia tudo.

Quando Lilly voltou a si, estava outra vez na sala da cabana. O fogo crepitava na lareira, por isso não sentia frio. A bem-vinda luz do sol entrava por uma das janelas, com a cortina toda aberta. Sentia uma dor leve no pescoço. E estava algemada.

Tierney!

Deus, tinha sonhado com ele, com a noite passada, quando fizeram amor. Um soluço de humilhação e de ultraje escapou dos seus lábios, mas não ia se entregar a esses sentimentos agora. Deixaria para depois. Se sobrevivesse.

Olhou em volta aflita e tentou ouvir algum som dos movimentos de Tierney na cabana, mas logo se convenceu de que estava sozinha, sentada no chão, embaixo do bar que separava a cozinha da sala. Presa com algemas num suporte de metal na parte inferior do balcão. Suas mãos estavam dormentes por falta de circulação e deve ter sido isso que a fez recuperar a consciência.

Ficou de joelhos para dar aos braços um pouco de espaço e bastante alívio. Seus inaladores estavam sobre um banquinho do bar perto dela, ao alcance dos seus dedos.

Ao lado havia um copo com água. Quanta consideração. Tierney queria que estivesse bem hidratada e respirando bem para matá-la.

Que escolha ele tinha? Lilly tinha selado seu destino ao encontrar o corpo de Millicent no barracão.

Ele era o Azul.

As explicações dele para as algemas e todo o resto tinham sido, de fato, tão falsas quanto pareciam. Ele devia estar no alto da montanha para dispor do corpo quando a tempestade o forçou a adiar a missão. Escondeu o corpo no lugar mais

conveniente - a caixa de ferramentas. E quando voltava para o carro, Lilly o surpreendeu na estrada.

Tudo que ele fez e todas as suas evasivas a partir daí eram sinais evidentes de culpa. Como podia ter acreditado na inocência dele um minuto que fosse, quanto mais uma noite inteira? A resposta era simples. Ela queria acreditar.

Ela o desejava. Toda a bondade e sacrifício dele, aquilo de arriscar a vida na véspera, essas coisas todas pareciam incompatíveis com um homem que depois ia querer matá-la.

Um astuto modus operandi. Ele agia como se fosse amigo das suas vítimas. Abusava da sua capacidade de sedução até provocar um estupor romântico. Fazia amor delicado com elas. Mas em determinado momento, o amor carinhoso se transformava em violência.

Lilly tinha visto apenas de relance o rosto de Millicent, antes de se virar horrorizada, mas ficou gravado em sua memória. Millicent não tinha morrido no auge da paixão. Fora sufocada até a língua sair da boca e os olhos saltarem das órbitas. O assassino foi cruel e impiedoso. Ela não morreu rapidamente. Sua agonia foi lenta e terrível.

Esse pensamento encheu Lilly de terror, mas também com o propósito de não ser a próxima vítima de Tierney.

Onde ele estava e quanto tempo ia demorar para voltar? Será que estava dispondo dos restos de Millicent, antes de voltar para ela? O que quer que ele estivesse fazendo precisava ser rápido. Tinha um prazo para cumprir. Ele mesmo tinha dito que Dutch ou outra pessoa tentaria chegar até a cabana naquele dia.

Quando, quando, quando?

Ela deu um tranco com os braços, mas sabia que era inútil tentar se livrar das algemas. Se Tierney não tinha conseguido, que chance poderia ter? Deus, será que tinha realmente beijado a pele esfolada dos pulsos de Tierney e os arranhões de suas unhas nas costas da mão dele?

Não podia pensar nisso agora. Nem em nada do que tinham feito no conforto e na intimidade dos cobertores. Isso tinha sido a noite passada. Agora era hoje. Não ia morrer de vergonha. Não ia morrer, ponto final. Sobreviveria.

Estendeu o braço para alcançar os prendedores do suporte que prendia as algemas debaixo do balcão. Se conseguisse soltar pelo menos um deles, poderia se livrar das algemas. As mãos continuariam algemadas, mas ia poder fugir.

Experimentou os parafusos. Nenhum deles rodava, mas ela tentou assim mesmo. Quebrou as unhas e feriu as pontas dos dedos. Depois de cinco minutos admitiu que era inútil. Não tinha soltado nenhum deles. Tudo que conseguiu foi ficar respirando com dificuldade e com a ponta dos dedos sangrando.

Se não descobrisse outro modo de escapar - e não conseguia pensar em nenhum -, ia depender da chegada de alguém. O que aconteceria então?

Tierney teria de matá-la rapidamente para poder fugir? Ou a usaria como refém enquanto negociava os termos da sua rendição? Se ele a matasse ou não, será que ia tentar evitar a prisão e acabaria morrendo por isso?

E ela ia morrer olhando para ele, implorando com os olhos para que poupasse sua vida, como eles tinham implorado na noite anterior para que a fizesse se sentir viva outra vez, depois de um sono de quatro anos de luto?

Ou será que ela ia vê-lo imóvel num monte de neve vermelha com o sangue dele?

Não tinha certeza de qual dessas duas imagens a fazia chorar.

Mas as lágrimas secaram de repente quando seu celular tocou.

- Merda! - exclamou Dutch - estou ouvindo a caixa de mensagens dela. Por que ela não atende?

A viagem para o topo da montanha estava sendo mais demorada do que esperavam e a paciência de Dutch tinha acabado há muito tempo. Ele conhecia a estrada, mas a superfície estava coberta por uma camada alta de neve, gelo em alguns lugares, o que tornava perigoso cada metro do caminho. Os curtos trechos em linha reta não eram mais seguros do que as curvas fechadas. Ele e Wes não tinham muita experiência com snowmobiles. Na sua opinião, eram veículos de difícil manejo e não confiáveis.

Os óculos de esquiar tinham comprimido profundamente o rosto dele. Estava tão inchado que o nariz e a face se confundiam numa massa só. Alguns ferimentos já estavam inflamados. Para aliviar a dor latejante experimentou tirar os óculos, mas a luz do sol ardia nos olhos e ele teve de pôr os óculos de novo.

Ali na face ocidental da montanha o vento era muito mais forte. Transformava a neve em dervixes gelados que eles nem sempre podiam evitar. A temperatura era impossivelmente fria, mas os guidões aquecidos dos snowmobíles impediam que suas mãos congelassem. Tinham de seguir em fila única, revezando-se na frente.

Wes, que no momento era o primeiro, fez sinal para parar.

- Preciso mijar.

Dutch, irritado com a demora, aproveitou para verificar seu celular. Viu que estava funcionando, tirou a luva rapidamente e digitou o número de Lilly.

Wes voltava lentamente na neve quando ouviu Dutch perguntar retoricamente por que ela não atendia o telefone.

- Tente outra vez - ele disse.

Dutch ligou outra vez e foi a mesma coisa.

- Não tire conclusões apressadas, Dutch. Só porque ela não atende o telefone não quer dizer que... bem, você sabe. Pode significar muitas outras coisas.

Dutch concordou, mas sem muita convicção. Sempre otimista, Wes acrescentou:

- Ela pode ter tentado ligar para você.

Dutch fez sombra com a mão no visor do celular para ler as mensagens. Não havia nenhum chamado do telefone de Lilly, mas três da delegacia de polícia, em intervalos de um minuto. Seus homens deviam estar querendo saber onde ele estava. Digitou o número com relutância. Foi atendido imediatamente, mas ruídos de fundo prejudicavam a conexão.

- Chefe? - disse o despachante. - Pode me ouvir? Estava brincando? Dava para ouvir lá na China!

- ... à sua procura. O... helicóptero do... BI pousou... campo de futebol da escola... depressa, senão... vão... sem o senhor.

Dutch desligou. Mais tarde poderia alegar que a ligação estava horrível, que não tinha entendido o recado da chegada do helicóptero.

- Begley conseguiu o helicóptero - Wes disse, depois de escutar a voz excitada do despachante.

Dutch assentiu carrancudo, tentou o celular de Lilly outra vez e xingou quando ouviu o começo da mensagem da caixa postal.

- Eu não entendo - ele disse irritado. - Ela não está ansiosa para ser resgatada?

- Ela não sabe que Tierney é o Azul - Wes lembrou.

- Eu sei, mas ela está...

- Espere! - Wes levantou a mão. - Ouviu isso?

- O quê? -Shh!

Dutch levantou o lado do boné que cobria a orelha, mas tudo que ouviu foi o assobio do vento e de vez em quando a queda de um monte de neve soprada pelo vento de algum galho de árvore. Depois de trinta segundos ele disse:

- Não ouço nada.

- Agora eu também não estou ouvindo. Mas acho que escutei alguma coisa.

- Parecia o quê?

- Parecia um desses aqui.

- Snowmobile? Não pode ser. De qualquer modo, não é o Ritt. Estou com as chaves dos quatro.

No chaveiro que William tinha dado para ele havia quatro chaves, de quatro snowmobiles. Na garagem separaram rapidamente as chaves que iam precisar para os veículos escolhidos, por eliminação. O chaveiro continuava no bolso do seu traje de esqui.

Wes balançou a cabeça.

- Acho que foi imaginação minha. Essas coisas são tão barulhentas que acabam afetando a nossa audição. De qualquer modo, você dizia que Lilly está...

- Está lá em cima há dois dias. Presa pela nevasca. Sem luz. Por que não está com o celular na mão, esperando tocar, tentando ligar?

- É estranho mesmo - Wes admitiu. - Mas talvez o celular dela não esteja funcionando lá em cima. A bateria pode estar descarregada, morta.

- Ou então *ela* pode estar.

- Dutch...

- Pode estar ferida.

Ou então na cama com Tierney, detestando a intromissão do toque do celular. Talvez não a encontrassem ferida, mas cheia de saúde e ronronando, bem saciada. Olhou para Wes, certo de que ele pensava a mesma coisa.

- Se fosse possível, ela ia tentar ligar para você, Dutch, tenho certeza disso.

Antes de ceder à tentação de empurrar Wes rochedo abaixo por tratá-lo como se ele fosse um doente mental, Dutch calçou a luva de esqui de novo.

- Se você vai continuar na frente, trate de seapressar. Wes começou a andar para o seu snowmobile.

- Não posso ir mais depressa. Essas curvas fechadas são violentas.

- Você sabia disso quando se ofereceu para vir comigo. E por falar nisso, por que se ofereceu?

Wes parou e virou para ele.

- O quê?

Dutch puxou os óculos para a testa e ficou olhando para Wes, esperando a resposta.

- O quê?

- Por que está fazendo isto, Wes? Não me entenda mal. Quero pegar o Tierney, seja ele o Azul ou não. Mas e você, o que ganha com isso?

Wes balançou a cabeça, sem compreender.

- Não estou entendendo.

- Está sim. Não banque o burro. Você fez de tudo, exceto chupar o meu pau, ontem à noite, para me convencer a ir atrás de Tierney. Quero saber por quê.

- Eu expliquei. Você merece a glória de capturá-lo, não o FBI. Eu me esquento no calor do seu sucesso. Não há nada de errado nisso, não é?

- É, não há nada de errado nisso. Mas acho que você tem outro motivo. E acho que tem a ver com Scott.

- Scott?

- Você já devia saber, Wes, que quanto mais inocente quiser parecer, mais aumentam minhas suspeitas. Você está me manipulando? Como eu disse, quero pegar o Tierney de qualquer jeito. Só que antes eu quero saber se estou bancando o idiota. - Ele olhou carrancudo para Wes. - Scott teve alguma coisa a ver com o desaparecimento daquelas mulheres?

- Certo. Ah, é. Como se ele tivesse o maior tesão pela Betsy Calhoun. É. Ele sempre ficou de pau duro quando via meias de varizes.

- Não estou brincando.

- Se não está brincando, você enlouqueceu. Aquele psiquiatra em Atlanta devia ter marcado mais uma hora para você.

- Tem alguma coisa acontecendo com o seu filho.

- Ele está transando com a professora de inglês dele! Isso o deixa um pouco nervoso, não acha?

- E só isso?

- E não basta?

- Ele fez alguma coisa com a Millicent?

- Como pode pensar isso? Você o conhece desde que ele nasceu.

- Conheço você há mais tempo. - Dutch entrecerrou os olhos.

- Diga a verdade, Wes. Scott é o nosso culpado?

- Não vou nem me dar ao trabalho de...

- Você está protegendo o Scott?

- Não!

- Conheço você, Wes.

- Não conhece merda nenhuma!

- Você está protegendo alguém.

- Eu estou me protegendo!

Dutch recuou alguns passos e olhou boquiaberto e incrédulo para o velho amigo. Ficou com a boca seca.

Wes respirou fundo, olhou para a linha das árvores à direita da estrada, depois para Dutch.

- Eu estava trepando com ela.

- Conheço você, Wes. Desconfiei disso.

- É, bem. - Wes fez um resumo do seu breve caso com Millicent e das conseqüências. - Scott não quis mais saber dela depois disso e assim o meu plano para acabar com o romance dos dois funcionou como mágica. O que eu não pude

prever foi o desaparecimento de Millicent. Não tive nada a ver com isso. Scott também não. Mas devo dizer, amigo, que a investigação do desaparecimento me deixou nervoso porque cretinos como Begley estão examinando a vida dela com um microscópio, à procura de segredos. Seria muito inconveniente para o meu modo de vida se nosso triângulo amoroso se tornasse um escândalo público. E isso não é tudo. Eu não ia querer que os federais, a família dela ou qualquer outra pessoa descobrissem que um de nós - ou talvez outro cara, quem sabe? - a tinha engravidado. Não importa quem foi, mas foi para mim que ela veio choramingar, dizendo que o filho era meu. Meu talão de cheques era o melhor, você sabe. E era eu quem mais tinha a perder se não pagasse. Scott nem sabe desse filho. Graças a Deus, ela o perdeu por causa da anorexia, antes de poder concretizar a ameaça de tornar o caso público. Scott, eu, ela, a merda toda.

- Caramba.

- É. Já seria péssimo se alguém soubesse disso na última primavera. Mas já imaginou que monte de merda iam jogar no ventilador se isso viesse a público agora? Mesmo que eu escapasse da ira de Ernie Gunn, e ele é danado de bom com uma arma de fogo, Scott e eu seríamos os primeiros na lista de suspeitos do FBI. Íamos acabar sendo inocentados, é claro, mas o estrago estaria feito. Meu casamento arruinado e a minha carreira de treinador também. Não importa quantos campeonatos meu time ganhou, a diretoria da escola não ia aceitar o fato de eu ter trepado com a líder da torcida. Millicent não foi a primeira. E também não deve ser a última. Sou bastante homem para admitir os meus defeitos. - Wes franziu a testa, desgostoso. - Mas esse caso fugiu do meu controle. Millicent era também namorada de Scott, estava grávida e abortou, e agora está desaparecida. E isso só quer dizer problema, encarado de qualquer ângulo. Por isso estou ansioso para esse caso do Azul ser resolvido logo e para toda essa investigação maldosa da vida de Millicent acabar.

Wes parou para respirar.

- É isso aí, Dutch. Esse é o meu principal interesse no caso, além de querer ajudar meu velho companheiro e amigo. Sente-se melhor agora?

Dutch balançou a cabeça e riu com ironia.

- Eu devia saber que tinha alguma coisa a ver com o seu pau. Wes abriu os braços, e disse, com seu maior e mais inocente sorriso:

- O que eu posso dizer?

- Não vou querer te enganar, Wes, mas você me assustou. Wes bateu no ombro de Dutch.

- Vamos pegar aquele filho-da-mãe.

Mas quando Dutch se virou e foi para o snowmobile o sorriso de Wes desapareceu.

Lilly teve vontade de gritar de tão frustrada que ficou quando seu celular começou a tocar pela segunda vez. O telefone estava na mesa de centro, bem à vista mas fora do seu alcance. Tierney tinha cuidado disso.

Se Dutch recebeu sua breve mensagem duas noites atrás, devia estar histérico para chegar até ela, sabendo que ela estaria o tempo todo com o Azul.

Mas podia não ser Dutch no celular.

A ligação que fez podia não ter sido concluída e ele podia não ter recebido a mensagem. Como tinha dito para Tierney na noite anterior, talvez Dutch estivesse pensando que ela estava a salvo, em casa, em Atlanta, aqueles dois últimos dias. Lilly deixou bem claro que sua vida com ele tinha acabado. Se Dutch tinha acreditado dessa vez, não ia mais querer saber dela.

Mas quando seu celular começou a tocar pela terceira vez, ela rezou para que fosse Dutch, ou alguém, qualquer pessoa, que pudesse encontrá-la antes de Tierney voltar.

A respiração de Tierftey era ruidosa e difícil. A nuvem de vapor que formava na frente do seu rosto às vezes era bem compacta, a ponto de prejudicar a visão. Seu coração parecia estar inchado, ocupando o peito todo.

Tinha resolvido ignorar o tornozelo torcido, mas naquele momento o domínio da mente sobre a matéria não estava funcionando. O tornozelo ficava mais fraco e mais dolorido a cada passo. Só conseguia suportar a dor porque estava fugindo para salvar a vida.

No momento em que disseram seu nome no rádio, ele virou um alvo. Cada homem, cada mulher e cada criança em Cleary queria seu sangue e não hesitaria em desafiar a autoridade do FBI para conseguir. Se Dutch Burton tinha recebido a mensagem e sabia que Lilly estava presa no alto da montanha com ele, ele estaria na frente desse bando sedento de sangue.

Por isso tinha evitado a estrada Mountain Laurel e se embrenhado pela floresta. Se alguma equipe de busca e resgate de Cleary estivesse tentando chegar até Lilly - e até o Azul - sem dúvida usaria a estrada principal.

Pela experiência da véspera, ele sabia o que esperar quando resolveu fugir. Mas o fato de saber que seria dificílimo não facilitava nada. Precisava se mover com rapidez e com cuidado, e essas duas coisas eram irreconciliáveis. Tinha medo de se machucar de novo, mas temia muito mais o furioso bando de atiradores.

Finalmente chegou ao seu primeiro destino, a estrada na face ocidental da montanha. Aliviado por ter conseguido chegar até ali, encostou em uma árvore e respirou avidamente, só que o ar estava tão frio que respirar era doloroso. Bebeu da pequena garrafa de plástico que tinha enchido antes de sair da cabana.

Tinha passado só uma vez por aquela estrada, de carro. Sabia que quase não era usada devido ao seu estado precário e que devia estar praticamente intransitável agora, com o acúmulo de gelo e de neve, e por isso imaginou que estaria deserta.

Outra vantagem era que a estrada não passava pela rua Principal como a outra. Quando chegasse ao fim dela, no sopé da montanha, estaria a alguns quilômetros do centro da cidade e com menor possibilidade de ser visto antes de alcançar algum lugar onde poderia pensar no que fazer.

Tirou o celular do bolso do casaco. Já estava funcionando, mas a bateria estava descarregada por ter ficado ligado dois dias inteiros. Não dava para usar. Mas, como o serviço já estava em ordem, todos podiam ligar. Isso era desvantajoso para ele. Hora de prosseguir.

Saiu do abrigo das árvores para a estrada. O caminho era difícil, mas não tanto quanto na floresta. Abaixou a cabeça para se proteger do vento forte que atravessava suas roupas inadequadas. A claridade era tão intensa que quase tinha de fechar os olhos para enxergar. Concentrou-se em pôr um pé na frente do outro. Não podia favorecer nem seu lado direito nem o esquerdo, os dois doíam muito.

Procurava não pensar em Lilly.

Se pensasse, podia acabar desistindo da decisão de deixá-la. Na verdade, ele não teve escolha. Não podia levá-la com ele. Merda, por que Lilly tinha ido lá para o barracão e aberto aquela caixa de ferramentas? Ela...

Parou de repente para ouvir, torcendo para estar enganado. Além do ruído da sua respiração ofegante e do uivo do vento, percebeu um outro som. Um veículo motorizado que se aproximava. Um snowmobile? Não, não era só um. Eram pelo menos dois. O barulho foi crescendo, chegando mais perto. Não, não estavam chegando. *Estavam ali mesmo*!

31

Os rotores criavam um ciclone de neve e de pedras de gelo. Dele surgiu um homem com um traje Nomex negro e botas que pareciam profissionais. Coragem e determinação podiam ser seus sobrenomes. Marchou para Begley e Wise que estavam na lateral do campo dos Fighting Cougars, na linha dos trinta metros.

- Bom-dia, senhor - ele disse para Begley, gritando por causa do barulho do helicóptero.

- Collier - Begley disse, e apertou a mão dele.

Hoot conhecia a reputação de Collier. Era um agente muito respeitado, treinado em Quantico, no ano anterior, em tática e resgate de reféns. Diziam que tinha se candidatado ao Grupo de Resposta a Incidentes Críticos. Apenas os melhores e mais durões dos durões eram selecionados para aquele grupo de elite.

- Conhece o agente Wise?

- Só de vista.

O homem apertou a mão de Wise com a luva de couro de dedos cortados para facilitar o manejo do gatilho. Era o mais perto que Hoot já tinha chegado daquele artigo de vestuário.

- O agente especial Wise tem mapas e cartas topográficas da montanha - Begley disse.

- Obrigado, senhor. Trouxemos os nossos também.

- São quantos a bordo?

- Dois homens da minha equipe, mais o piloto. Ele é um dos nossos.

O helicóptero Bell pertencia ao departamento de polícia de Charlotte. Já o tinham usado antes, e Begley gostava dele. Era rápido, ágil, seguro. Sabia que tinha

sete lugares, contando com o do piloto. Ele fez o cálculo. Se pegassem Lilly Martin e Tierney, não teriam espaço para todos na viagem de volta. Alguém teria de ser deixado para mais tarde. Mas era uma viagem tão curta que não via nenhum problema nisso.

- Pelo que eu soube, a missão é resgatar uma civil e um elemento perigoso? - perguntou Collier.

- Não sabemos se ele é um elemento perigoso. Neste momento é apenas uma missão de resgate. Nós vamos ver o que acontece quando chegarmos lá.

-Nós?

- Hoot e eu também vamos.

- Não há necessidade, senhor. Podemos comunicar...

- Negativo - Begley disse, antes do homem terminar a frase.

- Nós vamos.

Todos sabiam que não se discutia com um agente especial que assumia jurisdição e comando, requisitava helicópteros, recrutava assistência de outras agências e fazia o que era necessário para completar com sucesso e segurança uma missão, que só tinha de dar satisfações para o quartel-general quando falhava.

Collier olhou para os sobretudos e para os sapatos dos dois.

- Não trouxemos roupas extras.

- Nós vamos assim mesmo.

- O frio está de rachar, senhor.

- E nós estamos perdendo tempo. - Begley encarou Collier com dureza, e este, com toda a sua valentia, cedeu.

- Certo, senhor, mas é bom saber que essas correntes de vento são perigosas. Vai ser uma viagem muito turbulenta.

- Obrigado pelo aviso.

Begley passou por Collier e seguiu para o helicóptero. Hoot e Collier foram atrás, rápido. Collier olhou para Hoot, mediu-o de cima a baixo e obviamente achou que faltava muita coisa.

- Eu não sabia que tinha feito algum treinamento.

- Treinamento para quê?

- Para esse tipo de missão.

- Não fiz.

Hoot adivinhou o palavrão silencioso na testa franzida de Collier. Ter um homem sem treinamento na equipe era o modo mais rápido de um oficial da SWAT morrer no cumprimento do dever.

- Nenhum?

Hoot balançou a cabeça.

- Então fique fora do caminho e não faça merda.

- Não pretendo fazer.

- Está com medo?

- Me borrando todo - Hoot gritou, inclinado embaixo das lâminas das hélices que giravam. - De Begley.

Wes parou outra vez. Dutch, que ia logo atrás, quase bateu nele.

- Porra, Wes!

- Vi alguma coisa lá na frente. Escondido no meio das árvores.

Dutch olhou para a floresta.

- Tem certeza?

- Por ali. - Wes apontou.

- Um veado talvez?

- Não, só se fosse um veado de duas pernas. Era um homem, Dutch. Tenho certeza. Saí da curva e vi quando ele desapareceu entre as árvores. À esquerda daquela pedra.

Você acha que é o Tierney?

- Mostre o lugar.

Levaram os snowmobiles para perto da pedra com uma cascata congelada no topo.

- Eu estava certo - disse Wes, apontando.

As pegadas na neve fofa seguiam a estrada até a primeira curva antes de desaparecer. Ali elas viravam em ângulo reto para a floresta, como se aquela pessoa tivesse ouvido a aproximação dos veículos e procurado imediatamente refúgio entre as árvores.

- Tem de ser o Tierney - Wes disse, ofegante, excitado. -

Querm mais podia ser?

Dutch tinha de concordar. Desligaram os motores ao mesmo tempo e desceram dos snowmobiles. Tiraram os rifles das capas que levavam nas costas. Embora tivesse verificado sua arma cuidadosamente antes de partir, Dutch fez questão de verificar outra vez. Estava carregada. Pronta. Wes fez a mesma coisa, como hábil caçador que era. Dutch verificou também a pistola nove milímetros e pôs uma bala na agulha.

Não tinha dúvida agora de que Tierney era o culpado que procuravam, Wes tinha explicado seu interesse especial no desaparecimento de Millicent. Dutch,

aliás, nunca acreditou que Scott fosse capaz de cometer um ato criminoso. Suspeitava que, a despeito dos seus músculos, era muito covarde e inseguro para cometer um crime, que dirá cinco seqüestres. Mesmo assim, a explicação de Wes o tinha livrado de uma preocupação. Tierney era seu homem.

Se não era, por que tinha fugido para a floresta? Estava isolado dois dias na montanha. Seus recursos deviam ser limitados, e era provável que estivesse ferido.

Não devia correr para eles, fazendo sinal para que parassem, feliz ao vê-los, grato pela ajuda? Por que evitava o resgate? A menos que o resgate também significasse captura.

Dutch estava preparado. Ligou o radiotransmissor-receptor.

- Fique com o seu à mão para o caso de nos perdermos um do outro.

Wes bateu a mão nos bolsos depois olhou consternado para Dutch.

- O que foi?

- Acho que eu não trouxe o meu.

- Você está brincando.

Wes descalçou as luvas e bateu com as mãos nuas em todos os bolsos.

- Devo ter deixado na casa do Ritt ou na garagem. Lembro que verifiquei o volume logo depois que você me deu. Depois disso...

- Não importa. Vamos.

Wes foi na frente, saiu da estrada e subiu a encosta íngreme. Apoiado no penhasco coberto de neve, virou para trás e estendeu a mão para Dutch. As pegadas de Tierney estavam claramente marcadas na neve.

- Ele nem sequer está tentando esconder seu rastro - disse Wes.

- Não poderia, nem se quisesse. - Dutch olhou para Wes e, pela primeira vez em muitos dias, sorriu. - Se isso não é sorte, o que é então?

Eles tinham a vantagem de estar descansados. Tierney sabia disso e redobrou os esforços para se manter bem à frente. Tinha saído da cabana havia mais de duas horas.

A não ser pelo breve descanso, seguia caminhando nas piores condições possíveis, e lutava contra uma profunda fadiga.

Não parou para identificar os dois homens nos snowmobiles antes de fugir para a floresta. Adivinhara quem eles deviam ser, e estava certo. Os dois gritavam seu nome constantemente, e ele reconheceu as vozes. Dutch Burton e Wes Hamer. Ambos fortes e atléticos. Também tinha quase certeza de que nas últimas quarenta

e oito horas nenhum dos dois tinha sido atropelado por um carro, sofrido uma concussão, um ferimento na cabeça, ou estava com uma luxação no tornozelo.

E muito provavelmente nenhum dos dois tinha feito amor quase a noite inteira também.

Quanto à força, eles definitivamente tinham toda a vantagem. Mas não eram mais inteligentes do que ele. Bons rastreadores teriam ficado de boca fechada para não alertá-lo da sua posição ou das distâncias entre eles. Apesar de viverem alardeando suas habilidades de caçadores, tinham muito que aprender na hora de perseguir a presa. Talvez pensassem que uma presa humana reagiria de modo diferente ao barulho.

Mas não se engane, Tierney., ele pensou, a *presa* é *você*.

Qualquer dúvida a esse respeito era desfeita com os apupos zombeteiros de Wes e as terríveis ameaças de Dutch, que ecoavam fantasmagoricamente na floresta coberta de neve. Exatamente como Tierney temia, eles queriam o Azul morto ou vivo. Suspeitava que preferissem a primeira hipótese, especialmente Dutch Burton, que berrava algumas insinuações obscenas sobre ele e Lilly.

Dutch usava um distintivo, mas Tierney sabia que isso não ia impedi-lo de atirar no seu coração se tivesse oportunidade. Além de ser um policial encarregado de manter a lei e proteger os direitos civis dos indivíduos, Dutch era um marido ridicularizado, cuja ex-mulher havia passado duas noites isolada do mundo com outro homem.

Se tivesse Tierney na mira do seu rifle, puxaria o gatilho com a maior satisfação.

Os dois perceberam que Tierney estava enfraquecendo, e isso os animou. Tierney não parou para olhar para trás, mas sabia que eles estavam se aproximando. O barulho dos movimentos dos dois pela floresta ficava cada vez mais próximo. Para eles, era mais fácil. Tierney tinha de abrir caminho. Tudo que precisavam fazer era segui-lo.

Ele pensou em se esconder e resistir. Tinha uma pistola ainda carregada, faltava apenas a bala que Lilly tinha usado contra ele. Mas o alcance daquela arma, apesar de respeitável, não se comparava ao de um rifle. E eram dois rifles. Um podia apontar para ele, enquanto o outro atacava pelo flanco.

Tinha medo também de parar e não ser mais capaz de se mover. Sua resistência estava quase no fim. Na véspera, pensou que tinha acabado quando foi pegar o remédio de Lilly, mas agora estava realmente a ponto de cair. Era pura força de vontade que o mantinha de pé.

No momento em que decidiu que para ter alguma esperança de sobreviver precisava se manter em movimento, um galho perto da sua cabeça se partiu. Um milésimo de segundo depois ouviu o tiro.

Tierney mergulhou na neve e rolou para trás de uma rocha,

- Tierney, acho melhor você desistir - Dutch Burton gritou.

Ele não era tolo para levantar a cabeça a fim de ver de onde vinha a voz, mas ouvia os dois correndo entre as árvores, cada vez mais perto. Um avançava pela direita e o outro pela esquerda. O importante era que estavam se aproximando. Ele estava encurralado.

Ali parado, ele sentiu o quanto estava dolorido. Cada célula do seu corpo gritava de agonia. Mal podia respirar. Estava morrendo de fome.

- Sabemos que você é o Azul. O FBI confirmou com o material encontrado no seu quarto.

Tierney já imaginava isso. Eram provas circunstanciais, mas bastavam para um marido ciumento querer acabar com ele e só mais tarde se preocupar com a quebra do procedimento legal.

Tierney não ousava falar para não virar um alvo fácil. Mal respirava. Não ouvia mais nenhum movimento. Eles tinham parado. Deviam ter decidido esperá-lo aparecer.

Os três ficaram alguns minutos no mais absoluto silêncio.

Finalmente um barulho quebrou o silêncio, e Tierney identificou logo. Era outro snowmobile. O som era distante e, como havia milhões de superfícies para ricochetear até chegar a ele, era impossível determinar de onde vinha.

Embora continuassem calados, Tierney sentiu que Dutch e Wes tinham escutado também. Será que alguém podia ter chegado a pé e pegado um dos snowmobiles? Será que os dois estavam pensando como iam transportar o corpo dele para a cidade só com um snowmobile?

Seriam muito burros de não aproveitar a distração provocada pelo barulho inesperado.

Nunca os acuse de burrice.

Acima do zumbido do snowmobile, cada vez mais fraco, ele ouviu o som inconfundível de um graveto sendo quebrado por pés. Um deles se aproximava à sua direita. A uns trinta metros dele, talvez mais. Talvez menos. Mesmo um péssimo atirador não erraria o alvo daquela distância.

Ouviu um ruído mais leve à esquerda. Um bloco de neve caindo suavemente no chão. Teria sido o vento ou um deles esbarrando num galho mais baixo, fazendo a neve cair?

Tierney prendeu a respiração e prestou atenção. Não ouvia mais o snowmobile. Nem sequer ouvia a própria respiração. O cachecol cobria sua boca para que o vapor não o denunciasse.

Onde quer que estivessem, a distância que fosse do seu esconderijo, pareciam satisfeitos com suas posições. Não se moviam. Podiam esperar.

Mais uma vez esperaram. Os três. Em silêncio. Esperaram que alguém fizesse o primeiro movimento.

Então outro som quebrou o silêncio. A batida das lâminas de um helicóptero. A polícia de Cleary certamente não tinha um helicóptero. Tinha de ser de uma agência estadual do FBI. Em todo caso, Dutch não atiraria nele a. sangue-frio na frente de testemunhas. Wes Hamer não contava. Ele daria apoio ao amigo, mentiria sob juramento em defesa dele. E vice-versa.

Até agora a floresta protegia Tierney como um bom abrigo. Mas de repente essa vantagem tinha passado para Dutch. Ele podia atirar agora e explicar mais tarde que

Tierney resistiu à voz de prisão, e não deixou outra escolha a não ser detê-lo com uma bala. Ou então ele podia alegar que Tierney os tinha atacado, obrigando-os a se defender. De qualquer modo, ele acabaria morto, e eles vingados.

Não, para sobreviver à fúria assassina do ex-marido de Lilly ele precisava sair para espaço aberto, onde pudesse ser visto por quem estava no helicóptero.

Desenhando mentalmente um mapa da montanha, Tierney sobrepôs uma estrada na outra, a principal e a da face oeste. Estava fugindo da estrada do oeste na direção genérica da outra. Mas até onde tinha ido? Até onde teria de correr para alcançar a estrada Mountain Laurel? Fosse qual fosse a distância, será que ia conseguir, com a pouca força que lhe restava?

Tinha de tentar. Dutch e Wes eram mais fortes e estavam melhor armados, mas Tierney tinha duas vantagens distintas. Seu senso inato de direção. E sua vontade de viver.

Antes que tivesse tempo de voltar atrás, ele se ajoelhou. Seus músculos, especialmente do tornozelo torcido, reclamaram até desse movimento simples. Mas ele se obrigou a ficar agachado e começou a correr outra vez, mantendo o corpo o mais baixo possível e procurando não ser notado, sem bater em galhos ou fazer qualquer barulho.

Esperava que Dutch e Wes perdessem tempo subindo no rochedo para pegá-lo desprevenido, e descobrissem com surpresa que ele não estava lá.

Era esperar demais.

- Dutch, à sua esquerda! - ele ouviu Wes gritar.

Tierney ergueu o corpo e começou a correr. Ou tentou. Suas pernas afundavam na neve, que em alguns pontos quase lhe chegava à cintura. Seus braços afastavam os arbustos cobertos de neve. Tropeçava em raízes escondidas e no mato rasteiro. Galhos duros de gelo fustigavam seu rosto.

Mas se os rosnados e gemidos dos que o seguiam indicavam alguma coisa, eles deviam estar tendo a mesma dificuldade que ele. Tierney sentiu o desespero que os impulsionava naquela caçada, e soube que tinha acertado - Dutch Burton queria acabar com ele antes de ser impedido pelos agentes do FBI.

Como já tinha acontecido uma vez, a estrada o encontrou quase antes de Tierney encontrá-la.

Quase sem aviso, ele chegou à margem íngreme do acostamento. Reflexos rápidos o salvaram de despencar dessa vez. Sentou e escorregou.

O sol brilhava na linha branca contínua. Depois da floresta escura, por um momento ficou meio cego com a claridade. Protegeu os olhos com a mão e procurou ansiosamente no céu o helicóptero. Pelo barulho, parecia estar bem em cima dele, mas Tierney não o via.

- Ben Tierney!

Wes e Dutch tinham saído da floresta e estavam na beira da estrada. Dois rifles apontavam para ele. Os canos longos e finos pareciam ameaçadores à luz do sol. Dutch estava com os dois olhos abertos. Wes também. Aqueles caras sabiam atirar. Sabiam acertar no alvo. Sabiam matar.

Como atirar em peixes em um barril.

Ele quase podia ouvir seu avô dizendo isso quando pôs as mãos em cima da cabeça. Deixou cair a pistola e chutou para longe.

- Estou desarmado!

- Perfeito. - Tierney leu a resposta nos lábios zombeteiros de Dutch antes dele puxar o gatilho.

- Lá está a cabana, senhor - Collier disse para Begley no seu fone de ouvido. Hoot também tinha recebido um. Como cortesia, tinha certeza disso. Não porque existisse qualquer motivo estratégico para ele estar ali.

-Vejam só. Eles conseguiram - Begley disse, apontando para o snowmobile na frente da cabana. - Pelo menos um deles conseguiu - falou para o fone de ouvido do piloto.

- Dá para pousar essa coisa?

- A clareira é muito pequena, senhor. com esse vento, vai ser difícil.

- Desça o máximo possível, usaremos as cordas - disse Collier. Mal acabou de sugerir isso, o helicóptero foi jogado para um lado por uma rajada de vento. O

piloto agiu rapidamente e evitou que o aparelho fosse derrubado. Na hora em que o helicóptero conseguiu se estabilizar, o bip de Hoot vibrou no seu bolso.

Ele tirou o aparelho do cinto por baixo do casaco. Perkins estava digitando o código que significava urgência. Hoot pegou seu celular e digitou o número de Perkins.

- Aqui! Estou aqui!

Lilly não parava de gritar desde que tinha ouvido o snowmobile se aproximando da cabana. Sabia que não podia ser ouvida por causa do barulho do motor, mas continuou a gritar até desligarem.

- Aqui! - ela gritou no silêncio repentino, com os olhos na porta.

- Sra. Burton?

Não se deu ao trabalho de corrigir o nome.

- Sim, sim, estou aqui.

A porta se abriu e um homem com roupa de esquiar entrou correndo.

- Graças a Deus, a senhora está bem.

- Sr. Ritt! - ela exclamou.

Ele tirou o capuz forrado de pele, descalçou as luvas, abaixou-se na frente dela e olhou para as algemas.

- Dutch e Wes não estiveram aqui?

- Não.

- Estavam vindo para salvar a senhora e pegar Tierney.

- Ele é o Azul. Acho que já deve saber. Ele disse que ouviu no rádio.

- Quem disse?

- Tierney.

- Então ele sabe que estão atrás dele?

- Sabe. Está vendo as chaves destas coisas? Ele começou a procurar na sala, e ela perguntou como tinham suspeitado de Tierney.

William Ritt fez um breve relato da visita dos dois agentes do FBI à sua loja na véspera.

- Não tenho certeza do tipo de prova que eles têm, mas deve ser incriminadora. Ficaram nervosos quando souberam que a senhora estava presa aqui com ele. Providenciaram uma equipe de resgate, mas houve um acidente e a estrada ficou definitivamente bloqueada.

- Esta manhã ofereci meus snowmobiles. Wes e Dutch pegaram dois e esqueceram isso.

Ele tirou uma espécie de transmissor do bolso.

- É um radiotransmissor e receptor. Ouvi Dutch dizer que precisavam dele para se comunicar. Então eu os segui, pensando que podia alcançá-los.

- Mas não encontrou os dois? William Ritt balançou a cabeça.

- Só os snowmobiles. Estavam abandonados na estrada oeste. Parece que seguiram a pé. Acha que foram atrás de Tierney?

- E possível. Ele só pode descer a montanha a pé... Nossos dois carros... - Balançou a cabeça impacientemente. - É uma longa história.

- Dutch e Wes certamente o encontraram. - William parou de procurar a chave. - Não estou vendo chave em lugar nenhum.

Ele deve ter levado.

- Tudo bem. Agora com alguém aqui, eu posso agüentar.

- Ele a machucou?

- Não. Só me deixou inconsciente esta manhã. - Lilly fechou os olhos um segundo e disse: - Encontrei o corpo de Millicent Gunn no nosso barracão.

- Ai, não! Isso é horrível!

- Acho que ela está morta há vários dias. A tempestade deve ter impedido Tierney de se livrar dele.

Lilly contou como atropelou Tierney, como voltaram à cabana para esperar o fim da tempestade de neve.

- Ele estava preocupado com a nossa sobrevivência, claro. Parecia gentil, nada ameaçador. Mas algumas coisas que ele disse não se encaixavam.

- O quê, por exemplo?

Ela deu vários exemplos das meias verdades de Tierney.

- Fiquei desconfiada e revistei a mochila dele. Encontrei estas algemas e um pedaço de fita azul. - Ela indicou movendo a cabeça. - Ali.

William pegou a mochila e tirou a fita de veludo azul de um dos compartimentos.

- Isto é uma prova decisiva contra ele.

- É indiscutível.

- Então por que ele a deixou aqui?

Antes que Lilly encontrasse a resposta para o que era, sem dúvida, uma boa pergunta, ela ouviu um barulho.

- É um helicóptero?

- Esse era o plano do FBI.

Lilly sentiu uma onda de alívio. Estava satisfeita de ver William Ritt e saber que a captura de Tierney não ia demorar. Mas se ele tivesse conseguido enganar Dutch e

Wes e voltasse para a cabana, o farmacêutico não representaria ameaça nenhuma para ele.

William foi até a porta e saiu para a varanda, mas antes mesmo de ele voltar para a cabana, Lilly se deu conta de que a reação do farmacêutico tinha sido lenta demais.

- Estão voando em círculos - ele disse. - Mas devem ter visto meu snowmobile.

- Devem estar procurando um lugar para pousar. Graças a Deus que chegaram.

- Amém. Tem noção da sorte que teve de escapar do Azul? Nenhuma outra escapou.

- A máscara da morte de Millicent. - Ela estremeceu. - Foi horrível.

- Posso imaginar que deve ter sido terrível para você encontrar o corpo na caixa de ferramentas daquele jeito.

Ela fez que sim com a cabeça.

- Mas acho que foi bom ter descoberto. A essa altura, Tierney sem dúvida já deve tê-lo tirado de lá, pode tê-lo enterrado enquanto eu estava inconsciente. Eu devia ter percebido que alguma coisa estava errada. Ele pareceu muito irritado quando mencionei o machado depois que ele saiu para... - Lilly parou de falar de repente.

- Saiu para quê?

- Lenha - ela respondeu com a voz rouca. - Ele saiu para pegar lenha. - Lilly tentou passar a língua nos lábios, mas a boca estava seca demais. - Sr. Ritt?

-Sim?

- Como... como sabia da caixa de ferramentas no barracão?

- Hoot?

- Você tem de gritar, Perkins. Estamos no helicóptero.

- *Vocês?*

- O que você tem para nós? -Tierney...

O resto da frase se perdeu quando o piloto executou uma descida em espiral que o prendeu contra o banco enquanto seu estômago continuava voando.

- Diga outra vez, por favor - Hoot gritou.

- Finalmente entrou em contato com a sra. Lambert.

- A mãe de Torrie Lambert?

- Afirmativo. Prepare-se para o choque.

Hoot pediu para Perkins repetir a mensagem três vezes até ter certeza de que tinha ouvido corretamente. Encerrou a ligação com um seco muito obrigado. Então falou nos fones de ouvido e interrompeu a discussão dos "caras da tática" sobre o melhor modo de chegar ao solo, dirigindo-se a Begley.

- Senhor - ele gritou. - Ben Tierney não foi, repito, não seqüestrou Torrie Lambert.

Begley virou a cabeça rapidamente.

Hoot deu de cara com o olhar de quebra-nozes.

- Ele é pai dela.

32

William Ritt não se abalou.

- Como disse?

A boca de Lilly estava mais seca do que palha. Falou com esforço.

- Eu disse que encontrei o corpo de Millicent no barracão. Não falei da caixa de ferramentas. Como sabia que havia uma caixa de ferramentas no barracão?

A falsa incompreensão durou um pouco mais, então ele balançou a cabeça tristemente.

- Não foi urn lapso muito inteligente de minha parte. Mas foi menos inteligente ainda você ter chamado a minha atenção para ele.

Lilly tentou engolir e não conseguiu.

- Quer saber, sra. Burton, ou srta. Martin, ou seja lá como se chama hoje. Sabe o que isso significa, não sabe?

A voz dele tinha mudado radicalmente, bem como a sua atitude. Não havia nada de agradável nele agora.

- Você é...

- O Azul. Sou. Apesar de não gostar muito desse apelido. O estampido de um tiro os surpreendeu. Olharam para a porta, mesmo sabendo que o som vinha de longe. Alguns segundos depois, William disse:

- Só um tiro. Dutch se diz ótimo atirador. Parece que é mesmo. Lilly aspirou o ar com um chiado.

-Tierney?

- Tierney. Agora está morto. Que golpe de sorte.

Tirou o rádio do bolso e ligou. O som era forte e com muita estática. Ele abaixou o volume.

- O que está fazendo? - Lilly perguntou. - Para quem está ligando?

- Escute só. Acho que vai gostar disso. bom, na verdade, creio que não vai gostar. Mas vai ter de admitir que é brilhante.

Aproximou o rádio da boca e apertou o botão lateral.

- Dutch? Dutch? - gritou, frenético. - Está me ouvindo?

Soltou o botão e olhou para ela enquanto esperava a resposta. Por vários momentos só ouviram o silvo do vento, então a voz de Dutch encheu a sala.

- Quem é?

Ele tornou a apertar o botão.

- William. Ouvi um tiro. Você pegou Tierney?

Ele soltou o botão do rádio quando Lilly abriu a boca para gritar. Devia ter antecipado que ela tentaria alguma coisa porque agiu muito rápido e cobriu a boca de Lilly com a mão.

- Ritt? Onde você está?

Lilly virou a cabeça com força para se livrar da mão dele. Não conseguiu e tentou morder a palma de Ritt. Ele apenas apertou com mais força, segurou a cabeça dela contra a parede embaixo do bar, enterrou os dedos dolorosamente na carne macia de seu rosto.

Ritt pegou outra vez o rádio, apertou o botão e fingiu um som que era um misto de acesso de vômito e soluço.

- Dutch, estou aqui, na cabana. Você pegou Tierney?

- Sim, peguei, ele caiu. Lilly está bem? Para efeito, a voz dele se embargou.

- Não, sua mulher está morta. Morta! Tierney a matou!

Tierney estava caído de costas. Quando abriu os olhos, o reflexo do sol na neve provocou uma dor intensa nos olhos, que se irradiou diretamente para o centro nervoso do seu cérebro.

Dutch, estou aqui, na cabana. Você pegou Tierney? Não, sua mulher está morta. Morta! Tierney a matou!

A voz parecia metálica, artificial. De onde vinha?

- O filho-da-mãe assassinou Lilly! - O rugido de Dutch Burton foi tão forte que provocou uma avalanche de neve dos galhos das árvores.

- Ele está se mexendo, Dutch! - Wes gritou. - Você só o feriu.

De repente Tierney'lembrou por que estava caído, por que seu ombro doía à beça. Todos os elementos chegaram juntos com a claridade de um flash, e o pior deles era que alguém tinha dito que Lilly estava morta e que ele era o responsável.

Quem podia dizer uma coisa tão completamente equivocada como aquela?

Só alguém que quisesse se proteger. Meu Deus, precisava voltar para ela.

Tentou se levantar. Uma onda de náusea encheu sua garganta, mas ele conseguiu engolir. Havia uma quantidade muito grande de sangue na neve. O rosto dele banhado de suor frio e todo pegajoso. O ombro parecia ter sido marcado com ferro em brasa. O que pareceu uma vida inteira devia ter sido apenas alguns segundos. Quando abriu os olhos de novo e encarou mais uma vez o brilho do sol, viu Dutch Burton jogar o rádio para um lado, a explicação para a origem da voz fraca.

Dutch saltou do alto da ribanceira como se fosse voar. Aterrissou na estrada com um golpe seco, mas isso não o deteve. Tierney mal teve tempo de levantar o braço bom antes de Dutch se atirar em cima dele e começar a socá-lo com os punhos fechados.

- Ouça, Dutch - Tierney disse, surpreso com a aspereza da própria voz. Duvidava que Dutch pudesse ouvi-lo. De qualquer modo, ele não ia mesmo parar para ouvir nada.

O chefe de polícia desfechou um gancho de direita que atingiu o rosto de Tierney. Deu para ouvir a pele rasgando. Seu sangue espirrou no rosto de Dutch. *O que tinha acontecido com o rosto dele?*

Tierney desviou o segundo golpe.

-Lilly...

- Você a matou. Seu desgraçado!

- Não! Preste atenção.

Mas Dutch já não ouvia mais nada. Seus olhos fuzilavam um ódio mortal. Tierney não tinha dúvida de que se não conseguisse se defender, aquele filho-da-mãe enlouquecido ia matá-lo.

Juntando forças que pensava não ter mais, Tierney começou não apenas a se defender do ataque, mas a revidar também. Tinha vários motivos para sentir raiva de Dutch Burton, e isso o abastecia com uma força renovada.

Dutch rolou para o lado tempo suficiente para Tierney tentar alcançar a pistola que tinha largado antes. Mas instintivamente estendeu o braço direito que pendia inutilizado da clavícula estilhaçada pelo projétil do rifle.

Com um grito de dor, fez força para se levantar e conseguiu dar alguns passos cambaleantes.

Dutch agarrou o tornozelo machucado e puxou. Tierney caiu como um saco de cimento. Dutch virou-o de costas no chão, como um peixe prestes a ser eviscerado. Outra vez Dutch estava em cima dele, e agora apertava seu pescoço com as duas mãos, os polegares pressionavam o pomo-de-adão.

Tierney viu com satisfação que os dentes arreganhados de Dutch estavam cheios de sangue. Pelo menos tinha acertado alguns murros de canhota.

- Você transou com ela?

Qualquer constrangimento que Tierney pudesse ter quanto a brigar com Dutch se desfez naquele momento. Que tipo de homem era aquele que, depois de saber que a mulher estava morta, ainda fazia uma pergunta dessas? Estava mais preocupado com o próprio orgulho do que com o destino da mulher que dizia amar.

- Transou? - berrou Dutch.

- Dutch, o helicóptero.

Tierney ouviu o grito de aviso de Wes Hamer como se viesse de muito longe, mas Dutch não deu sinal de ter ouvido, ou se ouviu nem reagiu. Saliva, sangue e suor escorriam do rosto dele em cima de Tierney. As bordas da visão do céu azul começaram a escurecer. Tierney piscou os olhos, mas não conseguiu se livrar dos pontos negros do campo de visão.

Ia morrer se não fizesse alguma coisa. E tinha de ser agora.

Dutch estava montado em seu peito, concentrava toda a força nas mãos. O braço direito de Tierney pendia inútil ao lado do corpo. O braço esquerdo estava quase sem força. Os golpes fracos que desferia em nada afetavam Dutch.

Tierney aproveitou a única chance que teve. Ergueu o joelho, parou um pouco para juntar toda a sua força nos músculos dos quadris e deu uma joelhada na virilha exposta de Dutch, torcendo para acertar por baixo do saco dele.

Dutch uivou de dor e soltou imediatamente o pescoço de Tierney. Tierney curvou o corpo, empurrou Dutch e inverteu as posições. Apertou com o antebraço esquerdo a garganta de Dutch com a força de um pé-de-cabra.

Com mais coordenação do que julgava ter no braço direito, ele ainda conseguiu pegar a pistola e atirou em Wes Hamer, que atravessava correndo a estrada, indo na direção deles. O estampido fez Wes parar.

- Jogue o rifle para longe senão o próximo tiro será para valer.

Ele fez a ameaça com a voz fraca, mas, por incrível que pareça, funcionou. Wes largou o rifle.

Mas então Tierney se deu conta de que Wes não estava com medo dele, e sim do helicóptero que se aproximava, o barulho cada vez mais forte, cada vez mais perto, trazendo as testemunhas.

- Quem era no rádio? - ele perguntou, ofegante.

- Ritt. William Ritt.

Ritt? O pálido, esquelético William Ritt? Aquele safado?

Tierney deixou para mais tarde os porquês e os comos. Inclinou-se sobre Dutch, cujo rosto parecia o do vilão de um filme de terror, uma mistura de sangue, pus e fúria cega. Encostou o cano da pistola embaixo do queixo dele.

- Tenho vários motivos para matar você. O primeiro é que você bateu na Lilly. Só não vou machucá-lo porque prometi isso para ela.

Tierney se apoiou no peito de Dutch e ficou de pé, meio trôpego. Ergueu o braço esquerdo e apontou para o helicóptero.

- Se um de vocês dois atirar em mim pelas costas, eles vão ver.

Então, certo de ter uns valiosos dez segundos de vantagem sobre o imprestável ex-marido de Lilly, segurou o braço direito contra o corpo e começou a correr pela estrada, na direção da cabana.

Enquanto voavam em círculos sobre a cabana, um dos homens de Collier gritou.

- Onze horas.

O piloto virou o helicóptero e Begley viu o que o policial da SWAT tinha visto - três homens no meio da estrada estreita. Até aquele momento não tinham visto aquela parte da estrada por causa de uma curva fechada à frente. O helicóptero voou na direção deles, rente ao topo das árvores.

Burton estava deitado de costas. Hamer parado a alguns metros dele. Ben Tierney subia a ladeira com dificuldade - deixando um rastro de sangue - para longe dos dois.

Collier abriu a porta do helicóptero e se preparou.

- vou atirar no que está se movendo - ele disse calmamente, apontando a arma para Tierney.

- Espere! - Begley exclamou. - Aquele não é o nosso homem.

- Ele está com a arma.

- Não é o nosso homem - repetiu Begley.

Begley olhou de Tierney para Wes Hamer, que tinha corrido para Burton e estava abaixado, apoiado em um joelho. Burton o empurrou, Wes voou para trás, braços e pernas no ar. Burton se levantou e começou a correr em círculos frenéticos, depois se abaixou e pegou o rifle semi-automático caído na neve. Atirou na direção de Tierney sem fazer pontaria. Tierney nem diminuiu a marcha. Continuou a correr.

- Acerte no assistente direto - Begley ordenou ao piloto.

Wes Hamer tinha recuperado o equilíbrio e correu outra vez para Burton.

- Mantenha-o fora do caminho - Begley ordenou para ninguém em particular, mas um dos policiais deu vários tiros perto dos pés de Hamer, criando gêiseres de neve.

Hamer parou imediatamente e levantou as mãos.

Burton encostou o rifle no ombro e pôs o olho na mira, um movimento quase automático, que levou, se tanto, dois segundos.

- Chefe Burton! Cessar-fogo! - A voz de Begley ecoou forte no alto-falante acima do barulho dos rotores. - Cessar-fogo! - ele gritou outra vez.

Burton virou a cabeça para cima e depois para os lados.

Collier estava sentado com a porta aberta, os pés na barra de aterrissagem, com a arma agora apontada para Burton. Begley, atrás dele, inclinou-se para a porta aberta, esticando ao máximo o cinto de segurança nos ombros.

Via Burton claramente e percebeu, pela cara que ele fez, que o chefe de polícia só tinha visto o helicóptero naquele momento. Leu também algo mais no rosto de Burton, e por isso perguntou para Collier se ele tinha boa mira.

- Perfeita. Begley gritou:

- Burton, não atire! Tierney não é o Azul! Não é o nosso homem.

Mas Burton nem ouviu. Apontou o rifle para as costas de Tierney e fez pontaria outra vez.

- Filho-da-mãe! Ele é surdo? - berrou Begley.

Um homem inocente estava prestes a ser mandado para o inferno e ele seria responsável por isso pelo resto da vida. Em menos tempo do que levou para processar seus pensamentos, ele ordenou:

- Um na perna.

Collier atirou imediatamente. A perna esquerda de Burton dobrou. Begley viu a raiva nos olhos dele quando girou o rifle acima da cabeça e atirou.

Collier caiu para trás no helicóptero. A bala não atravessou o colete, mas o choque foi doloroso.

Burton atirou outra vez. A bala por pouco não atingiu Begley.

Ouviu o piloto vociferar eloqüentemente e subir com o helicóptero. Begley sentiu a pressão do cinto de segurança na barriga e o puxão da gravidade pela porta aberta.

- Perdi meu tiro. - Ouviu um dos outros gritar no fone.

O terceiro agente tático perdeu o equilíbrio com a subida rápida. Lutava agora para recuperar sua posição de tiro. Collier ainda estava caído, atordoado, meio para dentro e meio para fora da porta.

Begley olhava diretamente para o cano da arma de Burton.

- Não atire em mim, seu filho-da-puta! - ele gritou.

O rosto de Burton era uma máscara de agonia e loucura.

- Vá se foder!

Begley viu as palavras se formando nos lábios de Burton uma fração de segundo antes da bala acertar sua testa e a parte posterior da cabeça se desintegrar, borrifando sangue na neve atrás dele. Burton caiu para trás, braços e pernas abertos, um anjo de neve com um halo vermelho.

Begley virou a cabeça para agradecer ao bom atirador.

Charlie Wise tirou lentamente o rifle do ombro e o devolveu para Collier. Pôs os óculos calmamente.

Begley engoliu em seco e empurrou o coração de volta para o peito, onde devia estar.

- Belo tiro, Hoot.

- Obrigado, senhor.

William Ritt tirou a mão da boca de Lilly e desligou o rádio.

- Eu disse que era brilhante.

- Por quê? - Lilly perguntou com um fio de voz.

- Porque eu disse que Tierney a deixou aqui, morta. Não é óbvio?

- Não, por que você as matou?

- Ah, isso. - William enrolou as pontas da fita azul nas mãos e puxou com força, testando a resistência. - Eu podia culpar meus pais disfuncionais ou a minha baixa auto-estima, mas são desculpas muito banais. Além disso, eu não sou louco. Eu as mato porque quero.

Lilly manteve a expressão calma, mas a cabeça estava a mil. Será que Tierney estava morto? Dutch tinha atirado nele, isso ela sabia. Mas ele disse que Tierney estava "caído". Não que estava morto. Se estivesse vivo, voltaria para salvá-la. Lilly tinha certeza disso.

Até lá, o que podia fazer por si mesma e para impedir que William Ritt a matasse? Não podia fugir dele. Tinha passado horas tentando se livrar das algemas, sem sucesso.

Demonstrar medo podia ser exatamente o que ele queria. Instintivamente, Lilly sabia que Ritt tinha prazer de matar. Dava a ele uma identidade, um papel importante na comunidade, que do contrário jamais teria. Ele era o Azul, o mais temido, o mais procurado. O alter ego do farmacêutico ultrameticuloso e intrometido era um assassino de mulheres. Que viagem isso devia ser para ele.

Ele dizia ter baixa auto-estima, mas Lilly pensava o contrário. Tinha, isso sim, um ego inflado, julgava-se superior. Por dois anos enganou todo mundo, mas até agora não tivera ocasião para se vangloriar disso. Ela lhe daria essa oportunidade. Sua única chance de sobreviver era fazer com que ele continuasse a falar até chegar ajuda - *por favor, Deus, faça com que seja Tierney*.

- Como você escolhe suas vítimas? Isso é uma coisa que deixa os investigadores confusos. As mulheres desaparecidas não parecem ter nada em comum.

- Têm a mim - ele disse, com um sorriso de arrepiar. - O que elas têm em comum sou eu. Todas morreram olhando para mim. Logo você também terá isso em comum com elas.

Não dê a ele a satisfação de ver seu medo.

- Além de você, o que mais elas têm em comum?

- Essa é a beleza da coisa. Quem determina os perfis dos criminosos procura padrões. Comigo, não há nenhum. Matei todas elas por diferentes motivos.

- Como o quê, por exemplo?

- Rejeição.

- Torrie Lambert?

- Muito antes dela.

- Houve outra?

- Uma jovem na universidade.

- Uma namorada?

- Não. Eu queria que fosse, mas ela riu de mim quando a convidei para sair. Pensou que eu era homossexual. O deboche dela foi cruel. Eu... surtei. Acho que essa é a palavra certa para o que aconteceu. Ela estava rindo. Eu tentava fazê-la parar. Quando vi que estava morta, não senti remorso, mas naturalmente tive medo de ser apanhado. Fiz com que parecesse um assalto. A carteira de dinheiro e as jóia dela estão em uma caixa de lembranças debaixo da minha cama. Até hoje aquele homicídio está no arquivo dos casos não resolvidos.

- Ninguém jamais suspeitou de você?

- Ninguém. Eu era tão insignificante, sabe? Ainda sou, para muita gente.

- Marilee nunca suspeitou? Ele bufou com desprezo.

- Minha irmã está muito ocupada guardando seu segredinho sujo para poder me dar atenção. Eu queria ter matado Marilee quando éramos pequenos. Pensei nisso uma ou duas vezes, mas nunca resolvi fazer.

Ele testou a resistência da fita azul outra vez.

- Gostaria de saber onde Tierney encontrou isto.

Ele ainda estava ajoelhado na frente de Lilly e, apesar de não ter tocado nela, ela estava morrendo de medo. Quanto tempo mais ia conseguir mantê-lo falando? Onde estava o helicóptero? Onde estava Tierney? Lilly não podia acreditar que ele tinha morrido.

- Você estava explicando como escolhe suas vítimas. compreendo por que matou a jovem que riu de você. Mas não conhecia Torrie Lambert, conhecia?

- Não, até aquele dia. Ela se afastou do grupo e estava bem longe da trilha. Eu a vi andando na estrada oeste, perto da nossa propriedade, onde por acaso eu estava trabalhando naquele dia. Comecei a conversar com ela, ouvi suas queixas, dei conselhos e então, quando tentei consolá-la...

- Consolar?

- Tocar nela. Ela não deixou.

- Você a estuprou?

Os olhos dele fuzilaram raivosos.

- Eu posso ter uma ereção. Não tenha dúvida disso. Se tivéssemos mais tempo, provaria para você, srta. Martin.

Aquela reação fez Lilly acreditar no contrário do que ele dizia, mas não ia ser tola e contradizê-lo.

- Para seu eterno remorso, Torrie Lambert me chamou de monstrinho sinistro.

A respiração dele era pesada e agitada. Podia ser excitação, o que era mais apavorante ainda. Ela falou em voz baixa:

- A fita do cabelo dela virou sua marca registrada.

- Na falta de uma palavra melhor, sim.

- Você a levou para o Tennessee para confundir seus perseguidores, certo?

Ele franziu a testa tristemente.

- Não percebi que tinha cruzado a divisa entre os estados. Tudo parecia igual. Mas, sim, eu a levei para longe da região para confundir os perseguidores.

- Fale das outras quatro. Também foi por acaso?

- Não, foi tudo definitivamente planejado.

- Como as escolheu?

- Foi o contrário. Elas me escolheram.

- Não compreendo.

- O filho pequeno de Carolyn Maddox é diabético. Ela não podia pagar a insulina e não conseguia seguro-saúde. Ela me procurou praticamente implorando ajuda.

- Você deu a ela o remédio de que o filho precisava.

- Mais carinho e estímulo. Mas nada do que eu dizia bastava para ela gostar de mim. Não daquele modo - ele disse, e o significado ficou bem claro. - Ela tinha tempo de ir à minha loja para pegar o remédio de graça, mas nunca para estar a sós comigo. Mas arranjou tempo para um dos hóspedes do motel onde ela fazia a limpeza. Ah, sim, para ele, tinha tempo. Eu os vi no carro dele, no estacionamento, trocando carícias. Foi nojento. Naquela noite ela não voltou para casa.

Tinham encontrado o carro dela com a fita azul no acostamento da estrada, entre o seu apartamento e o motel. Lilly lembrava que o hóspede do motel foi interrogado e não foi considerado suspeito.

- A enfermeira?

Ele sorriu com desprezo.

- Laureen. Uma história completamente diferente. Ela era gorda. Eu não gostava dela, mas tinha pena. Pode me chamar de coração mole. Eu dava a ela todas as amostras grátis dos produtos de dieta que apareciam. Ela interpretou mal a minha bondade e deu em cima de mim. A paquera dela era óbvia e vulgar. Eu nem me imaginava encostando naquele monte repulsivo de carne, e me senti ofendido por ela pensar que eu podia querer. Bem, você pode adivinhar o resto.

Antes que ela perguntasse, ele contou a história de Betsy Calhoun, que, segundo Ritt, tomava oito a dez comprimidos de antidepressivos diariamente. Quando terminou a validade da receita e o médico se recusou a dar outra, ela pediu mais para William.

Onde estava o helicóptero? Por que não tinha voltado?

- Concordei em me encontrar com a sra. Calhoun no estacionamento do banco. Na verdade, foi uma morte misericordiosa. Eu a livrei de todo aquele sofrimento. Ao contrário das outras, ela não resistiu. Dopada como estava, foi a mais fácil de matar. Mas Millicent foi a que me deu maior prazer. - Seus lábios finos ergueram-se em um cruel sorriso reptiliano.

- Fale dela.

Será que o helicóptero estava transportando o corpo de Tierney? Deviam pensar que tinham apanhado o Azul. Seu resgate podia esperar.

- Millicent era uma putinha fútil - ele disse. - Dependia de mim para conseguir os contraceptivos e poder trepar à vontade. E então ela se descuidou. Quem ela procurou choramingando quando ficou grávida? A mim. Durante anos, forneci a ela comprimidos de dietas e anfetaminas para evitar que engordasse, mas ela confiou demais na minha generosidade. Ela era namoradeira e provocante. Certa vez, um

pouco antes de fechar à noite, estávamos só nós dois na loja. Ela foi sorrateiramente para trás do balcão e começou a esfregar o corpo no meu, perguntando se eu tinha camisinhas com sabores diferentes. Disse que estava cansada do gosto de borracha. “Pense nisso, William”, ele disse, imitando uma voz feminina insinuante. "Depois ela riu e se afastou, fazendo-se de muito esperta e engraçadinha. A última vez que a vi, ela não estava rindo.

Ele ficou com o olhar parado um tempo, perdido em algum devaneio.

- Até o fim tudo girava em torno dela mesma. Chorava e dizia: "Por que está fazendo isso comigo? Pensei que gostasse de mim." Enquanto a levava de carro para a casa velha, tentei explicar que ela era horrível, que usava as pessoas, feria seus sentimentos sem nenhum motivo, brincava com as emoções dos outros. Disse que ela era destrutiva e por isso devia ser destruída. Mas - ele suspirou - acho que ela jamais compreendeu.

Ritt ficou pensativo.

- Ia enterrá-la quando recebi o telefonema de um eletricista que fazia meses que eu tentava encontrar para ver a casa. Ele disse que estava vindo. Tinha de escondê-la em algum lugar. Eu sabia que você tinha vendido esta cabana, ouvi Dutch dizer que já tinham esvaziado o barracão. Foi o lugar mais próximo e mais conveniente que pude lembrar naquela pressa. O eletricista chegou e mostrei o que ele devia fazer. Quando terminamos, começava a escurecer e eu precisava voltar para a cidade. Decidi que Millicent podia passar um ou dois dias no seu barracão. Não voltei mais lá antes da nevasca.

De repente ouviram os estampidos de vários tiros. Não mais perto do que antes.

- Eu gostaria de saber o que significa isso - William disse, retoricamente.

Lilly também queria saber. Procurou pensar em outra pergunta para manter William falando. Antes que achasse, ele perguntou:

- É verdade que você e Tierney se conheceram há alguns meses?

- Em junho.

- Dutch tinha razão para ficar com ciúmes, não é? Vejo a sua expressão toda vez que digo o nome de Tierney. Você fica com os olhos vidrados e ansiosos. - Ele olhou para os cobertores desarrumados sobre o colchão, na frente da lareira. Então olhou para ela com desprezo. -Vocês, gente bonita, sempre se encontram, não é mesmo?

Nem olham para o resto de nós.

- Eu nunca fui cruel com você.

- Mas se estivesse presa comigo nesta cabana, aquela roupa de cama não estaria fedendo a sexo.

-William...

- Cale a boca! Eu estou falando. Ela se calou e o deixou falar.

- É irônico, meio romântico e poético o seu fim, vocês dois mortos e todos pensando que ele a matou, quando, na verdade, ele era seu amante. Está vendo a ironia? Não é notável? Mas uma coisa me intriga. Por que ele a deixou aqui algemada?

Para evitar que eu lutasse contra ele ou tentasse fugir quando encontrei o corpo de Millicent, ela pensou. Tierney não queria que ela fizesse qualquer coisa que pudesse precipitar um acesso de asma. Ele fez algo desesperado e duradouro para garantir que isso não aconteceria. Lilly compreendia agora. Entendia muita coisa.

Estava apaixonada por Tierney desde que se conheceram. Além disso, via agora que ele também a amava.

Falou suavemente, quase chorando.

- Ele estava tentando salvar a minha vida.

- Infelizmente para você, ele não se esforçou tanto assim. com um movimento rápido, sem dar tempo de qualquer reação, William passou a fita azul em volta do pescoço dela e puxou com força.

- Não! Por favor!

Ele deu um sorriso cruel e puxou mais a fita.

- Tenho certeza que você entende que é inútil implorar. vou dizer o que eu disse para elas. Você vai morrer.

Ela tentou chutá-lo, mas William sentou nas coxas dela, prendeu-as firmemente no chão e aumentou a pressão da fita.

- Não vai demorar. Sua asma vai apressar o processo. Mas se puder, me faça o favor de morrer rapidamente porque estou ouvindo o helicóptero voltando.

Lilly ouviu também, mas o aparelho ainda podia estar a minutos de distância. A fita apertava dolorosamente seu pescoço. Lilly esticava e dobrava os dedos, lutando para respirar. Arqueou o corpo enquanto os pulmões procuravam ar.

Era assim que estava condenada a morrer, afinal? Sem poder respirar?

Sem nenhum aviso, nenhum ruído, nada, Tierney entrou intempestivamente no quarto. Antes que William Ritt tivesse tempo de registrar aquela presença inesperada, Tierney chutou a cabeça dele.

33

O pontapé tirou William do chão como um personagem de história em quadrinhos. Aterrissou a um metro de Lilly, rolou de costas e tentou se sentar. O lado da sua cabeça, logo acima da orelha, sangrava. Ele levou a mão ao ferimento e olhou boquiaberto para Tierney, como se ele tivesse voltado do mundo dos mortos.

Tierney parecia um sobrevivente do apocalipse. O braço direito pendia do ombro em um ângulo estranho. Sua roupa, naquele lado do corpo, estava encharcada de sangue.

O rosto tinha a palidez da morte, a não ser por um corte que sangrava na face. Os olhos estavam fundos, com olheiras escuras, e não se desviavam de William Ritt.

Devia ter encontrado uma janela destrancada e sabia que poderia atacar de surpresa se entrasse na cabana daquele jeito.

- Lilly? - A voz dele estava muito rouca.

- Ele é o Azul.

- Foi o que pensei. - Sem tirar os olhos de William, Tierney abaixou e pôs a pistola na mão direita dela. - Segurou?

- Segurei.

- Se ele me vencer, mate-o. Não hesite nem um segundo. Ele tirou a fita do pescoço dela.

Com passo incerto e trôpego, Tierney pulou em cima de William, que já estava recuperado da surpresa e tentava escapar. Tierney estendeu o braço esquerdo, agarrou William pelo casaco de esqui, levantou e largou para desferir-lhe um soco no rosto, ainda segurando a fita. O golpe fez o corpo do farmacêutico rodar. Ele tropeçou e caiu com força, deu com o rosto na parede e praticamente ricocheteou de volta.

Tierney cobriu a parte posterior da cabeça de William com a mão e bateu a cara dele na parede. Duas vezes. Deu um soco no rim, William gritou, segurou-o pelo ombro e o fez virar de frente, e prendeu o homem na parede com os dedos da mão esquerda em volta do pescoço dele. A fita continuava enrolada nos dedos de Tierney, pendurada sobre o peito de William.

O rosto dele era uma massa sangrenta. Os olhos arregalados de medo.

- Eu devia enrolar esta fita em volta da porra do seu pescoço e esganar você bem devagar - disse Tierney.

Sua voz estava fraca. O sangue empoçava em volta dos seus pés. Parou para tomar fôlego, mas a mão no pescoço de William Ritt continuava firme.

- Deus sabe que eu quero matar você. Quero arrancar seu coração com as minhas mãos. Mas não vou fazer isso porque não quero que se livre facilmente. Você não merece uma morte rápida. Não, eu quero que viva muito tempo. Quero que apodreça preso numa cela décadas. Quero você trancafiado, no anonimato, sendo estuprado todos os dias por valentões que só têm prazer quando vêem sangue. É o que eles fazem com assassinos de crianças nas prisões, você sabe. E Torrie tinha só quinze anos. Quinze! - A voz dele ficou embargada. - E quando você morrer, e espero que seja de velhice, vai direto para o inferno e queimará eternamente, seu desgraçado, monte de merda.

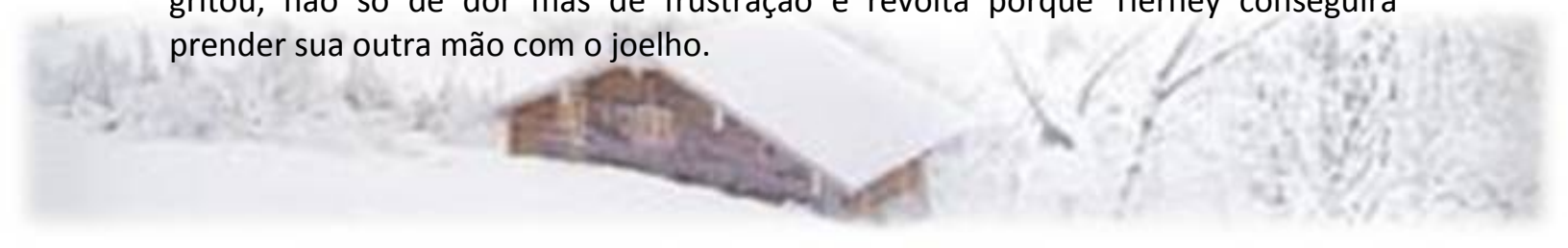
Tierney mal podia ficar de pé. Cambaleava quando abriu a mão e soltou o pescoço de William. O homenzinho escorregou para o chão e ficou caído de lado.

Tierney ficou de pé na frente dele mais um pouco, então deu meia-volta e caminhou para Lilly.

- Tierney! - ela gritou.

Ele virou para trás no momento exato em que William tirava a tampa de uma seringa que devia estar escondida no bolso do casaco de esqui. Mas não era para Tierney. William espetou a agulha no próprio pescoço.

Tierney foi para cima dele imediatamente. William tentava apertar o embolo para injetar ar na veia, e Tierney tentava impedi-lo. Segurou o pulso de William com a mão esquerda, com o que devia ser uma força capaz de quebrar ossos. O homem gritou, não só de dor mas de frustração e revolta porque Tierney conseguira prender sua outra mão com o joelho.



A porta da cabana foi aberta com força e bateu ruidosamente na parede.

- FBI! Ninguém se mexe! - Dois homens com o uniforme completo da SWAT e máscaras negras de esqui varreram a sala com seus rifles, depois apontaram para Tierney e William.

- Largue a arma! - ordenou um homem austero, que entrara depois dos outros. Ele estava de sobretudo comum, mas Lilly ficou tão impressionada com seu ar de autoridade, que levou algum tempo para entender que falava com ela. Abriu a mão e deixou cair a pistola de Tierney. A arma bateu no chão com um estalo.

Outro agente, mais jovem e mais magro, de óculos, apontava uma pistola para a nuca de Tierney.

- Solte o homem, sr. Tierney.

- Ele tentou se matar. Está com uma seringa no pescoço.

O intimidador homem grisalho se aproximou dos dois, avaliou a situação por um momento e, sem nenhuma cerimônia, tirou a seringa do pescoço de William.

- Cubra ele - disse para o homem de óculos.

- Ele é o Azul - Lilly falou depressa. - Seu nome é William Ritt.

- Eu sei o nome dele - o agente disse.

- É ele que vocês querem, não Tierney. William Ritt é o Azul.

- Como você sabe? - ele perguntou.

- Ele me disse. Ia me matar.

Durante essa rápida conversa, Tierney encostou a mão esquerda na parede para se levantar. O agente mais velho tirou do bolso de trás da calça um lenço enorme e o estendeu para ele.

- Isto pode ajudar a conter a hemorragia. Tierney apertou com o lenço o ombro ferido.

- Obrigado.

- Então - o agente cutucou William com a ponta do pé, mas falou olhando para Tierney -, você finalmente encontrou o Azul.

Tierney assentiu com a cabeça.

Lilly olhou de um para outro, confusa.

O agente federal olhou para ela.

- Srta. Martin, eu... Oh, mil desculpas. Hoot, reviste Ritt e procure a chave das algemas.

- Ele não a algemou. Fui eu.

O homem mais velho olhou surpreso para Tierney.

- A chave está no bolso do meu casaco. É fechado com zíper. Não sei se posso...

- Com licença. - Ele abriu o zíper do bolso indicado por Tierney. - Sou o agente especial encarregado Begley. Aquele é o agente especial Wise. - Ajoelhou na frente de Lilly, abriu as algemas e a ajudou a se levantar.

- Muito prazer. - Lilly passou por ele e foi para onde Tierney continuava apoiado na parede. Moveu as mãos pelo corpo dele, mas sem, na realidade, tocá-lo, com medo de provocar mais dor.

- Meu Deus, Tierney, olhe só para você.

- Ele machucou você?

- O quê? - Ela olhou bem nos seus olhos fundos e balançou a cabeça. - Não.

- Mas eu machuquei. No barracão...

- Não faz mal.

- Tive de fazer aquilo.

- Eu compreendo. De verdade.

Ficaram alguns minutos concentrados um no outro, mas conscientes da presença das outras pessoas. Lilly disse para o agente especial mais velho:

- Tierney chegou bem na hora de evitar que Ritt me matasse. O corpo de Millicent Gunn está na caixa de ferramentas, no barracão. Eu o encontrei esta manhã. – Ela olhou para Tierney. - Você o encontrou na noite em que saiu para pegar lenha e procurar o machado. Por isso foi tão brusco.

Tierney assentiu e virou para Begley.

- Como Lilly disse, eu encontrei o corpo anteontem à noite. Não toquei nele, portanto está exatamente como o encontrei. A não ser que Ritt o tenha levado para outro lugar quando chegou aqui.

- Acho que não - Lilly disse. - Ele veio direto para a cabana.

- Onde fica o barracão? - Begley perguntou. Lilly explicou.

- William admitiu que matou Millicent e escondeu o corpo lá provisoriamente. Ele confessou... ou melhor, se vangloriou... as outras mortes também.

- Tirem esse homem daqui.

A um sinal de Begley, os dois policiais da SWAT seguraram William por baixo dos braços e o arrastaram para a porta com o rosto para baixo. Ele ficou pendurado entre os dois, como se finalmente tivesse desmaiado com a sova que levara de Tierney.

- Prendam-no e o levem para o helicóptero. Esperem lá por mim.

- Sim, senhor.

- Hoot?

- Senhor?

- Ligue para a RA mais próxima. Quero que mandem uma unidade de técnicos de cena do crime. Imediatamente. Lembre que eles vão precisar de um helicóptero.

- Certo, senhor.

O agente Wise ligou o celular. Begley virou para o casal.

- Como está o ombro, sr. Tierney?

- Arrebentado.

- Estou surpreso de você não ter entrado em choque.

- A qualquer instante agora.

- Quer se sentar? Ele balançou a cabeça.

- Nunca mais ia conseguir me levantar.

- Pousamos o helicóptero na estrada a uns cinqüenta metros daqui - disse Begley. - Seguimos seu rastro de sangue o resto do caminho. Nosso piloto já passou um rádio para um helicóptero CareFlight vir pegá-lo. Deve chegar a qualquer momento.

- Obrigado.

- Tem disposição para falar?

- Falar pode evitar que eu desmaie.

Begley sorriu como se entendesse essa lógica. Então ficou sério.

- Eu lhe devo desculpas, sr. Tierney. Só soubemos há poucos minutos que é o pai de Torrie Lambert.

Lilly olhou atônita para Tierney.

- Eu me divorciei da mãe dela quando Torrie era pequena ele disse, explicando para Lilly mais do que para o agente do FBI.

- O padrasto a adotou, deu o nome dele para ela. Mas era minha filha.

- Isso explica muita coisa - Begley disse. - Obviamente o senhor não confiava em nós ou na polícia local para resolver o caso, por isso há dois anos está investigando por conta própria.

- Certo.

Begley pigarreou e olhou intrigado para Tierney. Lilly teve a impressão de que se fosse filha dele, faria a mesma coisa.

- De quem é aquele trabalho na cozinha?

Falava da mensagem que Lilly tinha arranhado na porta do armário. Parecia que nada escapava a ele.

- Meu - ela respondeu. - Por um tempo pensei... - Arrependida, ela apontou para Tierney.

- Bem, não foi a única - Begley retorquiu. - Sr. Tierney, sabia que era William Ritt?

- Não, pensei que fosse Wes Hamer.

- Wes Hamer?

- Conheci Millicent na loja do tio dela - ele disse. - Ela passou a ter... digamos... uma identificação comigo.

Uma paixonite, Lilly pensou.

- Isso foi durante a minha visita à cidade, no último outono. Uma noite quando voltei para a pousada, ela estava lá me esperando. Fiquei constrangido. Não a convidei para a minha cabana, mas ela começou a contar uma história sórdida sobre ela, Wes, o filho de Wes, uma gravidez e um aborto.

Lilly sempre achou que Wes Hamer era um grande babaca. De acordo com a história de Tierney, era muito pior do que isso.

- Quando ela voltou da clínica de distúrbios alimentares, queria voltar com Scott, mas ele não quis. Ela pediu meu conselho. - Tierney balançou a cabeça com tristeza.

- Eu tinha meus compromissos e não queria me envolver em coisas daquele tipo. Mas então, quando ela foi dada como desaparecida na última semana, bem, pensei que talvez Wes tivesse resolvido aquele problema, e que seu amigo Dutch o estava acobertando.

Ele virou para Lilly e disse:

- Por isso eu não contei o que estava fazendo. Temia que se contasse, você se julgaria na obrigação de contar para Dutch e ele protegeria o amigo. Mesmo que Wes não fosse o Azul, o meu disfarce seria descoberto, e Dutch encontraria um meio de bloquear meus esforços de amador para encontrar minha filha.

- O que você fazia na montanha no dia da tempestade de neve? - ela perguntou.

- Nunca desisti de procurar algum sinal dela em uma daquelas trilhas. No dia da nevasca eu descobri... - ele fez uma pausa, pigarreou - covas. Quatro delas, e uma recente, preparada para Millicent. A pá usada para cavar essa cova estava escondida no meio de um arbusto.

- E as algemas?

- São minhas.

- Você trouxe também um transponder - Begley disse. - Para rastreamento, eu suponho.

Ele assentiu com a cabeça, parecendo envergonhado.

- Não cheguei a usar, mas sem dúvida você fez sua lição de casa.

- Na verdade, o crédito vai para o agente especial Wise. -

Begley indicou o outro agente.

Hoot tinha terminado o telefonema para a RÃ, o que quer que fosse isso. Ouviu a história de Tierney e se aproximou dele.

- Também lhe devo desculpas, sr. Tierney. No papel, o senhor parecia um provável suspeito.

- No papel, suponho que sim. Mas por que estava me investigando?

- Suas iniciais apareciam várias vezes no diário de Millicent Gunn. Ela escreveu que tinha sido bom para ela.

Tierney deu de ombros e não disse nada.

- Sobre as covas? - Begley perguntou.

- Tentei não mexer em nada na área em volta delas, esperando que pudessem servir de provas para a equipe técnica. Quem quer que fosse o Azul.

Begley perguntou onde ficavam. Tierney disse onde podiam encontrar seu carro.

- Estão a cerca de cento e cinqüenta metros norte-nordeste do meu carro.

É uma subida íngreme, mas obviamente possível, mesmo para alguém carregando um corpo.

- E a fita? - Lilly perguntou.

Ela ainda estava no chão, aos pés deles, manchada com o sangue dele e o de William Ritt.

- Exatamente como eu disse. Eu a vi pendurada num galho. Ritt devia ter deixado cair enquanto abria a cova. Eu a peguei porque tive medo que aquela prova valiosa se perdesse, levada pelo vento, antes que eu pudesse levar alguém até lá.

Tierney explicou para Begley.

- Usei luvas de látex para pegar a pá. Está na mala do meu carro. Espero que encontrem as digitais de Ritt nela. - Lilly viu lágrimas nos olhos dele. - Pelo menos encontrarão os restos mortais da minha filha.

A voz dele ficou ainda mais fraca depois de contar a história. Pela quantidade de sangue que tinha perdido, Lilly não sabia como Tierney ainda estava de pé. Ela passou o braço pela cintura dele.

- Por que não se senta, pelo menos?

- Estou bem. - Ele sorriu para ela.

- Foi Dutch quem atirou em você, não foi?

Tierney olhou para ela e depois perguntou para Begley.

- Como estão Dutch e Wes Hamer?

- Collier, um dos homens da equipe tática, ficou com eles. Begley olhou para ela, preocupado, e perguntou para Tierney:

- Foi como a srta. Martin disse? O chefe Burton atirou em você?

- Eu joguei minha pistola longe - ele disse com amargura. Não adiantou.

- Ele atirou, mesmo sabendo que você estava desarmado?

- Em parte, a culpa foi minha - Begley disse, em resposta à decepção de Lilly. - O chefe Burton pensava que o sr. Tierney fosse um assassino perigoso.

- Eu sabia disso. - Tierney explicou que ouvira no rádio do carro que estava sendo procurado para ser interrogado. - Quando vi Dutch e Wes Hamer, imaginei que estavam empenhados numa caçada para me capturar vivo ou morto.

- Ele também estava furioso por vocês dois estarem juntos aqui - Begley disse. - Uma péssima combinação de justiceiro com ciúmes.

- Por isso tratei de fugir quando os vi -Tierney disse. - Esperava entrar em contato com vocês, com o FBI, antes que me pegassem. Achei que teria mais chance de me explicar com o FBI. Duvidava ter a mesma chance com eles, e estava certo.

Tierney parou de falar para recuperar o fôlego.

- Mas não consegui fugir. Eles me alcançaram, atiraram em mim. Segundos depois, ouvi Ritt, no rádio, dizer que tinha encontrado Lilly morta, aqui na cabana. Então tive certeza de que alguma coisa estava terrivelmente errada. Acho que podem imaginar o resto. - Ele escorregou encostado na parede.

Cuidadosamente, Lilly o ajudou a baixar até sentar no chão.

- Não posso acreditar que Dutch tenha feito isso com você.

- Olhou para Begley. - Ele será acusado criminalmente, certo?

- Não, minha senhora, não será.

Ela ia perguntar por que não, mas de repente viu a resposta no olhar simpático de Begley, no desviar dos olhos de Wise e no palavrão de Tierney em voz baixa.

- Sinto muito, srta. Martin - Begley disse gentilmente. - Ele não nos deu escolha. Atirou em um dos meus homens. Teria sido fatal se não fosse o colete à prova de balas. O chefe Burton tentou atirar no sr. Tierney pelas costas e teria atirado em mim. Nós tentamos dissuadi-lo várias vezes. Ele ignorou os avisos. Para salvar nossas vidas...

- Não precisa explicar - ela disse, em voz baixa e sentida. Tierney segurou a mão dela.

Um celular tocou. O agente Wise virou de costas para eles e procurou atender do modo mais discreto possível.

Ouviram barulho e movimento lá fora. Begley saiu para a varanda e voltou imediatamente.

- O helicóptero CareFlight chegou, sr. Tierney.

- Posso ir com ele?

- Temo que não, srja. Martin. Precisamos da senhora em Cleary.

Ela assentiu com relutância.

- Vou com o primeiro grupo para providenciar a prisão de William Ritt. A senhora fica aqui com o agente Wise até o helicóptero voltar. Hoje Hoot demonstrou ser muito capaz - ele disse, quase com ironia. - Não deve demorar mais de meia hora.

- Tenho certeza de que ficarei bem.

Uma equipe de paramédicos entrou com a maca. Em questão de minutos, Tierney foi preso à maca, ligado a uma endovenosa, da qual vários frascos de solução pingavam, e recebeu uma cânula nasal de oxigênio. A despeito dessa atividade toda, ele não largou a mão de Lilly nem tirou os olhos dela. Lilly também ficou olhando para ele o tempo todo.

Ela acompanhou a maca até a varanda, onde teve de largar a mão de Tierney. O sol tinha desaparecido abaixo da linha das árvores, criando um falso crepúsculo. Sem o sol, a temperatura caiu drasticamente. Abraçando o próprio corpo, ela ficou ali, olhando para Tierney, até o helicóptero levantar vôo.

- Para onde vão levá-lo? - perguntou para Begley que a levava para dentro.

- Asheville.

- Ele perdeu tanto sangue.

- Parece bem resistente. Vai ficar bem. -Tocou no braço dela para tranqüilizá-la.

Lilly sorriu para ele. Begley retribuiu o sorriso.

- Senhor? - Os dois olharam para o agente Wise.

- O que é, Hoot?

- Encontraram Scott Hamer.

Dora ainda estava com Marilee quando soube.

TinHam ficado juntas o dia todo, encorajando uma à outra, sem saber do paradeiro de Scott. Dora tinha os números dos celulares de poucos amigos de Scott, mas logo se espalhou a mensagem de que a mãe estava ansiosa para falar com ele. Nenhum dos amigos para quem ela ligou tinha notícias.

Dora tentou em vão falar com Wes pelo celular. O serviço do celular dele ainda não fora restaurado, ou Wes estava ignorando seus telefonemas.

As duas mulheres esperaram, cada vez mais preocupadas.

Foi o policial Harris quem finalmente encontrou Scott.

- Ele está a caminho do hospital. - Não quis explicar mais nada para Dora ao telefone.

Quando ela e Marilee chegaram à sala de emergência, estavam quase com medo do que a enfermeira poderia dizer. Conhecendo bem a família Hamer, ela relutava em ser a portadora da notícia.

- O médico quer falar com a senhora. vou chamá-lo - ela disse, saindo pela porta dupla.

Depois de dez minutos, um jovem de jaleco branco apareceu. Para Dora, ele parecia jovem demais. Ele olhou de uma para a outra.

- Sra. Hamer?

- Sou eu.

- Dr. Davidson. -Apertou a mão dela, fria e úmida. - Parece que Scott estava subindo na corda no ginásio do colégio, e caiu. Estava sozinho. Não havia ninguém para socorrê-lo. Também não tinha posto um tatame para aparar o choque e caiu com força no chão. Estamos tentando estabilizá-lo para ele poder ser transportado para um hospital melhor aparelhado.

Dora teria desmaiado de alívio se Marilee não a segurasse.

- Mas ele está vivo?

- Oh, sim. Perdoe-me. Pensei que a senhora soubesse. Os ferimentos não são fatais. Os sinais vitais estão bons. Mas não quero minimizar a extensão dos danos. As duas pernas estão quebradas em vários lugares. Ele está no raio X agora, para verificar se há danos internos. Não acredito que haja, mas é rotina quando os ossos pélvicos estão envolvidos. Parece não haver nenhum dano na coluna ou na cabeça. Para esse tipo de queda, ele teve muita sorte.

- Parou de falar, para elas poderem absorver a informação, e depois continuou:

- Perdoe-me sra. Hamer, mas tenho de perguntar. Ele estava tomando esteróides?

- *Deram* esteróides para ele.

- Podem ter contribuído para os ferimentos e dificultarão a convalescença. Os esteróides fortificam os músculos mas não os tendões e os ligamentos que os unem. Na verdade, ficam mais fracos devido à pressão adicional a que são submetidos. Temo que Scott passará por um mau bocado.

- Mas está vivo.

- Sim, está vivo. Mas precisamos mandá-lo para um hospital com unidade de traumatologia. Infelizmente as estradas ainda estão cobertas de gelo e outro paciente que sofreu grande perda de sangue foi socorrido antes pelo CareFlight.

- Capturaram o sr. Tierney?

- Não sei o nome dele - o médico respondeu. - Tudo que sei é que prenderam o Azul e a captura foi sangrenta. Por isso pode demorar uma ou duas horas para Scott ser transferido. Enquanto isso, vamos mantê-lo o mais confortável possível e também monitorá-lo com cuidado.

- Podemos vê-lo?

- Assim que sair do raio X. - Depois de uma breve hesitação, o médico disse: - Eu o vi jogar futebol na última temporada. Ele tem muito talento. Pode começar a prepará-lo para uma desilusão.

Meia hora depois, uma enfermeira apareceu para levar Dora àUTI.

Dora estendeu a mão para Marilee.

- Venha comigo.

- Não posso - ela disse com a voz embargada pela emoção.

- Ele vai precisar de você.

- Não, não vai. - Sorriu entre as lágrimas. - Ele precisou mas não precisa mais. Diga para ele... - Marilee balançou a cabeça tristemente. - Pode deixar. Acho que é melhor não dizer nada.

Dora olhou nos olhos de Marilee e inclinou a cabeça devagar, assentindo.

- Você é uma pessoa incrivelmente generosa. E uma mulher corajosa demais.

Dora abraçou Marilee rapidamente e saiu da sala de espera.

Por causa dos analgésicos, Scott estava grogue, mas sabia onde estava. Quando Dora se aproximou da cama, ele disse com um sorriso pálido.

- Oi, mãe.

Dora segurou a mão dele, e nem sequer tentou conter suas lágrimas. -Oi.

- Minhas pernas estão um lixo, não estão?

- Sim, estão.

Scott fechou os olhos, suspirou e sorriu.

- Graças a Deus.

Epílogo

- Srta. Martin, o sr. Tierney está aqui.

A assistente de Lilly sabia quem Tierney era por causa da cobertura que a mídia dera aos eventos da Carolina do Norte três meses atrás. Embora William Ritt fosse o centro das reportagens, houve muita especulação em volta do bebedouro da revista *Smart* sobre o que tinha acontecido naquela cabana nos dois dias que ela e Tierney passaram lá isolados.

Ninguém teve a temeridade de perguntar, especialmente porque não tinha havido mais nenhum contato entre os dois. Até o dia anterior. Ele telefonou pedindo para marcar uma hora para aquela manhã.

Lilly sabia que a notícia do encontro tinha se espalhado pelos escritórios como fogo na mata. Nessa manhã estavam todos em alerta vermelho e querendo ver Tierney.

O desinteresse da assistente era fingido.

Para Lilly, era impossível fingir.

Com a voz completamente diferente da normal, ela disse:

- Por favor, faça-o entrar.

Com o coração disparado, Lilly esperou. Tierney entrou e fechou a porta. Vestia calça e paletó esporte. Ela só o tinha visto de short de canoagem, calça jeans, suéter e o casaco que usava na cabana.

Bem, e completamente despido.

- Olá, Lilly.

- Olá.

- Que bom que você tinha uma hora livre hoje.

- Faço questão de receber a visita de acompanhamento de todos os homens com quem fiquei presa quarenta e oito horas numa cabana na montanha, durante uma nevasca.

Ele estava um pouco mais magro, um pouco mais pálido, mas o sorriso era carinhosamente familiar quando sentou na frente da mesa de Lilly e olhou para ela. Olhos nos olhos, ele disse:

- Você está ótima.

Então por que levou noventa e quatro dias para entrar em contato comigo? ela exclamou mentalmente. Mas o que disse foi:

- Como está o seu ombro?

- Novo em folha. Tiveram de substituir o antigo por um de plástico que dizem ser durável e praticamente indestrutível.

- Ainda incomoda?

- Não muito.

- Você diz isso de qualquer ferimento.

Sem tirar os olhos dos dela, ele disse, em voz baixa:

- Alguns doem mais do que outros.

Ela virou a cabeça para evitar o magnetismo daqueles olhos azuis. Vezes sem conta se perguntara o que diria quando o encontrasse outra vez... *se o encontrasse*.

Bem, Lilly sabia que isso ia acontecer pelo menos mais uma vez. Precisava. Mas depois disso não sabia o que esperar.

Tinha imaginado algumas maneiras de representar a cena, desde O distanciamento frio até a entrega apaixonada. Agora não conseguia lembrar uma única fala de nenhum desses cenários.

- Imagino que deve ter precisado fazer fisioterapia, não é?

- passei algumas semanas num hospital de reabilitação.

- A inatividade deve ter sido uma loucura para você.

- Foi. Mas eu estava muito melhor do que a maioria dos pacientes. Scott Hamer, por exemplo.

- Eu soube do acidente dele.

- Não foi acidente. - Tierney viu a surpresa dela. - Tivemos várias Conversas francas no hospital. Ele disse que largou a corda de propósito. - Por quê?

Lilly ouviu com espanto crescente a história dos esteróides que Wes estava dando para o filho.

- Isso, e mais o fato de dormir com a namorada dele - Lilly disse, balançando a cabeça. - Wes Hamer é um ser humano desprezível.

- Concordo. Estão querendo abafar o escândalo com Millicent. Não para proteger Wes, mas para poupar os pais dela. Por que aumentar a dor da perda.

- Ele merece censura pública, mas compreendo esse cuidado.

- Estão dizendo que ele foi humilhado, não só pelo acidente de Scott, mas também pelo que aconteceu na montanha.

- Ele só estava seguindo as ordens de Dutch.

- Não exatamente, Lilly. Segundo Scott, Wes admitiu ter convencido Dutch a ir atrás de mim.

- Qual o interesse de Wes?

- Por um momento, ele teve medo de que Scott fosse o Azul.

- Scott?

- Ele tinha motivo. Pelo menos Wes pensou que tivesse. Wes contou com o ciúme de Dutch e insistiu para que fizesse o que ele queria. Me matar por ter estado com você. Não foi difícil para Wes, mas acabou provocando a morte do seu melhor amigo. Levará a culpa para o túmulo.

- Eu queria saber por que ela continua com ele.

- A sra. Hamer? Quando ela soube dos esteróides, Scott diz que estava pronta para deixá-lo. Wes implorou para ela ficar. Prometeu que seria um homem diferente. Viraria uma nova página. Para demonstrar a intenção de mudar, até deixou de ser treinador. Começou a vender artigos esportivos.

- Para o tio de Millicent?

- Não está tão recuperado assim - Tierney disse com desprezo.

- E Scott? Como será o futuro dele?

- Ainda está numa cadeira de rodas, mas quando estiver completamente curado quer continuar os estudos, como tinha planejado.

- Mas não o atletismo.

- Não. Não vai mais participar de competições esportivas e não podia estar mais feliz com isso.

- Ele devia ser um jovem terrivelmente infeliz de chegar a tal extremo para se livrar do domínio de Wes.

- Ainda está infeliz - Tierney disse, pensativo. - Scott abriu a alma para mim sobre muitas coisas. Está satisfeito porque não precisa mais competir. Mas tem

outra coisa. Ele diz que é pessoal demais para contar, que ainda não está preparado para essa confidencia. Tive bastante tempo para observálo no hospital. Ele está lendo. Clássicos em geral. Fica sentado, olhando para o espaço longos períodos de tempo. É um jovem extremamente triste.

- Talvez por causa de Millicent.

- Ele sente o que aconteceu com ela, é claro, mas depois que ela e Wes... - Não terminou a frase. - Alguma coisa mais, ou alguém, partiu seu coração. Talvez algum dia resolva falar a respeito. Prometeu manter contato comigo.

- Tenho certeza de que ele preza sua amizade.

- Ele é um bom garoto.

Depois de um breve silêncio, ela disse:

- com certeza você sabe que William Ritt se declarou culpado de todas as acusações.

Os lábios de Tierney formaram uma linha severa.

- Cinco sentenças consecutivas. Ainda é pouco para ele.

- Concordo plenamente.

- Pelo menos economizou para os contribuintes o preço de um julgamento.

- Jamais gostaram dele - Lilly disse. - Ninguém. Pela experiência que tive, quanto mais íntimo ele tentava ser, mais as pessoas se afastavam. Agora até a irmã o abandonou. Não conheço Marilee muito bem, mas ela sempre foi agradável comigo. Pode imaginar o quanto ela está sofrendo? Mandei um cartão para animála, mas retornou fechado.

- Ouvi dizer que ela se mudou de Cleary sem deixar o novo endereço. Talvez seja melhor assim - ele disse.

- Talvez.

Tendo esgotado esses assuntos, ficaram calados. Lilly sentia os olhos dele nela. Ela olhava fixo para a pilha de correspondência sobre a mesa. Esperando a visita dele, foi incapaz de se concentrar no trabalho. Finalmente, quando não podia mais suportar a tensão, olhou para ele.

- Lilly, não a procurei antes porque...

- Eu não perguntei.

- Mas você merece uma explicação.

Lilly levantou-se e foi até a janela. A pior tempestade de neve dos últimos cem anos marcara o fim do inverno. A primavera chegou e caminhava para o verão. Vinte andares abaixo, as ruas de Atlanta se aqueciam ao sol do meio da tarde.

- Você mudou de hospital, Tierney. Pediu ao escritório do FBI em Charlotte para não dar para ninguém, nem a mim, qualquer informação de como entrar em contato com você. Eu entendi o recado.

- Obviamente não entendeu. Não foi porque eu não quisesse vê-la.

-Não? -Não.

- Então por quê?

- Você teve de enterrar Dutch - ele disse. - E eu tive de exumar Torrie.

Menos irritada, Lilly olhou para ele.

- Perdoe-me. Ainda não disse o quanto eu sinto por ela.

- Obrigado. Descobrir o que aconteceu foi um alívio e uma finalidade. Bom por um lado. Terrível por outro.

Lilly quase se aproximou dele nessa hora.

- Gostaria que me falasse de Torrie. Se estiver disposto.

- Não é uma história bonita, mas você precisa ouvir. com um gesto, ela o encorajou a continuar. Tierney respirou longa e profundamente.

- Torrie tinha poucos meses quando fiz uma longa viagem à África. Tinha o contrato de uma revista para fazer uma reportagem sobre o continente. O que devia levar algumas semanas levou meses. Perdi a Ação de Graças. O Natal. Uma porção de coisas.

Na minha ausência, Paula, a mãe de Torrie, conheceu outro homem e se apaixonou. Quando finalmente voltei para casa, ela me deu os papéis de divórcio para assinar, antes que eu tivesse tempo de desfazer as malas. Paula e seu futuro marido queriam que eu abdicasse dos meus direitos de pai, alegando que ele tinha passado mais tempo com Torrie do que eu.

Na época, eu me convenci de que era a coisa certa e decente a fazer. Lambert amava Paula. Ele tratava Torrie como se fosse, de fato, sua filha. Pensei que seria melhor para minha filha se eu simplesmente me retirasse e os deixasse viver a vida deles.

- Na época - Lilly disse baixinho. - Esta é uma frase com grande qualificação crítica.

- Certo. - Ele se levantou e foi até onde estavam emolduradas as capas dos números mais famosos de várias revistas. Examinou cada uma, mas Lilly não acreditou que ele estivesse lendo alguma coisa ou vendo as fotos.

- Eles nunca me impediram de vê-la. Na verdade, encorajavam isso. Mas as visitas eram sempre constrangedoras. Não nos conhecíamos. Eu era um estranho que a pobre criança era obrigada a ver uma vez ou outra. Eu entrava pela esquerda do palco, dizia uma ou duas frases adequadas, saía pela direita e desaparecia nos bastidores por, mais ou menos, um ano. Aquela era a vida da minha filha, e eu desempenhava um papel insignificante nela. Com o passar dos anos, deixei de fazer até isso. As visitas se tornaram menos freqüentes.

Passou para outra capa e a observou cuidadosamente.

- Eu estava no Amazonas quando soube que ela havia desaparecido. Desapareceu sem deixar vestígios, e acreditavam que tivesse sido raptada. Levei duas semanas para voltar à civilização e aos Estados Unidos. Já fazia anos que não a via. Fui notificado somente por cortesia. Paula ficou surpresa quando apareci na sua porta, em Nashville, o que diz bastante sobre mim e as minhas prioridades, não acha? Só que, em vez de consolá-la e fazer o possível para tornar a situação mais fácil para ela e para Lambert, agi como um imbecil. Tive o desplante de criticá-los por não terem ficado mais tempo em Cleary e insistir para que a busca continuasse. Estávamos no inverno. Não era possível manter centenas de pessoas procurando por ela nas montanhas. Mas eu me recusei a aceitar o fato de que não podiam fazer mais nada além de esperar que Torrie aparecesse em algum lugar, algum dia... Não me conformei com apenas seu retrato na caixa de leite e os pedidos para darem qualquer informação sobre o paradeiro dela.

Tierney olhou para Lilly.

- Lambert me expulsou da casa dele, e eu não o culpo. Fui para um hotel. E naquele quarto impessoal, onde nada me pertencia a não ser uma mala de roupas, de repente me dei conta de que estava completamente sozinho. Paula e o marido podiam contar um com o outro, podiam chorar juntos, oferecer apoio. Eu não tinha ninguém, e a culpa era minha. Ocorreu-me, então, que tinha perdido a única pessoa no planeta que tinha meu sangue. Foi quando fiquei cara a cara com o egoísta safado que tinha sido. Desistir de Torrie não tinha sido um sacrifício. Foi o que eu disse para mim mesmo, só que não era verdade. Foi um gesto de egoísmo, não de renúncia para o bem da minha filha. Eu queria viajar pelo mundo. Queria a liberdade de fazer as malas e sair, sem pensar na família. Naquele quarto de hotel vazio, eu me vi como era realmente. Ou, pelo menos, como tinha sido. Estava na hora da reparação. Naquela noite, resolvi descobrir o que tinha acontecido com Torrie ou morrer tentando. Era uma responsabilidade que eu não ia negligenciar. Seria a última coisa que eu faria por minha filha. *A única* coisa que jamais tinha feito por ela.

Quando terminou, sua voz estava embargada pela emoção.

- Fui até o fim, Lilly. Tive de me arrastar para fora do leito do hospital, mas estava presente quando os técnicos forenses fizeram a exumação. Estava com Paula quando os restos mortais de nossa filha foram identificados positivamente. Tivemos um memorial e um enterro adequados para ela em Nashville.

Deu as costas para as capas de revista e olhou para ela. Seus olhos estavam marejados.

- Precisei encerrar definitivamente tudo isso antes de vir para você. Você compreende?

Ela assentiu com um gesto, emocionada demais para falar.

- Depois de ouvir isso, talvez você não queira mais nada comigo, mas espero que não aconteça.

-Você acha...

- O quê?

- No dia da canoagem no rio, acha que sentiu em mim o mesmo vazio e mágoa que estava sentindo? Eu tinha perdido a Amy. Você tinha perdido Torrie. Você reconheceu uma...

- Alma gêmea?

- Alguma coisa assim.

- Tenho certeza que sim.

-Ah.

- Espere, está imaginando que por isso me senti atraído por você? Que foi a única coisa que me atraiu?

-Foi?

- O que você acha?

A intensidade do olhar dele era como uma carícia. Respondia à pergunta dela. Lilly balançou a cabeça.

- Não. Naquele dia nós dois sabíamos, quando nos despedimos, que não era um adeus, apenas um adiamento.

- O tempo que passamos juntos pode ser contado em horas - ele disse -, mas sinto que nos conhecemos melhor do que a maioria dos casais jamais chega a se conhecer.

- Somos um casal, Tierney?

Ele se aproximou, segurou o rosto dela entre as mãos e a puxou para muito perto dele.

- Meu Deus, espero que sim. - Os olhos dele iluminavam cada traço do rosto dela antes de se fixarem nos lábios.

- Você me quer? - ela murmurou.

- Nem imagina quanto.

Então ele a beijou, deslizou a língua entre os lábios dela, gentilmente a princípio, mas logo depois com um beijo quente e molhado, infinitamente sexy, repleto de promessas.

O movimento do braço direito de Tierney ainda era limitado, mas ele a abraçou com o esquerdo e, com um gesto, que ela lembrava bem do seu primeiro beijo, puxou-a para junto dele.

Beijaram-se minutos infinitos, sem se afastarem. Quando finalmente se separaram, Tierney tirou o cabelo do rosto dela.

- Não tem mais medo de mim?

- Só tenho medo de que desapareça da minha vida outra vez.

- Então não tem nada a temer. - Ele selou a promessa com um beijo breve, mas quando ergueu a cabeça estava sério. - Serei melhor desta vez, Lilly. Eu juro. Eu a amarei como nunca foi amada.

- Já fez isso. Arriscou sua vida por mim. Várias vezes.

- Antes eu não sabia amar, mas... Ela pôs os dedos nos lábios dele.

- Sim, sabia, Tierney. Não podia ter feito o que fez, dedicar quase dois anos de sua vida e quase morrer por Torrie, se não a amasse.

- Mas ela morreu sem saber disso.

- Não acredito. Ela sabia.

Tierney parecia cético, mas Lilly via que ele queria acreditar nisso desesperadamente.

- Paula disse que ela lia meus artigos. Guardava todas as revistas no seu quarto e nunca as jogava fora.

Lilly segurou a cabeça dele com as mãos.

- Ela sabia que você a amava.

- Se eu tivesse de fazer tudo de novo, procuraria ter certeza disso. Diria a ela todos os dias. Faria diferente. Faria do modo certo.

Lilly o abraçou com força e encostou a cabeça no peito dele para que Tierney não visse seu sorriso. Esse dia era só deles. No dia seguinte teria tempo suficiente para contar-lhe que, embora ele tivesse perdido uma filha na montanha, havia criado outra.

Tierney já tinha garantida uma segunda chance de fazer a coisa certa.

Fim

Este Livro é de fãs para fãs,
sem fins lucrativos.